

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS



**Luzes e sombras:
O mistério de traduzir Zafón**

Inês de Oliveira Mendes

Mestrado em Tradução

2012

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS



**Luzes e sombras:
O mistério de traduzir Zafón**

Inês de Oliveira Mendes

Mestrado em Tradução

Trabalho de projecto orientado pela:
Professora Doutora Maria Antónia Mota
Professora Margarida Amado

2012

ANEXOS

Anexo I

Tradução:

As luzes de Setembro

UMA NOTA DO AUTOR

Amigo leitor:

Por vezes, os leitores recordam melhor uma obra que o seu próprio autor. Recordam as suas personagens, os seus conflitos, a sua linguagem e as suas imagens com uma benevolência que desarma o romancista, que começa a esquecer argumentos e cenas que escreveu há mais anos dos que talvez gostaria. Isso acontece-me às vezes com os três primeiros romances «juvenis» que escrevi e publiquei durante a década de noventa, *El príncipe de la niebla* [*O príncipe da neblina*], *El palacio de la medianoche* [*O palácio da meia-noite*] e *Las luces de septiembre* [*As luzes de Setembro*]¹, que agora seguras nas mãos. Sempre achei que estes três livros formavam um ciclo de histórias com muitas coisas em comum e que, de alguma forma, tentavam parecer-se aos livros que eu gostaria de ter lido na minha adolescência.

Escrevi *As Luzes de Setembro* em Los Angeles entre 1994 e 1995, com a intenção de rematar alguns elementos que me parecia não ter sabido resolver como queria em *O príncipe da neblina*. Ao revê-lo, hoje, apercebo-me de que o romance tem mais elementos de construção cinematográficos que literários e que, para mim, estará sempre ligado às longas horas que passei na companhia das suas personagens numa secretária de um terceiro andar que dava para Melrose Avenue, e de onde se viam as letras de Hollywood nas colinas.

O romance está concebido como uma história de mistério e aventura para leitores que, como os espectadores da maioria dos filmes que me rondavam a cabeça naquela altura, eram jovens de espírito e, com sorte, também de idade. Nada disso mudou passado todo este tempo.

O que realmente mudou, e já era hora de que mudasse, é que, pela primeira vez desde 1995, este romance é publicado numa edição digna e em condições de honradez e decoro que, lamentavelmente, nunca teve.

Espero que gostes, sejas tu um leitor jovem ou simplesmente desejes voltar a lê-lo. Gosto de pensar que, com a tua ajuda, serei agora capaz de recordar melhor este romance e os dois que o precederam, e que poderei dar-me ao luxo de reviver a aventura de *As luzes de Setembro* e de aqueles anos em que também eu me achava jovem e as imagens e as palavras pareciam ser capazes de tudo.

¹ A tradução dos títulos das obras é da autoria da tradutora, excepto o primeiro título, *O príncipe da neblina*, em que se utilizou a tradução adoptada em Portugal pela publicação do Grupo Planeta, 2010

Boa leitura e até à vista.

Carlos Ruiz Zafón

Maio de 2007

Querida Irene:

As luzes de Setembro ensinaram-me a recordar os teus passos a desvanecerem-se na maré. Já então sabia que a pegada do Inverno não demoraria a apagar a miragem do último Verão que passámos juntos na Baía Azul. Ficarias admirada se visses quão pouco mudaram as coisas desde então. A torre do farol continua a erguer-se como uma sentinela entre as brumas e a estrada que contorna a Praia do Inglês já é apenas um trilho pálido que serpenteia entre a areia em direcção a lugar nenhum.

As ruínas de Cravenmoore insinuam-se sobre o arvoredo do bosque, silenciosas e envoltas num manto de escuridão. Nas ocasiões cada vez menos frequentes em que me aventuro a entrar pela baía adentro de barco, ainda consigo ver os vidros rachados nas janelas da ala oeste, a brilhar como sinais fantasmagóricos entre o nevoeiro. Por vezes, enfeitiçado pela memória daqueles dias em que navegávamos pela baía de regresso ao porto, ao cair da tarde, parece que volto a ver as luzes a tremeluzir na escuridão. Mas sei que já não está ali ninguém. Ninguém.

Perguntar-te-ás o que aconteceu à Casa do Cabo. Bem, continua lá, isolada, a enfrentar o oceano infinito desde o vértice do cabo. No Inverno passado, um temporal desfez o que restava do pequeno embarcadouro da praia. Um joalheiro abastado vindo de alguma cidade sem nome sentiu-se tentado a comprá-la por um preço irrisório, mas os ventos de poente e o embate das ondas nas falésias trataram de o dissuadir. O salitre fez os seus estragos na madeira branca. O atalho secreto que levava à lagoa é agora uma selva impenetrável, repleta de arbustos selvagens e ramos caídos.

Às vezes, quando o trabalho no cais mo permite, pego na bicicleta e vou até ao cabo para contemplar o crepúsculo desde o alpendre suspenso nas falésias: apenas eu e um bando de gaivotas, que parecem ter assumido o papel de novos inquilinos sem passar primeiro pelo escritório de algum notário. Ainda se consegue ver dali como a lua desenha uma grinalda de prata até à Gruta dos Morcegos ao erguer-se sobre o horizonte.

Lembro-me de que te falei uma vez desta gruta e de que te contei a fabulosa história de um sinistro corsário cujo navio foi engolido pela gruta numa noite de 1746. Menti. Nunca houve nenhum contrabandista ou pirata desordeiro que se aventurasse nas trevas daquela gruta. Em minha defesa, posso dizer que essa foi a única mentira que ouviste dos meus lábios. Embora, provavelmente, sempre o tivesses sabido.

Esta manhã, enquanto desenredava um conjunto de redes presas no recife, aconteceu outra vez. Durante um segundo pareceu-me ver-te no alpendre da Casa do Cabo, a olhar em silêncio para o horizonte, como gostavas de fazer. Quando as gaivotas levantaram voo, percebi que não estava lá ninguém. Mais além, a cavalgar sobre as brumas, erguia-se o monte Saint Michel, como uma ilha fugitiva encalhada na maré.

Por vezes, penso que todos foram para um lugar longe da Baía Azul e que eu fiquei preso no tempo, esperando em vão que a maré púrpura de Setembro me devolva algo mais que recordações. Não lighes muito ao que digo. O mar tem destas coisas, devolve tudo passado algum tempo, especialmente as recordações.

Creio que, se contar com esta, já são cem as cartas que te enviei para a tua última morada que consegui arranjar em Paris. Por vezes, pergunto-me se recebeste alguma delas, se ainda te lembras de mim e daquele amanhecer na Praia do Inglês. Talvez seja assim, talvez a vida te tenha levado para longe daqui, longe de todas as lembranças da guerra.

A vida era então muito mais simples, lembras-te? Mas que digo? De certeza que não. Começo a pensar que só eu, pobre tolo, vivo ainda das lembranças de todos e cada um daqueles dias de 1937, quando ainda aqui estavas, a meu lado...

1. O CÉU SOBRE PARIS

Paris, 1936

Quem ainda se lembra da noite em que Armand Sauvelle morreu jura que um clarão púrpura atravessou a abóbada do céu, deixando um rasto de cinzas ardentes que se perdia no horizonte, um clarão que a sua filha Irene nunca viu, mas que ensombraria os seus sonhos durante muitos anos.

Era um frio amanhecer de Inverno e os vidros da sala número catorze do hospital Saint George encontravam-se tingidos por uma fina película de gelo que desenhava aguarelas fantasmagóricas da cidade nas trevas douradas da alvorada.

A chama de Armand Sauvelle apagou-se em silêncio, sem um único suspiro. A esposa Simone e a filha Irene ergueram o olhar quando os primeiros clarões que quebravam a linha da noite traçaram agulhas de luz ao longo da sala do hospital. Dorian, o filho mais novo, dormia descansado numa cadeira. Um silêncio impressionante invadiu a sala. Não foi necessária qualquer palavra para compreender o que se passara. Após seis meses de sofrimento, o fantasma negro de uma doença cujo nome jamais foi capaz de pronunciar arrancara a vida a Armand Sauvelle. Assim, sem mais nem menos.

Esse foi o início do pior ano de que a família Sauvelle viria a ter memória.

Armand Sauvelle levou para o túmulo a sua magia e o riso contagiante, mas as inúmeras dívidas não o acompanharam na sua última viagem. Cedo, uma legião de credores e de toda a sorte de criaturas necrófagas de sobrecasaca e com títulos honoríficos acostumaram-se a aparecer na casa dos Sauvelle, na Boulevard Haussmann. As frias visitas de cortesia legal deram lugar às ameaças veladas. E estas, com o passar do tempo, a penhoras.

Colégios de prestígio e roupas de acabamento impecável foram substituídos por empregos a tempo parcial e vestimentas mais modestas para Irene e Dorian. Era o início da vertiginosa queda dos Sauvelle no mundo real. A pior parte da viagem, no entanto, recaiu sobre Simone. Retomar o emprego como mestre-escola não bastava para fazer frente à aluvião de dívidas que devorava os seus escassos recursos. Em cada canto aparecia um novo documento que Armand assinara, uma nova subscrição de dívida por pagar, um novo buraco negro sem fundo...

Foi por esta altura que o pequeno Dorian começou a suspeitar de que metade da população de Paris era constituída por advogados e contabilistas, uma espécie de ratazanas que vivia à superfície. Foi também então que Irene, sem que a mãe tivesse conhecimento, aceitou um emprego num salão de baile. Dançava com os soldados, meros adolescentes assustados, em troca de algumas moedas (moedas que, de madrugada, colocava dentro da caixa que Simone guardava debaixo da pia da cozinha).

Do mesmo modo, os Sauvelle descobriram que a lista daqueles que se declaravam seus amigos e benfeitores se reduzia como a geada ao amanhecer. Contudo, chegado o Verão, Henri Leconte, um velho amigo de Armand Sauvelle, ofereceu à família a possibilidade de se instalar no pequeno apartamento que ficava por cima da loja de artigos de desenho que geria em Montparnasse. O pagamento da renda ficava por conta de futuras bonanças e em troca de que Dorian o ajudasse como moço de recados, porque os seus velhos joelhos já não eram o mesmo que antigamente. Simone nunca teve palavras suficientes para agradecer a bondade do velho Monsieur Leconte. O comerciante nunca as pediu. Num mundo de ratazanas, tinham encontrado um anjo.

Quando os primeiros dias de Inverno se insinuaram sobre as ruas, Irene fez catorze anos, ainda que lhe pesassem como vinte e quatro. Por um dia, as moedas que ganhou no salão de baile serviram para comprar um bolo para celebrar o aniversário com Simone e Dorian. A ausência de Armand pairava sobre todos como uma sombra opressora. Apagaram juntos as velas do bolo na acanhada sala do apartamento de Montparnasse, implorando que, com as chamas, se extinguísse o espectro da má sorte que os perseguira durante meses. Por uma vez, o seu desejo não foi ignorado. Ainda não sabiam, mas aquele ano de sombras estava a chegar ao fim.

Semanas mais tarde, uma luz de esperança abriu-se inesperadamente no horizonte da família Sauvelle. Graças às artes de Monsieur Leconte e à sua rede de conhecidos, apareceu a promessa de um bom emprego para a mãe numa pequena aldeia costeira, Baía Azul, longe das trevas acinzentadas de Paris, longe das tristes recordações dos últimos dias de Armand Sauvelle. Pelos vistos, um endinheirado inventor e fabricante de brinquedos, chamado Lazarus Jann, precisava de uma governanta que tomasse conta da sua residência palaciana no bosque de Cravenmoore.

O inventor vivia na enorme mansão, ao lado da velha fábrica de brinquedos, já fechada, tendo por única companhia a sua mulher Alexandra, gravemente doente e prostrada num aposento da grande casa há vinte anos. O salário era generoso e, além

disso, Lazarus Jann oferecia-lhes a possibilidade de se instalarem na Casa do Cabo, uma modesta residência construída sobre as falésias no vértice do cabo, do outro lado do bosque de Cravenmoore.

Em meados de Junho de 1937, Monsieur Leconte despediu-se da família Sauvelle na gare seis da estação de Austerlitz. Simone e os dois filhos entraram num comboio que os haveria de levar rumo à costa da Normandia.

Enquanto o velho Leconte observava como se perdia o rasto do comboio, sorriu para si e, por um instante, teve o pressentimento de que a história dos Sauvelle, a sua verdadeira história, ainda mal começara.

2. GEOGRAFIA E ANATOMIA

Normandia, Verão de 1937

No primeiro dia na Casa do Cabo, Irene e a mãe tentaram pôr alguma ordem naquele que haveria de ser o seu novo lar. Dorian, por sua vez, descobriu entretanto a sua nova paixão: a Geografia ou, mais concretamente, desenhar mapas. Apetrechado com os lápis e um caderno que Henri Leconte lhe oferecera quando se veio embora, o filho mais novo de Simone Sauvelle afastou-se para um pequeno santuário entre as falésias, uma atalaia privilegiada de onde desfrutava de uma vista espectacular.

A aldeia e o seu pequeno cais de pescadores presidiam o centro da grande baía. A Este estendia-se uma praia infinita de areias brancas, um deserto de pérolas frente ao mar, conhecida como a Praia do Inglês. Mais adiante, a agulha do cabo entrava pelo mar como uma garra afiada. A nova casa dos Sauvelle estava construída sobre o seu extremo, que separava a Baía Azul do amplo golfo que os aldeões apelidavam de Baía Negra, devido às suas águas escuras e profundas.

Mar adentro, erguendo-se sobre a neblina evanescente, Dorian avistava o ilhéu do farol, a meia milha da costa. A torre do farol erguia-se escura e misteriosa, fundindo-se nas brumas. Se olhasse para terra, Dorian podia ver a irmã Irene e a mãe no alpendre da Casa do Cabo.

A nova morada era uma construção de dois andares de madeira branca, embutida nas falésias: um terraço suspenso no vazio. Por trás da casa erguia-se o matagal do bosque e, sobressaindo acima das copas das árvores, distinguia-se a majestosa residência de Lazarus Jann, Cravenmoore.

Cravenmoore assemelhava-se mais a um castelo, a uma invenção catedralesca, produto de uma imaginação extravagante e torturada. Um labirinto de arcos, arcobotantes, torres e cúpulas semeava a sua angulosa cobertura. A construção correspondia a uma planta cruciforme da qual brotavam diferentes alas. Dorian observou com atenção a sinistra silhueta da morada de Lazarus Jann. Um exército de gárgulas e anjos esculpidos na pedra guardava o friso da fachada como um bando de espectros petrificados à espera da noite. Enquanto fechava o caderno e se preparava para regressar à Casa do Cabo, Dorian perguntou-se que género de pessoa escolheria um lugar como aquele para viver. Não demoraria a averiguá-lo: estavam convidados para jantar em Cravenmoore naquela noite. Cortesia do seu novo benfeitor, Lazarus Jann.

O novo quarto de Irene estava orientado para noroeste. Conseguia contemplar da sua janela o ilhéu do farol e as manchas de luz que o sol desenhava sobre o oceano, lagoas de prata ardente. Após meses de clausura no pequeno apartamento de Paris, desfrutar de um quarto só para ela afigurava-se-lhe um luxo quase ofensivo. A possibilidade de fechar a porta e gozar de um espaço reservado para a sua intimidade era uma sensação embriagante.

Enquanto contemplava como o sol poente tingia de cobre o mar, Irene afrontou o dilema de que deveria vestir no primeiro jantar com Lazarus Jann. Conservava apenas uma pequena parte do que fora um extenso guarda-roupa. Perante a ideia de serem recebidos na grande casa de Cravenmoore, todos os seus vestidos lhe pareciam despojos esfarrapados e vergonhosos. Após experimentar as duas únicas vestimentas que poderiam reunir as condições para semelhante ocasião, Irene apercebeu-se da existência de um novo problema com o qual não contara.

Desde que fizera treze anos, o seu corpo parecia empenhado em adquirir volume em determinados lugares e a perdê-lo noutros. Agora, com quase quinze anos e a enfrentar o espelho, os caprichos da natureza tornavam-se mais evidentes que nunca para Irene. O novo perfil curvilíneo não estava de acordo com o severo corte do empoeirado guarda-roupa.

Uma grinalda de reflexos escarlates estendia-se sobre a Baía Azul quando, pouco antes do anoitecer, Simone Sauvelle bateu suavemente à porta.

– Entre.

A mãe fechou a porta atrás de si e fez uma rápida radiografia da situação. Todos os vestidos de Irene estavam estendidos na cama. A filha, vestida com uma simples camisa branca, contemplava pela janela as luzes distantes dos barcos no canal. Simone observou o esbelto corpo de Irene e sorriu para si própria.

– O tempo passa sem nos apercebermos, não é?

– Não me serve um único vestido. Desculpa – explicou Irene. – Eu bem tentei.

Simone aproximou-se da janela e ajoelhou-se junto à filha. As luzes da aldeia no centro da baía desenhavam aguarelas de luz sobre as águas. Por um instante, ambas admiraram o espectáculo impressionante do crepúsculo sobre a Baía Azul. Simone acariciou o rosto da filha e sorriu.

– Acho que vamos gostar deste sítio. E tu? – perguntou.

– E ele? Será que ele vai gostar de nós?

– O Lazarus?

Irene assentiu.

– Somos uma família encantadora. Vai adorar-nos – respondeu Simone.

– Tens a certeza?

– É bom que assim seja, minha menina.

Irene apontou para as suas roupas.

– Veste um dos meus – sorriu Simone. – Julgo que te ficam melhor a ti do que a mim.

Irene corou ligeiramente.

– Que exagero – censurou ela a mãe.

– Dá tempo ao tempo.

O olhar que Dorian dedicou à irmã quando a viu aparecer no cimo das escadas, envergando um vestido de Simone, teria ganho concursos. Irene cravou os olhos verdes em Dorian e, levantando o indicador a modo de ameaça, dirigiu-lhe uma advertência velada:

– Nem uma palavra.

Dorian, mudo, assentiu, incapaz de despegar os olhos daquela desconhecida que falava com a mesma voz da sua irmã Irene e exibia o mesmo rosto. Simone reparou no rosto do filho e conteve um sorriso. Depois, com uma seriedade solene, colocou uma mão no ombro do rapaz e ajoelhou-se para lhe ajeitar o laço roxo, herança do pai.

– Vives rodeado de mulheres, filho. Vai-te habituando.

Dorian assentiu de novo, entre a resignação e o espanto. Quando o relógio de parede anunciou as oito da noite, todos estavam prontos para o grande encontro e vestidos com os seus melhores trajes de gala. Quanto ao resto, mortos de medo.

Uma brisa ténue soprava do mar e agitava o matagal do bosque que rodeava Cravenmoore. O ciciar invisível das folhas acompanhava o eco dos passos de Simone e dos filhos no trilho que atravessava o arvoredado, um verdadeiro túnel talhado entre uma selva escura e insondável. A pálida tez da lua lutava por atravessar o sudário de sombras que cobria o bosque. As vozes invisíveis dos pássaros que nidificavam nas copas daquelas centenárias gigantes formavam uma inquietante ladainha.

– Este sítio deixa-me arrepiada – disse Irene.

– Que parvoíce – apressou-se a dizer a mãe. – É simplesmente um bosque. Mexam-se.

Dorian contemplava em silêncio as sombras da floresta desde a sua posição na retaguarda. A escuridão criava silhuetas sinistras e catapultava a sua imaginação a dilucidar dúzias de criaturas diabólicas à espreita.

– À luz do dia, tudo isto não passa de mato e árvores – realçou Simone Sauvelle, pulverizando o feitiço fugaz com que Dorian se deleitava.

Uns minutos depois, após uma travessia nocturna que a Irene pareceu interminável, a imponente e angulosa silhueta de Cravenmoore ergueu-se à frente deles como um castelo saído de uma lenda que emerge da neblina. Feixes de luz dourada tremeluziam através das grandes janelas da imensa residência de Lazarus Jann. Um bosque de gárgulas recortava-se contra o céu. Mais além, podia distinguir-se a fábrica de brinquedos, um anexo da mansão.

Ultrapassado o umbral da floresta, Simone e os filhos pararam a admirar a imensidade assombrosa da residência do fabricante de brinquedos. Nesse momento, um pássaro semelhante a um corvo emergiu do mato, esvoaçando, e traçou uma curiosa trajectória sobre o jardim que rodeava Cravenmoore. A ave voou em círculos sobre uma das fontes de pedra e foi pousar aos pés de Dorian. Quando parou de bater as asas, o corvo deitou-se de lado e entregou-se a um lento balanceio até parar, inerte. O rapaz ajoelhou-se e aproximou lentamente a mão direita ao animal.

– Tem cuidado – avisou Irene.

Dorian, ignorando o conselho da irmã, acariciou a plumagem do corvo. O pássaro não deu sinais de vida. O miúdo pegou nele e abriu-lhe as asas. Um gesto de perplexidade escureceu-lhe rosto. Segundos depois, voltou-se para Irene e Simone:

– É de madeira – murmurou. – É uma máquina.

Os três trocaram um olhar em silêncio. Simone suspirou e incitou os filhos:

– Vamos causar uma boa impressão. Pode ser?

Eles assentiram. Dorian devolveu o pássaro de madeira ao chão. Simone Sauvelle sorriu debilmente e, ao seu sinal, os três dirigiram-se à escadaria de mármore branco que serpenteava em direcção ao grande portão de bronze, atrás do qual se ocultava o mundo secreto de Lazarus Jann.

As portas de Cravenmoore abriram-se perante eles sem necessidade de recorrer ao estranho puxador forjado a bronze, à imagem e semelhança do rosto de um anjo. Uma intensa auréola de luz brilhante emanava do interior da casa. Uma silhueta imóvel

aparecia recortada no feixe de claridade. A figura ganhou de súbito vida, inclinando a cabeça, ao mesmo tempo que se ouvia um ligeiro ruído mecânico. O rosto foi banhado pela luz. Olhos sem vida, simples esferas de vidro, enclaustrados numa máscara sem mais expressão do que um sorriso arrepiante, contemplavam-nos.

Dorian engoliu em seco. Irene e a mãe, mais impressionáveis, recuaram um passo. A figura estendeu-lhes uma mão e permaneceu imóvel de novo.

– Espero que o *Christian* não os tenha assustado. É uma criação antiga e desastrada.

Os Sauvelle voltaram-se em direcção à voz que lhes falava do alto da escadaria. Um rosto amável, a caminho de uma maturidade afortunada, sorria-lhes com alguma picardia. Os olhos do homem eram azuis e brilhavam sob uma espessa juba de cabelos prateados e cuidadosamente penteados. O homem, impecavelmente trajado, com uma bengala de ébano policromado, aproximou-se deles e dedicou-lhes uma respeitosa vénia.

– O meu nome é Lazarus Jann e parece-me que lhes devo um pedido de desculpas – disse.

A sua voz era calorosa, reconfortante, uma daquelas vozes dotadas de um poder tranquilizante e de uma rara serenidade. Os seus grandes olhos azuis observaram ao pormenor cada um dos membros da família e, por fim, pousaram no rosto de Simone.

– Estava a dar o meu habitual passeio nocturno pelo bosque e acabei por me atrasar. Madame Sauvelle, se não me engano...

– Muito prazer, senhor.

– Por favor, trate-me por Lazarus.

Simone assentiu.

– Esta é a minha filha Irene. E este é o Dorian, o benjamim da família.

Lazarus Jann apertou cuidadosamente as mãos de ambos. O seu tacto era firme e agradável; o seu sorriso, contagiante.

– Bem. No que diz respeito ao *Christian*, não devem temê-lo de forma alguma. Mantenho-o como recordação do início da minha carreira. É desastrado e o seu aspecto está longe de ser amigável, eu sei.

– É uma máquina? – apressou-se a perguntar Dorian, fascinado.

O olhar de censura de Simone chegou tarde. Lazarus sorriu para o rapaz.

– Poderíamos apelidá-lo assim. Tecnicamente, o *Christian* é aquilo a que chamamos autómato.

– Foi o senhor que o construiu?

– Dorian – recriminou a mãe.

Lazarus sorriu de novo. Evidentemente, a curiosidade do rapaz não o incomodava nada.

– Sim. A ele e a muitos outros. Esse é, ou melhor dizendo, era o meu trabalho. Mas creio que o jantar nos espera. Que tal se discutirmos tudo isto diante de um bom prato e enquanto nos conhecemos melhor?

O aroma de um delicioso assado chegou até eles como um elixir encantado. Até uma pedra lhes podia ter lido o pensamento.

Nem a surpreendente recepção do autómato, nem o aspecto assombroso do exterior de Cravenmoore podiam prever o impacto que o interior da mansão de Lazarus Jann causou nos Sauvelle. Assim que atravessaram o umbral das portas, os três viram-se submersos num mundo fantástico que ia muito além do que a imaginação dos três juntos podia chegar a conceber.

Uma sumptuosa escadaria parecia subir em espiral até ao infinito. Ao olhar para cima, os Sauvelle contemplaram um corredor que conduzia à torre central de Cravenmoore, coroado por uma lanterna mágica que banhava a atmosfera interna da casa com uma luz espectral e evanescente. Sob esse manto de claridade fantasmagórica encontrava-se uma interminável galeria de criaturas mecânicas. Um grande relógio de parede, dotado de olhos e uma careta, sorria aos visitantes. Uma bailarina envolta num véu transparente girava sobre si mesma no centro de uma sala oval, onde cada objecto, cada pormenor, fazia parte da fauna criada por Lazarus Jann.

As maçanetas das portas eram rostos risonhos que piscavam os olhos ao rodar. Uma grande coruja com uma plumagem magnífica dilatava as pupilas de vidro e batia lentamente as asas nas brumas. Dezenas, ou talvez centenas, de miniaturas e brinquedos ocupavam uma imensidão de paredes e vitrinas que levariam uma vida inteira a explorar. Um cão mecânico, pequeno e brincalhão, abanava a cauda e ladrava à passagem de um ratinho de metal. Suspenso do tecto invisível, um carrossel de fadas, dragões e estrelas dançava no vazio, à volta de um castelo que flutuava entre nuvens de algodão ao som do tilintar distante de uma caixa de música...

Para onde quer que olhassem, os Sauvelle descobriam novos prodígios, novos artefactos impossíveis que desafiavam tudo o que tinham visto antes. Sob o olhar

divertido de Lazarus, os três permaneceram assim, presos naquele estado de absoluto encantamento, durante minutos.

– É... é maravilhoso! – exclamou Irene, incapaz de acreditar naquilo que os seus olhos viam.

– Bem, esta é apenas a entrada, mas fico contente por gostarem – assentiu Lazarus, guiando-os até à grande sala de jantar de Cravenmoore.

Dorian, desprovido de palavras, contemplava tudo de olhos esbugalhados. Simone e Irene, não menos impressionadas, faziam o possível por não cair no estado hipnótico de fantasia produzido pela casa.

A sala onde se servia o jantar estava à altura do que a entrada pressagiava. Dos copos aos talheres, aos pratos ou aos luxuosos tapetes que cobriam o chão, tudo levava o selo de Lazarus Jann. Nem um único objecto na casa parecia pertencer ao mundo real, cinzento e entediadamente normal que tinham deixado para trás ao entrar naquela casa. Contudo, aos olhos de Irene não escapou o enorme retrato que repousava sobre a lareira, cujas chamas brotavam das fauces de dragões. Uma dama de beleza deslumbrante envergava um vestido branco. O poder do seu olhar ultrapassara a fronteira entre a realidade e os pincéis do artista. Durante alguns segundos, Irene perdeu-se naquele olhar mágico e embriagante.

– A minha mulher, Alexandra... Quando ainda gozava de boa saúde. Dias maravilhosos, aqueles – disse a voz de Lazarus atrás de si, envolvida numa aura de melancolia e resignação.

O jantar correu agradavelmente à luz das velas. Lazarus Jann revelou ser um excelente anfitrião que depressa conseguiu ganhar a simpatia de Dorian e Irene com brincadeiras e narrações surpreendentes. No decorrer da noite, explicou-lhes que os maravilhosos pratos que saboreavam eram obra de Hannah, uma rapariga da idade de Irene que trabalhava para ele como cozinheira e empregada. Em poucos minutos, a tensão inicial desapareceu e todos aderiram à relaxada conversa que o fabricante de brinquedos sabia tecer com uma habilidade imperceptível.

Quando começaram a saborear o segundo prato, o peru assado, especialidade de Hannah, os Sauvelle sentiam-se na presença de um velho conhecido. Para sua tranquilidade, Simone apercebeu-se de que a corrente de simpatia entre os filhos e Lazarus era mútua e que mesmo ela não estava alheia ao seu encanto.

Entre uma história e outra, Lazarus ofereceu-lhes longas explicações sobre a casa e a natureza das obrigações a que o novo emprego os comprometia. A sexta-feira era a noite de folga de Hannah, que a passava com a sua humilde família em Baía Azul. Porém, Lazarus informou-os de que teriam oportunidade de a conhecer assim que regressasse ao trabalho. Hannah era a única pessoa, sem contar com Lazarus e a mulher, que vivia em Cravenmoore. Ela iria ajudá-los a ambientarem-se e esclareceria todas as dúvidas que tivessem em relação à casa.

Chegada a sobremesa, uma irresistível tarte de framboesas, Lazarus explicou o que esperava deles. Apesar de já estar reformado, continuava a trabalhar ocasionalmente na oficina de brinquedos, localizada numa ala contígua a Cravenmoore. Tanto a fábrica como os quartos dos andares superiores tinham passagem vedada. Não deviam entrar neles de maneira alguma. Sobretudo na ala oeste da casa, que albergava os aposentos da mulher.

Alexandra Jann padecia, há mais de vinte anos, de uma estranha e incurável doença que a obrigava a ficar em repouso absoluto na cama. A mulher de Lazarus vivia confinada ao seu quarto do terceiro andar da ala oeste, onde apenas o marido entrava para atendê-la e proporcionar-lhe quantos cuidados precisava no seu precário estado. O fabricante de brinquedos contou-lhes como a esposa, na altura uma jovem cheia de vitalidade e beleza, contraiu a misteriosa doença numa viagem pela Europa Central.

O vírus, aparentemente incurável, foi-se apoderando dela pouco a pouco. Passado pouco tempo, quase nem podia andar ou segurar um objecto nas mãos. No prazo de seis meses, o seu estado piorou até a tornar inválida, um triste reflexo da pessoa com quem se casara apenas alguns anos antes. Um ano após contrair a doença, a memória da doente começou a desvanecer-se e, em questão de semanas, mal conseguia reconhecer o próprio marido. Desde então, deixou de falar e o seu olhar tornou-se um poço sem fundo. Alexandra Jann tinha então vinte e seis anos. A partir desse dia, jamais voltara a sair de Cravenmoore.

Os Sauvelle escutaram o triste relato de Lazarus em respeitoso silêncio. O fabricante, obviamente consternado pela recordação e por duas décadas de uma vida solitário e dolorosa, quis retirar importância ao facto desviando a conversa para a deliciosa tarte de Hannah. A triste amargura do seu olhar, no entanto, não passou despercebida a Irene.

Não lhe custava imaginar a fuga para nenhum lugar de Lazarus Jann. Desprovido daquilo que mais amava, Lazarus refugiara-se no seu mundo de fantasia e criara centenas de seres e objectos para preencher a profunda solidão que o rodeava.

Ao ouvir as palavras do fabricante de brinquedos, Irene compreendeu que nunca poderia voltar a ver aquele universo de imaginação desenfreada que povoava Cravenmoore como uma espectacular e chocante pirueta do génio que o criara. Para ela, que aprendera à própria custa a reconhecer o vazio da perda, Cravenmoore não era mais do que o escuro reflexo do labirinto de solidão em que Lazarus Jann vivera nos últimos vinte anos. Cada habitante daquele mundo maravilhoso, cada criação, constituía simplesmente uma lágrima derramada em silêncio.

Terminado o jantar, Simone Sauvelle compreendia com clareza as suas obrigações e responsabilidades na casa. As suas funções eram semelhantes às de uma governanta, um trabalho que pouco tinha a ver com o seu emprego inicial, o de mestre-escola, mas que estava disposta a desempenhar o melhor possível para garantir um futuro de bem-estar aos filhos. Simone supervisionaria o trabalho de Hannah e dos empregados ocasionais, ficaria a cargo das tarefas de administração e conservação da propriedade de Lazarus Jann, lidaria com os abastecedores e os comerciantes da aldeia, trataria da correspondência, das provisões e de garantir que nada nem ninguém importunasse o fabricante no seu desejado retiro do mundo exterior. Igualmente, o seu trabalho abrangia a aquisição de livros para a biblioteca de Lazarus. Para esse efeito, o patrão insinuou claramente que o seu passado como educadora fora determinante na hora de a escolher de entre outras candidatas mais versadas para a área do serviço. Lazarus insistiu em que esta obrigação era uma das mais importantes da sua posição.

Em troca destas tarefas, Simone e os filhos podiam ocupar a Casa do Cabo e desfrutar de um salário mais que razoável. Lazarus ficaria a cargo dos gastos escolares de Irene e Dorian para o ano seguinte, após o Verão. Da mesma forma, comprometia-se a pagar os estudos universitários de ambos se estes revelassem aptidões e vontade para tal. Irene e Dorian, por sua vez, podiam colaborar com a mãe nas tarefas que ela lhes atribuísse em casa, desde que respeitassem as regras de ouro: não ultrapassar os limites especificados pelo proprietário.

Tendo em conta os meses anteriores, de dívidas e miséria, a oferta de Lazarus parecia a Simone Sauvelle uma bênção dos céus. Baía Azul era um cenário paradisíaco para começar uma nova vida com os filhos. O emprego era mais que desejável e Lazarus mostrava todos os indícios de ser um patrão magnânimo e bondoso. Mais cedo

ou mais tarde, a sorte tinha que lhes sorrir. O destino quis que fosse naquele lugar distante e, pela primeira vez em muito tempo, Simone estava disposta a aceitar os seus desígnios com agrado. Mais ainda, se o seu instinto não a enganava, e não costumava enganar, pressentia uma sincera corrente de simpatia em relação a ela e à sua família. Não lhe custava crer que a sua companhia e a sua presença em Cravenmoore podiam constituir um bálsamo para atenuar a imensa solidão que parecia rodear o seu proprietário.

O jantar terminou com uma chávena de café e a promessa de Lazarus de que, algum dia, iniciaria o absolutamente cativado Dorian nos mistérios da construção de autómatos. Os olhos do rapaz incendiaram-se de entusiasmo perante a oferta e, por um breve instante, os olhares de Lazarus e Simone encontraram-se de maneira fugaz à translucidez das velas. Simone reconheceu neles o rasto de anos de solidão, uma sombra que conhecia bem. Navios à deriva que se cruzam na noite. O fabricante de brinquedos semicerrou os olhos e levantou-se em silêncio, pondo termo ao serão.

Depois, conduziu-os à porta principal, detendo-se brevemente para explicar alguns dos prodígios que povoavam o caminho. Dorian e Irene assistiam boquiabertos a todos os pormenores que lhes revelavam. Cravenmoore albergava maravilhas suficientes para iluminar cem anos de espanto. Pouco antes de se dirigir à entrada que conduzia à porta, Lazarus deteve-se perante o que aparentava ser um complexo mecanismo de espelhos e lentes e lançou um olhar enigmático a Dorian. Sem uma palavra, introduziu o braço entre um corredor de espelhos. Lentamente, o reflexo da sua mão desvaneceu-se até se tornar invisível. Lazarus sorriu.

– Não deves acreditar em tudo o que vês. A imagem da realidade que os nossos olhos nos oferecem é apenas uma ilusão, um efeito óptico – disse. – A luz é uma grande mentirosa. Dá-me a tua mão.

Dorian seguiu as instruções do fabricante de brinquedos e deixou que este lhe guiasse a mão pelo corredor de espelhos. A imagem da sua mão desintegrou-se perante os seus próprios olhos. Dorian, com uma interrogação muda no olhar, virou-se para Lazarus.

– Conheces as leis da óptica e da luz? – perguntou o homem.

Dorian negou com a cabeça. Naquele momento, nem sequer sabia onde tinha a mão direita.

– A magia é apenas uma extensão da Física. Como é que te dás com a matemática?

– À excepção da Trigonometria, assim, assim...

Lazarus sorriu.

– Começaremos por aí. A fantasia é feita de números, Dorian. É esse o truque.

O rapaz assentiu, sem saber muito bem do que Lazarus falava. Por fim, este apontou para a porta e acompanhou-os até ao umbral. Foi então que, quase por acaso, Dorian pensou ver o impossível. Ao passar diante de um dos candeeiros cintilantes, as silhuetas projectadas pelos seus corpos desenharam-se nas paredes. Todas menos uma: a de Lazarus, cujo rasto na parede era invisível, como se a sua presença não passasse de uma miragem.

Quando se virou, Lazarus observava-o atentamente. O miúdo engoliu em seco. O fabricante de brinquedos beliscou-lhe carinhosamente a bochecha, trocista.

– Não acredites em tudo o que os teus olhos vêem...

E Dorian seguiu a mãe e a irmã para o exterior.

– Obrigada por tudo e boa-noite – terminou Simone.

– Foi um prazer. E não o digo só por dizer – afirmou Lazarus cordialmente, sorriu-lhes com amabilidade e ergueu a mão em sinal de despedida.

Os Sauvelle entraram no bosque pouco antes da meia-noite, de volta à Casa do Cabo.

Dorian, silencioso, permanecia ainda sob os efeitos da prodigiosa residência de Lazarus Jann. Irene andava perdida nos próprios pensamentos, longe do mundo. E Simone, por sua vez, respirou tranquila e deu graças a Deus pela sorte que lhes enviara.

Mesmo antes da silhueta de Cravenmoore se perder atrás de si, Simone virou-se para a contemplar uma última vez. Apenas uma janela, no segundo andar da ala oeste, permanecia iluminada. Uma figura erguia-se imóvel atrás dos cortinados. Nesse preciso momento, a luz apagou-se e a ampla janela ficou submersa nas sombras.

De regresso ao seu quarto, Irene despiu o vestido que a mãe lhe emprestara e dobrou-o com cuidado sobre a cadeira. As vozes de Simone e Dorian ouviam-se no quarto ao lado. A jovem apagou a luz e deitou-se na cama. Sombras azuis dançavam no céu raso como um desfile de espectros saltitantes na aurora boreal. O sussurro das ondas a bater nas falésias acariciava o silêncio. Irene fechou os olhos e tentou adormecer em vão.

Era difícil aceitar que a partir daquela noite não voltaria a ver o seu velho apartamento de Paris, nem regressaria ao salão de baile para ganhar as poucas moedas que os soldados traziam consigo. Sabia que as sombras da grande cidade não podiam alcançá-la ali, mas o rasto das recordações não conhecia fronteiras. Levantou-se de novo e aproximou-se da janela.

A torre do farol erguia-se nas trevas. Irene concentrou o olhar no ilhéu imerso nas brumas incandescentes. Um reflexo fugaz pareceu-lhe brilhar, como se um distante espelho tivesse pestanejado. Segundos depois, um outro lampejo brilhou e desvaneceu-se para não regressar. Irene franziu o sobrolho e apercebeu-se da presença da mãe lá em baixo, no alpendre. Simone, coberta por uma camisola grossa, contemplava o mar em silêncio. Sem necessidade de ver o rosto dela na escuridão, Irene soube que estava a chorar e que ambas demorariam a adormecer. Naquela primeira noite na Casa do Cabo, após aquele primeiro passo em direcção ao que parecia um horizonte de felicidade, a ausência de Armand Sauvelle tornava-se mais dolorosa do que nunca.

3. BAÍA AZUL

De todos os amanheceres da sua vida, nenhum iria parecer a Irene mais luminoso do que aquele de 22 de Junho de 1937. O mar resplandecia como um manto de diamantes sob um céu cuja transparência jamais pensou ser possível durante os anos que vivera na cidade. Desde a sua janela, o ilhéu do farol podia agora contemplar-se com toda a clareza, assim como as pequenas rochas que emergiam no centro da baía como a crista de um dragão marinho. A ordenada fileira de casas no passeio da aldeia, mais para lá da Praia do Inglês, desenhava uma aguarela dançante entre a neblina que subia do cais dos pescadores. Se semicerrasse os olhos, podia ver o paraíso segundo Claude Monet, o pintor preferido do seu pai.

Irene abriu a janela de par em par e deixou que a brisa do mar, impregnada com o aroma a salitre, inundasse o quarto. O bando de gaivotas que nidificava nas falésias virou-se para a observar com certa curiosidade. Novos vizinhos. Não muito longe delas, Irene apercebeu-se de que Dorian já estava instalado no seu refúgio preferido entre as rochas, a catalogar miragens, devaneios... ou concentrado no que quer que fosse que fazia nas suas solitárias excursões.

Andava já Irene concentrada a escolher que roupa usaria para sair e desfrutar daquele dia roubado de algum sonho, quando uma voz desconhecida, acelerada e zombeteira chegou aos seus ouvidos desde o andar de baixo. Dois segundos de atenta escuta revelaram o timbre calmo e ameno da mãe a conversar ou, melhor dizendo, a tentar colocar monossílabos entre os escassos espaços que a sua interlocutora deixava escapar.

Enquanto se vestia, Irene tentou imaginar o aspecto daquela pessoa através da voz. Desde pequena, este fora um dos seus passatempos preferidos. Ouvir uma voz com os olhos fechados e tentar imaginar a quem pertencia: determinar a estatura, o peso, rosto, carácter...

Desta vez o seu instinto desenhava uma mulher jovem, de estatura baixa, nervosa e saltitante, morena e provavelmente de olhos escuros. Com tal retrato em mente, decidiu descer ao andar de baixo com dois objectivos: saciar o apetite matinal com um bom pequeno-almoço e, o mais importante, saciar a curiosidade em relação à dona daquela voz.

Assim que pôs os pés na sala do andar de baixo, verificou que só cometera um erro: os cabelos da rapariga eram cor de palha. No resto, acertou em cheio. Foi assim que Irene conheceu a pitoresca e tagarela Hannah; só de ouvido.

Simone Sauvelle fez o possível para corresponder com um delicioso pequeno-almoço ao jantar que Hannah lhes deixara preparado para o encontro com Lazarus Jann na noite anterior. A jovem devorava a comida a uma velocidade ainda maior do que a que empregava para falar. A torrente de contos, mexericos e histórias de todo o tipo acerca da aldeia e dos seus habitantes, que desfiava com celeridade, fez com que, passados poucos minutos de desfrutarem da sua companhia, Simone e Irene tivessem a sensação de a conhecer desde sempre.

Entre torrada e torrada, Hannah resumiu-lhes a sua biografia em fascículos acelerados. Fazia dezasseis anos em Novembro; os pais tinham uma casa na aldeia: ele, pescador, e ela, padeira; com eles vivia também o seu primo Ismael, que perdera os pais anos atrás e que ajudava o tio, ou seja, o pai dela, no barco. Já não ia à escola porque a harpia da Jeanne Brau, directora da escola pública, a rotulara de lerda e de poucas luzes. Contudo, Ismael estava a ensiná-la a ler e o seu conhecimento das tabuadas de multiplicar melhorava a cada semana. Adorava a cor amarela e colecionava conchas que apanhava na Praia do Inglês. O seu passatempo preferido era ouvir folhetins na rádio e frequentava os bailes de Verão na praça principal, quando bandas itinerantes apareciam na aldeia. Não usava perfume, mas gostava de batons...

Ouvir Hannah era uma experiência a meio caminho entre a diversão e o esgotamento. Depois de pulverizar o seu pequeno-almoço e tudo o que Irene não conseguiu acabar do dela, Hannah interrompeu o discurso por uns segundos. O silêncio que se formou na casa parecia sobrenatural. Mas durou pouco, claro.

– Que tal se formos as duas dar um passeio e te mostrar a aldeia? – perguntou Hannah, subitamente entusiasmada com a perspectiva de fazer de guia da Baía Azul.

Irene e a mãe trocaram um olhar.

– Adorava – respondeu finalmente a jovem.

Um sorriso de orelha a orelha atravessou o rosto de Hannah.

– Não se preocupe, Madame Sauvelle. Devolvo-lha sã e salva.

Deste modo, Irene e a nova amiga saíram disparadas pela porta rumo à Praia do Inglês, enquanto a paz regressava lentamente à Casa do Cabo. Simone pegou na

chávena de café e saiu para o alpendre para saborear a tranquilidade daquela manhã. Dorian acenou-lhe das falésias.

Simone acenou-lhe de volta. Um rapaz diferente. Sempre sozinho. Não parecia interessado em fazer amigos ou não sabia como os fazer. Perdido no seu mundo e nos seus cadernos, só o céu sabia que pensamentos passavam por aquela cabeça. Acabando o café, Simone deu uma última olhadela a Hannah e à filha a caminho da aldeia. Hannah continuava a tagarelar incansavelmente. Uns com tanto e outros com tão pouco.

A educação da família Sauvelle nos mistérios e nas subtilezas da vida numa pequena aldeia costeira ocupou a maior parte daquele primeiro mês de Julho na Baía Azul. A primeira fase, de choque cultural e desconcerto, durou uma longa semana. Durante esses dias, a família descobriu que, à excepção do sistema métrico decimal, os costumes, as normas e as peculiaridades da Baía Azul não tinham nada a ver com os de Paris. Em primeiro lugar, estava o assunto do horário. Em Paris, não seria ousado afirmar que por cada mil habitantes podiam encontrar-se outros tantos milhares de relógios, tiranos que organizavam a vida com capricho militar. Na Baía Azul, contudo, a única hora que havia era dada pelo sol. Nem havia mais carros que o do doutor Giraud, o da polícia e o de Lazarus. Nem havia mais... A sucessão de contrastes era infinita. E, no fundo, as diferenças não estavam nos números, mas nos hábitos.

Paris era uma cidade de desconhecidos, um lugar onde era possível viver durante anos sem saber o nome dos vizinhos do lado. Na Baía Azul, pelo contrário, era impossível espirrar ou coçar a ponta do nariz sem que o acontecimento tivesse ampla cobertura e repercussão em toda a comunidade. Esta era uma aldeia onde as constipações eram notícia e as notícias eram mais contagiosas do que as constipações. Não havia diário local, nem fazia falta.

Hannah encarregou-se de os instruir na vida, história e milagres da comunidade. A velocidade vertiginosa com que a rapariga metralhava as palavras conseguiu comprimir nalgumas sessões divididas suficiente informação e mexericos para voltar a escrever a enciclopédia de trás para a frente. Souberam assim que Laurent Savant, o pároco local, organizava campeonatos de mergulho e maratonas e que, além de gaguejar nos seus sermões sobre a preguiça e a falta de exercício, percorrera na sua bicicleta mais milhas que Marco Polo. Souberam também que o conselho local se reunia às terças e quintas-feiras à uma da tarde para discutir os assuntos municipais e que, durante essas reuniões, Ernest Dijon, Presidente da Câmara virtualmente vitalício cuja idade desafiava

a de Matusalém, se entretinha a beliscar com picardia as almofadas da sua poltrona, por baixo da mesa, convencido de que explorava a robusta coxa de Antoinette Fabré, tesoureira da Câmara Municipal e solteirona feroz como poucas.

Hannah crivava-os com uma média de doze histórias deste calibre por minuto. Isto devia-se, também, ao facto de a sua mãe, Elisabet, trabalhar na padaria local, que funcionava como agência de informação, serviço de espionagem e gabinete de consultas sentimentais de Baía Azul.

Os Sauvelle não demoraram a compreender que a economia da aldeia se inclinava para uma versão peculiar do capitalismo parisiense. A padaria vendia pão, aparentemente, mas a era da informação já começara nas traseiras da loja. Monsieur Safont, o sapateiro, arranjava correias, fechos e solas, mas o seu forte e o atractivo para os clientes era a sua dupla vida como astrólogo e as suas cartas astrais...

O esquema repetia-se uma e outra vez. A vida parecia tranquila e simples, mas ao mesmo tempo tinha mais dobras que uma cortina bizantina. O truque estava em entregar-se ao ritmo peculiar da aldeia, ouvir as suas gentes e deixar que elas os guiassem pelas cerimónias por que todos os recém-chegados deviam passar, antes de poderem afirmar que viviam em Baía Azul.

Assim, cada vez que Simone ia à aldeia buscar o correio e as encomendas de Lazarus, passava pela padaria e tomava conhecimento do passado, presente e futuro. As damas de Baía Azul acolheram-na de bom grado e não demoraram a bombardeá-la com perguntas acerca do seu misterioso patrão. Lazarus levava uma vida recatada e raramente era visto em Baía Azul. Isto, juntamente com a torrente de livros que recebia todas as semanas, tornava-o um foco de mistérios sem fim.

– Veja lá, amiga Simone – confiou-lhe numa ocasião Pascale Lelouch, a mulher do boticário –, um homem sozinho, bem, praticamente sozinho... naquela casa, com todos aqueles livros...

Simone costumava assentir, sorrindo perante semelhantes alardes de sagacidade, sem se descoser. Como o falecido marido dissera numa ocasião, não valia a pena perder tempo a tentar mudar o mundo, bastava evitar que o mundo nos mudasse a nós.

Estava também a aprender a respeitar os extravagantes pedidos de Lazarus no que dizia respeito à sua correspondência. O correio pessoal devia ser aberto no dia seguinte à sua recepção e respondido com prontidão. O correio comercial ou oficial devia ser aberto no mesmo dia em que era recebido, mas só se devia responder passada uma semana. E, para além de tudo isto, qualquer envio procedente de Berlim com o

nome de um tal Daniel Hoffmann devia ser-lhe entregue em mão e jamais, em hipótese alguma, aberto por ela. O porquê de todos estes pormenores não lhe dizia respeito, concluiu Simone. Descobriria que gostava de viver naquele lugar e que lhe parecia ser um ambiente razoavelmente saudável para que os filhos crescessem longe de Paris. Em que dias se abriam as cartas era, para ela, absoluta e gloriosamente indiferente.

Por seu lado, Dorian descobriu que, apesar da sua dedicação semi-profissional à cartografia, ainda lhe sobrava tempo para fazer alguns amigos entre os rapazes da aldeia. Ninguém parecia importar-se se a sua família era nova ou não, ou se era um bom nadador ou não (não era, no início, mas os novos companheiros encarregaram-se de o ensinar a boiar). Aprendeu que a petanca era uma ocupação para cidadãos a caminho da reforma e que perseguir miúdas era tarefa de adolescentes petulantes e devorados por febres hormonais que atacavam a cútis e o senso comum. Na sua idade, aparentemente, o que se fazia era andar de bicicleta, fantasiar e observar o mundo, à espera de que o mundo o comesse a observar a ele. E, aos domingos à tarde, cinema. Foi assim que Dorian descobriu um novo amor inconfessável, ao lado de quem a cartografia empalidecia como uma ciência de pergaminhos corroídos: Greta Garbo. Uma criatura divina, cuja menção à hora de jantar bastava para lhe tirar o apetite, apesar de no fundo ser uma velhota de... trinta anos.

Enquanto Dorian se debatia com a dúvida de se a sua fascinação por uma mulher à beira da velhice podia apresentar sinais de perversidade, Irene era quem, mais do que qualquer um deles, recebia o impacto frontal de Hannah em toda a sua envergadura. A lista de jovens descomprometidos e de companhia desejável estava na ordem do dia. A ideia de Hannah era que, se passados quinze dias na aldeia Irene não começava a namoriscar com algum deles languidamente, os rapazes começariam a achar que ela era esquisita. A própria Hannah era a primeira a admitir que, apesar de na parte que tocava a bíceps a fila de figuras não estar nada mal, no que tocava a cérebro a divisão divina tinha sido mais escassa e estritamente funcional. Pretendentes e chatos, em qualquer caso, não lhe faltavam, o que provocava uma inveja saudável na sua amiga.

– Ó filha, se eu tivesse o mesmo êxito que tu tens, por esta altura já seria Mata Hari – costumava dizer Hannah.

Irene, dirigindo um olhar à turba de rapazes que fingiam encontrar-se com elas por acaso, sorria timidamente.

– Não tenho a certeza se me apetece... Parecem um pouco tontos...

– Tontos? – explodia Hannah perante aquele esbanjamento de oportunidades. – Se queres ouvir alguma coisa interessante, vai ao cinema ou lê um livro!

– Vou pensar nisso – ria Irene.

Hannah abanava a cabeça.

– Vais acabar como o meu primo Ismael – sentenciava então.

Ismael era o seu primo, tinha dezasseis anos e, como contara Hannah, fora criado com a sua família depois da morte dos pais. Trabalhava como marinheiro no barco do tio, mas as suas verdadeiras paixões pareciam ser a solidão e o seu barco à vela, um esquife que construía com as próprias mãos e que baptizara com um nome que Hannah nunca conseguia recordar.

– Algo grego, acho. Ufff!

– E onde está agora? – perguntou Irene.

– No mar. Os meses de Verão são bons para os pescadores que se juntam a expedições em alto mar. O papá e ele estão no *Estelle*. Só voltam em Agosto – explicou Hannah.

– Deve ser triste. Ter de passar tanto tempo no mar, separados...

Hannah encolheu os ombros.

– Tem que se fazer pela vida...

– Não gostas muito de trabalhar em Cravenmoore, pois não? – insinuou Irene.

A amiga observou-a com alguma surpresa.

– Não é da minha conta... claro – rectificou Irene.

– Não me incomoda a pergunta – disse Hannah, sorrindo. – A verdade é que não gosto muito, não.

– Por causa do Lazarus?

– Não. O Lazarus é amável e tem sido muito bom para nós. Quando o papá teve o acidente com as hélices, há anos, foi ele que pagou a operação toda. Se não fosse o Lazarus...

– Então?

– Não sei. É aquele sítio. As máquinas... Está cheio de máquinas que olham para ti a toda a hora.

– São só brinquedos.

– Experimenta dormir lá uma noite. Assim que fechas os olhos, tic-tac, tic-tac...

Ambas trocaram um olhar.

– Tic-tac, tic-tac...? – repetiu Irene.

Hannah dedicou-lhe um sorriso sarcástico.

– Eu posso ser uma cobardolas, mas tu vais a caminho de te tornares uma solteirona.

– Gosto muito de solteironas – replicou Irene.

Deste modo, quase sem se aperceberem, um dia após o outro passou pelo calendário e, antes de que se pudessem dar conta, Agosto entrou pela porta. Com ele, chegaram também as primeiras chuvas de Verão, tempestades passageiras que duravam apenas umas horas. Simone, ocupada com os seus novos afazeres. Irene, acostumando-se à vida com Hannah. E Dorian, para quê falar, a aprender a mergulhar enquanto traçava mapas imaginários da geografia secreta de Greta Garbo.

Num dia qualquer, um daqueles dias de Agosto em que a chuva da noite anterior esculpira nas nuvens castelos de algodão sobre uma folha de azul resplandecente, Hannah e Irene decidiram ir dar um passeio pela Praia do Inglês. Fazia um mês e meio que os Sauvelle tinham chegado a Baía Azul. E quando parecia já não haver lugar para surpresas, estas estavam ainda por aparecer.

A luz do meio-dia desvendava um rasto de pegadas ao longo da linha da maré, marcas numa folha branca. Sobre o mar, os mastros distantes do porto tremeluziam como miragens.

No meio de uma branca imensidão de areia fina como pó, Irene e Hannah descansavam sobre os restos de um antigo barco encalhado na margem, rodeadas por um bando de pequenos pássaros azuis que pareciam nidificar entre as dunas néveas da praia.

– Por que lhe chamam Praia do Inglês? – perguntou Irene, contemplando a extensão desolada que mediava entre a aldeia e o cabo.

– Aqui viveu, durante anos, um velho pintor inglês, numa cabana. O pobre coitado tinha mais dívidas do que pincéis. Oferecia quadros às pessoas da aldeia em troca de comida e roupa. Morreu há três anos. Enterraram-no aqui, na praia onde passou toda a vida – explicou Hannah.

– Se me deixassem escolher, também gostava de ser enterrada num lugar como este.

– Que pensamento alegre – brincou Hannah, com um certo tom censura.

– Mas não tenho pressa – constatou Irene, enquanto os seus olhos reparavam na presença de um pequeno barco à vela que navegava na baía a umas centenas de metros da costa.

– Ufff... – murmurou a amiga. – Aí está ele: o marinheiro solitário. Não foi capaz de esperar nem um dia para se meter no barco.

– Quem?

– O meu pai e o meu primo chegaram ontem do barco – explicou Hannah. – O meu pai ainda está a dormir, mas aquele... não tem cura.

Irene olhou o mar e observou o barco que navegava na baía.

– É o meu primo Ismael. Passa metade da vida enfiado naquele barco, menos quando trabalha com o meu pai no cais. Mas é um bom rapaz... Vês esta medalha?

Hannah mostrou-lhe uma linda medalha que pendia do seu pescoço num fio de ouro: um sol a mergulhar no mar.

– Foi uma prenda do Ismael...

– É linda – disse Irene, observando a peça ao pormenor.

Hannah levantou-se e fez um tal alarido que o bando de pássaros azuis fugiu para o outro lado da praia. Passado pouco tempo, a ténue figura que ia ao leme acenou-lhes e o barco dirigiu-se para a praia.

– Acima de tudo, não lhe pergutes pelo barco – avisou Hannah. – E se for ele a puxar o assunto, não lhe pergutes como o fez. Consegue ficar horas a falar disso sem parar.

– É de família...

Hannah lançou-lhe um olhar furioso.

– Acho que vou abandonar-te aqui na praia, à mercê dos caranguejos.

– Desculpa.

– Desculpas aceites. Mas se achas que eu sou tagarela, espera até conheceres a minha madrinha. O resto da família parece muda ao lado dela.

– De certeza que vou gostar muito de a conhecer.

– Pois, pois – replicou Hannah, incapaz de reprimir o seu sorriso velhaco.

O barco de Ismael cortou a linha de rebentação das ondas com limpidez e a quilha do barco atingiu a areia como uma lâmina. O jovem apressou-se a soltar o aparelho e arriou a vela até à base do mastro em apenas alguns segundos. Prática, evidentemente, não lhe faltava. Assim que saltou para terra firme, Ismael dedicou a

Irene um involuntário olhar dos pés à cabeça cuja eloquência não desmerecia das suas artes de navegação. Hannah, revirando os olhos e com meia língua de fora em gesto de chacota, apressou-se a fazer as apresentações; à maneira dela, naturalmente.

– Ismael, esta é a minha amiga Irene – anunciou amavelmente –, mas não precisas de comê-la com os olhos.

O rapaz deu uma cotovelada à prima e estendeu a mão a Irene.

– Olá...

O seu sucinto cumprimento estava acompanhado de um sorriso tímido e sincero. Irene apertou-lhe a mão.

– Fica descansada, ele não é tonto, é a maneira dele de dizer que é um prazer e isso tudo – realçou Hannah.

– A minha prima fala tanto que às vezes acho que vai gastar o dicionário – brincou Ismael. – Suponho que já te disse que não me debes fazer perguntas sobre o barco...

– Na verdade, não – respondeu cautelosamente Irene.

– Pois. A Hannah pensa que só sei falar desse assunto.

– Também te safas a falar sobre redes e aparelhos, mas no que toca ao barco, primo, és como peixe na água.

Irene assistiu divertida ao duelo de provocações com que ambos se compraziam a lutar. Não parecia haver malícia nisso ou, pelo menos, nem mais nem menos que a necessária para apimentar um pouco a rotina.

– Ouvi dizer que se instalaram na Casa do Cabo – disse Ismael.

Irene concentrou-se no rapaz e fez o seu próprio retrato. Uns dezasseis anos, efectivamente, a pele e os cabelos acusavam o tempo que passara no mar. A constituição revelava o duro trabalho no cais e os braços e as mãos estavam cheios de pequenas cicatrizes, pouco habituais nos rapazes parisienses. Uma cicatriz, maior e mais pronunciada, estendia-se ao longo da perna direita, desde pouco mais acima do joelho até ao tornozelo. Irene perguntou-se onde teria conseguido semelhante troféu. Por último, reparou nos olhos, o único traço da sua aparência que lhe parecia fora do comum. Grandes e claros, os olhos de Ismael pareciam desenhados para esconder segredos atrás de um olhar intenso e vagamente triste. Irene recordava olhares como aquele nos soldados sem nome com quem partilhara três escassos minutos ao som de uma banda de quarta categoria, olhares que ocultavam medo, tristeza ou amargura.

– Querida, estás em transe? – interrompeu-a Hannah.

– Estava a pensar que se faz tarde. A minha mãe já deve estar preocupada.

– A tua mãe deve é estar contente por a deixaram em paz umas horas, mas tu é que sabes – disse Hannah.

– Posso levar-te de barco, se quiseres – ofereceu Ismael. – A Casa do Cabo tem um pequeno embarcadouro entre as rochas.

Irene trocou um olhar inquisitivo com Hannah.

– Se dizes que não, partes-lhe o coração. O meu primo nem a Greta Garbo convidava para o barco dele.

– Tu não vens? – perguntou Irene, algo atordoada.

– Não entrava nesse bocado de casca nem que me pagassem. Além disso, é o meu dia de folga e esta noite há baile na praça. Se fosse a ti pensava nisso. Os bons partidos estão em terra firme. É a filha de um pescador que to diz. Mas não sei o que digo. Vá, vai lá. E tu, marinheiro, é bom que a minha amiga chegue inteira a casa, percebeste?

O barco à vela, que ao que parecia se chamava *Kyaneos*, segundo a legenda no casco, fez-se ao mar enquanto as suas velas brancas se expandiam ao vento e a proa cortava a água rumo ao cabo.

Ismael dirigia tímidos sorrisos à rapariga entre uma manobra e outra e apenas se sentou junto ao leme quando o barco adquiriu um rumo estável sobre a corrente. Irene, agarrada ao assento, deixou que a pele se impregnasse com as gotas de água que a brisa lançava sobre eles. Nessa altura, o vento empurrava-os com força e Hannah transformara-se numa figura mínima que acenava desde a margem. O vigor com que o barco navegava na baía e o som do mar contra o casco inspiraram em Irene vontade de se rir sem motivo aparente.

– Primeira vez? – perguntou Ismael. – Isto é, num barco.

Irene assentiu.

– É diferente, não é?

Ela assentiu de novo, sorrindo, sem conseguir tirar os olhos da grande cicatriz que marcava a perna de Ismael.

– Um congro – explicou o rapaz. – É uma longa história.

Irene ergueu o olhar e contemplou a silhueta de Cravenmoore que emergia entre as copas do bosque.

– Que significa o nome do teu barco?

– É grego. *Kyaneos*: ciano – respondeu Ismael enigmaticamente.

E como Irene franziu o sobrolho, sem compreender, ele continuou:

– Os gregos usavam esta palavra para descrever a cor azul escura, a cor do mar.

Quando Homero fala do mar compara a sua cor com a do vinho escuro. Era essa a palavra: *kyaneos*.

– Vejo que sabes falar de mais coisas, para além do barco e das redes.

– Tento.

– Quem te ensinou?

– A navegar? Aprendi sozinho.

– Não, sobre os gregos...

– O meu pai era fanático por História. Ainda tenho alguns dos livros dele...

Irene permaneceu em silêncio.

– A Hannah deve ter-te contado que os meus pais morreram.

Ela limitou-se a assentir. O ilhéu do farol erguia-se a algumas centenas de metros. Irene contemplou-o, fascinada.

– O farol está fechado há muitos anos. Agora utiliza-se o do porto da Baía Azul – explicou-lhe.

– Já ninguém vai à ilha? – perguntou Irene.

Ismael negou com a cabeça.

– Porquê?

– Gostas de histórias de fantasmas? – ofereceu-lhe como resposta.

– Depende...

– As pessoas da aldeia acreditam que o ilhéu do farol está assombrado ou algo do género. Diz-se que uma mulher se afogou ali há muito tempo. Há quem veja luzes. Enfim, cada aldeia tem as suas histórias e esta não ia ser diferente.

– Luzes?

– As luzes de Setembro – disse Ismael, enquanto ultrapassavam o ilhéu a estibordo. – A lenda, se a quiseres chamar assim, diz que uma noite, no final do Verão, durante o baile de máscaras da aldeia, as pessoas viram uma mulher mascarada a entrar num barco no porto e a fazer-se ao mar. Há quem ache que se dirigia a um encontro secreto com o seu amante no ilhéu do farol; outros, que fugia de um crime inconfessável... Como podes ver, todas as explicações são válidas porque, na verdade, ninguém sabe quem ela era realmente. O rosto estava coberto por uma máscara. No entanto, enquanto atravessava a baía, uma terrível e inesperada tempestade arrastou o

barco contra as rochas, despedaçando-o. A mulher misteriosa e sem rosto afogou-se, ou pelo menos nunca foi encontrado o corpo. Dias depois, a maré devolveu a sua máscara, destruída pelas rochas. Desde então, as pessoas dizem que, durante os últimos dias do Verão, ao anoitecer, podem ver-se luzes na ilha...

– O espírito daquela mulher...

– Pois... A tentar terminar a viagem inacabada até ilha... É o que se conta.

– E é verdade?

– É uma história de fantasmas. Ou acreditas ou não.

– Tu acreditas? – inquiriu Irene.

– Eu acredito apenas no que vejo.

– Um marinheiro céptico.

– Algo do género.

Irene olhou novamente para o ilhéu. As ondas rebentavam com força nas rochas. Os vidros rachados na torre do farol reflectiam a luz, decompondo-a num arco-íris fantasmagórico que se desvanecia entre a cortina de água que salpicava a zona de rebentação.

– Já ali estiveste alguma vez? – perguntou.

– No ilhéu?

Ismael esticou a enxárcia e, com um golpe de leme, o barco inclinou-se para bombordo, virando a proa para o cabo e cortando a corrente que vinha do canal.

– Se calhar gostavas de o visitar – propôs –, o ilhéu.

– Pode-se?

– Pode-se fazer tudo. É apenas questão de atrever-se a fazê-lo ou não – respondeu Ismael com um sorriso desafiador.

Irene susteve o seu olhar.

– Quando?

– No próximo sábado. No meu barco.

– Sozinhos?

– Sozinhos. Mas se tiveres medo...

– Não tenho medo – adiantou Irene.

– Então, fica para sábado. Apanho-te no embarcadouro a meio da manhã.

Irene desviou o olhar para a costa. A Casa do Cabo erguia-se nas falésias. Dorian, no alpendre, observava-os com curiosidade pouco dissimulada.

– O meu irmão Dorian. Queres subir e conhecer a minha mãe?

– Não sou muito bom com as apresentações familiares.

– Fica para outro dia, então.

O barco penetrou na pequena enseada natural que as falésias abrigavam perto da Casa do Cabo. Com destreza deveras ensaiada, Ismael baixou a vela e permitiu que a própria inércia da corrente arrastasse o casco até ao embarcadouro. O rapaz agarrou um cabo e saltou para terra para amarrar o barco. Depois de amarrar o barco, Ismael estendeu a mão a Irene.

– Já agora, Homero era cego. Como podia ele saber de que cor era o mar? – perguntou a rapariga.

Ismael agarrou a mão dela e, com um forte impulso, puxou-a para o embarcadouro.

– Mais uma razão para acreditar apenas naquilo que vemos – respondeu o rapaz, ainda a segurar a mão dela.

As palavras de Lazarus durante a primeira noite em Cravenmoore vieram à cabeça de Irene.

– Às vezes os olhos enganam – disse.

– A mim não.

– Obrigada pelo passeio.

Ismael assentiu, deixando escapar lentamente a mão.

– Até sábado.

– Até sábado.

Ismael saltou de novo para o barco, soltou o cabo e deixou que a corrente o afastasse do embarcadouro enquanto içava de novo a vela. O vento levou-o até à barra da enseada e, em apenas alguns segundos, o *Kyaneos* penetrou na baía cavalgando sobre as ondas.

Irene permaneceu no embarcadouro, a observar a vela branca a diminuir na imensidão da baía. Nalgum momento, apercebeu-se que ainda tinha o sorriso estampado no rosto e que um formigueiro suspeito lhe percorria as mãos. Soube então que aquela ia ser uma semana muito, muito longa.

4. SEGREDOS E SOMBRAS

Em Baía Azul, o calendário só distinguia duas épocas: o Verão e o resto do ano. No Verão, as gentes da aldeia triplicavam os horários de trabalho, abastecendo as povoações costeiras dos arredores que albergavam balneários, turistas e gentes vindas da cidade em busca de praias, sol e aborrecimento pago. Padeiros, artesãos, alfaiates, carpinteiros, pedreiros e toda a sorte de ofício dependia dos três longos meses em que o sol sorria na costa de Normandia. Durante essas treze ou catorze semanas, os habitantes de Baía Azul transformavam-se em formigas diligentes para poderem languidescer tranquilamente o resto do ano como modestas cigarras. E se havia dias que eram especialmente intensos, esses eram os primeiros de Agosto, quando a procura do produto local subia do zero até ao infinito.

Uma das poucas exceções a essa regra era Christian Hupert. Ele, como todos os outros patrões de barcos pesqueiros da aldeia, sofria o destino da formiga doze meses por ano. Tais pensamentos passavam pela cabeça do experiente pescador todos os Verões pela mesma data, enquanto via como a aldeia soltava velas à sua volta. Era então que pensava que se enganara na profissão e que teria sido mais ajuizado quebrar a tradição de sete gerações e tornar-se hoteleiro, comerciante ou o que fosse. Talvez assim, a sua filha Hannah não tivesse que passar a semana a servir em Cravenmoore e, talvez assim, o pescador conseguisse ver o rosto da mulher mais do que trinta minutos diários: quinze ao amanhecer, quinze ao anoitecer.

Ismael contemplou o tio enquanto ambos trabalhavam na reparação da bomba de água do barco. O rosto pensativo do pescador denunciava-o.

– Podias abrir uma oficina de náutica – tentou Ismael.

O tio respondeu com um grasnido ou algo semelhante.

– Ou vender o barco e investir na loja do Monsieur Didier. Há seis anos que não pára de insistir – continuou o rapaz.

O tio interrompeu a tarefa e observou o sobrinho. Treze anos a fazer de pai não tinham conseguido apagar o que mais temia e, ao mesmo tempo, adorava no rapaz: a obstinada e completa semelhança com o falecido pai, incluindo a mania de dar a opinião quando ninguém lha pedia.

– Talvez devesse ser tu a fazer isso – replicou Christian. – Eu já estou a caminho dos cinquenta. As pessoas não mudam de ofício com a minha idade.

– Então, de que te queixas?

– E quem é que não se queixa?

Ismael encolheu os ombros. Ambos se concentraram de novo na bomba de água.

– Está bem. Não digo nem mais uma palavra – murmurou Ismael.

– Não vou ter essa sorte. Reforça esse tensor.

– Este tensor não tem remédio. Devíamos mudar a bomba. Um dia destes apanhamos um susto.

Hupert ofereceu-lhe o seu sorriso favorito, reservado aos taxadores da lota, às autoridades do porto e a palermas de diferentes laias.

– Esta bomba pertenceu ao meu pai. Antes disso, ao meu avô. E antes...

– É disso mesmo que estou a falar – interrompeu Ismael. – Provavelmente teria mais uso num museu do que aqui.

– Ámen.

– Tenho razão. E tu sabes isso.

Irritar o tio era, com a possível excepção de navegar no seu barco, uma das suas ocupações preferidas.

– Não vou continuar a discutir este assunto. Ponto final. Acabou-se.

Para o caso de não ser suficientemente claro, Hupert rematou a sentença com um aperto da chave de fendas, enérgico e decidido.

Subitamente, ouviu-se um ranger suspeito no interior da bomba de água. Hupert sorriu para o rapaz. Dois segundos depois, a parte de cima do tensor que acabara de reforçar saiu catapultada numa trajectória parabólica sobre as suas cabeças, seguido do que parecia ser um êmbolo, um conjunto completo de porcas e quinquilharia sem identificação. Tio e sobrinho seguiram a evolução da sucata até que aterrou, com pouca discrição, no convés do navio contíguo, o barco de Gerard Picaud. Picaud, um antigo pugilista com a constituição de um touro e o cérebro de um perceve, examinou as peças e, acto contínuo, olhou para o céu. Hupert e Ismael trocaram um olhar.

– Acho que não vamos notar a diferença – sugeriu Ismael.

– Quando quiser a tua opinião...

– Pedes. Combinado. A propósito, queria saber se te importavas que não viesse trabalhar no próximo sábado. Queria fazer algumas reparações no barco...

– Essas reparações são, por acaso, loiras, com um metro e setenta e olhos verdes? – largou Hupert.

O pescador sorriu com ar matreiro ao sobrinho.

– As notícias correm depressa – disse Ismael.

- Se depender da tua prima, voam, querido sobrinho. E qual é o nome da dama?
- Irene.
- Estou a ver.
- Não há nada para ver.
- Dá tempo ao tempo.
- É agradável, só isso.
- “É agradável, só isso” – repetiu Hupert, imitando a voz de fria indiferença do

sobrinho.

- Esquece. Não é uma boa ideia. Trabalho no sábado – cortou Ismael.
- Então, é preciso limpar a sentina. Está para lá peixe podre há semanas e cheira

mal que até dói.

- Perfeito.

Hupert soltou uma gargalhada.

- És tão teimoso quanto o teu pai. Gostas da rapariga ou não?
- Eh.

– Comigo não uses monossílabos, Romeu. Tenho o triplo da tua idade. Gostas dela ou não?

O rapaz encolheu os ombros. As faces ardiam-lhe como pêssegos maduros. Por fim, deixou escapar um murmúrio ininteligível.

- Traduz – insistiu o tio.
- Disse que sim. Creio que sim. Quase nem a conheço.
- Está bem. É mais do que eu pude dizer da tua tia quando a vi pela primeira vez. E o céu é testemunha de que é uma santa.
- Como era ela quando era jovem?

- Não comeces ou passas o sábado na sentina – ameaçou Hupert.

Ismael assentiu e começou a arrumar as ferramentas de trabalho. O tio limpou o óleo das mãos enquanto o observava de soslaio. A última rapariga por quem se interessara fora uma tal Laura, a filha de um viajante de Bordéus, e já se tinham passado quase dois anos. O único amor do sobrinho, à margem da sua intimidade impenetrável, parecia ser o mar e a solidão. A rapariga devia ter alguma coisa especial.

- Limpo a sentina antes de sexta-feira – anunciou Ismael.
- É toda tua.

Quando tio e sobrinho saltaram para o cais, de volta a casa ao anoitecer, o vizinho Picaud continuava a examinar as misteriosas peças, tentando determinar se iam chover parafusos nesse Verão ou se o céu tentava enviar-lhe algum sinal.

Ao chegar Agosto, os Sauvelle já tinham a sensação de estar a viver na Baía Azul há pelo menos um ano. Aqueles que não os conheciam já estavam informados das suas andanças graças às artes oratórias de Hannah e da mãe, Elisabeth Hupert. Devido a um estranho fenómeno, a meio caminho entre a cusquice e a magia, as notícias chegavam à padaria onde esta trabalhava antes de acontecerem. Nem a rádio, nem a imprensa podiam competir com o estabelecimento de Elisabeth Hupert. *Croissants* e notícias frescas, do amanhecer ao crepúsculo. Desta forma, chegada a sexta-feira, os únicos habitantes da Baía Azul que não sabiam do suposto romance entre Ismael Hupert e a recém-chegada, Irene Sauvelle, eram os peixes e os próprios interessados. Pouco importava se acontecera alguma coisa ou se chegaria a acontecer. A breve travessia desde a Praia do Inglês até à Casa do Cabo no barco já fazia parte dos anais daquele Verão de 1937.

Realmente, as primeiras semanas de Agosto em Baía Azul passaram a toda a velocidade. Simone conseguira finalmente estabelecer um mapa mental de Cravenmoore. A lista de todas as tarefas urgentes para a manutenção da casa era infinita. Só entrar em contacto com os abastecedores da aldeia, organizar as contas e a contabilidade e tratar da correspondência de Lazarus bastava para ocupar todo o seu tempo, tirando os minutos que gastava para respirar e dormir. Dorian, armado com uma bicicleta que Lazarus achou por bem oferecer-lhe como prenda de boas-vindas, tornou-se o seu pombo-correio e, em questão de dias, o rapaz conhecia o caminho da Praia do Inglês pedra a pedra, buraco a buraco.

Assim, todas as manhãs Simone iniciava a sua jornada enviando a correspondência que devia sair e organizando meticulosamente a recebida, tal como Lazarus lhe explicara. Uma pequena nota, uma simples folha de papel dobrada, permitia-lhe ter à mão um lembrete de todas as esquisitices de Lazarus. Ainda se lembrava do terceiro dia, quando esteve prestes a abrir por acidente uma das cartas enviadas de Berlim pelo tal Daniel Hoffman. A memória salvou-a no último segundo.

As encomendas de Hoffman costumavam chegar a cada nove dias, quase com precisão matemática. Os envelopes de pergaminho apareciam sempre lacrados, com um escudo em forma de «D». Rapidamente, Simone habituou-se a separá-los do resto e

ignorou a particularidade do assunto. No entanto, durante a primeira semana de Agosto, aconteceu algo que despertou de novo a sua curiosidade pela intrigante correspondência do senhor Hoffman.

Simone foi bem cedo ao escritório de Lazarus para deixar na sua secretária uma série de facturas e pagamentos que tinham chegado. Preferia fazê-lo nas primeiras horas do dia, antes que o fabricante de brinquedos fosse ao escritório, para evitar interrompê-lo e importuná-lo mais tarde. O falecido Armand tinha por hábito começar a sua jornada revendo os pagamentos e as facturas. Enquanto pôde.

Acontece que, naquela manhã, Simone entrou como era habitual no escritório e apercebeu-se do cheiro a tabaco no ar, o que a fez pensar que Lazarus fizera serão na noite anterior. Estava a colocar os documentos na secretária quando viu que havia algo na lareira, a fumar entre as brasas da madrugada. Intrigada, aproximou-se e tentou perceber com o atizador o que era. À primeira vista, o objecto parecia um molho de papéis atados que o fogo não conseguira devorar totalmente. Estava prestes a sair da sala quando, entre as brasas, distinguiu claramente o escudo lacrado no molho de papéis. Cartas. Lazarus atirara para o lume as cartas de Daniel Hoffman para as destruir. Fosse qual fosse o motivo, pensou Simone, não era da sua conta. Largou o atizador e saiu do escritório, decidida a nunca mais se voltar a meter nos assuntos pessoais do patrão.

O repicar da chuva a arranhar as janelas acordou Hannah. Era meia-noite. O quarto estava envolto numa névoa azul e a luz da tempestade distante sobre o mar desenhava miragens de sombras à sua volta. O tilintar de um dos relógios falantes de Lazarus soava de forma mecânica desde a parede, os olhos do rosto sorridente a olhar de um lado para o outro sem parar. Hannah suspirou. Detestava passar a noite em Cravenmoore.

À luz do dia, a casa de Lazarus Jann parecia-lhe um interminável museu de prodígios e maravilhas. No entanto, ao cair a noite, as centenas de criaturas mecânicas, os rostos das máscaras e os autómatos transformavam-se numa fauna espectral que nunca dormia, sempre atenta e vigilante nas trevas da casa, sem parar de sorrir, sem parar de olhar para lado nenhum.

Lazarus dormia num dos quartos da ala oeste, contíguo ao da mulher. Tirando eles os dois e a própria Hannah, a casa estava povoada unicamente pelas dezenas de criações do fabricante de brinquedos, em cada corredor, em cada quarto. No silêncio da

madrugada, Hannah conseguia ouvir o eco das entranhas mecânicas de todos eles. Por vezes, quando o sono lhe escapava, passava horas a imaginá-los imóveis, com os olhos de vidro a brilhar na escuridão.

Acabara de fechar os olhos de novo quando ouviu pela primeira vez aquele som, um impacto regular amortecido pela chuva. Hannah levantou-se e atravessou o quarto até ao limiar da claridade da janela. A selva de torres, arcos e telhados angulosos de Cravenmoore jazia sob o manto da tempestade. Os focinhos de lobo das gárgulas cuspiam rios de água negra para o vazio. Como detestava aquele lugar...

O som chegou outra vez aos seus ouvidos e os olhos de Hannah fixaram-se na fileira de janelas da ala oeste. O vento parecia ter aberto uma das janelas do segundo andar. As cortinas ondulavam na chuva e os postigos batiam uma e outra vez. A rapariga maldisse a sua sorte. Só a ideia de sair para o corredor e atravessar a casa até à ala oeste gelava-lhe o sangue.

Antes de que o medo a dissuadisse do seu dever, enfiou um robe e uns chinelos. Não havia luz, por isso agarrou num dos candelabros e acendeu as velas. O tremeluzir acobreado traçou uma auréola fantasmagórica à sua volta. Hannah colocou a mão sobre a fria maçaneta da porta do quarto e engoliu em seco. Ao longe, os postigos daquele quarto escuro continuavam a bater uma e outra vez. À espera dela.

Fechou a porta do quarto ao sair e enfrentou a fuga infinita do corredor que penetrava nas sombras. Levantou o candelabro e entrou no corredor ladeado pelas silhuetas suspensas no vazio dos brinquedos apáticos de Lazarus. Hannah concentrou-se em olhar para a frente e apressou o passo. O segundo andar albergava muitos dos velhos autómatos de Lazarus, criaturas que se moviam desajeitadamente, cujas feições muitas vezes eram grotescas e, por vezes, ameaçadoras. Quase todos estavam enclausurados em vitrinas de vidro, onde ganhavam vida repentinamente, sem aviso prévio, às ordens de algum mecanismo interno que os acordava do seu sonho mecânico ao acaso.

Hannah passou à frente de *Madame Sarou*, a adivinha que baralhava entre as mãos apergaminhadas as cartas de *tarot*, escolhia uma e mostrava-a ao espectador. Apesar de todos os seus esforços, a governanta não conseguiu evitar olhar para a efígie espectral daquela cigana talhada em madeira. Os olhos da cigana abriram-se e as mãos mostraram uma carta. Hannah engoliu em seco. A carta mostrava a figura de um diabo vermelho rodeado de chamas.

Uns metros mais à frente, o torso do homem das máscaras oscilava de um lado para o outro. O autómato desfolhava o rosto invisível repetidamente, mostrando

diferentes máscaras. Hannah desviou o olhar e apressou-se. Atravessara aquele corredor centenas de vezes durante o dia. Eram somente máquinas sem vida e não mereciam a sua atenção, muito menos o seu medo.

Com este pensamento tranquilizador em mente, virou no final do corredor que levava à ala oeste. A pequena orquestra em miniatura do *Maestro Firetti* descansava num dos lados do corredor. Por uma moeda, as figuras da banda interpretavam uma peculiar versão da *Marcha turca* de Mozart.

Hannah parou à frente da última porta do corredor, uma enorme folha de madeira de carvalho trabalhada. Cada uma das portas de Cravenmoore tinha um relevo diferente, talhado na madeira, que encenava contos célebres: os irmãos Grimm imortalizados em hieróglifos de ébano palaciano. No entanto, aos olhos da rapariga, as gravuras eram simplesmente sinistras. Nunca entrara naquela divisão, mais um dos vários quartos da casa em que não pusera os pés. E não o faria, a menos que fosse necessário.

A janela batia do outro lado da porta. O hálito gelado da noite filtrava-se pelas junções desta, acariciando-lhe a pele. Hannah olhou uma última vez para o corredor atrás de si. Os rostos da orquestra perscrutavam as sombras. Ouvia-se claramente o som da água e a chuva, como milhares de pequenas aranhas a deambular pelo telhado de Cravenmoore. A rapariga inspirou profundamente e, agarrando a maçaneta da porta, entrou no quarto.

Uma rajada de ar gelado envolveu-a, fechou a porta atrás de si com violência e apagou a chama das velas. As cortinas de gaze ondulavam, encharcadas de chuva como mortalhas ao vento. Hannah deu uns passos no quarto e apressou-se a fechar a janela, trancando o fecho que o vento soltara. A rapariga apalpou o bolso da bata com dedos trémulos e retirou a caixa dos fósforos para acender de novo as velas. As trevas ganharam vida à sua volta, perante a luz dançante do candelabro. Para lá das sombras, a claridade revelava o que aos seus olhos pareceu o quarto de uma criança. Uma pequena cama junto a uma secretária. Livros e roupas infantis estendidas numa cadeira. Um par de sapatos alinhados com cuidado debaixo da cama. Um pequeno crucifixo que pendia de um dos mastros da cama.

Hannah avançou uns passos. Havia algo estranho, algo desconcertante que não conseguia perceber sobre aqueles objectos e móveis. Os seus olhos investigaram outra vez o quarto infantil. Não havia crianças em Cravenmoore. Nunca tinha havido. Que sentido fazia aquele quarto?

De repente, a ideia veio-lhe à cabeça. Agora compreendia o que a desconcertara ao início. Não era a organização. Nem o cuidado. Era algo tão fácil, tão simples, que até era difícil parar para pensar nisso. Aquele era o quarto de uma criança. Porém, faltava uma coisa... Brinquedos. Não havia um único brinquedo em todo quarto.

Hannah levantou o candelabro e descobriu mais uma coisa nas paredes. Papéis. Recortes. A rapariga pousou o candelabro na secretária infantil e aproximou-se deles. Um mosaico de velhos recortes e fotografias cobria a parede. O rosto esbranquiçado de uma mulher dominava uma fotografia, as suas feições eram duras, cortadas, e os seus olhos negros irradiavam uma aura ameaçadora. O mesmo rosto aparecia noutras imagens. Hannah concentrou-se numa fotografia da misteriosa dama com um rapazinho nos braços.

Percorreu a parede com o olhar e reparou nos pedaços de jornais velhos cujos títulos pareciam não estar relacionados. Notícias sobre um terrível incêndio numa fábrica de Paris e sobre o desaparecimento de uma personagem chamada Hoffman durante a tragédia. O rasto obsessivo daquela presença parecia impregnar toda a coleção de recortes, alinhados como lápides nos muros de um cemitério de memórias e recordações. E, no centro, rodeado de dezenas de outros pedaços de papel ilegíveis, a primeira página de um jornal de 1890. Nela, o rosto de um rapazito. Os seus olhos estavam cheios de terror, os olhos de um animal espancado.

A força daquela imagem atingiu-a com violência. O olhar daquele rapaz de apenas seis ou sete anos parecia ter sido testemunha de um horror que quase não conseguia compreender. Hannah sentiu frio, um frio intenso que irradiava do seu próprio interior. Os seus olhos tentaram decifrar o texto manchado que rodeava a imagem. Por baixo da fotografia podia ler-se: “Um rapaz de oito anos é encontrado após passar sete dias fechado numa cave, abandonado na escuridão”. Hannah observou outra vez o rosto da criança. Havia algo vagamente familiar nas suas feições, talvez nos olhos...

Nesse preciso momento, Hannah pensou ter ouvido o eco de uma voz, uma voz que sussurrava atrás de si. Virou-se, mas não estava ali ninguém. A jovem deixou escapar um suspiro. As gotas de vapor que emanavam das velas apanhavam no ar milhares de partículas de pó e semeavam uma névoa púrpura à sua volta. Aproximou-se do peitoril de uma das janelas e traçou com os dedos uma faixa na cortina de vapor que embaciava o vidro. O bosque estava sumido na bruma. As luzes do escritório de Lazarus, no extremo da ala oeste, estavam acesas, e podia distinguir-se a sua silhueta

recortada no meio da ardente auréola dourada que tremeluzia por trás dos cortinados. Uma agulha de luz penetrou através da clareira aberta entre o vapor e projectou um fio de claridade ao longo do quarto.

Desta vez, a voz ouviu-se de novo, mais clara e mais próxima. Sussurrava o seu nome. Hannah enfrentou o quarto envolto na penumbra e, pela primeira vez, apercebeu-se do brilho que emanava de um pequeno frasco de vidro. O frasco, negro como uma obsidiana, estava resguardado num diminuto nicho na parede, envolto num espectro de reflexos.

A rapariga aproximou-se lentamente daquele lugar e examinou o frasco. À primeira vista, parecia um frasco de perfume, mas nunca vira um exemplar tão belo como aquele, nem uma escultura de cristal tão elaborada como a daquele frasco. Uma tampa em forma de prisma desprendia um arco-íris à sua volta. Hannah sentiu um desejo irrefreável de ter aquele objecto nas mãos e acariciar com os dedos as linhas perfeitas do vidro.

Com extremo cuidado, rodeou o frasco com as mãos. Pesava mais do que esperava e o vidro tinha um toque gelado, quase doloroso quando em contacto com a pele. Levantou-o à altura dos olhos e tentou ver o interior. Os seus olhos apenas conseguiram ver uma escuridão impenetrável. No entanto, a contraluz, Hannah teve a ilusão de que algo se mexia no interior. Um espesso líquido negro, talvez um perfume...

Os seus dedos trémulos agarraram a tampa de cristal esculpido. Algo se moveu no interior do frasco. Hannah duvidou por um instante. Porém, a perfeição daquele objecto parecia prometer a fragrância mais embriagante que podia imaginar. Rodou a tampa lentamente. A negrura no interior do frasco mexeu-se de novo, mas ela já não lhe prestava atenção. Finalmente, a tampa cedeu.

Um som indescritível, o grito do gás a fugir à pressão, inundou a divisão. Em apenas um segundo, uma massa de negrura desenvolveu-se no ar a partir do frasco, como uma mancha de tinta num tanque. Hannah sentiu que as mãos lhe tremiam e que aquela voz sussurrante a envolvia. Quando voltou a olhar para o frasco, constatou que o vidro era transparente e que o que quer que fosse que estava no seu interior libertara-se graças a ela. A rapariga deixou o frasco outra vez no seu lugar. Sentiu uma fria corrente de ar percorrer o quarto, apagando a chama das velas uma a uma. À medida que a escuridão se alastrava pelo quarto, uma nova presença tornou-se visível na negrura. Uma silhueta impenetrável espalhava-se pelas paredes, pintando-as de trevas.

Uma sombra.

Hannah recuou devagar até à porta. As mãos trémulas agarraram a maçaneta fria atrás de si. Abriu a porta lentamente, sem afastar os olhos da escuridão, e estava pronta para sair do quarto a correr. Algo avançava na sua direcção, podia senti-lo.

A rapariga puxou a maçaneta para fechar o quarto e o fio que tinha ao pescoço prendeu-se num dos relevos da porta. Ao mesmo tempo, um som grave e arrepiante ecoou atrás de si, o silvar de uma grande serpente. Hannah sentiu lágrimas de terror a deslizar pela face. O fio partiu-se e a rapariga ouviu a medalha cair na escuridão. Livre do que a prendia, Hannah enfrentou o túnel de sombras que se abria à sua frente. Num dos extremos, a porta que levava à escadaria da ala posterior estava aberta. Ouviu-se de novo o assobio fantasmagórico. Mais perto. Hannah correu até à escadaria. Segundos mais tarde, identificou o som do puxador que começava a rodar na penumbra. Desta vez, o pânico arrancou um grito da sua garganta e a rapariga lançou-se escadas a baixo.

O caminho para descer até ao andar inferior parecia infinito. Hannah saltava os degraus de três em três, ofegando e tentando não perder o equilíbrio. Quando chegou à porta que levava às traseiras do jardim de Cravenmoore, tinha os tornozelos e os joelhos cheios de golpes, mas quase não sentia dor. A adrenalina provocava-lhe uma reacção em cadeia nas veias e fazia-a continuar a correr. A porta, que nunca se usava, estava fechada. Hannah partiu o vidro com o cotovelo e abriu-a por fora. Só sentiu o corte no antebraço quando chegou às sombras do jardim.

Correu até ao limiar do bosque enquanto o ar fresco da noite lhe acariciava as roupas encharcadas em suor frio e lhas colava ao corpo. Antes de entrar no trilho que atravessava o bosque de Cravenmoore, Hannah virou-se para a casa à espera de ver o seu perseguidor a atravessar as sombras do jardim. Não havia rasto da aparição. Respirou fundo. O ar frio queimava-lhe a garganta e cravava-lhe nos pulmões lâminas ardentes. Estava disposta a correr outra vez quando avistou aquela silhueta colada à fachada de Cravenmoore. Um rosto corpóreo emergiu da lâmina de negrura e a sombra desceu arrastando-se entre as gárgulas como uma gigantesca aranha.

Hannah atirou-se para o labirinto de escuridão que atravessava o bosque. A lua sorria agora entre as clareiras e tingia a neblina de azul. O vento acendia as vozes ciciantes de milhares de folhas à sua volta. As árvores esperavam por ela como espectros petrificados, os seus braços estendiam um manto de garras ameaçadoras. E correu desesperadamente em direcção à luz que a guiava no final daquele túnel fantasmagórico, uma porta para a claridade que parecia afastar-se dela quanto mais ela se esforçava por alcançá-la.

Um estrondo no meio do mato inundou o bosque. A sombra atravessava o matagal, destruindo tudo no seu caminho, uma perfuração mortífera que esculpia um caminho na sua direcção. Um grito afogou-se na garganta da rapariga. Os ramos e o mato tinham feito dezenas de cortes nas suas mãos, braços e rosto. O cansaço atingia-lhe a alma como um martelo que lhe enevoava os sentidos e lhe sussurrava interiormente que se entregasse ao cansaço, que se sentasse à espera... Mas tinha de continuar. Tinha de fugir daquele lugar. Mais uns metros e chegaria à estrada que levava à aldeia. Ali haveria algum carro, alguém que a encontrasse e a ajudasse. A sua salvação estava a apenas uns segundos, para lá do limite do bosque.

As luzes distantes de um carro a contornar a Praia do Inglês varreram as trevas do matagal. Hannah ergueu-se e soltou um grito de socorro. Atrás de si, um remoinho pareceu atravessar o mato e subir por entre os ramos das árvores. Hannah olhou para a copa dos ramos que velavam o rosto da lua. Lentamente, a sombra ergueu-se. Hannah deixou escapar um derradeiro gemido. Filtrando-se como chuva de alcatrão, a sombra abatia-se sobre ela desde as alturas. A rapariga fechou os olhos e conjurou o rosto da mãe, sorridente e faladora.

Pouco depois, sentiu o frio hálito da sombra no seu rosto.

5. UM CASTELO ENTRE AS BRUMAS

O barco de Ismael aflorou pontualmente entre o véu de neblina que acariciava a superfície da baía. Irene e a mãe, sentadas tranquilamente no alpendre a saborear uma chávena de café com leite, trocaram um olhar.

– Não é preciso dizer-te... – começou Simone.

– Não é preciso dizeres – respondeu Irene.

– Quando foi a última vez que falámos de homens? – perguntou a mãe.

– Quando fiz sete anos e o nosso vizinho Claude me convenceu a dar-lhe a minha saia em troca das calças dele.

– Bela peça.

– Só tinha cinco anos, mamã.

– Se são assim aos cinco, imagina aos quinze.

– Dezasseis.

Simone suspirou. Meu Deus, dezasseis anos. A filha planeava fugir com um velho lobo-do-mar.

– Então, estamos a falar de um adulto.

– Só é um ano e pouco mais velho do que eu. Isso deixa-me onde?

– Tu és uma criança.

Irene sorriu pacientemente à mãe. Simone Sauvelle não tinha futuro como sargento.

– Não te preocupes, mãe. Sei o que faço.

– É isso que me assusta.

O barco atravessou a pequena barra da enseada. Ismael acenou desde o barco. Simone observava o rapaz com uma sobrancelha alçada em sinal de alerta.

– Por que é que não sobe e mo apresentas?

– Mamã...

Simone assentiu. De qualquer forma, não tinha esperanças de que tal ardil funcionasse.

– Devo dizer-te alguma coisa? – ofereceu Simone, em franca retirada.

Irene espetou-lhe um beijo na bochecha.

– Deseja-me bom dia.

Sem esperar pela resposta, Irene correu para o embarcadouro. Simone contemplou a filha a pegar na mão daquele estranho (que, aos seus suspicazes olhos, de

rapaz tinha pouco) e saltava a bordo do barco. Quando Irene se voltou para lhe acenar, a mãe forçou um sorriso e acenou de volta. Viu-os partir em direcção à baía sob um sol resplandecente e tranquilizador. Na varanda do alpendre, uma gaivota, talvez outra mãe em crise, observava-a com resignação.

– Não é justo – disse à gaivota. – Quando nascem, ninguém nos explica que vão acabar por fazer o mesmo que nós fizemos com a idade deles.

A ave alheia a tais considerações, seguiu o exemplo de Irene e levantou voo. Simone sorriu ante a própria ingenuidade e dispôs-se a voltar para Cravenmoore. O trabalho cura tudo, disse a si mesma.

Nalgum momento da travessia, a margem distante transformou-se numa simples linha branca estendida entre a terra e o céu. O vento de Este impelia as velas do *Kyaneos* e a proa do barco abria caminho sobre um manto cristalino de reflexos esmeralda, através do qual se podia vislumbrar o fundo. Irene, cuja única prévia experiência a bordo de um barco fora a breve travessia de dias antes, contemplava boquiaberta a beleza hipnótica da baía desde aquela nova perspectiva. A Casa do Cabo fora reduzida a um engaste branco entre as rochas e as fachadas de cores vivas da aldeia tremeluziam entre os reflexos que ascendiam do mar. Ao longe, a cauda de uma tempestade cavalgava em direcção ao horizonte. Irene fechou os olhos e escutou o som do mar à sua volta. Quando os voltou a abrir, continuava tudo ali. Era real.

Uma vez encaminhado o rumo, Ismael tinha pouco mais que fazer para além de contemplar Irene, que parecia estar sob o efeito de um encantamento marinho. Com metodologia científica, iniciou a sua observação nos tornozelos pálidos, subindo lenta e escrupulosamente até se deter no ponto em que a saia velava com inusitada impertinência a parte superior das coxas da rapariga. Depois, dedicou-se a avaliar a feliz distribuição do seu esbelto tronco. Este processo prolongou-se por tempo indefinido até que, inesperadamente, os seus olhos se cruzaram com os de Irene e Ismael apercebeu-se de que a inspecção não passara despercebida.

– Em que pensas? – perguntou ela.

– No vento – mentiu impecavelmente Ismael. – Está a mudar para sul. Costuma acontecer quando há tempestade. Achei que ias gostar de contornar o cabo primeiro. A vista é espectacular.

– Que vista? – perguntou Irene, inocente.

Desta vez não havia dúvidas, pensou Ismael; a rapariga estava a gozar com ele. Fazendo ouvidos moucos às ironias da passageira, Ismael levou o barco até ao vértice da corrente que rodeava o recife, a uma milha do cabo. Assim que passaram a fronteira, puderam contemplar a imensidão da grande praia deserta e selvagem que se alongava até à neblina que envolvia o monte Saint Michel, um castelo que se erguia entre as brumas.

– Aquela é a Baía Negra – explicou Ismael. – Tem esse nome porque a água é muito mais profunda do que na Baía Azul, que é basicamente um banco de areia de apenas sete ou oito metros de profundidade. Um varadouro.

A Irene toda aquela terminologia marítima parecia-lhe chinês, mas a estranha beleza que aquela paragem emanava deixava-a arrepiada. Reparou no que parecia ser um espaço oco na rocha, umas fauces abertas para o mar.

– Aquela é a lagoa – disse Ismael. – É como uma forma oval fechada à corrente e ligada ao mar por uma abertura estreita. Do outro lado fica a Gruta dos Morcegos. É aquele túnel que penetra na rocha. Vês? Pelos vistos, em 1746, uma tempestade empurrou para lá um galeão pirata. Os restos do barco, e dos piratas, continuam lá.

Irene ofereceu-lhe um olhar céptico. Ismael podia ser um bom capitão, mas no que dizia respeito a mentir era um simples grumete.

– É verdade – insistiu Ismael. – Eu às vezes faço mergulho. A gruta penetra na rocha e não tem fim.

– Levas-me lá? – perguntou Irene, fingindo acreditar na absurda história do corsário fantasma.

Ismael corou levemente. Aquilo soava a continuação. A compromisso. Numa palavra, a perigo.

– Há morcegos. Daí o nome... – avisou o rapaz, incapaz de encontrar um argumento mais dissuasor.

– Adoro morcegos. Ratinhos voadores – brincou ela, empenhada em continuar a gozar com ele.

– Quando quiseres – disse Ismael, baixando a guarda.

Irene sorriu-lhe calorosamente. Aquele sorriso desorientava Ismael por completo. Durante uns segundos, não se lembrava se o vento soprava do norte ou se a quilha era uma especialidade de confeitaria. E o pior era que a rapariga parecia aperceber-se disso. Tempo para uma mudança de rumo. Guinando o leme, Ismael traçou praticamente um círculo ao mesmo tempo que dava a volta à vela maior, inclinando o

barco até Irene sentir a superfície do mar a acariciar-lhe a pele. Uma língua de frio. A rapariga gritou, rindo-se. Ismael sorriu-lhe. Ainda não sabia muito bem o que vira nela, mas de uma coisa tinha a certeza: não conseguia tirar-lhe os olhos de cima.

– Rumo ao farol – anunciou.

Segundos depois, cavalgando na corrente e com a mão invisível do vento nas suas costas, o *Kyaneos* deslizou como uma flecha sobre a crista do recife. Ismael sentiu Irene a segurar-lhe a mão com força. O barco voava como se quase não tocasse na água. A espuma branca desenhava grinaldas à sua passagem. Irene olhou para Ismael e reparou que, por sua vez, ele a contemplava. Por um momento, os seus olhos perderam-se nos dela e Irene sentiu que o rapaz lhe apertava a mão com suavidade. O mundo nunca estivera tão longe.

A meio da manhã daquele dia, Simone Sauvelle atravessou as portas da biblioteca pessoal de Lazarus Jann, que ocupava uma enorme sala oval no coração de Cravenmoore. Um universo infinito de livros ascendia numa espiral babilónica em direcção a uma clarabóia de vidro pintado. Milhares de mundos desconhecidos e misteriosos convergiam naquela infinita catedral de livros. Durante uns segundos, Simone admirou boquiaberta a visão, o olhar preso pela neblina evanescente que dançava e ascendia até à abóbada. Levou quase dois minutos a perceber que não estava ali sozinha.

Uma figura cuidadosamente vestida ocupava uma secretária sob um raio de luz que caía verticalmente desde a clarabóia. Ao ouvir os seus passos, Lazarus virou-se e, fechando o livro que consultava, um velho volume de aspecto centenário encadernado em pele negra, sorriu-lhe com amabilidade. Um sorriso cálido e contagiante.

– Ah, Madame Sauvelle. Bem-vinda ao meu pequeno refúgio – disse, levantando-se.

– Não queria interrompê-lo...

– Pelo contrário, fico feliz por tê-lo feito – cortou Lazarus. – Queria falar-lhe acerca de um pedido de livros que gostaria de fazer à empresa de Arthur Francher...

– Arthur Francher, em Londres?

O rosto de Lazarus iluminou-se.

– Conhece?

– O meu marido costumava comprar lá livros nas suas viagens. Burlington Arcade.

– Sabia que não podia ter escolhido pessoa mais apta para este lugar – disse Lazarus, fazendo Simone corar.

– Que acha de discutirmos este assunto com uma chávena de café? – convidou ele.

Simone assentiu timidamente. Lazarus sorriu de novo e devolveu o grande volume que tinha nas mãos ao seu lugar, entre centenas de outros volumes semelhantes. Simone observou-o enquanto o fazia e os seus olhos não conseguiram deixar de ler o título escrito à mão na lombada. Uma única palavra, desconhecida e que não identificava:

Doppelgänger

Pouco antes do meio-dia, Irene vislumbrou o ilhéu do farol à proa. Ismael decidiu contorná-lo para realizar a manobra de aproximação e atracar numa pequena enseada que albergava o ilhéu, rochosa e arisca. Nessa altura, Irene, graças às explicações de Ismael, já estava mais versada na arte de navegar e na física elementar do vento. Deste modo, seguindo as instruções dele, conseguiram ambos vencer a força da corrente e deslizar entre o corredor de falésias que levava ao velho embarcadouro do farol.

O ilhéu era apenas um pedaço de rocha desolada que emergia na baía. Uma vasta colónia de gaivotas nidificava ali. Algumas observavam os intrusos com certa curiosidade. O resto levantou voo. Pelo caminho, Irene viu antigos barracões de madeira carcomidos por décadas de temporais e abandono.

O farol em si era uma esbelta torre, coroada por uma lanterna de prismas, que se erguia sobre uma pequena casa de apenas um andar, a antiga moradia do faroleiro.

– Além de mim, das gaivotas e de um ou outro caranguejo, ninguém vem aqui há anos – disse Ismael.

– Sem contar com o fantasma do navio pirata – brincou Irene.

O rapaz conduziu o barco até ao embarcadouro e saltou para terra para prender o cabo da proa. Irene seguiu-lhe o exemplo. Assim que o *Kyaneos* foi amarrado convenientemente, Ismael agarrou num cesto com provisões que a tia lhe preparara com a convicção de que não havia forma de abordar uma menina de estômago vazio e que se devia satisfazer os instintos por ordem de prioridade.

– Anda. Se gostas de histórias de fantasmas, vais gostar disto...

Ismael abriu a porta da casa do farol e indicou a Irene que fosse primeiro. A rapariga entrou na velha casa e sentiu-se como se tivesse acabado de recuar duas décadas no passado. Tudo permanecia incólume, sob uma camada de neblina formada pela humidade de anos e anos. Dezenas de livros, objectos e móveis continuavam intactos, como se um fantasma tivesse raptado o faroleiro de madrugada. Irene olhou para Ismael, fascinada.

– Espera até veres o farol – disse ele.

O rapaz deu-lhe a mão e levou-a à escada que subia em espiral até à torre do farol. Irene sentia-se uma intrusa ao invadir aquele lugar suspenso no tempo e, ao mesmo tempo, uma aventureira prestes a desvendar um estranho mistério.

– O que aconteceu ao faroleiro?

Ismael levou o seu tempo a responder.

– Uma noite pegou no barco e deixou o ilhéu. Nem se incomodou em levar as coisas.

– Por que fazia uma coisa dessas?

– Nunca disse – respondeu Ismael.

- E tu? Por que é que achas que ele fez isso?

- Por medo.

Irene engoliu em seco e olhou por cima do ombro, esperando encontrar a qualquer momento o espectro da mulher que morrera afogada subindo como um demónio de luz pelas escadas de caracol, com as garras esticadas na sua direcção, o rosto branco como porcelana e dois círculos negros à volta dos olhos ardentes.

– Não está aqui ninguém, Irene. Só tu e eu – disse Ismael.

A rapariga assentiu, pouco convencida.

– Só gaivotas e caranguejos, não é?

– Exacto.

A escada dava para a plataforma do farol, uma atalaia sobre o ilhéu de onde se podia admirar toda a Baía Azul. Saíram ambos para o exterior. A brisa fresca e a luz resplandecente desvaneciam os ecos fantasmagóricos que o interior do farol evocava. Irene respirou fundo e deixou-se enfeitiçar pela vista, que só podia ser admirada desde aquele lugar.

– Obrigada por me trazeres aqui – murmurou.

Ismael assentiu, desviando o olhar com nervosismo.

– Queres comer alguma coisa? Estou a morrer de fome – anunciou.

Deste modo, sentaram-se na ponta da plataforma do farol e, com as pernas penduradas no vazio, começaram a dar conta dos manjares que a cesta escondia. Nenhum deles tinha realmente muita fome, mas comer mantinha as mãos e a mente ocupadas.

Ao longe, a Baía Azul dormia sob o sol da tarde, alheia ao que acontecia naquele ilhéu afastado do mundo.

Depois de três chávenas de café e uma eternidade, Simone ainda estava na companhia de Lazarus, ignorando o passar do tempo. O que começara como um simples diálogo amistoso tornara-se uma longa e profunda conversa sobre livros, viagens e antigas lembranças. Passadas poucas horas, tinha a sensação de conhecer Lazarus desde sempre. Pela primeira vez em meses, viu-se a desenterrar memórias dolorosas dos últimos dias de vida de Armand e a experimentar uma gratificante sensação de alívio ao fazê-lo. Lazarus ouvia com atenção e silêncio respeitoso. Sabia quando desviar a conversa ou deixar fluir as memórias livremente.

Custava-lhe pensar em Lazarus como seu patrão. Aos seus olhos, o fabricante de brinquedos parecia mais um amigo, um bom amigo. À medida que a tarde avançava, Simone compreendeu, entre remorsos e uma vergonha quase infantil, que noutras circunstâncias, noutra vida, aquela inusitada comunhão entre ambos talvez pudesse ter sido o início de algo mais. A sombra da sua viuvez e as recordações flutuavam dentro de si como o rastro de um temporal; do mesmo modo que a presença invisível da mulher doente de Lazarus comprometia a atmosfera de Cravenmoore. Testemunhas invisíveis na escuridão.

Bastaram-lhe umas horas de simples conversa para ler nos olhos do fabricante de brinquedos que pensamentos idênticos passavam pela sua mente. Contudo, leu também que o compromisso com a mulher seria eterno e que o futuro apenas lhes reservava a perspectiva de uma simples amizade. Uma profunda amizade. Uma ponte invisível ergueu-se entre dois mundos que se sabiam separados por oceanos de recordações.

Uma luz áurea que anunciava o crepúsculo inundou o escritório de Lazarus e estendeu uma rede de reflexos dourados entre eles. Lazarus e Simone observaram-se em silêncio.

– Posso fazer-lhe uma pergunta pessoal, Lazarus?

– Claro.

– Por que é que se tornou um fabricante de brinquedos? O meu falecido marido era engenheiro, com certo talento. Mas o seu trabalho demonstra um talento revolucionário. E não estou a exagerar, o senhor sabe melhor do que eu. Porquê brinquedos?

Lazarus sorriu em silêncio.

– Não precisa de responder – acrescentou Simone.

Ele levantou-se e caminhou lentamente até ao peitoril da janela. A luz de ouro tingiu-lhe a silhueta.

– É uma longa história – começou. – Quando era apenas uma criança, a minha família vivia no antigo distrito de Les Gobelins, em Paris. Provavelmente conhece a zona, um bairro pobre e cheio de velhos edifícios escuros e mórbidos. Uma cidadela fantasmagórica e cinzenta, de ruas estreitas e miseráveis. Naqueles dias, se possível, a situação estava ainda mais deteriorada do que recorda. Ocupávamos uma minúscula casa num velho prédio da Rue des Gobelins. Parte da fachada estava sob a ameaça de ruir, mas nenhuma das famílias que lá vivia estava em condições de mudar para uma zona mais desejável do bairro. Para mim ainda é um mistério como conseguíamos enfiar-nos ali eu e os meus três irmãos, os meus pais e o tio Luc. Mas estou a desviar-me do tema...

“Eu era um rapaz solitário. Sempre fui. A maioria dos miúdos da rua parecia interessada em coisas que a mim me aborreciam e, por outro lado, as coisas que me interessavam não despertavam o interesse de ninguém que conhecia. Aprendi a ler: um milagre; e a maioria dos meus amigos eram livros. Isto teria sido motivo de preocupação para a minha mãe, se não houvesse outros problemas mais urgentes em casa. A minha mãe sempre acreditou que a ideia de uma infância saudável era a de andar a correr pela rua, a aprender a imitar os gestos e atitudes de quem nos rodeava.

“O meu pai limitava-se a esperar que eu e os meus irmãos tivéssemos idade suficiente para poder contribuir com um salário para a família.

“Outros não tinham tanta sorte. No nosso prédio vivia um rapaz da minha idade chamado Jean Neville. Jean e a mãe, viúva, estavam confinados a um apartamento mínimo no rés-do-chão, ao pé da entrada. O pai do rapaz morrera anos antes devido a uma doença química contraída na fábrica de azulejos onde trabalhara toda a vida. Uma coisa normal, ao que parece. Soube de tudo isto porque, durante aquele tempo, fui o único amigo que o pequeno Jean teve no bairro. A sua mãe, Anne, não o deixava sair do edifício ou do pátio interior. A sua casa era a sua prisão.

“Oito anos antes, Anne Neville dera à luz dois gémeos no velho hospital de Saint Christian, em Montparnasse. Jean e Joseph. Joseph nasceu morto. Nos restantes oito anos de vida, Jean aprendeu a crescer na escuridão da culpa por ter matado o irmão ao nascer. Ou isso acreditava. Anne encarregou-se de lhe lembrar todos os dias da sua existência que o irmão nascera sem vida por sua culpa; que, se não fosse por ele, um rapaz maravilhoso ocuparia agora o seu lugar. Nada do que fazia ou dizia conquistava o afecto da mãe.

“Anne Neville, claro, dispensava ao filho as amostras de carinho habituais em público. Mas na solidão daquele apartamento, a realidade era outra. Anne lembrava-o todos os dias: Jean era um preguiçoso. Um mandrião. Os resultados na escola eram lastimáveis. As qualidades, mais que duvidosas. Os movimentos, desastrados. A sua existência, resumindo, uma maldição. Joseph, por outro lado, teria sido um rapaz adorável, estudioso, carinhoso... Tudo o que ele nunca seria.

“O pequeno Jean não levou muito tempo a compreender que era ele quem deveria ter morrido naquele tenebroso quarto de hospital oito anos antes. Ocupava o lugar de outra pessoa... Todos os brinquedos que Anne guardara durante anos para o futuro filho acabaram no fogo das caldeiras na semana a seguir a voltar do hospital. Jean nunca teve um brinquedo. Eram-lhe proibidos. Não os merecia...

“Uma noite em que o rapaz acordou a gritar em sonhos, a mãe foi ao seu quarto e perguntou-lhe o que se passava. Jean, aterrorizado, confessou que sonhara que uma sombra, um espírito maligno, o perseguia ao longo de um túnel interminável. A resposta de Anne foi clara. Aquilo era um sinal. A sombra com que sonhara era o reflexo do irmão morto, que clamava por vingança. Devia esforçar-se outra vez para ser um filho melhor, por obedecer à mãe em tudo, por não questionar nem uma das suas palavras ou acções. Se não, a sombra ganharia vida e apareceria para o levar para o inferno. Com estas palavras, Anne agarrou no filho e levou-o para a cave da casa, onde o deixou sozinho na escuridão durante doze horas, para que meditasse sobre o que lhe contara. Essa foi a primeira vez que ficou fechado.

“Um ano depois, quando uma tarde o pequeno Jean me contou tudo isto, invadiu-me uma sensação de horror. Queria ajudá-lo, reconfortá-lo e compensar de algum modo a miséria em que vivia. A única forma de que me lembrei de o fazer foi reunir as moedas que guardara durante meses no meu mealheiro e ir à loja de brinquedos de Monsieur Giradot. O meu orçamento não dava para muito e só consegui uma velha marionete, um anjo de cartão que podia ser manipulado com uns fios.

Embrulhei-o em papel brilhante e, no dia seguinte, esperei que Anne Neville saísse de casa para ir às compras. Bati à porta da casa e disse que era eu, Lazarus. Jean abriu e dei-lhe o embrulho. Era uma prenda, disse, e fui-me embora.

“Não o voltei a ver durante três semanas. Supus que se estava a deliciar com o meu presente, já que eu não podia deliciar-me com as minhas poupanças durante muito tempo. Soube mais tarde que aquele anjo de trapo e cartão sobreviveu apenas um dia. Anne encontrou-o e queimou-o. Quando lhe perguntou onde o arranjava, Jean, que não me queria comprometer, disse que o fizera com as próprias mãos.

“E certo dia, o castigo foi muito mais terrível. Anne, fora de si, levou o filho para a cave e fechou-o lá, ameaçando-o de que desta vez a sombra ia apanhá-lo na escuridão e levá-lo para sempre.

“Jean Neville passou ali uma semana inteira. A mãe fora implicada numa confusão no mercado de Les Halles e a polícia prendeu-a, com mais uns quantos, numa cela comum. Quando a soltaram, andou dias a vaguear pelas ruas.

“Quando regressou, encontrou a casa vazia e a porta da cave trancada. Uns vizinhos ajudaram-na a derrubá-la. A cave estava deserta. Não havia sinal de Jean em lado nenhum...

Lazarus fez uma pausa. Simone permaneceu em silêncio, à espera de que o fabricante de brinquedos acabasse o relato.

– Ninguém voltou a ver Jean Neville no bairro. A maioria das pessoas que souberam da história pensava que o rapaz fugira por algum alçapão na cave e se afastara da mãe o mais que podia. Julgo que foi isso que aconteceu, ainda que se se perguntasse o que acontecera à mãe, que passou semanas, meses, a chorar sem consolo a perda do rapaz, tenho a certeza de que diria que a sombra o levava... Antes, disse-lhe que eu fui, provavelmente, o único amigo de Jean Neville. Seria mais justo dizer que foi ao contrário. Ele foi o meu único amigo. Anos depois, prometi a mim mesmo que, se dependesse de mim, nunca mais nenhuma criança seria privada de um brinquedo. Nenhuma criança voltaria a viver o pesadelo que atormentou a infância do meu amigo Jean. Ainda hoje me pergunto onde estará, se ainda é vivo. Suponho que lhe deve parecer uma explicação um pouco estranha...

– De maneira nenhuma – respondeu ela, o rosto camuflado nas sombras.

Simone saiu para a luz e esboçou um sorriso rasgado para receber Lazarus.

– Está a ficar tarde – disse suavemente o fabricante de brinquedos. – Tenho de ir ver a minha mulher.

Simone assentiu.

– Obrigado pela sua companhia, Madame Sauvelle – disse, retirando-se do aposento em silêncio.

Ela viu-o partir e respirou fundo. A solidão traçava estranhos labirintos.

O sol começava a pôr-se sobre a baía e as lentes do farol lançavam clarões âmbar e escarlate no mar. A brisa era agora mais fresca e o céu tingia-se de um azul claro, sulcado por algumas nuvens que viajavam perdidas como zepelins de algodão branco. Irene jazia ligeiramente apoiada no ombro de Ismael, em silêncio.

O rapaz deixou que um dos braços a rodeasse lentamente. Ela olhou para ele. Os seus lábios entreabertos tremiam imperceptivelmente. Ismael sentiu um formigueiro no estômago e ouviu um estranho repicar nos ouvidos. Era o seu coração, martelando depressa. Paulatinamente, os lábios de ambos aproximaram-se com timidez. Irene fechou os olhos. Agora ou nunca, parecia sussurrar uma voz dentro de Ismael. O rapaz optou pelo “agora” e deixou que a sua boca acariciasse a de Irene. Os dez segundos seguintes duraram dez anos.

Mais tarde, quando ambos sentiram que já não existia uma fronteira entre eles, que cada olhar e cada gesto era uma palavra de uma linguagem que só eles conseguiam compreender, Irene e Ismael permaneceram abraçados em silêncio no cimo do farol. Se dependesse deles, teriam ficado ali até ao dia do Juízo Final.

– Onde é que gostavas de estar daqui a dez anos? – perguntou Irene de repente.

Ismael meditou na resposta. Não era fácil.

– Mas que pergunta! Não sei.

– O que é que gostavas de fazer? Seguir os passos do teu tio no barco?

– Não me parece uma boa ideia.

– Então, o quê?

– Não sei, acho que é uma parvoíce...

– O que é que é uma parvoíce?

Ismael caiu num longo silêncio. Irene esperou pacientemente.

– Folhetins para a rádio. Gostava de escrever folhetins para a rádio – afirmou finalmente Ismael.

Já estava, já tinha contado.

Irene sorriu-lhe. Outra vez aquele sorriso indefinido e misterioso.

– Que tipo de folhetins?

Ismael observou-a cuidadosamente. Nunca falara daquele assunto com ninguém e não se sentia em terreno seguro ao fazê-lo. Talvez o melhor fosse soltar velas e voltar ao porto.

– De mistério – respondeu finalmente, com dúvidas.

– Pensava que não acreditavas em mistérios.

– Não é preciso acreditar para escrever sobre eles – replicou Ismael. – Há já algum tempo que coleciono recortes sobre um indivíduo que faz folhetins para a rádio. Chama-se Orson Welles. Talvez pudesse tentar trabalhar com ele...

– Orson Welles? Nunca ouvi falar dele, mas suponho que não deve ser uma pessoa acessível. Já tens alguma ideia?

Ismael assentiu vagamente.

– Promete-me que não contas isto a ninguém.

A rapariga ergueu a mão solenemente. A atitude de Ismael parecia-lhe infantil, mas o assunto despertava-lhe interesse.

– Segue-me.

Ismael levou-a de volta à casa do faroleiro. Uma vez ali, o rapaz aproximou-se de um cofre que repousava num dos cantos e abriu-o. Os seus olhos brilhavam de antecipação.

– A primeira vez que aqui vim estive a fazer mergulho e descobri os restos do barco em que supostamente aquela mulher se afogou há vinte anos – disse num tom enigmático. – Lembras-te da história que te contei?

– As luzes de Setembro. A dama misteriosa desaparecida na tempestade... – recitou Irene.

– Exacto. Adivinha o que encontrei entre os restos.

– O quê?

Ismael enfiou as mãos no cofre e retirou um pequeno livro encadernado em pele, resguardado por uma espécie de caixa metálica do tamanho de uma cigarreira.

– A água apagou algumas páginas, mas ainda se conseguem ler alguns fragmentos.

– Um livro? – perguntou Irene, intrigada.

– Não é um livro qualquer – explicou ele. – É um diário. O diário dela.

O *Kyaneos* zarpou de volta à Casa do Cabo pouco antes do crepúsculo. Um campo de estrelas estendia-se sobre o manto azul que cobria a baía e a esfera sangrenta do sol submergia-se lentamente no horizonte, como um disco de ferro candente. Irene observava Ismael em silêncio enquanto este pilotava o barco. O rapaz sorriu-lhe e continuou a olhar para as velas, atento à direcção do vento que se levantava a poente.

Antes dele, Irene beijara dois rapazes. O primeiro, o irmão de uma das suas amigas da escola, foi mais uma experiência que outra coisa. Queria saber o que se sentia ao fazer aquilo. Não lhe pareceu grande coisa. O segundo, Gerard, estava mais assustado do que ela e a experiência não dissipara as suas suspeitas acerca do tema. Beijar Ismael fora diferente. Sentira uma espécie de corrente eléctrica a percorrer-lhe o corpo ao tocar nos seus lábios. O seu toque era diferente. O seu cheiro era diferente. Tudo nele era diferente.

– Em que pensas? – perguntou Ismael desta vez, intrigado com o seu semblante meditativo.

Irene fez um ar enigmático, levantando uma sobrancelha.

Ele encolheu os ombros e continuou a pilotar o barco em direcção ao cabo. Um bando de aves escoltou-os até ao cais entre as falésias. As luzes da casa desenhavam espuma que dançava na pequena enseada. Ao longe, os reflexos da aldeia traçavam um trilho de estrelas sobre o mar.

– Já é de noite – observou Irene com certa preocupação. – Não te vai acontecer nada, certo?

Ismael sorriu.

– O *Kyaneos* sabe o caminho de cor. Não me vai acontecer nada.

O barco encostou-se suavemente ao cais. Os grasnidos das aves nas falésias formavam um eco distante. Uma faixa de azul-escuro coroava agora a linha incandescente do crepúsculo sobre o horizonte e a lua sorria entre as nuvens.

– Bem... Está a ficar tarde – começou Irene.

– Sim...

A rapariga saltou para terra.

– Levo o diário. Prometo ter cuidado.

Ismael assentiu por sua vez. Irene deixou escapar um risinho nervoso.

– Boa noite.

Olharam-se na penumbra.

– Boa noite, Irene.

Ismael soltou as amarras.

– Estava a pensar ir à lagoa amanhã. Talvez queiras vir...

Ela assentiu. A corrente levava o barco.

– Apanho-te aqui...

A silhueta do *Kyaneos* desvaneceu-se na escuridão. Irene permaneceu ali, vendo-o partir até que a negrura da noite o engoliu completamente. Depois, dois palmos acima do chão, apressou-se a regressar à Casa do Cabo. A mãe estava à espera no alpendre, sentada na escuridão. Não era necessário um diploma em engenharia óptica para adivinhar que Simone vira, e ouvira, o episódio inteiro no cais.

– Como correu o teu dia? – perguntou.

Irene engoliu em seco. A mãe sorriu com malícia.

– Podes contar-me.

Irene sentou-se ao pé da mãe, deixando-se abraçar.

– E o teu? – perguntou a rapariga. – Que tal correu?

Simone deixou escapar um suspiro, recordando a tarde na companhia de Lazarus.

Abraçou a filha em silêncio e sorriu para si.

– Um dia estranho, Irene. Suponho que estou a ficar velha.

– Que parvoíce.

A jovem olhou a mãe nos olhos.

– Aconteceu alguma coisa, mamã?

Simone sorriu debilmente e negou em silêncio.

– Tenho saudades do teu pai – respondeu finalmente, enquanto uma lágrima lhe deslizava pela face até aos lábios.

– O pai foi embora – disse Irene. – Tens de o deixar ir.

– Não sei se o quero deixar ir.

Irene estreitou-a nos braços e ouviu Simone a derramar lágrimas na escuridão.

6. O DIÁRIO DE ALMA MALTISSE

O dia seguinte amanheceu coberto por um manto de bruma. As primeiras luzes da alvorada surpreenderam Irene ainda embebida na leitura do diário que Ismael lhe confiara. O que começara horas antes como simples curiosidade crescera ao longo da noite até se transformar numa obsessão. Desde a primeira linha esbatida pelo tempo, a caligrafia daquela misteriosa dama desaparecida nas águas da baía revelara-se um hieróglifo hipnótico, um enigma sem solução que afastara da rapariga qualquer indício de sono.

...Hoje vi pela primeira vez o rosto da sombra. Observava-me em silêncio da escuridão, ameaçadora e imóvel. Sei perfeitamente o que havia naqueles olhos, aquela força que a mantinha viva: ódio. Consegui sentir a presença dela e soube que, mais cedo ou mais tarde, os nossos dias neste lugar se transformarão num pesadelo. É agora que me apercebo de toda a ajuda que ele precisa e de que, aconteça o que acontecer, não o posso deixar sozinho...

Página após página, a voz secreta daquela mulher parecia falar-lhe em sussurros, entregando-lhe as confidências e os segredos que haviam permanecido submersos e esquecidos durante anos. Seis horas depois de ter começado a leitura do diário, a dama desconhecida tornara-se uma espécie de amiga invisível, de voz encalhada na névoa que, à falta de outro consolo, a escolhera a ela para depositar os seus segredos, as suas memórias e o enigma daquela noite que a levaria à morte nas águas frias do ilhéu do farol, naquela noite de Setembro.

...Aconteceu outra vez. Desta vez foram as minhas roupas. Esta manhã, ao entrar no meu quarto de vestir, encontrei a porta do armário aberta e todos os meus vestidos, os vestidos que ele me ofereceu durante anos, feitos em farrapos, destruídos como se a lâmina de cem facas os tivesse dilacerado. Há sete dias foi o meu anel de noivado. Encontrei-o deformado e destruído no chão. Desapareceram outras jóias. Os espelhos do meu quarto estão rachados. A cada dia que passa a sua presença é mais forte e a sua raiva mais palpável. É só uma questão de tempo para que os seus ataques deixem de se focar nos meus pertences e passem a focar-se em mim. É a mim que odeia. É a mim que quer ver morta. Não há espaço para ambas neste lugar...

O amanhecer estendera uma tapeçaria de cobre sobre o mar quando Irene desfolhou a última página do diário. Por um momento, pensou que nunca soubera tantas coisas acerca de alguém. Nunca ninguém, nem a própria mãe, revelara todos os segredos do espírito perante ela com a sinceridade com que aquele diário desnudava os pensamentos daquela mulher que, ironicamente, lhe era desconhecida. Uma mulher que morrera anos antes de ela ter nascido.

...Não tenho ninguém com quem falar, ninguém a quem confessar o horror que me invade a alma dia após dia. Às vezes desejava voltar atrás, refazer os meus passos no tempo. É então que melhor compreendo que o meu medo e a minha tristeza não podem ser comparados com os dele, que ele precisa de mim e que, sem mim, a sua luz se apagaria para sempre. Só peço a Deus que nos dê forças para sobreviver, para fugir do alcance da sombra que paira sobre nós. Cada linha que escrevo neste diário parece ser a última.

Por algum motivo Irene descobriu que tinha vontade de chorar. Em silêncio, derramou as suas lágrimas em lembrança daquela dama invisível cujo diário acendera uma luz no seu próprio interior. Sobre a identidade da sua autora, a única coisa que o diário esclarecia era duas palavras no topo da primeira folha.

Alma Maltisse

Pouco depois, Irene contemplou a vela do *Kyaneos* a rasgar a neblina rumo à Casa do Cabo. Agarrou no diário e, quase em bicos dos pés, encaminhou-se para o novo encontro com Ismael.

Em apenas uns minutos, o barco abriu caminho entre a corrente que batia no extremo do cabo e penetrou na Baía Negra. A luz da manhã esculpia silhuetas nas paredes das falésias que formavam grande parte da costa da Normandia, muros de rocha que enfrentavam o oceano. Os reflexos do sol na água desenhavam clarões de espuma e de prata acesa que cegavam. O vento do norte impulsionava o veleiro com força, a quilha ceifando a superfície como uma adaga. Para Ismael, aquilo era simples rotina; para Irene, as mil e uma noites.

Aos olhos de uma marinheira novata como ela, aquele espectáculo a transbordar de luz e água parecia conter a promessa invisível de mil aventuras e outros tantos mistérios que esperavam para serem descobertos sob o manto do oceano. Ao leme, Ismael mostrava-se sorridente, algo que acontecia poucas vezes, e encaminhava o veleiro rumo à lagoa. Irene, vítima agradecida do feitiço do mar, continuou com o relato do que descobrira na sua primeira leitura do diário de Alma Maltisse.

– Evidentemente, escrevia-o para si própria – explicou a jovem. – É curioso que nunca mencione ninguém pelo nome. É como um relato de gente invisível.

– É impenetrável – afirmou Ismael, que deixara de ler o diário há algum tempo por achar que era impossível.

– De forma alguma – discordou Irene. – Acontece que para o perceber tem de se ser mulher.

Os lábios de Ismael pareceram prestes a disparar uma resposta perante a observação da co-piloto, mas, por alguma razão, os seus pensamentos retraíram-se.

Passado pouco tempo, o vento de popa conduziu-os até à entrada da lagoa. Uma passagem estreita entre as rochas esboçava uma barra, tornando-a num porto natural. As águas da lagoa, com apenas três ou quatro metros de profundidade, eram um jardim de esmeraldas transparentes e o fundo arenoso tremeluzia a seus pés como um véu de tules brancos. Irene contemplou boquiaberta a magia que o arco da lagoa continha no seu interior. Um cardume de peixes dançava sob o casco do *Kyaneos*, como dardos de prata a brilhar intermitentemente.

– É incrível – balbuciou Irene.

– É a lagoa – esclareceu Ismael, mais prosaico.

Depois, enquanto ela continuava sob os efeitos de uma primeira visita àquele lugar, o rapaz aproveitou para arriar as velas e ancorar o barco. O *Kyaneos* baloiçou lentamente, uma folha na calma de um lago.

– Bem. Queres ver a gruta ou não?

Como resposta, Irene ofereceu-lhe um sorriso desafiante e, sem afastar os olhos dos dele, despiu o vestido lentamente. As pupilas de Ismael cresceram. A sua imaginação não antecipara semelhante espectáculo. Irene, equipada com um diminuto fato-de-banho, cuja pequenez teria feito com que a mãe nunca o considerasse digno de tal nome, sorriu perante o semblante de Ismael. Após atordoá-lo durante alguns segundos com esta visão, exactamente o tempo certo para que não se acostumassem a ela, saltou para a água e mergulhou por baixo da lâmina de reflexos ondulantes. Ismael

engoliu em seco. Ou ele era muito lento ou aquela rapariga era demasiado rápida para ele. Sem pensar duas vezes, saltou para a água atrás dela. Precisava de um banho.

Ismael e Irene nadaram até à entrada da Gruta dos Morcegos. O túnel entrava pela terra dentro, como uma catedral talhada na rocha. Uma ténue corrente emanava do interior e acariciava a pele sob a água. O interior da caverna marinha elevava-se em forma de abóbada, coroada por centenas de grandes farpas de rochas que pendiam no vazio como lágrimas de gelo petrificado. Os reflexos da água revelavam mil e um recantos entre as rochas e o fundo arenoso adquiria uma fosforescência fantasmagórica que estendia um tapete de luz até ao interior.

Irene mergulhou e abriu os olhos debaixo de água. Um mundo de reflexos evanescentes dançava lentamente à sua frente, povoado por criaturas estranhas e fascinantes. Pequenos peixes cujas escamas mudavam de cor consoante a direcção em que reflectiam a luz. Plantas multicolores sobre a rocha. Minúsculos caranguejos correndo sobre as areias submarinas. A rapariga ficou a contemplar a fauna que povoava a caverna até que lhe faltou o ar.

– Se continuares a fazer isso, vais ficar com barbatanas de peixe, como as sereias – disse Ismael.

Ela piscou-lhe o olho e beijou-o sob a ténue claridade da caverna.

– Já sou uma sereia – murmurou, entrando na Gruta dos Morcegos.

Ismael trocou um olhar com um estóico caranguejo que o examinava acomodado na parede da rocha e que parecia sentir uma curiosidade antropológica pela cena. O olhar sábio do crustáceo não deixava qualquer dúvida. Estavam a gozar com ele outra vez.

Um dia inteiro sem aparecer, pensou Simone. Hannah levava horas sem aparecer nem dar notícias. Simone perguntou-se a si própria se enfrentava algum problema puramente disciplinar. Oxalá assim fosse. Deixara passar o dia de domingo, à espera de notícias da rapariga, pensando que teria precisado de ir a casa. Uma pequena indisposição. Um compromisso imprevisto. Qualquer explicação teria bastado. Depois de horas à espera, decidiu enfrentar o dilema. Estava para pegar no telefone e ligar para casa da rapariga, quando este tocou, adiantando-se. A voz que ouviu era-lhe desconhecida e a forma como o seu dono se identificou pouco a tranquilizou.

– Bom dia, Madame Sauvelle. O meu nome é Henri Faure. Sou o chefe da polícia da Baía Azul – anunciou, cada palavra mais pesada do que a anterior.

Um silêncio tenso apoderou-se da linha.

– Madame? – perguntou o polícia.

– Estou a ouvi-lo.

– Não é fácil dizer-lhe isto...

Dorian dera por terminado o seu trabalho de mensageiro naquele dia. As tarefas que Simone lhe confiara já estavam mais que resolvidas e a perspectiva de uma tarde livre apresentava-se prometedora e refrescante. Quando chegou à Casa do Cabo, Simone ainda não regressara de Cravenmoore e a sua irmã Irene devia andar por aí, com aquela espécie de namorado que conquistara. Depois de beber uns copos de leite fresco uns a seguir aos outros, a estranha sensação da casa livre de mulheres era um pouco desconcertante. Uma pessoa habituava-se tanto a elas que, quando não estavam, o silêncio tornava-se vagamente inquietante.

Aproveitando que ainda havia umas horas de luz pela frente, Dorian optou por explorar o bosque de Cravenmoore. Em pleno dia, tal como previra Simone, as silhuetas sinistras não eram mais do que árvores, arbustos e mato. Com isto em mente, o rapaz dirigiu-se ao coração daquele bosque denso e labiríntico que se estendia entre a Casa do Cabo e a mansão de Lazarus Jann.

Andava há já dez minutos sem rumo concreto quando avistou pela primeira vez o rasto de umas pegadas que se embrenhavam no matagal desde as falésias e que, inexplicavelmente, desapareciam na entrada de uma clareira. O rapaz ajoelhou-se e tacteou as pegadas, mais propriamente marcas confusas, que perfuravam o solo do bosque. Quem fosse ou o que fosse que deixara aquelas marcas tinha um peso considerável. Dorian estudou de novo o último conjunto de pegadas até ao ponto em que desapareciam. Se tinha de dar algum valor às provas, quem as fez detivera-se naquele lugar e evaporara-se.

Ergueu o olhar e observou a rede de clarões e sombras que se tecia nas copas das árvores de Cravenmoore. Um dos pássaros de Lazarus passou entre os ramos. O rapaz não conseguiu evitar um calafrio. Não haveria um único animal vivo naquele bosque? A única presença tangível era a daqueles seres mecânicos que apareciam e desapareciam nas sombras, sem que ninguém conseguisse imaginar de onde vinham ou para onde se dirigiam. Os seus olhos continuaram a examinar a estrutura do bosque e repararam então numa moessa profunda numa árvore próxima. Dorian aproximou-se do tronco e

examinou a marca. Algo abrira uma profunda ferida na madeira. Semelhantes lacerações marcavam o tronco até ao topo. O rapaz engoliu em seco e decidiu fugir dali.

Ismael guiou Irene até uma pequena rocha plana que sobressaía alguns palmos no centro da gruta e ambos se deitaram em cima dela para tomar uma lufada de ar. A luz que penetrava pela boca da gruta reflectia-se no interior, traçando uma curiosa dança de sombras sobre a abóbada e as paredes da gruta. Ali, a água parecia mais quente do que em mar aberto e emanava uma certa cortina de vapor.

– Existem mais entradas para a gruta? – perguntou Irene.

– Há mais uma, mas é perigosa. A única forma segura de entrar e sair é por mar, pela lagoa.

A rapariga contemplou o espectáculo de luz evanescente que mostrava as entranhas da gruta. Aquele lugar destilava uma atmosfera envolvente e hipnótica. Durante uns segundos, Irene julgou estar no interior de uma grande sala de um palácio talhado no interior da rocha, um lugar lendário que apenas podia existir em sonhos.

– É... mágico – disse.

Ismael concordou.

– Às vezes venho aqui e passo horas sentado numa das rochas, a ver a luz mudar de cor debaixo de água. É o meu santuário particular...

– Longe do mundo, não é?

– Tão longe quanto possas imaginar.

– Não gostas muito de pessoas, pois não?

– Depende das pessoas – respondeu com um sorriso nos lábios.

– Isso é um elogio?

– Talvez.

O rapaz desviou o olhar e inspeccionou a entrada da gruta.

– É melhor irmos agora embora. A maré não tarda a subir.

– E o que quer isso dizer?

– Quando a maré sobe, as correntes empurram a água para o interior da gruta, que fica inundada até ao topo. É uma armadilha mortal. Podes ficar preso e morrer afogado como uma ratazana.

De repente, a magia do lugar tornou-se ameaçadora. Irene imaginou a gruta a encher-se de água gelada sem possibilidade de escapatória.

– Não há pressa... – precisou Ismael.

Irene, sem pensar duas vezes, nadou até à saída e não parou até o sol lhe sorrir de novo. Ele observou-a a nadar à pressa e riu-se para si próprio. A rapariga tinha coragem.

A travessia de volta fez-se em silêncio. As páginas do diário ressoavam na mente de Irene como um eco que resistia a desaparecer. Um espesso manto de nuvens cobrira o céu e o sol escondera-se, dando ao mar um tom plúmbeo e metálico. O vento era mais frio e Irene vestiu-se de novo. Desta vez Ismael mal olhou para ela enquanto se vestia, sinal de que o rapaz andava perdido nos seus pensamentos, fossem eles quais fossem.

O *Kyaneos* dobrou o cabo a meio da tarde e navegou até à casa dos Sauvelle, enquanto o ilhéu do farol mergulhava na neblina. Ismael guiou o veleiro até ao embarcadouro e amarrou-o com a perícia habitual, apesar de parecer que a sua mente estava a muitas milhas daquele lugar.

Quando chegou o momento de se despedir, Irene pegou na mão do rapaz.

– Obrigada por me levares à gruta – disse, saltando para terra.

– Agradeces-me sempre e não sei porquê... Obrigado eu, por teres vindo.

Irene morria de vontade de lhe perguntar quando voltariam a ver-se, mas uma vez mais o seu instinto aconselhou-a a permanecer em silêncio. Ismael soltou o cabo da proa e o *Kyaneos* afastou-se na corrente.

Enquanto contemplava o barco a afastar-se, Irene deteve-se na escadaria de pedra da falésia. Um bando de gaivotas escoltavam-no rumo às luzes do cais. Mais para lá, entre as nuvens, a lua estendia uma ponte de prata sobre o mar, guiando o barco de volta à aldeia.

Irene percorreu o caminho através da escadaria de pedra com um sorriso nos lábios que ninguém podia ver. Que diabo, gostava mesmo daquele rapaz...

Assim que entrou em casa, Irene notou que algo estava mal. Estava tudo demasiado arrumado, demasiado tranquilo, demasiado silencioso. As luzes da sala do andar de baixo banhavam a penumbra azulada daquela tarde de nuvens. Dorian, sentado numa das poltronas, contemplava as chamas da lareira em silêncio. Simone, de costas para a porta, observava o mar da janela da cozinha com uma chávena de café frio na mão. O único som era o murmúrio do vento a acariciar o cata-vento do tecto.

Dorian e a irmã trocaram um olhar. Irene aproximou-se da mãe e pousou-lhe uma mão no ombro. Simone Sauvelle virou-se. Tinha lágrimas nos olhos.

– O que aconteceu, mamã?

A mãe abraçou-a. Irene apertou as mãos da mãe entre as suas. Estavam frias. Tremiam.

– É a Hannah – murmurou Simone.

Um longo silêncio. O vento arranhou as portadas da Casa do Cabo.

– Morreu – acrescentou.

Lentamente, como um castelo de cartas, o mundo desmoronou-se à volta de Irene.

7. UM CAMINHO DE SOMBRAS

A estrada que seguia junto à Praia do Inglês reflectia a tez do crepúsculo e estendia uma serpentina escarlate até à aldeia. Irene, pedalando na bicicleta do irmão, lançou um olhar à Casa do Cabo. As palavras de Simone e o horror nos seus olhos ao ver a filha abandonar a casa precipitadamente ao crepúsculo ainda lhe pesavam, mas a imagem de Ismael a navegar rumo à notícia da morte de Hannah era mais forte que qualquer remorso.

Simone explicara-lhe que, umas horas antes, dois excursionistas tinham encontrado o corpo de Hannah perto do bosque. Desde esse momento, a notícia despertara a desolação, os murmúrios e a dor entre quem tivera a sorte de conhecer a rapariga faladora. Sabia-se que a mãe dela, Elisabet, sofrera uma crise nervosa ao saber os factos e que permanecia sob o efeito de sedativos administrados pelo doutor Giraud. Mas pouco mais.

Os rumores sobre uma antiga onda de crimes que perturbaram a vida local anos antes tinham emergido de novo à superfície. Havia quem quisesse ver na desgraça uma continuação da macabra série de assassinatos por resolver que tiveram lugar no bosque de Cravenmoore durante os anos vinte.

Outros preferiam esperar para conhecer mais pormenores acerca das circunstâncias que rodeavam a tragédia. O vendaval de murmúrios, contudo, não trazia luz alguma quanto à possível causa do falecimento. Os dois excursionistas que tinham dado com o corpo estavam há horas a prestar declarações nas instalações da polícia e dois peritos forenses de La Rochelle, dizia-se, estavam a caminho. A partir daí, a morte de Hannah era um mistério.

Apressando-se o mais que pôde, Irene chegou à aldeia quando a esfera do sol já se submergira totalmente no horizonte. As ruas estavam desertas e as poucas silhuetas que as percorriam faziam-no em silêncio, como sombras sem dono. A rapariga deixou a bicicleta junto a um velho candeeiro que alumia o início do beco, onde se localizava o lar dos tios de Ismael. A casa era uma construção simples e sem pretensões, um lar de pescadores junto à baía. A última demão de pintura parecia ter décadas e a luz cálida de dois candeeiros a óleo desentranhava os traços de uma fachada talhada pelo vento do mar e o salitre.

Irene, com o estômago encolhido, aproximou-se do umbral da casa, temendo bater à porta. Com que direito ousava perturbar a dor da família num momento assim? Em que pensava?

De repente deteve-se, incapaz de avançar ou retroceder, dividida entre a dúvida e a necessidade de ver Ismael, de estar ao seu lado num momento como aquele. Nesse instante, a porta da casa abriu-se e a silhueta volumosa e severa do doutor Giraud, o galeno local, desceu rua abaixo. Os olhos brilhantes do médico, protegidos por óculos, repararam na presença de Irene na penumbra.

– Tu és a filha da Madame Sauvelle, não és?

Ela assentiu.

– Se vieste ver o Ismael, não está em casa – explicou Giraud. – Quando soube o que aconteceu à prima, agarrou no barco e partiu.

O médico reparou que o rosto da rapariga se tornava branco.

– É um bom marinheiro. Vai regressar.

Irene caminhou até à ponta do cais. A silhueta solitária do *Kyaneos* estava recortada nas brumas, iluminado pela lua. A rapariga sentou-se à borda da represa e contemplou o barco de Ismael a encetar rumo para o ilhéu do farol. Nada nem ninguém podia salvá-lo agora da solidão que escolhera. Irene sentiu vontade de apanhar num barco e perseguir o rapaz até aos confins do seu mundo secreto, mas sabia que qualquer esforço já era inútil.

Sentindo que o verdadeiro impacto da notícia começava a abrir caminho na sua própria mente, Irene apercebeu-se de que os seus olhos se enchiam de lágrimas. Quando o *Kyaneos* se desvaneceu na escuridão, agarrou de novo na bicicleta e fez o caminho de volta a casa.

Enquanto percorria a estrada da praia, podia imaginar Ismael sentado em silêncio na torre do farol, a sós consigo mesmo. Recordou as incontáveis ocasiões em que ela própria fizera essa viagem ao seu próprio interior e prometeu-se que, acontecesse o que acontecesse, não deixaria que o rapaz se perdesse naquele caminho de sombras.

Nessa noite, o jantar foi breve. Um ritual de silêncio e olhares perdidos fez de anfitrião, enquanto Simone e os dois filhos fingiam comer algo antes de se retirarem para os respectivos quartos. Por volta das onze, já nem uma alma percorria os

corredores e somente um candeeiro permanecia aceso em toda a casa: o candeeiro de noite de Dorian.

Uma brisa fria penetrava pela janela aberta do seu quarto. Dorian, estendido na cama, escutava as vozes fantasmagóricas do bosque com o olhar perdido nas trevas. Pouco antes da meia-noite, o rapaz apagou a luz e aproximou-se da janela. Um mar escuro de folhas agitava-se ao vento no matagal. Dorian cravou os olhos no remoinho de sombras que dançava no matagal. Podia sentir aquela presença a vaguear na escuridão.

Mais para lá do bosque distinguia-se a silhueta sinuosa de Cravenmoore e um rectângulo dourado na última janela da ala norte. Subitamente, da floresta brotou uma auréola tremeluzente e dourada. Luzes no bosque. As luzes de um candeeiro ou uma lanterna no mato. O rapaz engoliu em seco. O rasto de pequenos clarões aparecia e desaparecia traçando círculos no interior do bosque.

Um minuto mais tarde, vestindo uma camisola grossa e com as botas de pele, Dorian deslizou pelas escadas abaixo, em biquinhos dos pés, e com uma delicadeza infinita abriu a porta do alpendre. A noite era fria e o mar rugia na escuridão, perto das falésias. Os seus olhos seguiram o rasto que a lua desenhava, uma tira prateada a serpentear até ao interior do bosque. Uma impressão no estômago fê-lo recordar a cálida segurança do quarto. Dorian suspirou.

As luzes perfuravam as brumas, como alfinetes brancos, entre a entrada do bosque. O rapaz pôs um pé à frente do outro, sucessivamente. Antes de se aperceber, as sombras do bosque rodearam-no e a Casa do Cabo, atrás de si, pareceu-lhe distante, infinitamente distante.

Nem toda a escuridão nem todo o silêncio do mundo podiam fazer com que Irene adormecesse naquela noite. Por fim, cerca da meia-noite, renunciou ao descanso e acendeu a pequena luz da mesinha-de-cabeceira. O diário de Alma Maltisse descansava junto ao pequeno medalhão que o pai lhe oferecera anos atrás, a efígie de um anjo talhado em prata. Irene segurou o diário entre as mãos e abriu-o de novo na primeira página.

A caligrafia afiada e ondulante deu-lhe as boas-vindas. A folha, embebida de um tom ocre e mortiço, parecia um campo de centeio a agitar-se ao vento. Lentamente, enquanto os olhos acariciavam linha a linha, Irene iniciou de novo a viagem à memória secreta de Alma Maltisse.

Assim que virou a primeira página, o feitiço das palavras levou-a para longe dali. Não ouvia o bater das ondas, nem o vento no bosque. A sua mente estava noutro mundo...

...Ontem à noite ouvi-os a brigar na biblioteca. Ele gritava-lhe e suplicava-lhe que o deixasse em paz, que abandonasse a casa para sempre. Disse-lhe que não tinha nenhum direito de fazer o que estava a fazer com as nossas vidas. Nunca esquecerei o som daquele riso, um uivo animal de raiva e ódio que rebentou do outro lado da parede. O estrondo de milhares de livros a voar das estantes ouviu-se por toda a casa. A sua ira é maior a cada dia. Desde o momento em que libertei aquela besta da sua clausura, tem ganho força sem parar.

Ele fica de guarda junto ao meu leito todas as noites. Sei que receia que, se me deixar sozinha por um instante, a sombra me venha buscar. Já há dias que não me diz que pensamentos ocupam a sua mente, mas não é preciso. Há semanas que não dorme. Cada noite é uma espera terrível e interminável. Coloca centenas de velas em toda a casa, tentando semear luz em todos os cantos, para evitar que a escuridão sirva de abrigo à sombra. O seu rosto envelheceu dez anos em apenas um mês.

Às vezes penso que é tudo culpa minha, que se eu desaparecesse, a sua maldição esfumar-se-ia comigo. Talvez seja isso o que devo fazer, afastar-me dele e comparecer ao meu encontro inevitável com a sombra. Só isso nos trará paz. A única coisa que me impede de dar esse passo é não suportar a ideia de o deixar. Sem ele, nada tem sentido. Nem a vida, nem a morte...

Irene levantou os olhos do diário. O labirinto de dúvidas de Alma Maltisse parecia-lhe desconcertante e, ao mesmo tempo, inquietantemente próximo. A linha entre a culpa e o desejo de viver parecia afiada, como um punhal envenenado. Irene desligou a luz. A imagem não se desvanecia da sua mente. Um punhal envenenado.

Dorian entrou no bosque seguindo o rasto das luzes que via brilhar no mato, reflexos que podiam vir de qualquer parte do matagal. As folhas humedecidas pela neblina tornavam-se um leque de miragens indecifráveis. O som dos próprios passos transformara-se agora num angustiante anúncio da sua presença. Por fim, inspirou profundamente e lembrou o seu objectivo: não sairia dali até saber o que se ocultava no bosque. Era só isso e nada mais.

O rapaz parou à entrada da clareira onde encontrara as pegadas no dia anterior. O rasto era agora confuso e quase irreconhecível. Aproximou-se do tronco lacerado e tateou as marcas. A ideia de uma criatura a trepar às árvores a toda a velocidade, como um felino saído do inferno, infiltrou-se na sua imaginação. Dois segundos depois, o primeiro rangido atrás de si alertou-o da proximidade de alguém. Ou de alguma coisa.

Dorian escondeu-se no mato. As pontas afiadas dos arbustos arranhavam-no como alfinetes. Susteve a respiração e rezou para que quem quer que fosse que se aproximava não ouvisse o martelar do seu próprio coração como ele o ouvia naquele momento. Pouco depois, as luzes tremeluzentes que vira ao longe abriram caminho entre os resquícios do mato, transformando a neblina flutuante num hálito avermelhado.

Ouviram-se passos do outro lado dos arbustos. O rapaz fechou os olhos, imóvel como uma estátua. Os passos pararam. Dorian sentiu falta de ar, mas, por ele, podia passar os próximos dez anos sem respirar. Por fim, quando julgava que os seus pulmões iam rebentar, duas mãos afastaram os ramos dos arbustos que o ocultavam. Os seus joelhos transformaram-se em gelatina. A luz de uma lanterna cegou-lhe os olhos. Após um intervalo que ao rapaz pareceu infinito, o estranho pousou a lanterna no chão e ajoelhou-se à frente dele. Um rosto vagamente familiar brilhava ao seu lado, mas o pânico impedia-o de reconhecê-lo. O estranho sorriu.

– Vamos lá ver, pode-se saber o que estás tu a fazer aqui? – disse a voz, serena e amável.

Nalgum momento Dorian compreendeu que quem estava à sua frente era simplesmente Lazarus. Só então respirou.

Passou um bom quarto de hora antes de que o tremor desaparecesse das mãos de Dorian. Foi então que Lazarus pôs entre elas uma chávena de chocolate quente e se sentou em frente dele. Lazarus acompanhara-o até ao alpendre contíguo à fábrica de brinquedos. Uma vez ali, preparara duas chávenas de chocolate, sem pressa.

Enquanto ambos sorviam ruidosamente e se observavam por cima da taça, Lazarus começou a rir.

– Pregaste-me um susto de morte, filho – garantiu.

– Se lhe serve de consolo, não foi nada comparado com o que me pregou a mim – acrescentou Dorian, sentindo o chocolate quente a irradiar no seu estômago uma cálida sensação de calma.

– Não tenho dúvidas quanto a isso – riu Lazarus. – Agora, diz-me que fazias ali fora.

– Vi luzes.

– Viste a minha lanterna. E saíste por causa disso? À meia-noite? Por acaso esqueceste-te do que aconteceu à Hannah?

Dorian engoliu em seco, apesar de lhe parecer que engolia grandes berlindes de chumbo.

– Não, senhor.

– Ainda bem. Então, não o esqueças. É perigoso andar por aí na escuridão. Há dias que tenho a impressão de que anda alguém a rondar pelo bosque.

– O senhor também viu as marcas?

– Que marcas?

Dorian relatou-lhe os seus temores e inquietações sobre aquela estranha presença que pressentia no bosque. Ao início pensava que não seria capaz, mas Lazarus inspirava a tranquilidade e confiança necessárias para que a sua língua se soltasse. Enquanto o rapaz desfiava o seu relato, Lazarus escutava-o com atenção, mas sem esconder certa estranheza e até mesmo um ou outro sorriso perante os pormenores mais fantásticos da história.

– Uma sombra? – perguntou de repente Lazarus, sobriamente.

– Não acredita numa única palavra do que lhe disse – assinalou Dorian.

– Não, não. Acredito em ti. Ou tento acreditar. Percebes que o que me dizes é um pouco... peculiar – disse Lazarus.

– Mas o senhor também viu algo. Por isso estava no bosque. Não é verdade?

Lazarus sorriu.

– Sim. Também me pareceu ver algo, mas não posso dar tantos pormenores como tu.

Dorian terminou o chocolate.

– Mais? – ofereceu Lazarus.

O miúdo assentiu. A companhia do fabricante de brinquedos era agradável. A ideia de partilhar uma taça de chocolate com ele, de madrugada, parecia-lhe uma experiência excitante e educativa.

Dando uma vista de olhos à oficina em que se encontravam, Dorian vislumbrou, numa das mesas de trabalho, uma silhueta poderosa e de grande envergadura estendida sob um manto que a cobria.

– Está a trabalhar em algo novo?

Lazarus assentiu.

– Queres que te mostre?

Dorian esbugalhou os olhos. Não era preciso responder.

– Bem, tens de ter em conta que é uma peça inacabada... – disse o homem, aproximando-se do manto com um candeeiro.

– É um autómato? – inquiriu o rapaz.

– De certa forma, sim. Na verdade, creio que é uma peça um pouco extravagante. A ideia rondou a minha mente durante anos. De facto, foi um rapaz mais ou menos da tua idade que me sugeriu há muito tempo.

– Um amigo seu?

Lazarus sorriu, nostálgico.

– Preparado? – perguntou.

Dorian assentiu com a cabeça energicamente. Lazarus retirou o véu que cobria a peça... e o rapaz, sobressaltado, deu um passo atrás.

– É só uma máquina, Dorian. Não debes ter medo...

Dorian contemplou aquela poderosa silhueta. Lazarus forjara um anjo de metal, um colosso de quase dois metros de altura dotado de duas grandes asas. O rosto de aço brilhava cinzelado sob um capuz. As mãos eram enormes, capazes de rodear a sua cabeça com o punho.

Lazarus tocou nalgum mecanismo na base da nuca do anjo e a criatura mecânica abriu os olhos, dois rubis acesos como carvão ardente. Estavam a olhar para ele. Para ele.

Dorian sentiu que as suas entranhas se retorciam.

– Por favor, faça-o parar.

Lazarus apercebeu-se do olhar aterrorizado do rapaz e apressou-se a cobrir de novo o autómato.

Dorian suspirou de alívio ao perder de vista aquele anjo demoníaco.

– Desculpa – disse Lazarus. – No devia ter-to mostrado. É apenas uma máquina, Dorian. Metal. Não deixes que a sua aparência te assuste. É só um brinquedo.

O rapaz assentiu sem nenhuma convicção.

Lazarus apressou-se a servir-lhe uma nova taça cheia de chocolate fumegante. Dorian sorveu ruidosamente o líquido espesso e reconfortante sob o olhar atento do fabricante de brinquedos. Ao terminar meia taça, observou Lazarus e ambos trocaram um sorriso.

– Que grande susto, hã? – perguntou o homem.

O rapazito riu-se com nervosismo.

– Deve achar que sou um medricas.

– Pelo contrário. Poucos se atreveriam a sair de casa para investigar o bosque depois do que aconteceu à Hannah.

– O que acha que aconteceu?

Lazarus encolheu os ombros.

– É difícil dizer. Suponho que teremos de esperar que a polícia acabe a investigação.

– Sim, mas...

– Mas...?

– E se há mesmo alguma coisa no bosque? – insistiu Dorian.

– A sombra?

Dorian assentiu com seriedade.

– Alguma vez ouviste falar do *Doppelgänger*? – perguntou Lazarus.

O rapaz disse que não. Lazarus observou-o de esguelha.

– É um termo alemão – explicou. – Usa-se para descrever a sombra de uma pessoa que, por algum motivo, se desprende do dono. Queres ouvir uma história engraçada sobre o assunto?

– Por favor...

Lazarus acomodou-se numa cadeira em frente do rapaz e tirou um charuto grosso. Dorian aprendera no cinema que aquele tipo de torpedo tinha o nome de *habano* e que, além de custar uma fortuna, exalava um odor acre e penetrante ao queimar. De facto, depois de Greta Garbo, Groucho Marx era o seu herói dos programas da manhã de domingo. O comum dos mortais limitava-se a cheirar o fumo em segunda mão. Lazarus estudou o charuto e voltou a guardá-lo, intacto, pronto para empreender o seu relato.

– Bem. A história foi-me contada por um colega há muito tempo. O ano é 1915. O local, a cidade de Berlim...

“De todos os relojoeiros da cidade de Berlim, nenhum era tão cuidadoso com o seu trabalho e tão perfeccionista nos seus métodos como Hermann Blöcklin. Na verdade, a sua obsessão por conseguir criar os mecanismos mais precisos levou-o a desenvolver uma teoria sobre a relação entre o tempo e a velocidade a que a luz se desloca pelo universo. Blöcklin vivia rodeado de relógios numa pequena casa que ocupava as traseiras do seu estabelecimento, na Henrichstrasse. Era um homem

solitário. Não tinha família. Não tinha amigos. O seu único companheiro era um velho gato, *Salman*, que passava as horas em silêncio a seu lado, enquanto Blöcklin dedicava horas e dias inteiros à sua ciência, na sua oficina. Ao longo dos anos, o seu interesse chegou a tornar-se uma obsessão. Não era raro que fechasse a loja ao público durante dias inteiros. Dias de vinte e quatro horas sem descanso, que dedicava a trabalhar no seu projecto sonhado: o relógio perfeito, a máquina universal de medição do tempo.

“Num desses dias, quando já há duas semanas uma tempestade de frio e neve fustigava Berlim, o relojoeiro recebeu a visita de um estranho cliente, um distinto cavalheiro chamado Andreas Corelli. Corelli envergava um luxuoso fato de um branco reluzente e os seus cabelos, longos e acetinados, eram prateados. Os olhos estavam ocultos por trás de uns óculos de lentes negras. Blöcklin comunicou-lhe que a loja estava fechada ao público, mas Corelli insistiu, alegando que viajara desde muito longe só para o visitar. Explicou-lhe que estava ao corrente dos seus êxitos técnicos e até lhes descreveu em pormenor, o que deixou o relojoeiro deveras intrigado, convencido de que as suas descobertas, até à data, eram um mistério para o mundo.

“O pedido de Corelli não foi menos estranho. Blöcklin devia construir-lhe um relógio, mas um relógio especial. Os ponteiros deviam girar no sentido inverso. A razão para esta encomenda era que Corelli sofria uma doença mortal que extinguiria a sua vida em questão de meses. Por esse motivo, desejava ter um relógio que contasse as horas, os minutos e os segundos que lhe restavam de vida.

“Um pedido tão extravagante vinha acompanhado de uma mais que generosa oferta económica. Mais ainda, Corelli garantiu-lhe a concessão de fundos económicos para financiar toda a sua investigação para o resto da vida. Em troca, só tinha de dedicar umas semanas à criação do engenho.

“Nem é preciso dizer que Blöcklin aceitou o acordo. Passaram duas semanas de intenso trabalho na sua oficina. Blöcklin estava submerso na sua tarefa quando, dias mais tarde, Andreas Corelli voltou a bater à sua porta. O relógio já estava terminado. Corelli, sorridente, examinou-o e, após elogiar o trabalho do relojoeiro, disse-lhe que a sua recompensa era mais que merecida. Blöcklin, exausto, confessou-lhe que pusera toda a sua alma naquela encomenda. Corelli assentiu. Depois deu corda ao relógio e deixou que o seu mecanismo começasse a girar. Entregou um saco de moedas de ouro a Blöcklin e despediu-se dele.

“O relojoeiro estava fora de si de satisfação e cobiça, contando as suas moedas de ouro, quando reparou na sua imagem no espelho. Viu-se mais velho, abatido. Tinha andado a trabalhar demasiado. Decidido a tirar uns dias livres, foi descansar.

“No dia seguinte, um sol deslumbrante entrou pela janela. Blöcklin, ainda cansado, foi lavar a cara e observou de novo o seu reflexo. Contudo, desta vez um tremor percorreu-lhe o corpo. Na noite anterior, ao deitar-se, o seu rosto era o de um homem de quarenta e um anos, cansado e esgotado, mas ainda jovem. Hoje tinha à sua frente a imagem de um homem a caminho dos sessenta anos. Aterrorizado, foi ao parque apanhar ar. Ao regressar à loja, examinou de novo a sua imagem. Um idoso observava-o desde o espelho. Em pânico, saiu para a rua e encontrou-se com um vizinho que lhe perguntou se vira o relojoeiro Blöcklin. Hermann, histérico, desatou a correr.

“Passou essa noite num canto de uma taberna fétida na companhia de criminosos e indivíduos de reputação duvidosa. Qualquer coisa era melhor do que estar sozinho. Sentia a pele a encolher a cada minuto. Os ossos pareciam-lhe quebradiços. A respiração, difícil.

“Despontava a meia-noite quando um estranho lhe perguntou se podia sentar-se junto dele. Blöcklin olhou-o. Era um homem jovem e bem-parecido, de apenas uns vinte anos. O rosto dele era-lhe desconhecido, à excepção das lentes negras que cobriam os seus olhos. Blöcklin sentiu que o coração lhe falhava. Corelli...

“Andreas Corelli sentou-se à frente dele e tirou o relógio que Blöcklin fizera dias antes. O relojoeiro, desesperado, perguntou-lhe que estranho fenómeno era aquele que o afectava. Porque envelhecia segundo após segundo? Corelli mostrou-lhe o relógio. Os ponteiros giravam lentamente no sentido inverso. Corelli recordou-lhe as palavras dele, aquilo de ter posto a alma naquele relógio. Por esse motivo, a cada minuto que passava, o seu corpo e a sua alma envelheciam progressivamente.

“Blöcklin, cego de terror, suplicou-lhe ajuda. Disse-lhe que estava disposto a fazer qualquer coisa, a renunciar a tudo, para recuperar a sua juventude e a sua alma. Corelli sorriu-lhe e perguntou-lhe se tinha a certeza. O relojoeiro confirmou: qualquer coisa.

“Corelli disse então que estava disposto a devolver-lhe o relógio e com ele a sua alma, em troca de algo que, na verdade, não servia de nada a Blöcklin: a sua sombra. O relojoeiro, desconcertado, perguntou-lhe se era esse o único preço que tinha de pagar, uma sombra. Corelli assentiu e Blöcklin aceitou o acordo.

“O estranho cliente pegou num frasco de vidro, retirou-lhe a tampa e colocou-o sobre a mesa. Num segundo, Blöcklin viu a sua sombra introduzir-se dentro do frasco, como um turbilhão de gás. Corelli fechou o frasco e, despedindo-se de Blöcklin, partiu na noite. Assim que desapareceu pela porta da taberna, o relógio que segurava nas mãos inverteu o sentido em que os ponteiros giravam.

“Quando Blöcklin chegou a casa, ao amanhecer, o seu rosto era o de um homem jovem de novo. O relojoeiro suspirou de alívio. Porém, esperava-o ainda outra surpresa. *Salman*, o seu gato, não estava em parte alguma. Procurou-o por toda a casa e, quando por fim o encontrou, foi invadido por uma sensação de horror. O animal pendia pelo pescoço por um fio, unido a um candeeiro da sua oficina. A sua mesa de trabalho estava derrubada e as ferramentas espalhadas pela sala. Dir-se-ia que passara um tornado por aquele lugar. Tudo estava destruído. Mas havia mais: marcas nas paredes. Alguém escrevera desajeitadamente nas paredes uma palavra incompreensível:

Nilkcolb

“O relojoeiro estudou aqueles riscos obscenos e levou mais de um minuto a compreender o seu significado. Era o seu próprio nome, ao contrário. Nilkcolb. Blöcklin. Uma voz sussurrou atrás de si e, quando Blöcklin se virou, viu-se confrontado com um escuro reflexo de si próprio, uma miragem diabólica do seu próprio rosto.

“Então, o relojoeiro compreendeu. Era a sua sombra que o observava. A sua própria sombra, desafiante. Tentou apanhá-la, mas a sombra riu-se como uma hiena e espalhou-se pelas paredes. Blöcklin, tremendo, viu a sua sombra agarrar, então, numa grande faca e fugir pela porta, perdendo-se na penumbra.

“O primeiro crime na Henrichstrasse aconteceu naquela mesma noite. Várias testemunhas declararam ter visto o relojoeiro Blöcklin esfaquear a sangue frio um soldado que passeava de madrugada pelo beco. A polícia prendeu-o e submeteu-o a um longo interrogatório. Na noite seguinte, enquanto Blöcklin permanecia sob custódia na sua cela, aconteceram duas outras mortes. As pessoas começaram a falar de um misterioso assassino que se movia nas sombras da noite de Berlim. Blöcklin tentou explicar às autoridades o que se estava a passar, mas ninguém o quis ouvir. Os jornais especulavam com a misteriosa possibilidade de um assassino que conseguia, noite após noite, escapar da sua cela de máxima segurança para cometer os crimes mais hediondos que a cidade de Berlim recordava.

“O terror da sombra de Berlim durou exactamente vinte e cinco dias. O final daquele estranho caso chegou tão inesperada e inexplicavelmente como o seu início. Na

madrugada de 12 de Janeiro de 1916, a sombra de Hermann Blöcklin entrou na tétrica prisão da polícia secreta. Um vigia que fazia guarda junto à cela jurou que vira Blöcklin debater-se com uma sombra e que, num momento da briga, o relojoeiro apunhalara a sombra. Ao amanhecer, o guarda da manhã encontrou Blöcklin morto na sua cela com uma ferida no coração.

“Dias depois, um desconhecido chamado Andreas Corelli ofereceu-se para pagar os custos do enterro de Blöcklin na vala comum do cemitério de Berlim. Ninguém, à excepção do coveiro e de um estranho indivíduo que envergava óculos negros, assistiu à cerimónia.

“O caso dos crimes da Henrichstrasse continua aberto e por resolver nos arquivos da polícia de Berlim...

– Uau... – sussurrou Dorian quando Lazarus terminou o relato. – E isso aconteceu mesmo?

O fabricante de brinquedos sorriu.

– Não. Mas sabia que ias adorar a história.

Dorian afundou os olhos na taça. Compreendeu que Lazarus maquinara aquele relato simplesmente para apagar o susto do anjo mecânico. Um bom truque, mas um truque no final de contas. Lazarus bateu-lhe no ombro, desportivamente.

– Parece-me que já é um pouco tarde para brincar aos detectives – apontou. – Vamos, acompanho-te a casa.

– Promete-me que não diz nada à minha mãe? – suplicou Dorian.

– Só se tu me prometeres que não voltas a passear pelo bosque sozinho e de noite, pelo menos enquanto não se esclarecer o que aconteceu à Hannah...

Olharam-se ambos.

– De acordo – combinou o rapaz.

Lazarus apertou-lhe a mão como um bom homem de negócios. Depois, oferecendo-lhe um sorriso misterioso, o fabricante de brinquedos aproximou-se de um armário e retirou uma caixa de madeira. Ofereceu a caixa a Dorian.

– O que é? – perguntou o rapaz, intrigado.

– Um mistério. Abre-a.

Dorian abriu a caixa. A luz dos candeeiros revelou uma figura de prata do tamanho da sua mão. Dorian olhou para Lazarus, de boca aberta. O fabricante de brinquedos sorriu.

– Deixa-me mostrar-te como funciona.

Lazarus pegou na figura e colocou-a na mesa. Com um simples toque dos seus dedos, a figura abriu-se e revelou a sua natureza. Um anjo. Idêntico ao que vira, mais pequeno.

– Com este tamanho, não te assusta, pois não?

Dorian assentiu, entusiasmado.

– Então, este será o teu anjo da guarda. Para proteger-te das sombras...

Lazarus escoltou Dorian através do bosque até à Casa do Cabo, enquanto lhe explicava mistérios e técnicas do fabrico de autómatos e de mecanismos cuja complexidade e engenho lhe pareciam primos diretos da magia. Lazarus parecia saber tudo e tinha resposta para as questões mais rebuscadas e enganadoras. Não havia como apanhá-lo. Ao chegar ao extremo do bosque, Dorian estava fascinado e orgulhoso do novo amigo.

– Lembra-te do nosso pacto, está bem? – sussurrou Lazarus. – Nada de excursões nocturnas.

Dorian disse não com a cabeça e dirigiu-se para casa. O fabricante de brinquedos esperou na rua e não se foi embora até o rapaz chegar ao quarto e lhe acenar da janela. Lazarus acenou-lhe de volta e entrou de novo nas sombras do bosque.

Deitado na cama, Dorian ainda tinha o sorriso estampado na cara. Todas as suas preocupações e angústias pareciam ter-se evaporado. Relaxado, o rapaz abriu a caixa e tirou o anjo mecânico que Lazarus lhe oferecera. Era uma peça perfeita, de uma beleza sobrenatural. A complexidade do mecanismo tinha ecos de uma ciência misteriosa e cativante. Dorian pousou a figura no chão, junto à cama, e apagou a luz. Lazarus era um génio. Era essa a palavra. Dorian ouvira-a centenas de vezes e surpreendia-o sempre que a empregassem tanto quando, na verdade, não se ajustava aos aludidos de nenhuma forma. Por fim, conhecera um verdadeiro génio. E, além disso, era seu amigo.

O entusiasmo deu lugar a um sono irresistível. Dorian rendeu-se ao cansaço e deixou que a sua mente o levasse numa aventura onde ele, herdeiro da ciência de Lazarus, inventava uma máquina que capturava sombras e libertava o mundo de uma sinistra organização maléfica.

Dorian já dormia quando, sem prévio aviso, a figura começou a abrir as asas lentamente. O anjo metálico inclinou a cabeça e ergueu um braço. Os olhos negros, duas lágrimas de obsidiana, brilhavam na penumbra.

8. INCÓGNITO

Passaram três dias sem que Irene recebesse nenhuma notícia de Ismael. Não havia rasto do rapaz na aldeia e o seu barco não se via no cais. Uma tempestade assolava a costa de Normandia e estendia um manto cinzento sobre a baía que se viria a prolongar durante quase uma semana.

As ruas da aldeia permaneciam em letargia sob os ténues chuviscos na manhã em que Hannah fez a sua última viagem até ao pequeno cemitério, no cimo da colina que se erguia a nordeste da Baía Azul. O cortejo fúnebre chegou até às portas do recinto e, por expresso desejo da família, a cerimónia final realizou-se na mais estrita intimidade, enquanto as gentes da aldeia regressavam a casa sob a chuva, em silêncio, à sombra da lembrança da rapariga.

Lazarus ofereceu-se para acompanhar Simone e os filhos de volta à Casa do Cabo enquanto a congregação se dispersava como um monte de neve ao amanhecer. Foi então que Irene avistou a silhueta solitária de Ismael, no cimo de um penhasco que coroava as falésias que rodeavam o cemitério, a contemplar o mar cinzento. Bastou um olhar entre ela e a mãe para que Simone assentisse e a deixasse ir. Pouco depois, o carro de Lazarus afastava-se pela estrada da ermida de Saint Roland e Irene subia pelo trilho que levava às falésias.

No horizonte distinguia-se o fragor de uma tempestade eléctrica sobre o mar, acendendo mantos de luz por trás das nuvens, que pareciam tanques de metal ardente. A rapariga encontrou Ismael sentado numa rocha, o olhar perdido no oceano. Ao longe, o ilhéu do farol e o cabo perdiam-se na neblina.

De regresso à aldeia e sem prévio aviso, Ismael revelou a Irene o seu paradeiro nos últimos três dias. O rapaz iniciou o seu relato a partir do momento em que soube da notícia.

Partira no *Kyaneos* rumo ao ilhéu do farol, tentando escapar de um sentimento do qual não havia fuga possível. As horas que se seguiram até ao amanhecer permitiram-lhe espairecer a mente e concentrar a sua atenção numa nova luz ao fundo do túnel: desmascarar o responsável por aquela desgraça e fazê-lo pagar por isso. O desejo de vingança parecia o único antídoto capaz de mitigar a dor.

As explicações da polícia não o satisfaziam de forma alguma. O secretismo com que as autoridades locais trataram do caso parecia-lhe, no mínimo, suspeito. Em algum

momento antes do amanhecer do seguinte dia, Ismael já decidira iniciar as suas próprias pesquisas. A qualquer preço. A partir daí, não havia regras. Nessa mesma noite Ismael entrou no improvisado laboratório forense do doutor Giraud. Com a ajuda da sua audácia e de um alicate cortou correntes e tudo o que se interpunha no caminho.

Irene escutou, a meio caminho entre o espanto e a incredulidade, como Ismael entrara nas fúnebres instalações, esperando que Giraud saísse, e então, entre a neblina de formol e uma penumbra espectral, procurara cuidadosamente nos arquivos do doutor a pasta que se referia a Hannah.

Onde arranjava o sangue frio necessário para semelhante malabarismo estava por descobrir, mas evidentemente não viera da dupla de cadáveres que encontrou, cobertos por lençóis. Pertenciam a um par de mergulhadores que tivera o azar de mergulhar numa corrente submarina no estreito de La Rochelle na noite anterior, enquanto tentavam recuperar a carga de um barco encalhado no recife.

Irene, pálida como uma boneca de porcelana, ouviu o macabro relato do princípio ao fim, incluindo o tropeção de Ismael com uma das mesas de operações. Quando a narração do rapaz regressou ao ar livre, a jovem suspirou. Ismael levava a pasta consigo para o barco e passara duas horas a tentar desbravar a selva de palavreado e jargão médico do doutor Giraud.

Irene engoliu em seco.

– Então... Como morreu? – murmurou.

Ismael olhou-a directamente nos olhos. Um brilho estranho resplandecia nos seus.

– Não sabem como. Mas sabem porquê. Segundo o relatório, a versão oficial é paragem cardíaca – explicou. – Mas, na análise final, Giraud anotou que, na sua opinião pessoal, a Hannah viu algo no bosque que lhe provocou um ataque de pânico.

Pânico. A palavra perdeu-se no eco da sua mente. A sua amiga Hannah morrera de medo e o que quer que fosse que causara aquele terror continuava no bosque.

– Foi no domingo, não foi? – perguntou Irene. – Alguma coisa teve que acontecer nesse dia...

Ismael assentiu lentamente. Era óbvio que o rapaz pensara no mesmo muito antes dela.

– Ou na noite anterior – sugeriu Ismael.

Irene olhou-o com estranheza.

– A Hannah passou essa noite em Cravenmoore. No dia seguinte, já não havia rasto dela. Não até a encontrarem morta, no bosque – disse o rapaz.

– Que queres dizer?

– Estive no bosque. Há marcas. Ramos partidos. Houve uma luta. Alguém perseguiu a Hannah desde a casa.

– Desde Cravenmoore?

Ismael assentiu de novo.

– Precisamos de saber o que aconteceu no dia anterior ao desaparecimento dela. Talvez isso explique quem ou o quê a perseguiu no bosque.

– E como podemos fazer isso? Quer dizer, a polícia... – apontou Irene.

– Só me ocorre uma maneira.

– Cravenmoore – murmurou Irene.

– Exactamente. Esta noite...

O crepúsculo abria resquícios de cobre entre o manto de nuvens tormentosas em movimento desde o horizonte. À medida que as sombras se estendiam sobre a baía, a noite deixava ver uma clareira na abóbada do céu, através da qual se podia apreciar o círculo de luz quase perfeito que perfilava a lua crescente. O seu lume prateado desenhava uma tapeçaria de reflexos no quarto de Irene. A rapariga levantou por um momento a vista do diário de Alma Maltisse e contemplou aquela esfera que lhe sorria desde o firmamento. Mais vinte e quatro horas e a sua circunferência seria completa. A terceira lua cheia do Estio. A noite das máscaras em Baía Azul.

Contudo, nesse momento, a silhueta da lua adquiriu outro significado para ela. Passados poucos minutos compareceria ao seu encontro secreto com Ismael à entrada do bosque. A ideia de atravessar a noite negra e entrar nas profundezas insondáveis de Cravenmoore parecia-lhe agora uma imprudência. Ou melhor, um disparate. Por outro lado, sentia-se tão incapaz de falhar a Ismael naquele momento como se sentira naquela mesma tarde, quando o rapaz comunicara a sua intenção de ir à mansão de Lazarus Jann em busca de respostas acerca da morte de Hannah. Como não conseguia aclarar os seus pensamentos, a rapariga retomou o diário de Alma Maltisse e refugiou-se nas suas páginas.

... Há três dias que não sei nada dele. Partiu sem aviso a meio da noite, convencido de que, se se afastasse de mim, a sombra o seguiria a ele. Não quis

dizer-me para onde ia, mas suspeito que procurou refúgio no ilhéu do farol. Sempre se refugiou nesse lugar solitário em busca de paz e tenho a impressão de que desta vez regressou lá, como uma criança aterrorizada, para enfrentar o seu pesadelo. A sua ausência, contudo, fez-me duvidar de tudo em que acreditara até agora. A sombra não regressou nestes três dias. Tenho permanecido fechada no meu quarto, rodeada de luzes, velas e candeeiros a óleo. Nenhum canto do quarto permanece na escuridão. Pouco consegui dormir.

Enquanto escrevo estas linhas, em plena noite, consigo ver desde a minha janela o ilhéu do farol entre a neblina. Uma luz brilha entre as rochas. Sei que é ele, sozinho, confinado à prisão a que se condenou. Não posso permanecer nem mais uma hora aqui. Se temos de enfrentar este pesadelo, o meu desejo é que o façamos juntos. E se devemos perecer ao tentá-lo, que o façamos também unidos.

Já não me importa viver um dia a mais ou a menos desta loucura. Estou certa de que a sombra não nos dará tréguas. Não consigo suportar mais uma semana como esta. Tenho a consciência limpa e a minha alma está em paz consigo mesma. O medo dos primeiros dias é agora somente cansaço e desespero.

Amanhã, enquanto as gentes da aldeia celebram o baile de máscaras na praça principal, apanharei um barco no porto e partirei à procura dele. Não me interessam as consequências. Estou pronta para aceitá-las. Basta-me estar ao seu lado e servir-lhe de ajuda até ao último momento.

Algo dentro de mim me diz que talvez ainda haja uma hipótese de voltarmos a viver uma vida normal, feliz, em paz. Não desejo mais nada...

O impacto de uma pedra minúscula na sua janela arrancou-a à leitura. Irene fechou o livro e deu uma olhadela ao exterior. Ismael esperava à entrada do bosque. Lentamente, enquanto vestia um casaco grosso de malha, a lua ocultou-se detrás das nuvens.

Irene observou cuidadosamente a mãe do cimo das escadas. Uma vez mais, Simone rendera-se ao sono no seu cadeirão preferido, à frente da janela que dava para a baía. Um livro jazia ao seu colo e os óculos de ler permaneciam caídos sobre o nariz como um trenó num trampolim. A um canto, um rádio de madeira talhada com caprichosas decorações de *art nouveau* sussurrava os acordes impactantes de uma série de detectives. Aproveitando semelhante camuflagem, Irene passou em bicos dos pés à

frente de Simone e entrou na cozinha, que dava para o pátio traseiro da Casa do Cabo. Toda a operação levou-lhe apenas quinze segundos.

Ismael esperava-a lá fora, com um apertado casaco de pele, calças de trabalho e umas botas que pareciam ter feito o caminho de ida e volta a Constantinopla meia dúzia de vezes. A brisa nocturna arrastava uma fria neblina desde a baía, estendendo uma grinalda de trevas dançantes sobre o bosque.

Irene abotoou o casaco até acima e, em resposta ao olhar atento do rapaz, assentiu em silêncio. Sem trocar uma palavra, ambos entraram no trilho que atravessava o matagal. Uma galeria de sons invisíveis povoava as sombras do bosque. O roçar das folhas a agitar-se ao vento mascarava o rumor do mar a bater nas falésias. Irene seguiu os passos de Ismael entre o mato. O rosto da lua deixava-se vislumbrar fugazmente entre o entramado de nuvens que cavalgava sobre a baía, submergindo o bosque num fantasmagórico estado de penumbra tremeluzente. A meio do caminho, Irene agarrou na mão de Ismael e não a largou até que a silhueta de Cravenmoore se ergueu à frente deles.

A um sinal do rapaz, pararam atrás de um tronco de uma árvore ferida de morte por um raio. Durante uns segundos, a lua rasgou a cortina aveludada das nuvens e uma auréola de claridade varreu a fachada de Cravenmoore, desenhando cada um dos seus relevos e contornos e traçando o hipnótico retrato de uma estranha catedral perdida nas profundezas de um bosque maldito. A fugaz visão apagou-se num lago de escuridão e um rectângulo de luz dourada desenhou-se ao pé da mansão. A silhueta de Lazarus Jann surgiu no umbral da porta principal. O fabricante de brinquedos fechou a porta atrás de si e, lentamente, desceu os degraus em direcção ao trilho que rodeava o arvoredo.

– É o Lazarus. Todas as noites dá um passeio pelo bosque – murmurou Irene.

Ismael assentiu em silêncio e reteve a rapariga, os seus olhos cravados na figura do fabricante de brinquedos que se encaminhava para a entrada do bosque, na direcção deles. Irene dirigiu um olhar inquiridor a Ismael. O rapaz deixou escapar um suspiro e examinou com nervosismo as imediações. Os passos de Lazarus tornaram-se audíveis. Ismael agarrou Irene pelo braço e empurrou-a para o interior do tronco morto da árvore.

– Por aqui. Depressa! – sussurrou.

O interior do tronco estava impregnado com um profundo fedor a humidade e a podridão. A claridade exterior infiltrava-se através de pequenos orifícios ao longo da madeira morta e desenhava uma improvável escada de degraus de luz que ascendiam pelo interior do tronco cavernoso. Irene sentiu um formigueiro no estômago. Dois

metros acima deles, apercebeu-se de uma fila de diminutos pontos luminosos. Olhos. Um grito lutou por escapar da sua garganta. A mão de Ismael adiantou-se. O alarido afogou-se no seu interior enquanto o rapaz a segurava.

– São só morcegos, por amor de Deus! Está quieta! – sussurrou-lhe enquanto os passos de Lazarus rodeavam o tronco, em direcção ao bosque.

Sabidamente, Ismael manteve a mordação na boca de Irene até que os passos do proprietário de Cravenmoore se perderam no interior bosque. As asas invisíveis dos morcegos agitaram-se na escuridão. Irene sentiu o ar no seu rosto e o fedor ácido dos animais.

– Pensei que não tinhas medo de morcegos... – disse Ismael. – Vamos.

Irene seguiu-o através do jardim de Cravenmoore em direcção à parte traseira da mansão. A cada passo que dava, a rapariga repetia a si própria que não havia ninguém na casa e que a sensação de ser observada era uma simples ilusão da sua mente.

Chegaram à ala que estava ligada à antiga casa de brinquedos de Lazarus e pararam à frente da porta do que parecia ser uma oficina ou uma sala de montagem. Ismael pegou numa navalha e abriu a lâmina. O reflexo do gume brilhou na escuridão. O rapaz introduziu a ponta da faca na fechadura da porta e sentiu com cuidado o mecanismo interno do fecho.

– Chega-te para o lado. Preciso de mais luz.

Irene recuou uns passos e perscrutou a penumbra que reinava no interior da fábrica de brinquedos. Os vidros pareciam nublados por anos de abandono e era praticamente impossível dilucidar as formas que havia do outro lado.

– Vá, vá lá... – murmurou Ismael para si mesmo, enquanto continuava a trabalhar no fecho.

Irene observou-o e silenciou a voz interior que começava a sugerir que entrar ilegalmente em propriedade alheia não era uma boa ideia. Por fim, o mecanismo da fechadura cedeu com um estalido quase inaudível. Um sorriso iluminou o rosto de Ismael. A porta separou-se alguns centímetros.

– Foi canja – disse, abrindo-a lentamente.

– Temos de despachar-nos – avisou Irene. – O Lazarus não vai estar fora muito tempo.

Ismael entrou. Irene inspirou profundamente e seguiu-o. O interior estava banhado por uma densa neblina de pó preso numa claridade mortíça que flutuava como uma nuvem de vapor. O cheiro a diferentes produtos químicos impregnava o ambiente.

Ismael fechou a porta atrás de si e ambos enfrentaram um mundo de sombras indecifráveis. Os restos da fábrica de brinquedos de Lazarus Jann jaziam na escuridão, sumidos num sonho perpétuo.

– Não se vê nada – murmurou Irene, reprimindo o desejo de sair daquele lugar o quanto antes.

– Temos de esperar que os nossos olhos se acostumem à penumbra. É uma questão de segundos – sugeriu Ismael sem muita convicção.

Os segundos passaram em vão. O manto de negrura que velava a sala da fábrica de Lazarus não se desvaneceu. Irene tentava adivinhar por onde ir quando os seus olhos repararam numa figura levantada e imóvel que se erguia uns metros mais para lá.

Um espasmo de terror martelou-lhe o estômago.

– Ismael, está aqui mais alguém... – disse a rapariga, agarrando-se ao braço do rapaz com força.

Ismael perscrutou a penumbra e engoliu em seco. Uma figura com os braços estendidos flutuava, suspensa. A silhueta oscilava lentamente, como um pêndulo, e uma longa cabeleira caía-lhe sobre os ombros. Com as mãos trémulas, o rapaz apalpou o bolso do casaco e retirou um caixa de fósforos. A figura permanecia imóvel, como uma estátua viva disposta a saltar sobre eles assim que a luz se acendesse.

Ismael acendeu o fósforo e o clarão da chama cegou-os momentaneamente. Irene agarrou-se a ele com força.

Segundos depois, a visão que apareceu perante os seus olhos arrebatou-lhe a força dos músculos. Uma intensa onda de frio percorreu-lhe o corpo. Perante ela, balançando-se à luz tremeluzente da chama, encontrava-se o corpo da mãe, Simone, suspenso no tecto com os braços esticados.

– Meu Deus...

A figura girou lentamente sobre si mesma e revelou o outro lado das suas feições. Cabos e engrenagens brilharam na ténue claridade. O rosto estava dividido em duas metades e somente uma delas estava terminada.

– É uma máquina, simplesmente uma máquina – disse Ismael, tentando tranquilizá-la.

Irene contemplou a macabra imitação de Simone. As suas feições. A cor dos olhos, do cabelo. Cada marca sobre a pele, cada linha do seu rosto estava reproduzida numa máscara inexpressiva e arrepiante.

– Que se passa aqui? – perguntou.

Ismael apontou para o que parecia uma porta que dava para a casa no extremo oposto da oficina.

– Por aqui – apontou, afastando Irene daquele lugar e da sinistra figura suspensa no ar.

A rapariga, ainda sob o efeito daquela aparição, seguiu-o, atordoada e aterrorizada.

Um instante depois, a chama do fósforo que Ismael segurava apagou-se e a escuridão envolveu-os de novo.

Assim que chegaram à porta que dava para o interior de Cravenmoore, o manto de sombras que se estendera a seus pés abriu-se atrás deles como uma flor negra, adquirindo volume e deslizando sobre as paredes. A sombra dirigiu-se para as mesas de trabalho da oficina e o seu rasto tenebroso percorreu o manto branco que cobria a figura do anjo mecânico que Lazarus mostrara a Dorian na noite anterior. Lentamente, a sombra infiltrou-se sob o lençol e a sua massa vaporosa penetrou nas juntas da estrutura metálica.

A silhueta da sombra desapareceu por completo no interior do corpo de metal. Um bafo de geada estendeu-se sobre a criatura mecânica formando uma teia-de-aranha gelada. A seguir, os olhos do anjo abriram-se lentamente na escuridão, dois rubis ardentes sob o manto.

A figura titânica levantou-se lentamente e abriu as asas. Calmamente, assentou os pés no chão. As garras arranharam a superfície da madeira, deixando marcas à sua passagem. O manto de luz azulada que flutuava no ar capturou a espiral de fumo que subia do fósforo apagado que Ismael largara. O anjo atravessou-a e perdeu-se nas trevas, seguindo os passos de Ismael e Irene.

9. A NOITE TRANSFIGURADA

O eco distante de um repicar insistente arrancou Simone de um mundo de aquarelas dançantes e luas que se fundiam em moedas de prata incandescente. O som chegou de novo aos seus ouvidos, mas desta vez Simone despertou por completo e compreendeu que o sono a voltara a vencer a ela e à sua tentativa de avançar algum capítulo antes da meia-noite. Enquanto guardava os óculos de leitura, ouviu outra vez aquele som e, pela primeira vez, identificou-o. Alguém batia suavemente com os nós dos dedos na janela que dava para o alpendre. Simone levantou-se e reconheceu o rosto sorridente de Lazarus do outro lado do vidro. Sentiu de imediato que a sua face corava. Enquanto abria a porta observou a sua imagem no espelho da entrada. Um desastre.

– Boa noite, Madame Sauvelle. Talvez não seja um bom momento... – disse Lazarus.

– De forma alguma. Eu... A verdade é que estava a ler e adormeci completamente.

– Isso significa que deve mudar de livro – assinalou Lazarus.

– Suponho que sim. Mas entre, por favor.

– Não queria incomodá-la.

– Não diga palermices. Entre, por favor.

Lazarus assentiu com amabilidade e entrou na casa. Os seus olhos traçaram um rápido reconhecimento do lugar.

– A Casa do Cabo nunca esteve tão bem – comentou. – Parabéns.

– O mérito é todo da Irene. Ela é a decoradora da família. Aceita uma chávena de chá? Café?

– Chá seria perfeito, mas...

– Nem mais uma palavra. Também a mim me vai saber bem.

Os seus olhares cruzaram-se por um instante. Lazarus sorriu calidamente. Simone, subitamente atrapalhada, baixou o olhar e concentrou-se na preparação do chá para ambos.

– Perguntar-se-á qual a razão da minha visita – começou o fabricante de brinquedos.

Efectivamente, pensou Simone em silêncio.

– A verdade é que todas as noites dou um pequeno passeio pelo bosque até às falésias. Ajuda-me a relaxar – chegou a voz de Lazarus.

Fez-se uma pausa, quebrada apenas pelo som da água na chaleira.

– Já ouviu falar do baile anual de máscaras em Baía Azul, Madame Sauvelle?

– A última lua cheia de Agosto... – recordou Simone.

– Assim é. Perguntava-me... Bem, quero que entenda que não há compromisso algum na minha proposta, de outra forma não me atreveria a fazê-la, isto é, não sei se me estou explicar bem...

Lazarus parecia debater-se como um adolescente nervoso. Ela sorriu-lhe serenamente.

– Perguntava-me se gostaria de ser a minha acompanhante este ano – concluiu por fim o homem.

Simone engoliu em seco. O sorriso de Lazarus desfez-se lentamente.

– Desculpe. Não deveria ter feito esta proposta. Aceite as minhas desculpas...

– Com ou sem açúcar? – cortou amavelmente Simone.

– Desculpe?

– O chá. Com ou sem açúcar?

– Duas colheres.

Simone assentiu e diluiu as duas colheres de açúcar lentamente. Uma vez pronto, estendeu a chávena a Lazarus e sorriu-lhe.

– Espero não a ter ofendido...

– Não ofendeu. É que não estou habituada a que me convidem para sair, mas adorava ir a esse baile consigo – respondeu a mulher, surpreendida com a sua própria decisão.

O rosto de Lazarus iluminou-se com um grande sorriso. Por um instante, Simone sentiu-se trinta anos mais nova. Era uma sensação ambígua e a meio caminho entre o sublime e o ridículo. Uma sensação perigosamente embriagante. Uma sensação mais poderosa que o pudor, a hesitação ou os remorsos. Esquecera como era reconfortante sentir que alguém se interessava por ela.

Dez minutos mais tarde, a conversa continuava no alpendre da Casa do Cabo. A brisa do mar embalava os candeeiros a óleo suspensos na parede. Lazarus, sentado no parapeito de madeira, contemplava as copas das árvores a agitar-se no bosque, um mar negro e sussurrante.

Simone observou o rosto do fabricante de brinquedos.

– Fico feliz por saber que se sentem cómodos nesta casa – comentou Lazarus. – Como se estão a adaptar os seus filhos à vida em Baía Azul?

– Não me posso queixar. Pelo contrário. De facto, a Irene parece que já anda a namoriscar com um rapaz da aldeia. Um tal de Ismael. Conhece-o?

– Ismael... Sim, claro. Um bom rapaz, pelo que sei – respondeu Lazarus, distante.

– Espero que sim. A verdade é que ainda estou à espera de que mo apresente.

– Os miúdos são assim. Temos de pôr-nos no lugar deles... – sugeriu Lazarus.

– Suponho que faço como todas as mães: figuras ridículas, a proteger demasiado a minha filha de quase quinze anos.

– É natural.

– Não sei se ela acha o mesmo.

Lazarus sorriu, mas não disse nada.

– Que sabe sobre ele? – perguntou Simone.

– Sobre o Ismael? Bem... Pouca coisa... – começou ele. – Consta-me que é um bom marinheiro. Diz-se que é um jovem introvertido e pouco dado a amizades. A verdade é que eu também não sou muito versado nos assuntos da vida local... mas não creio que tenha de se preocupar.

O som das vozes trepava até à sua janela como a pira de fumo de um cigarro mal apagado, caprichosa e sinuosamente; era impossível ignorá-lo. O murmúrio do mar pouco mascarava as palavras de Lazarus e da mãe, lá em baixo, no alpendre, ainda que, por um instante, Dorian desejasse que o fizera e que aquela conversa jamais tivesse chegado aos seus ouvidos. Havia algo que o inquietava em cada inflexão, em cada frase. Algo indefinido, uma presença invisível que parecia impregnar cada contorno da conversa.

Talvez fosse a ideia de ouvir a mãe a falar placidamente com um homem que não era o pai, ainda que esse homem fosse Lazarus, que Dorian tinha por amigo. Talvez fosse a cor de intimidade que parecia tingir as palavras entre ambos. Talvez, disse Dorian por fim, fossem simplesmente ciúmes e uma estúpida obstinação em pretender que a mãe não pudesse voltar a desfrutar de uma conversa íntima com outro homem adulto. E isso era egoísta. Egoísta e injusto. Afinal de contas, Simone, além de sua mãe, era uma mulher de carne e osso, carente de amizade e da companhia de alguém para além dos filhos. Qualquer livro que valesse a pena deixava isso bem claro. Dorian reviu o aspecto teórico do raciocínio. A esse nível, tudo lhe parecia perfeito. Na prática, contudo, a questão era outra.

Timidamente, sem acender a luz do quarto, Dorian aproximou-se da janela e deu uma olhadela furtiva ao alpendre. “Egoísta e, ainda por cima, espião”, pareceu sussurrar uma voz no seu interior. Desde o cómodo anonimato das sombras, Dorian observou a sombra da mãe projectada no chão do alpendre. Lazarus, de pé, olhava o mar, negro e impenetrável. Dorian engoliu em seco. A brisa agitou as cortinas que o ocultavam e o rapaz deu um passo atrás instintivamente. A voz da mãe pronunciou algumas palavras ininteligíveis. Não era assunto seu, concluiu, envergonhado por ter estado a espiar em segredo.

O rapaz estava quase a afastar-se suavemente da janela quando vislumbrou um movimento na penumbra pelo canto do olho. Dorian voltou-se depressa, sentindo todos os cabelos da nuca a arrepiarem-se. O quarto estava sumido na escuridão, rasgada apenas por retalhos de claridade azul que se filtravam entre as cortinas ondulantes. Lentamente, a sua mão apalpou a mesinha de cabeceira em busca do interruptor do candeeiro. A madeira estava fria. Os seus dedos levaram alguns segundos a encontrar o botão. Dorian premiu o interruptor. A espiral metálica do interior da lâmpada ligou-se numa chama fugaz e extinguiu-se com um suspiro. O clarão vaporoso cegou-o por um instante. Depois, a escuridão tornou-se mais densa, como um profundo poço de água negra.

“A lâmpada fundiu-se”, disse para si mesmo. “É normal. O metal com que se forja a espiral da resistência, o volfrâmio, tem uma vida limitada.” Tinham-lhe explicado isso na escola.

Todos estes pensamentos tranquilizantes desvaneceram-se quando Dorian se apercebeu de novo daquele movimento entre as sombras. Mais concretamente, das sombras.

Sentiu uma onda de frio ao comprovar que uma forma parecia mover-se na escuridão, à frente dele. A silhueta, negra e opaca, deteve-se no centro da habitação. “Está a observar-me”, murmurou a voz interna na sua mente. A sombra pareceu avançar entre a escuridão e Dorian comprovou que não era o chão que se movia, mas os seus joelhos, que tremiam de puro terror perante aquela forma espectral de negrura que se aproximava passo a passo.

Dorian retrocedeu um pouco até que a escassa claridade que penetrava na janela o envolveu numa auréola de luz. A sombra deteve-se no umbral das trevas. O rapaz sentiu que os dentes lutavam por bater, mas pressionou a mandíbula com força e reprimiu o desejo de fechar os olhos. De repente, alguém pareceu pronunciar umas

palavras. Levou uns segundos para perceber que era ele próprio que falava. Em tom firme e sem rasto de temor.

– Fora daqui – murmurou Dorian na direcção das sombras. – Eu disse fora.

Um som arrepiante chegou aos seus ouvidos, um som que parecia o eco de um riso distante, cruel e maléfico. Naquele momento, as feições daquela sombra surgiram na penumbra como uma miragem de águas de obsidiana. Negras. Demoníacas.

– Fora daqui – ouviu-se a si próprio dizer.

A forma de vapor negro desvaneceu-se perante os seus olhos e a sombra atravessou o quarto velozmente, como uma nuvem de gás ardente, até à porta. Uma vez lá, a silhueta formou uma espiral fantasmagórica que se filtrou através do buraco da fechadura, um tornado de trevas sugado por uma força invisível.

Só então a resistência da lâmpada se acendeu de novo e, desta vez, a cálida luz banhou o quarto. O impacto súbito da luz eléctrica arrancou-lhe um grito de pânico que se afogou na sua garganta. Percorreu com os olhos cada canto do quarto, mas não havia rasto da aparição que pensava ter visto segundos antes.

Dorian respirou fundo e dirigiu-se para a porta. Pousou a mão na maçaneta. O metal estava frio como o gelo. Enchendo-se de determinação, abriu a porta e estudou as sombras do corredor. Nada.

Com suavidade, fechou a porta do quarto outra vez e voltou para a janela. Lá em baixo, no alpendre, Lazarus despedia-se da mãe. Mesmo antes de partir, o fabricante de brinquedos inclinou-se e beijou-a na cara. Um beijo breve, quase sem lhe tocar. Dorian sentiu o estômago a encolher-se até ficar do tamanho de uma ervilha. Um instante depois, desde as sombras, o homem levantou os olhos e sorriu-lhe. O sangue gelou-se-lhe nas veias.

O fabricante de brinquedos afastou-se lentamente em direcção ao bosque, sob a luz da lua e, por mais que Dorian tentasse, foi incapaz de ver onde se reflectia a sombra de Lazarus. Pouco depois, a escuridão engoliu-o.

Após atravessar um longo corredor que comunicava a fábrica de brinquedos com a mansão, Ismael e Irene penetraram nas entranhas de Cravenmoore. Sob o manto da noite, a casa de Lazarus parecia um palácio de trevas, cujas galerias, povoadas de dezenas de criaturas mecânicas, se prolongavam até à escuridão em todas as direcções. A luz central que coroa a escadaria em espiral no centro da mansão espalhava uma

chuva de reflexos púrpura, dourados e azuis que reverberavam no interior de Cravenmoore, como bolhas saídas de um caleidoscópio.

Aos olhos de Irene, as silhuetas em letargia dos autómatos e os rostos inanimados nas paredes sugeriam um estranho feitiço que tivesse aprisionado as almas de dezenas de antigos habitantes na mansão. Ismael, mais prosaico, não via nelas mais do que o reflexo da mente labiríntica e insondável que os criara. E isso não o tranquilizava de forma alguma; pelo contrário, à medida que se aventuravam nos domínios privados de Lazarus Jann, a presença invisível do fabricante de brinquedos parecia mais intensa que nunca. A sua personalidade pressentia-se em cada pormenor recôndito daquela construção barroca: desde o entramado do tecto com uma abóbada de frescos que ilustravam cenas de contos célebres, até ao chão que pisavam, um interminável tabuleiro de xadrez que formava uma rede hipnótica e enganava a vista com um extravagante efeito óptico de profundidade infinita. Caminhar por Cravenmoore era como entrar num sonho embriagante e ao mesmo tempo aterrador.

Ismael deteve-se ao pé de uma das escadarias e inspeccionou com cuidado o caminho em espiral que se perdia nas alturas. Enquanto o fazia, Irene apercebeu-se de que o rosto de um dos relógios mecânicos de Lazarus em forma de sol abria os olhos e sorria-lhes. Ao mesmo tempo que o ponteiro das horas alcançava a posição vertical da meia-noite, a esfera girou sobre si mesma e o sol deu lugar a uma lua que irradiava uma luz espectral. Os olhos escuros e brilhantes da lua giravam de um lado para o outro lentamente.

– Vamos lá acima – murmurou Ismael. – O quarto da Hannah ficava no segundo andar.

– Aqui há dezenas de quartos, Ismael. Como vamos saber qual era o dela?

– A Hannah contou-me que o quarto dela ficava ao fundo de um corredor, virado para a baía.

Irene assentiu, apesar de lhe parecerem indicações pouco precisas. O rapaz parecia tão espantado com a atmosfera do lugar como ela, mas jamais o admitiria. Ambos deram uma última olhadela ao relógio.

– Já é meia-noite. O Lazarus vai voltar daqui a pouco – disse Irene.

– Vamos.

A escadaria subia numa espiral bizantina que parecia desafiar a lei da gravidade, arqueando-se progressivamente como as vias de acesso à cúpula de uma grande catedral. Após uma vertiginosa subida, passaram a entrada do primeiro andar. Ismael

agarrou com força a mão de Irene e continuou a subir. A curvatura das paredes era agora mais pronunciada e o trajecto transformava-se paulatinamente num esófago claustrofóbico perfurado na pedra.

– Só mais um pouco – disse o rapaz, lendo o angustioso silêncio de Irene.

Uma eternidade mais tarde – na verdade, uns trinta segundos – conseguiram escapar daquela via asfíxiante e atingir a porta de acesso ao segundo andar de Cravenmoore. À sua frente estendia-se o corredor principal da ala este. Uma turba de figuras petrificadas espreitava nas sombras.

– Devíamos separar-nos – assinalou Ismael.

– Sabia que ias dizer isso.

– Em troca, escolhe tu que lado preferes explorar – ofereceu Ismael, tentando brincar.

Irene olhou em ambas as direcções. A Este distinguiam-se os corpos de três figuras encapuçadas em redor de um enorme caldeirão: bruxas. A rapariga indicou a direcção oposta.

– Para ali.

– São apenas máquinas, Irene – disse Ismael. – Não têm vida. Simples brinquedos.

– Diz-me isso de manhã.

– Está bem, eu exploro este lado. Encontramo-nos aqui em quinze minutos. Se não encontrarmos nada, azar. Vamos embora – concedeu. – Prometo.

Ela assentiu. Ismael deu-lhe a caixa de fósforos.

– Podes precisar.

Irene guardou-a no bolso do casaco e olhou uma última vez para Ismael. O rapaz inclinou-se e beijou-a suavemente nos lábios.

– Boa sorte – murmurou.

Antes que pudesse responder-lhe, ele afastou-se em direcção ao fim do corredor enterrado na negrura. “Boa sorte”, pensou Irene.

O eco dos passos do rapaz perdeu-se atrás de si. A rapariga respirou fundo e encaminhou-se para o outro lado da galeria que atravessava o eixo central da mansão. O corredor bifurcava-se ao chegar à escadaria central. Irene espreitou, levemente, o abismo que descia até ao rés-do-chão. Um feixe de luz descomposta caía na vertical desde uma espécie de lanterna situada na cúspide traçando um arco-íris que arranhava as trevas.

Desde aquele ponto, a galeria estendia-se em duas direcções: para sul e para oeste. A ala oeste era a única que tinha vista para a baía. Sem pensar duas vezes, Irene entrou no longo corredor, deixando atrás de si a reconfortante claridade que emanava da lanterna. De súbito, a rapariga apercebeu-se de um véu semitransparente que atravessava o corredor, uma simples cortina de gaze para além da qual o corredor adquiria uma fisionomia ostensivamente diferente da do resto da galeria. Não se via a silhueta de mais nenhuma figura a espreitar na sombra. Havia uma letra bordada na coroa que sustinha a cortina divisória. Uma inicial:

A

Irene separou com os dedos o véu da cortina e atravessou aquela estranha fronteira que parecia dividir em duas a ala oeste. Um frio hálito invisível acariciou-lhe o rosto e, pela primeira vez, a rapariga vislumbrou as paredes cobertas por um complexo emaranhado de relevos talhados na madeira. Dali, só se podiam ver três portas. Duas a cada lado do corredor e uma terceira, a maior das três, situada no extremo e marcada com a inicial que vira na cortina atrás de si.

Irene encaminhou-se lentamente para aquela porta. Os relevos à sua volta mostravam cenas incompreensíveis que personificavam estranhas criaturas. Cada uma delas, por sua vez, sobrepunha-se a outras, criando um oceano de hieróglifos cujo significado não entendia de forma alguma. Quando Irene chegou à porta do extremo, a noção de que era improvável que Hannah tivesse ocupado um quarto naquele lugar já se formara na sua mente. O feitiço daquele espaço, porém, era mais forte do que a sinistra atmosfera de santuário proibido que ali se respirava. Uma intensa presença parecia flutuar no ar. Uma presença quase palpável.

Irene sentiu o coração bater-lhe mais depressa e pousou a mão trémula na maçaneta da porta. Algo a deteve. Um pressentimento. Ainda estava a tempo de voltar para trás, de reunir-se outra vez com Ismael e fugir daquela casa antes de que Lazarus se apercebesse da sua invasão. A maçaneta girou com suavidade sob os seus dedos, escorregando sob a pele. Irene fechou os olhos. Não havia razão para entrar ali. Bastava-lhe voltar para atrás. Não tinha de ceder àquela atmosfera irreal, de sonho, que lhe sussurrava para abrir a porta e atravessar o limiar sem retorno. A rapariga abriu os olhos.

O corredor oferecia o caminho de regresso entre as trevas. Irene suspirou e, por um instante, os seus olhos perderam-se nos reflexos que tingiam as cortinas de gaze. Foi

então que viu os traços da silhueta escura por trás da cortina, que se deteve do outro lado.

– Ismael? – murmurou Irene.

A silhueta permaneceu ali durante uns instantes e, depois, sem produzir som algum, retirou-se de novo para as sombras.

– Ismael, és tu? – perguntou outra vez.

O lento veneno do pânico começara a fluir nas suas veias. Sem afastar o olhar daquele ponto, abriu a porta do quarto e entrou, fechando-a atrás de si. Por um segundo, a luz de safira que se infiltrava pelas grandes janelas, altas e estreitas, cegou-a. Depois, enquanto as suas pupilas se habituavam à luminosidade evanescente da divisão, Irene tentou acender, com mãos trémulas, um dos fósforos que Ismael lhe dera. O lume acobreado da chama ajudou-a a revelar um sumptuoso aposento palaciano, cujo luxo e esplendor pareciam ter escapado das páginas de uma fábula.

O tecto, coroadado por um artesado labiríntico, desenhava um remoinho barroco em redor do centro do quarto. Num extremo, um sumptuoso dossel do qual pendiam longos véus dourados albergava um leito. No centro, uma mesa de mármore sustinha um grande tabuleiro de xadrez com peças talhadas em cristal. No outro extremo, Irene descobriu outra fonte de luz que contribuía para criar essa atmosfera brilhante: as fauces cavernosas de uma lareira onde ardiam grossos troncos em pura brasa. Em cima, erguia-se um grande retrato. Um rosto branco e dotado dos traços mais delicados que se possam imaginar num ser humano rodeava os olhos profundos e tristes duma mulher de beleza comovente. A dama do retrato envergava um longo vestido branco e atrás dela podia distinguir-se o ilhéu do farol na baía.

Irene aproximou-se lentamente do retrato, mantendo alto o fósforo aceso até que a chama lhe queimou os dedos. Lambendo a queimadura, a jovem distinguiu um castiçal em cima de uma secretária. Não precisava mesmo dele, mas acendeu a vela com outro fósforo. A chama irradiou de novo um vapor de claridade em seu redor. Sobre a secretária, um livro de pele aparecia aberto a meio.

Os olhos de Irene reconheceram a caligrafia que lhe era tão familiar no papel apergaminhado e coberto por uma camada de pó que quase não permitia ler as palavras escritas na página. A rapariga soprou levemente e uma nuvem de milhares de partículas brilhantes espalhou-se pela mesa. Segurou o livro nas mãos e passou as páginas até chegar à primeira. Aproximou o tomo da luz e deixou que os seus olhos lessem as palavras impressas em letras prateadas. Lentamente, à medida que a sua mente

compreendia o que tudo aquilo significava, um arrepio intenso cravou-se-lhe como uma agulha gelada na base da nuca.

Alexandra Alma Maltisse

Lazarus Joseph Jann

1915

Uma fibra de madeira acesa estalou entre o fogo, cuspidando pequenas faíscas que se desvaneceram em contacto com o chão. Irene fechou o livro e depositou-o na secretária. Foi então que se apercebeu de que, no outro extremo do aposento, por detrás do véu que ondulava no dossel que rodeava o leito, alguém a observava. Uma silhueta esbelta jazia estendida na cama. Uma mulher. Irene avançou uns passos até ela. A mulher ergueu uma mão.

– Alma? – sussurrou Irene, aterrorizada pelo som da sua própria voz.

A rapariga percorreu os metros que a separavam do leito e parou do outro lado. O coração batia-lhe com força e respirava a custo. Devagar, começou a separar as cortinas. Naquele instante, uma fria rajada de ar atravessou o quarto e agitou os véus suspensos. Irene voltou-se para olhar para a porta. Uma sombra estendia-se no chão, como uma grande poça de tinta espalhando-se sob a porta. Um som fantasmagórico, uma voz distante e cheia de ódio, pareceu sussurrar algo desde a escuridão.

Um instante depois, a porta abriu-se com uma força irreprimível e bateu contra o interior do quarto, praticamente arrancando as dobradiças que a seguravam. Quando a garra de unhas afiadas como grandes facas de aço emergiu das sombras, Irene gritou o mais que pôde.

Ismael começava a pensar que cometera algum erro ao tentar localizar mentalmente o quarto de Hannah. Quando ela lhe descrevera a casa, o rapaz traçara a sua própria planta de Cravenmoore. No entanto, uma vez no interior, a estrutura labiríntica da mansão parecia-lhe indecifrável. Todos os quartos da ala que decidira explorar estavam fechados a sete chaves. Nenhuma das fechaduras cedera às suas artes e o relógio não parecia mostrar nenhuma compaixão pelo seu completo fracasso.

Os quinze minutos combinados tinham-se evaporado em vão e a ideia de abandonar a busca por aquela noite começava a ser tentadora. Uma simples olhadela à lúgubre decoração daquele lugar sugeria mil e uma desculpas para escapar dali. Já

tomara a decisão de abandonar a mansão quando ouviu o grito de Irene, um mero fio de voz que atravessava as trevas de Cravenmoore vindo de algum lugar recôndito. O eco espalhou-se em várias direcções. Ismael sentiu uma pontada de adrenalina a queimar-lhe as veias e lançou-se o mais depressa que as pernas lhe permitiram até ao outro extremo daquela monumental galeria.

Os seus olhos pouco repararam no sinistro túnel de formas tenebrosas que deslizava à sua volta. Passou sob a auréola espectral da lanterna na cúspide e atravessou a encruzilhada de galerias à volta da escadaria central. A estrutura de mosaicos do chão parecia estender-se sob os seus pés e a vertiginosa fuga do corredor alargava-se à frente dos seus olhos, cavalcando até ao infinito.

Os gritos de Irene chegaram de novo aos seus ouvidos, desta vez mais próximos. Ismael atravessou o umbral de cortinas transparentes e por fim detectou a entrada para a câmara do extremo da ala oeste. Sem pensar um segundo, o rapaz lançou-se para o interior, desconhecendo o que o esperava lá dentro.

A fisionomia dissimulada de um quarto monumental abriu-se perante os seus olhos à luz das brasas que faiscavam na lareira. A silhueta de Irene, recortada numa ampla janela banhada por luz azul, reconfortou-o por um instante, mas depressa conseguiu ler o terror cego nos olhos da rapariga. Ismael virou-se por instinto e a visão que descobriu à sua frente nublou-lhe a mente, paralisando-o como o teria feito a dança hipnótica de uma serpente.

Erguendo-se de entre as sombras, uma titânica silhueta abriu duas grandes asas negras, as asas de um morcego. Ou de um demónio.

O anjo esticou dois longos braços, coroados por duas garras, formadas por sua vez por dedos longos e escuros, e o fio de aço das suas unhas brilhou à frente do seu rosto, escondido por um capuz.

Ismael recuou um passo em direcção à lareira e o anjo ergueu o rosto, revelando os seus traços na claridade das chamas. Havia algo mais naquela sinistra figura do que uma simples máquina. Algo se refugiara no seu interior, tornando-a uma marionete infernal, uma presença palpável e maléfica. O rapaz lutou para não fechar os olhos e agarrou o extremo intacto de um tronco meio reduzido a brasas. Brandindo o tronco aceso à frente do anjo, assinalou a porta do quarto.

– Dirige-te para a porta lentamente – murmurou a Irene.

A rapariga, paralisada pelo pânico, ignorou as suas palavras.

– Faz o que te disse – ordenou Ismael energicamente.

O tom da sua voz despertou Irene, que assentiu a tremer e começou a caminhar em direcção à porta. Só percorrera uns metros quando o rosto do anjo se virou para ela como um predador atento e paciente. Irene sentiu os pés fundirem-se com o chão.

– Não olhes para ele e continua a andar – indicou Ismael, sem deixar de brandir o tronco à frente do anjo.

Irene deu mais um passo. A criatura inclinou a cabeça na direcção dela e a jovem deixou escapar um gemido.

Ismael, aproveitando a distração, golpeou com o tronco o anjo num dos lados da cabeça. O impacto levantou uma chuva de fibras acesas. Antes de que pudesse retirar o tronco, uma das garras agarrou-se com força à madeira e umas unhas de cinco centímetros, poderosas como facas de caça, desfizeram-na em pedaços à frente dos seus olhos. O anjo deu um passo na direcção de Ismael. O rapaz conseguiu sentir a vibração do chão sob o peso do seu oponente.

– És só uma maldita máquina. Um maldito monte de lata... – murmurou, tentando apagar da mente o efeito aterrador daqueles dois olhos escarlates que espreitavam sob o capuz do anjo.

As pupilas demoníacas da criatura reduziram-se lentamente até formar um filamento sangrento sobre córneas de obsidiana, imitando os olhos de um grande felino. O anjo deu outro passo na sua direcção. Ismael deu uma olhadela rápida à porta. Eram mais de oito metros até lá. Não tinha como escapar, mas Irene sim.

– Quando disser, corre até à porta e não pares até estares fora da casa.

– Que estás a dizer?

– Não discutas agora – protestou Ismael, sem afastar os olhos da criatura. – Corre!

O rapaz calculava mentalmente o tempo que podia levar a correr até à janela e tentar escapar pela pedra da fachada quando o inesperado aconteceu. Irene, em vez de dirigir-se para a porta e fugir, agarrou num tronco em brasa da lareira e encarou o anjo.

– Olha para mim, seu sacana – gritou, pegando fogo à capa que cobria o anjo com as chamas do tronco e arrancando um grito de raiva à sombra que se ocultava no seu interior.

Ismael, atónito, correu para Irene e chegou mesmo a tempo de a derrubar para o chão, antes de que as cinco lâminas da garra a apanhassem no ar. A capa do anjo transformou-se num manto de chamas e a colossal silhueta da criatura tornou-se uma espiral de fogo. Ismael agarrou no braço de Irene e levantou-a. Juntos, tentaram correr

para a saída, mas o anjo interpôs-se no caminho deles após arrancar a capa de fogo que o mascarava. Uma estrutura de aço enegrecido aflorou sob as chamas.

Ismael, sem largar a rapariga um segundo (para prevenir novas tentativas de heroísmo), arrastou-a até à janela e atirou uma das cadeiras ao vidro. Uma chuva de vidro estalou sobre eles e o frio vento da noite impeliu os cortinados até ao tecto. Sentiam os passos do anjo a avançar para eles atrás de si.

– Depressa! Salta para o parapeito! – gritou o rapaz.

– O quê? – gemeu uma incrédula Irene.

Sem perder tempo com explicações, ele empurrou-a para o exterior. A rapariga atravessou as fauces abertas no vidro e deu com uma queda vertical de quase quarenta metros. O coração parou, convencida de que em décimas de segundo o seu corpo se precipitaria no vazio. Ismael, no entanto, não largou a sua presa nem um segundo e com um puxão pô-la de novo na estreita cornija que rodeava a fachada, como um corredor entre as nuvens. Ele saltou atrás dela e empurrou-a para a frente. O vento congelou-lhe o suor que lhe caía pelo rosto.

– Não olhes para baixo! – gritou.

Tinham avançado exactamente um metro quando a garra do anjo apareceu na janela atrás de si, as unhas arrancaram uma chuva de faíscas na rocha, perfurando quatro cicatrizes na pedra. Irene gritou ao sentir que os pés lhe tremiam na cornija e o corpo parecia balançar perigosamente para o vazio.

– Não consigo continuar, Ismael – anunciou. – Se dou mais um passo, caio.

– Consegues. E vais continuar. Vá, vamos – apressou-a ele, agarrando-lhe a mão com força. – Se caíres, caímos os dois.

A rapariga tentou sorrir-lhe. De repente, uns metros mais à frente, uma das janelas explodiu com violência e projectou milhares de pedaços de vidro para o exterior. As garras do anjo apareceram na janela e, um instante depois, todo o corpo da criatura aderiu à fachada como uma aranha.

– Meu Deus... – gemeu Irene.

Ismael tentou retroceder, puxando-a. O anjo rastejou na pedra, a silhueta quase se confundia com os rostos diabólicos das gárgulas que coroavam o friso superior da fachada de Cravenmoore.

A mente do rapaz examinou o campo visual que se abria perante eles a toda a velocidade. A criatura avançava palmo a palmo na direcção deles.

– Ismael...

– Já sei, já sei!

O rapaz calculou as possibilidades que tinham de sobreviver a um salto daquela altura. Zero, se fosse generoso. A alternativa de voltar a entrar no quarto requeria demasiado tempo. No intervalo de tempo que levariam a refazer os seus passos na cornija, o anjo estaria em cima deles. Sabia que lhe sobravam apenas alguns segundos para tomar uma decisão, fosse ela qual fosse. A mão de Irene apertou a sua com força, estava a tremer. O rapaz olhou uma última vez para o anjo, que rastejava na direcção deles, lenta mas inexoravelmente. Engoliu em seco e olhou na direcção oposta. A caleira descia junto da fachada aos seus pés. Metade do seu cérebro perguntava-se se aquela estrutura seria capaz de suportar o peso de duas pessoas, enquanto a outra metade estava a planear a forma de agarrar aquela grossa tubagem, a sua última oportunidade.

– Agarra-te a mim com força – murmurou por fim.

Irene olhou-o, depois olhou para o chão, um abismo, e leu o pensamento dele.

– Ai, meu Deus!

Ismael piscou-lhe o olho.

– Boa sorte – sussurrou.

A garra do anjo cravou-se a quatro centímetros do rosto dele. Irene gritou e agarrou-se a Ismael, fechando os olhos. Caíam numa descida vertiginosa. Quando a rapariga voltou a abrir os olhos, estavam ambos suspensos no vazio. Ismael descia pela caleira praticamente sem poder travar a trajectória. O estômago subiu-lhe à boca. Por cima deles, o anjo golpeou a tubagem, espalmando-a contra a fachada. Ismael notou que a fricção lhe arrancava a pele das mãos e dos antebraços sem piedade, produzindo uma queimadura que, passados poucos segundos, se tornaria uma dor aguda. O anjo rastejou na direcção deles e tentou agarrar a caleira... O próprio peso arrancou-o da parede.

E a massa metálica da criatura precipitou-se no vazio, arrastando atrás de si toda a tubagem. Esta, com Ismael e Irene, fez um arco no ar até ao chão. O rapaz lutou para não perder o controlo, mas a dor e a velocidade a que caíam foram mais fortes que o seu esforço.

A tubagem escorregou entre os seus braços e ambos viram-se a cair sobre o grande tanque que rodeava a ala oeste de Cravenmoore. O impacto na lâmina gelada de água negra golpeou-os com raiva. A inércia da queda impeliu-os para o fundo escorregadio da lagoa. Irene sentiu que a água gelada lhe entrava nas fossas nasais e lhe queimava a garganta. Uma onda de pânico percorreu-a. Abriu os olhos debaixo de água

e só viu um poço de negrura entre o ardor. Uma silhueta apareceu a seu lado: Ismael. O rapaz agarrou-a e levou-a para a superfície. Ambos emergiram à superfície com uma exalação.

– Depressa – instou-a Ismael.

Irene reparou nas marcas e feridas nas mãos e nos braços dele.

– Não é nada – mentiu o rapaz, saltando para fora do tanque.

Ela seguiu-o. As roupas estavam encharcadas e o frio da noite colava-as ao corpo, simulando um doloroso manto de geada sobre a pele. Ismael sondou as sombras em seu redor.

– Onde está? – perguntou Irene.

– Talvez o impacto da queda o tenha...

Algo se mexeu nos arbustos. De seguida, reconheceram os olhos escarlates. O anjo continuava ali e, fosse o que fosse que guiava os seus movimentos, não estava disposto a deixá-los escapar com vida.

– Corre!

Precipitaram-se à pressa para a entrada do bosque. As roupas encharcadas dificultavam-lhes a corrida e o frio começava a ensopar-lhes os ossos. O som do anjo no mato chegou até eles. Ismael puxou a rapariga com força, dirigindo-se para a zona mais profunda do bosque, onde a neblina ficava mais densa.

– Onde vamos? – gemeu Irene, consciente de que estavam a entrar numa parte do bosque que lhe era desconhecida.

Ismael não se preocupou em responder e limitou-se a puxá-la desesperadamente. Irene sentiu o mato a rasgar-lhe a pele dos tornozelos e o peso da fadiga a consumir-lhe os músculos. Não conseguia manter aquele ritmo muito mais tempo. Em questão de segundos, a criatura iria alcançá-los nas entranhas do bosque e iria despedaçá-los com as garras.

– Não consigo continuar...

– Consegues sim!

Ismael arrastava-a. A cabeça andava às voltas e conseguia ouvir os ramos partidos a ranger atrás de si, a escassos metros deles. Por um instante, pensou que ia desmaiar, mas uma pontada de dor na perna devolveu-lhe uma dolorosa consciência. Uma das garras do anjo emergira dos arbustos e abriu-lhe um corte na coxa. A rapariga gritou. O rosto da criatura surgiu atrás deles. Irene tentou fechar os olhos, mas não conseguiu afastar o olhar daquele predador infernal.

Naquele momento, a entrada de uma gruta dissimulada pelo mato apareceu à frente deles. Ismael lançou-se para o interior, arrastando-a consigo. Então era este o lugar para onde a levava. Uma gruta. Será que Ismael pensava que o anjo iria desistir de os caçar ali? Como resposta, Irene ouviu o som das garras a arranhar as paredes de rocha da gruta. Ismael arrastou-a através do estreito túnel até parar junto a um orifício no chão, um buraco no vazio. Um vento frio impregnado de salitre emanava do interior. Um rumor intenso rugia mais além, na escuridão. Água. O mar.

– Salta! – ordenou o rapaz.

Irene observou o orifício negro. Aos seus olhos, uma entrada directa para o inferno era mais apetecível.

– O que há lá em baixo?

Ismael suspirou, esgotado. Os passos do anjo soavam próximos. Muito próximos.

– É uma entrada para a Gruta dos Morcegos.

– Esta é a segunda entrada? Disseste que era perigosa!

– Não temos escolha...

Os olhos de ambos encontraram-se na penumbra. A dois metros de distância, o anjo negro fez ranger as garras. Ismael assentiu. A rapariga agarrou a mão dele e, fechando os olhos, saltou para o vazio. O anjo atirou-se atrás deles e atravessou a entrada da gruta, caindo para o interior da caverna.

A queda pela escuridão parecia infinita. Quando por fim os seus corpos se submergiram no mar, uma pontada de frio filtrou-se por cada poro da pele deles, ardente. Ao emergir à superfície, apenas um fio de claridade se infiltrava pelo buraco na cúspide da gruta. O vaivém da maré atirava-os contra os muros de rocha afiada.

– Onde está? – perguntou Irene, lutando por conter o tremor que a gélida temperatura da água lhe provocava.

Durante uns segundos, abraçaram-se em silêncio, à espera de que a qualquer momento aquela invenção infernal emergisse das águas e acabasse com as suas vidas na escuridão daquela caverna. Porém, esse momento nunca chegou. Ismael foi o primeiro a percebê-lo.

Os olhos escarlates do anjo brilhavam com intensidade no fundo da gruta. O enorme peso da criatura impedia que flutuasse à superfície. Um rugido de ira chegou até eles através das águas. Aquela presença que manipulava o anjo contorcia-se de raiva ao comprovar que a sua marioneta assassina caíra numa armadilha que a tornava inútil.

Aquela massa de metal jamais conseguiria chegar à superfície. Estava condenada a permanecer no fundo da gruta até que o mar a transformasse num monte de sucata oxidada.

Os miúdos ficaram ali, a observar como o brilho daqueles olhos empalidecia e se desvanecia sob as águas para sempre. Ismael deixou escapar um suspiro de alívio. Irene chorou em silêncio.

– Acabou – murmurava a rapariga a tremer. – Acabou.

– Não – disse Ismael. – Aquilo não passava de uma máquina, sem vida nem vontade. Algo a movia desde o interior. O que tentou matar-nos continua por aí...

– Mas o que é?

– Não sei...

Naquele momento, uma explosão teve lugar no fundo da caverna. Uma nuvem de bolhas negras emergiu à superfície, fundindo-se num espectro negro que rastejou pelas paredes de rocha até à entrada na cúspide da gruta. A sombra deteve-se e observou-os desde ali.

– Vai-se embora? – perguntou Irene, aterrorizada.

Uma gargalhada cruel e envenenada inundou a gruta. Ismael negou lentamente com a cabeça.

– Deixa-nos aqui... – disse o rapaz. – Para que a maré faça o resto...

A sombra escapou através da entrada para a caverna.

Ismael suspirou e conduziu Irene até uma pequena rocha que emergia na superfície e oferecia um espaço à conta para ambos. Levantou-a até à rocha e rodeou-a com os braços. Tremiam de frio e estavam feridos, mas durante uns minutos limitaram-se a estender-se na rocha e a respirar fundo, em silêncio. Nalgum momento, Ismael apercebeu-se de que a água parecia roçar-lhe os pés outra vez e compreendeu que a maré estava a subir. Não fora aquele ser que os perseguia que caíra na armadilha, foram eles próprios...

A sombra abandonara-os à mercê de uma morte lenta e terrível.

Anexo II

Texto de partida:

Las luces de septiembre

UNA NOTA DEL AUTOR

migo lector:

A veces, los lectores recuerdan mejor una obra que su propio autor. Recuerdan sus personajes, sus conflictos, su lenguaje y sus imágenes con una benevolencia que desarma al novelista, que empieza a olvidar tramas y escenas que escribió hace ya quizá más años de los que desearía. Eso me sucede a mí a veces con las tres primeras novelas «juveniles» que escribí y publiqué durante la década de los noventa, *El Príncipe de la Niebla*, *El Palacio de la Medianoche* y esta *Las Luces de Septiembre* que ahora sostienes en las manos. Siempre me ha parecido que estos tres libros formaban un ciclo de historias con muchas cosas en común y que, de alguna manera, intentaban parecerse a los libros que a mí me hubiese gustado leer en mi adolescencia.

Escribí *Las Luces de Septiembre* en Los Ángeles entre 1994 y 1995, con la intención de rematar algunos elementos que me parecía que no había sabido resolver tal como me hubiese gustado en *El Príncipe de la Niebla*. Revisándola hoy me doy cuenta de que la novela tiene más elementos de construcción cinematográficos que literarios, y que para mí siempre estará vinculada a las largas horas que pasé en compañía de sus personajes frente a un escritorio que miraba desde un tercer piso en Melrose Avenue y desde el que veía las letras de Hollywood en las colinas.

La novela está concebida como una historia de misterio y aventura para lectores que, como los espectadores de la mayoría de las películas que me rondaban la cabeza por entonces, eran jóvenes de espíritu y, con suerte, también de años. Nada de eso ha cambiado después de todo este tiempo.

Lo que sí ha cambiado, y ya era hora de que así fuera, es que por primera vez desde 1995 esta novela aparece publicada en una edición digna y en condiciones de honradez y decoro que lamentablemente nunca tuvo.

Confío en que la disfrutes, ya seas un lector joven o estés deseando volver a serlo. Me gusta pensar que, con tu ayuda, seré capaz de recordar ahora mejor esta novela y las dos que la precedieron y que podré permitirme el lujo de volver a vivir la aventura

ra de *Las Luces de Septiembre* y de aquellos años en que yo también me creía joven y las imágenes y las palabras parecían ser capaces de todo.

Buena lectura y hasta la vista.

CARLOS RUIZ ZAFÓN

Mayo de 2007.

Querida Irene:

Las luces de septiembre me enseñaron a recordar tus pasos desvaneciéndose en la mañana. Sabía ya entonces que la huella del invierno no tardaría en borrar el espejismo del último verano que pasamos juntos en Bahía Azul. Te sorprendería comprobar lo poco que ha cambiado todo desde entonces. La torre del faro sigue alzándose como un centinela entre las brumas, y la carretera que bordea la Playa del Inglés es apenas ya un pálido sendero que serpentea entre la arena hacia ninguna parte.

Las ruinas de Cravenmoore se insinúan sobre la arboleda del bosque, silenciosas y envueltas en un manto de oscuridad. En las cada día menos frecuentes ocasiones en que me aventuro bahía adentro en el velero, todavía puedo ver los cristales agrietados en los ventanales del ala oeste, brillando como señales fan-

tasmagóricas entre la niebla. A veces, embriujado por la memoria de aquellos días en que surcábamos la bahía de vuelta al puerto al caer la tarde, me parece volver a ver las luces parpadeando en la oscuridad. Pero sé que ya no hay nadie allí. Nadie.

Te preguntarás qué ha sido de la Casa del Cabo. Pues bien, sigue allí, aislada, enfrentándose al océano infinito desde el vértice del cabo. El pasado invierno un temporal desguazó lo que quedaba del pequeño embarcadero de la playa. Un acaudalado joyero venido de alguna ciudad sin nombre se vio tentado a adquirir la por una suma irrisoria, pero los vientos de poniente y el embate de las olas en los acantilados se encargaron de disuadirlo. El salitre ha hecho su mella en la madera blanca. La senda secreta que conducía hasta la laguna es ahora una jungla impenetrable, repleta de arbustos salvajes y ramas caídas.

De tarde en tarde, cuando el trabajo en el muelle me lo permite, cojo la bicicleta y me acerco hasta el cabo para contemplar el crepúsculo desde el porche suspendido en los acantilados: solos yo y una bandada de gaviotas, que parecen haberse adjudicado el papel de nuevos inquilinos sin pasar por el despacho de notario alguno. Desde allí todavía puede verse cómo la luna dibuja una guirnalda de plata hacia la Cueva de los Murciélagos al alzarse sobre el horizonte.

Recuerdo que una vez te hablé de esta cueva y yo te conté la fabulosa historia de un siniestro pirata

curso cuyo buque fue engullido por la gruta una noche de 1746. Mentí. Nunca hubo ningún contrabandista ni bucanero pendenciero que se aventurara en las tinieblas de aquella gruta. En mi defensa puedo decir que ésa fue la única mentira que oíste de mis labios. Aunque probablemente lo supiste desde el principio.

Esta mañana, mientras enhebraba un manojo de redes prendidas en el arrecife, ha sucedido otra vez. Por un segundo creí verte en el porche de la Casa del Cabo, mirando hacia el horizonte en silencio, como te gustaba hacerlo. Cuando las gaviotas han alzado el vuelo, he comprobado que no había nadie allí. Más allá, cabalgando sobre las brumas, se alzaba el monte Saint Michel, como una isla fugitiva varada en la marea.

A veces pienso que todos se han ido a algún lugar lejos de Bahía Azul y que yo me he quedado atrapado en el tiempo, esperando en vano que la marea púrpura de septiembre me devuelva algo más que recuerdos. No me hagas mucho caso. El mar tiene estas cosas; todo lo devuelve después de un tiempo, especialmente los recuerdos.

Creo que, si cuento ésta, ya son cien las cartas que te he enviado a la última dirección tuya que pude conseguir en París. A veces me pregunto si has recibido alguna de ellas, si todavía te acuerdas de mí y de aquel amanecer en la Playa del Inglés. Tal vez así sea,

tal vez la vida te ha llevado lejos de aquí, lejos de todos los recuerdos de la guerra.

La vida era mucho más sencilla entonces, ¿recuerdas? ¿Qué digo? Seguro que no. Empiezo a pensar que sólo soy yo, pobre tonto, el que todavía vive del recuerdo de todos y cada uno de aquellos días de 1937, cuando aún estabas aquí, a mi lado...

I. EL CIELO SOBRE PARÍS



París, 1936

Quienes recuerdan la noche en que murió Armand Sauvelle juran que un destello púrpura atravesó la bóveda del cielo, trazando un rastro de cenizas encendidas que se perdía en el horizonte; un destello que su hija Irene jamás pudo ver, pero que embrujaría sus sueños por muchos años.

Era un frío amanecer de invierno, y los cristales de la sala número catorce del hospital Saint George estaban teñidos por una fina película de hielo que dibujaba unas acuarelas fantasmales de la ciudad en la tiniebla dorada del alba.

La llama de Armand Sauvelle se apagó en silencio, sin apenas un suspiro. Su esposa Simone y su hija Irene alzaron la mirada cuando los primeros

destellos que quebraban la línea de la noche trazaron agujas de luz a lo largo de la sala del hospital. Dorian, su hijo menor, descansaba dormido sobre una de las sillas. Un silencio sobrecogedor invadió la sala. No fue necesario cruzar ninguna palabra para comprender lo que había sucedido. Tras seis meses de sufrimiento, el fantasma negro de una enfermedad cuyo nombre jamás fue capaz de pronunciar había arrancado la vida a Armand Sauvelle. Sin más.

Ése fue el principio del peor año que recordaría la familia Sauvelle.

Armand Sauvelle se llevó a la tumba su magia y su risa contagiosa, pero sus numerosas deudas no lo acompañaron en el último viaje. Pronto, una cohorte de acreedores y toda suerte de criaturas carroñeras con levita y título honorífico tomaron por costumbre dejarse caer por la vivienda de los Sauvelle, en el bulevar Haussmann. Las frías visitas de cortesía legal dieron paso a las amenazas veladas. Y éstas, con el tiempo, a los embargos.

Colegios de prestigio y ropas de impecable acabado fueron sustituidos por empleos a tiempo parcial y atuendos más modestos para Irene y Dorian. Era el inicio del vertiginoso descenso de los Sauvelle al mundo real. La peor parte del viaje, sin embargo, cayó sobre Simone. Retomar su empleo como maes-

tra no bastaba para hacer frente al torrente de deudas que devoraban sus escasos recursos. En cada rincón aparecía un nuevo documento que Armand había firmado, una nueva suscripción de deuda impagada, un nuevo agujero negro sin fondo...

Fue por entonces cuando el pequeño Dorian empezó a sospechar que la mitad de la población de París la componían abogados y contables, una clase de ratas que habitaban en la superficie. Fue también entonces cuando Irene, sin que su madre tuviese conocimiento de ello, aceptó un empleo en un salón de baile. Danzaba con los soldados, apenas unos adolescentes asustados, por unas monedas (monedas que, de madrugada, introducía en la caja que Simone guardaba bajo el fregadero de la cocina).

Del mismo modo, los Sauvelle descubrieron que la lista de quienes se declaraban sus amigos y benefactores se reducía como la escarcha al amanecer. Con todo, llegado el verano, Henri Leconte, un antiguo amigo de Armand Sauvelle, ofreció a la familia la posibilidad de instalarse en el pequeño apartamento situado sobre la tienda de artículos de dibujo que regentaba en Montparnasse. El precio del alquiler lo dejaba a cuenta de futuras bonanzas y a cambio de que Dorian lo ayudase como chico de los recados, porque sus rodillas ya no eran lo que habían sido de joven. Simone nunca tuvo palabras suficientes para agradecer la bondad del viejo mon-

sieur Leconte. El comerciante nunca las pidió. En un mundo de ratas, habían tropezado con un ángel.

Cuando los primeros días del invierno se insinuaron sobre las calles, Irene cumplió catorce años, aunque a ella le pesaron como veinticuatro. Por un día, las monedas que ganó en el salón de baile las empleó en comprar un pastel para celebrar su cumpleaños con Simone y Dorian. La ausencia de Armand pendía sobre todos como una opresora sombra. Juntos apagaron las velas del pastel en el angosto salón del apartamento de Montparnasse, rogando que, con las llamas, se extinguiese el espectro de la mala fortuna que los había perseguido durante meses. Por una vez, su deseo no fue ignorado. No lo sabían aún, pero aquel año de sombras estaba llegando a su fin.

Semanas más tarde, una luz de esperanza se abrió inesperadamente en el horizonte de la familia Sauvelle. Gracias a las artes de monsieur Leconte y su red de conocidos, apareció la promesa de un buen empleo para su madre en un pequeño pueblo de la costa, Bahía Azul, lejos de la tiniebla grisácea de París, lejos de los tristes recuerdos de los últimos días de Armand Sauvelle. Al parecer, un adinerado inventor y fabricante de juguetes, llamado Lazarus Jann, necesitaba una ama de llaves que se hiciera

cargo del cuidado de su palaciega residencia en el bosque de Cravenmoore.

El inventor vivía en la inmensa mansión, contigua a su vieja fábrica de juguetes, ya cerrada, con la única compañía de su esposa Alexandra, gravemente enferma y postrada en una habitación de la gran casa desde hacía veinte años. La paga era generosa y, además, Lazarus Jann les ofrecía la posibilidad de instalarse en la Casa del Cabo, una modesta residencia construida sobre los acantilados en el vértice del cabo, al otro lado del bosque de Cravenmoore.

A mediados de junio de 1937, monsieur Leconte despidió a la familia Sauvelle en el andén seis de la estación de Austerlitz. Simone y sus dos hijos subieron a bordo de un tren que habría de llevarlos rumbo a la costa de Normandía.

Mientras el viejo Leconte observaba cómo se perdía el rastro del convoy, sonrió para sí y, por un instante, tuvo el presentimiento de que la historia de los Sauvelle, su verdadera historia, apenas había empezado.

2. GEOGRAFÍA Y ANATOMÍA



Normandía, verano de 1937

En su primer día en la Casa del Cabo, Irene y su madre trataron de poner algo de orden en el que habría de ser su nuevo hogar. Dorian, por su parte, descubrió mientras tanto su nueva pasión: la geografía o, más concretamente, dibujar mapas. Pertrechado con los lápices y un cuaderno que Henri Leconte le había regalado al partir, el hijo menor de Simone Sauvelle se retiró a un pequeño santuario entre los acantilados, una privilegiada atalaya desde la que gozaba de una vista espectacular.

El pueblo y su pequeño muelle de pescadores presidían el centro de la gran bahía. Hacia el este se extendía una playa infinita de arenas blancas, un desierto de perlas frente al mar, conocida como la Playa del Inglés. Más allá, la aguja del cabo se aden-

traba en el mar como una garra afilada. La nueva casa de los Sauvelle estaba construida sobre su extremo, que separaba Bahía Azul del amplio golfo que los lugareños denominaban Bahía Negra, por sus aguas oscuras y profundas.

Mar adentro, alzándose entre la calima evanescente, Dorian divisaba el islote del faro, a media milla de la costa. La torre del faro se erguía oscura y misteriosa, fundiéndose en las brumas. Si volvía la vista a tierra, Dorian podía ver a su hermana Irene y a su madre en el porche de la Casa del Cabo.

Su nueva morada era una construcción de dos pisos de madera blanca, enclavada sobre los acantilados: una terraza suspendida en el vacío. Tras la casa se levantaba la espesura del bosque y, alzándose sobre las copas de los árboles, se distinguía la majestuosa residencia de Lazarus Jann, Cravenmoore.

Cravenmoore semejava más bien un castillo, una invención catedralicia, producto de una imaginación extravagante y torturada. Un laberinto de arcos, arbotantes, torres y cúpulas sembraba su angulosa techumbre. La construcción respondía a una planta cruciforme de la que brotaban diferentes alas. Dorian observó atentamente la siniestra silueta de la morada de Lazarus Jann. Un ejército de gárgolas y ángeles esculpidos sobre la piedra guardaba el friso de la fachada cual bandada de espectros petrificados a la espera de la noche. Mientras cerraba

su cuaderno y se disponía a regresar a la Casa del Cabo, Dorian se preguntó qué clase de persona elegiría un lugar como aquél para vivir. No tardaría en averiguarlo: aquella noche estaban invitados a cenar en Cravenmoore. Cortesía de su nuevo benefactor, Lazarus Jann.

La nueva habitación de Irene estaba orientada hacia el noroeste. Desde su ventana podía contemplar el islote del faro y las manchas de luz que el sol dibujaba sobre el océano, lagunas de plata encendida. Tras meses de encierro en el reducido piso de París, el disfrutar de una habitación para ella sola se le antojaba un lujo casi ofensivo. La posibilidad de cerrar la puerta y gozar de un espacio reservado a su intimidad era una sensación embriagadora.

Mientras contemplaba cómo el sol poniente teñía de cobre el mar, Irene afrontó el dilema de qué indumentaria lucir para su primera cena con Lazarus Jann. Apenas conservaba una pequeña parte del que había sido un extenso vestuario. Ante la idea de ser recibidos en la gran casa de Cravenmoore, todos sus vestidos le parecían despojos harapientos y vergonzantes. Tras probarse los dos únicos atavíos que podrían reunir las condiciones para semejante ocasión, Irene se percató de la existencia de un nuevo problema con el que no había contado.

Desde que había cumplido los trece años, su cuerpo parecía empeñado en adquirir volumen en determinados lugares y perderlo en otros. Ahora, al borde de los quince y enfrentándose al espejo, los caprichos de la naturaleza se hacían más evidentes que nunca para Irene. Su nuevo perfil curvilíneo no casaba con el severo corte de su polvoriento guardarrópía.

Una guirnalda de reflejos escarlatas se extendía sobre Bahía Azul cuando, poco antes del anochecer, Simone Sauvelle llamó suavemente a su puerta.

—Adelante.

Su madre cerró la puerta a sus espaldas y realizó una rápida radiografía de la situación. Todos los vestidos de Irene estaban tendidos sobre el lecho. Su hija, ataviada con una simple camiseta blanca, contemplaba desde la ventana las luces lejanas de los barcos en el canal. Simone observó el esbelto cuerpo de Irene y sonrió para sí.

—El tiempo pasa y no nos damos cuenta, ¿eh?

—No me entra ni uno solo. Lo siento —repuso Irene—. Y lo he intentado.

Simone se acercó hasta la ventana y se arrodilló junto a su hija. Las luces del pueblo en el centro de la bahía dibujaban acuarelas de luz sobre las aguas. Por un instante, ambas contemplaron el espectáculo sobrecogedor del crepúsculo sobre Bahía Azul. Simone acarició el rostro de su hija y sonrió.

—Creo que este sitio nos va a gustar. ¿Tú qué dices? —preguntó.

—¿Y nosotros? ¿Vamos a gustarle nosotros a él?

—¿A Lazarus?

Irene asintió.

—Somos una familia encantadora. Nos adorará —respondió Simone.

—¿Estás segura?

—Más nos vale, jovencita.

Irene señaló su vestuario.

—Ponte uno de los míos —sonrió Simone—.

Me parece que te sentarán mejor que a mí.

Irene se sonrojó ligeramente.

—Exagerada —le recriminó a su madre.

—Tiempo al tiempo.

La mirada que Dorian dedicó a su hermana cuando la vio aparecer al pie de la escalera, envuelta en un vestido de Simone, hubiera ganado cursos. Irene clavó sus ojos verdes en Dorian y, alzando un dedo índice amenazador, le dirigió una velada advertencia:

—Ni una palabra.

Dorian, mudo, asintió, incapaz de despegar los ojos de aquella desconocida que hablaba con la misma voz que su hermana Irene y lucía su mismo rostro. Simone advirtió su semblante y reprimió

una sonrisa. Luego, con solemne seriedad, colocó una mano sobre el hombro del muchacho y se arrodilló frente a él para arreglar su pajarita morada, herencia de su padre.

—Vives rodeado de mujeres, hijo. Ve acostumbrándote.

Dorian asintió de nuevo, entre la resignación y el asombro. Cuando el reloj de la pared anunció las ocho de la noche, todos estaban listos para la gran cita y enfundados en sus mejores galas. Por lo demás, muertos de miedo.

Una tenue brisa soplaba desde el mar y agitaba la espesura en el bosque que rodeaba Cravenmoore. El siseo invisible de las hojas acompañaba el eco de los pasos de Simone y sus hijos en la senda que atravesaba la arboleda, un verdadero túnel tallado entre una jungla oscura e insondable. La pálida tez de la luna pugnaba por atravesar el sudario de sombras que cubría el bosque. Las voces invisibles de los pájaros que anidaban en las copas de aquellos gigantes centenarios formaban una inquietante letanía.

—Este sitio me da escalofríos —apuntó Irene.

—Tonterías —se apresuró a atajar su madre—. Es simplemente un bosque. Andando.

Dorian contemplaba en silencio las sombras de

la floresta desde su posición de retaguardia. La oscuridad creaba siniestras siluetas y catapultaba su imaginación a dilucidar docenas de criaturas diabólicas al acecho.

—A la luz del día todo esto no son más que matos y árboles —matizó Simone Sauvelle, pulverizando el hechizo fugaz con que Dorian se estaba deleitando.

Unos minutos más tarde, tras una travesía nocturna que a Irene se le antojó interminable, la imponente y angulosa silueta de Cravenmoore se alzó frente a ellos como un castillo de leyenda que emergía en la niebla. Haces de luz dorada parpadeaban tras los grandes ventanales de la inmensa residencia de Lazarus Jann. Un bosque de gárgolas se recortaba contra el cielo. Más allá podía distinguirse la fábrica de juguetes, un anexo de la mansión.

Rebasado el umbral de la floresta, Simone y sus hijos se detuvieron a contemplar la sobrecogedora inmensidad de la residencia del fabricante de juguetes. En ese momento, un pájaro semejante a un cuervo emergió de la maleza, aleteando, y trazó una curiosa trayectoria sobre el jardín que rodeaba Cravenmoore. El ave voló en círculos sobre una de las fuentes de piedra y fue a posarse a los pies de Dorian. Al cesar el batir de sus alas, el cuervo se tendió sobre uno de sus costados y se abandonó a un lento balanceo hasta quedar inerte. El mucha-

cho se arrodilló y aproximó lentamente su mano derecha al animal.

—Ten cuidado —le advirtió Irene.

Dorian, ajeno a su consejo, acarició el plumaje del cuervo. El pájaro no dio señales de vida. El chico lo tomó en sus manos y desplegó sus alas. Un gesto de perplejidad oscureció su rostro. Segundos después, se volvió hacia Irene y Simone:

—Es de madera —murmuró—. Es una máquina. Los tres intercambiaron una mirada en silencio.

Simone suspiró e invitó a sus hijos:

—Vamos a causar una buena impresión. ¿De acuerdo?

Ellos asintieron. Dorian devolvió el pájaro de madera al suelo. Simone Sauvelle sonrió débilmente y, a su señal de asentimiento, los tres enfilaron la escalinata de mármol blanco que serpenteaba hacia el gran portón de bronce, tras el cual se ocultaba el mundo secreto de Lazarus Jann.

Las puertas de Cravenmoore se abrieron ante ellos sin necesidad de utilizar el extraño llamador forjado en bronce a imagen y semejanza del rostro de un ángel. Un intenso halo de luz áurea emanaba del interior de la casa. Una silueta inmóvil aparecía recortada en el haz de claridad. La figura cobró vida súbitamente ladeando la cabeza, al tiempo que se oía un ligero traqueteo mecánico. El rostro afloró a la luz. Ojos sin vida, simples esferas de cristal, en-

claustrados en una máscara sin más expresión que una escalofriante sonrisa, los contemplaban.

Dorian tragó saliva. Irene y su madre, más impresionables, dieron un paso atrás. La figura tendió una mano hacia ellos y permaneció inmóvil de nuevo.

—Confío en que *Christian* no los haya asustado. Es una creación antigua y torpe.

Los Sauvelle se volvieron hacia la voz que les hablaba desde el pie de la escalinata. Un rostro amable, de camino a una afortunada madurez, les sonreía sin cierta picardía. Los ojos del hombre eran azules y brillaban bajo una espesa mata de cabellos plateados y cuidadosamente peinados. El hombre, pulcramente trajeado, con un bastón de ébano policromado, se acercó a ellos y les dedicó una respetuosa reverencia.

—Mi nombre es Lazarus Jann, y creo que les debo una disculpa —dijo.

Su voz era cálida, confortante, una de esas voces dotadas de un poder tranquilizador y una rara seriedad. Sus grandes ojos azules observaron detenidamente a cada uno de los miembros de la familia y, finalmente, se posaron en el rostro de Simone.

—Estaba dando mi habitual paseo nocturno por el bosque y me he retrasado. Madame Sauvelle, si no me equivoco...

—Es un placer, señor.

—Por favor, llámeme Lazarus. Simone asintió.

—Ésta es mi hija Irene. Y éste es Dorian, el benjamín de la familia.

Lazarus Jann estrechó cuidadosamente las manos de ambos. Su tacto era firme y agradable; su sonrisa, contagiosa.

—Bien. Respecto a *Christian*, no deben temerlo en absoluto. Lo mantengo como un recuerdo de mi primera época. Es torpe y su aspecto dista de ser amigable, lo sé.

—¿Es una máquina? —se apresuró a preguntar Dorian, fascinado.

La mirada de censura de Simone llegó tarde. Lazarus sonrió al muchacho.

—Podríamos llamarlo así. Técnicamente, *Christian* es lo que denominamos un autómata.

—¿Lo construyó usted, señor?

—Dorian —recriminó su madre.

Lazarus sonrió de nuevo. Evidentemente, la curiosidad del muchacho no le molestaba en absoluto.

—Sí. A él y a otros muchos. Ése es, mejor dicho, ése era mi trabajo. Pero creo que la cena nos espera. ¿Qué tal si discutimos todo esto frente a un buen plato y así nos vamos conociendo mejor?

El aroma de un delicioso asado llegó hasta ellos como un elixir encantado. Incluso una piedra les hubiese leído el pensamiento.

Ni el sorprendente recibimiento del autómata ni el sobrecogedor aspecto del exterior de Cravenmoore podían presagiar el impacto que el interior de la mansión de Lazarus Jann causó en los Sauvelle. Tan pronto rebasaron el umbral de sus puertas, los tres se vieron sumergidos en un mundo fantástico que iba mucho más allá de lo que sus tres imaginaciones juntas podían llegar a concebir.

Una suntuosa escalera parecía ascender en espiral hacia el infinito. Alzando la vista, los Sauvelle contemplaron una fuga que conducía a la torre central de Cravenmoore, coronada por una linterna mágica que bañaba la atmósfera interna de la casa con una luz espectral y evanescente. Bajo ese manto de claridad fantasmal se descubría una interminable galería de criaturas mecánicas. Un gran reloj de pared, dotado de ojos y una mueca caricaturesca, sonreía a los visitantes. Una bailarina envuelta en un velo transparente giraba sobre sí misma en el centro de una sala ovalada, donde cada objeto, cada detalle, formaba parte de la fauna creada por Lazarus Jann.

Los pomos de las puertas eran rostros risueños que guiñaban sus ojos al girar. Un gran búho de magnífico plumaje dilataba sus pupilas de cristal y aleteaba lentamente en las brumas. Decenas o quizá

cientos de miniaturas y juguetes ocupaban una inmensidad de muros y vitrinas que hubiera llevado toda una vida explorar. Un pequeño y juguetón cachorro mecánico movía la cola y ladraba al paso de un ratoncillo de metal. Suspendido del techo invisible, un carrusel de hadas, dragones y estrellas danzaba en el vacío, en torno a un castillo que flotaba entre nubes de algodón al son del tintineo distante de una caja de música...

Dondequiera que dirigieran su mirada, los Sauvle descubrían nuevos prodigios, nuevos artefactos imposibles que desafiaban todo lo que habían visto antes. Bajo la divertida mirada de Lazarus, los tres permanecieron así, presos de aquel estado de absoluto encantamiento, durante minutos.

—¡Es... es maravilloso! —dijo Irene, incapaz de creer cuanto sus ojos le transmitían.

—Bien, esto es sólo el vestíbulo. Pero celebren que les guste —asintió Lazarus, guiándolos hacia el gran comedor de Cravenmoore.

Dorian, desprovisto de palabras, lo contemplaba todo con unos ojos como platos. Simone e Irene, no menos impresionadas, hacían lo posible por no caer en el hipnótico estado de ensueño que la casa producía.

La sala donde se servía la cena estaba a la altura de lo que el vestíbulo auguraba. Desde las copas hasta los cubiertos, los platos o las lujosas alfombras

que cubrían el suelo, todo llevaba el sello de Lazarus Jann. Ni un solo objeto en la casa parecía pertenecer al mundo real, gris y aborreciblemente normal que habían dejado atrás al internarse en aquella vivienda. Con todo, a los ojos de Irene no escapó el inmenso retrato que reposaba sobre la chimenea, cuyas llamas brotaban de las fauces de unos dragones. Una dama de belleza deslumbrante lucía un vestido blanco. El poder de su mirada había rebasado la frontera entre la realidad y los pinceles del artista. Por unos segundos, Irene se perdió en aquella mirada mágica y embriagadora.

—Mi esposa, Alexandra... Cuando todavía gozaba de buena salud. Días maravillosos, aquéllos —dijo la voz de Lazarus a sus espaldas, envuelta en un halo de melancolía y resignación.

La cena transcurrió agradablemente a la luz de las llamas. Lazarus Jann se reveló como un excelente anfitrión que pronto supo ganarse las simpatías de Dorian e Irene con bromas y narraciones sorprendentes. En el curso de la velada les explicó que los deliciosos platos que estaban degustando eran obra de Hannah, una muchacha de la edad de Irene que trabajaba para él como cocinera y doncella. A los pocos minutos, la tirantez inicial desapareció y todos se sumaron a la distendida conversación que

el fabricante de juguetes sabía tejer con una habilidad imperceptible.

Cuando empezaron a degustar el segundo plato, el asado de pavo especialidad de Hannah, los Sauvelle se sentían en la presencia de un viejo conocido. Para su tranquilidad, Simone advirtió que la corriente de simpatía entre sus hijos y Lazarus era mutua, y que ella misma no era ajena a su encanto.

Entre anécdota y anécdota, Lazarus les facilitó cumplidas explicaciones acerca de la casa y la naturaleza de las obligaciones a las que su nuevo empleo los comprometía. El viernes era la noche libre de Hannah y la pasaba con su humilde familia en Bahía Azul. Pero Lazarus les informó de que tendrían oportunidad de conocerla tan pronto se incorporase de nuevo a su labor. Hannah era la única persona, sin contar a Lazarus y a su esposa, que vivía en Cravenmoore. Ella los ayudaría a aclimatarse y solventaría cuantas dudas tuviesen en relación con la casa.

Llegados los postres, una irresistible tarta de frambuesas, Lazarus pasó a explicar lo que esperaba de ellos. Pese a estar ya retirado, seguía trabajando ocasionalmente en el taller de juguetes, localizado en una ala contigua a Cravenmoore. Tanto la fábrica como las habitaciones de los pisos superiores estaban vedadas a su paso. No debían entrar en ellas bajo ningún concepto. Sobre todo en el ala oeste de la casa, que albergaba las habitaciones de su esposa.

Alexandra Jann padecía, desde hacía más de veinte años, una extraña e incurable enfermedad que la obligaba a guardar reposo absoluto en cama. La esposa de Lazarus vivía retirada en su habitación del tercer piso en el ala oeste, donde sólo su marido entraba para atenderla y proporcionarle cuantos cuidados precisaba en su precario estado. El fabricante de juguetes les contó cómo su esposa, por entonces una joven llena de vitalidad y belleza, con- trajo la misteriosa enfermedad en un viaje que realizaron por tierras centroeuropeas.

El virus, al parecer incurable, fue apoderándose de ella poco a poco. Pronto, casi ni podía caminar o sostener un objeto en las manos. En el plazo de seis meses, su estado empeoró hasta convertirla en una inválida, un triste reflejo de la persona con quien se había casado tan sólo unos años antes. Al año de contraer la enfermedad, la memoria de la enferma empezó a desvanecerse, y en cuestión de semanas apenas era capaz de reconocer a su propio esposo. Desde entonces dejó de hablar y su mirada se convirtió en un pozo sin fondo. Alexandra Jann tenía entonces veintiséis años. Desde ese día jamás había vuelto a salir de Cravenmoore.

Los Sauvelle escucharon el triste relato de Lazarus en respetuoso silencio. El fabricante, obviamente consternado por el recuerdo y por dos décadas de vida en soledad y dolor, quiso quitar importancia al

hecho derivando la conversación hacia la exquisita tarta de Hannah. La triste amargura de su mirada, sin embargo, no pasó desapercibida para Irene.

No le costaba imaginar la huida a ninguna parte de Lazarus Jann. Desprovisto de aquello que más amaba, Lazarus se había refugiado en su mundo de fantasía y había creado cientos de seres y objetos con los que llenar la profunda soledad que lo rodeaba.

Al oír las palabras del fabricante de juguetes, Irene comprendió que ya nunca podría volver a ver aquel universo de imaginación desbordante que poseía Cravenmoore como una espectacular e imponente pirueta del genio que lo había creado. Para ella, que había aprendido a reconocer en carne propia el vacío de la pérdida, Cravenmoore no era más que el oscuro reflejo del laberinto de soledad en el que Lazarus Jann había vivido en los últimos veinte años. Cada habitante de aquel mundo maravilloso, cada creación, constituía simplemente una lágrima derramada en silencio.

Finalizada la cena, Simone Sauvelle tenía muy claras sus obligaciones y responsabilidades en la casa. Sus funciones eran similares a las de una ama de llaves, un trabajo que poco tenía que ver con su empleo original, el de maestra, pero que estaba dispuesta a desempeñar tan bien como pudiese para garantizar un futuro de bienestar a sus hijos. Simone supervisaría el trabajo de Hannah y de los sir-

vientes ocasionales, se haría cargo de las tareas de administración y mantenimiento de la propiedad de Lazarus Jann, del trato con los proveedores y los comerciantes del pueblo, de la correspondencia, de las provisiones y de garantizar que nada ni nadie importunara al fabricante en su deseado retiro del mundo exterior. Igualmente, su trabajo contemplaba la adquisición de libros para la biblioteca de Lazarus. A tal efecto, su patrón insinuó claramente que su pasado como educadora había sido determinante a la hora de elegirla entre otras candidatas más versadas en el área del servicio. Lazarus insistió en que este cometido era uno de los más importantes de su posición.

A cambio de estas tareas, Simone y sus hijos podrían ocupar la Casa del Cabo y gozar de un sueldo más que razonable. Lazarus se haría cargo de los gastos de escolarización de Irene y Dorian para el próximo curso, tras el verano. Igualmente, se comprometía a pagar los estudios universitarios de ambos si los jóvenes presentaban aptitudes y voluntad para ello. Irene y Dorian, por su parte, podían colaborar con su madre en las tareas que ella les asignase en la casa, siempre y cuando respetaran las reglas de oro: no traspasar los límites especificados por su propietario.

Teniendo en cuenta los meses anteriores, de deudas y miseria, la oferta de Lazarus se le antojaba

a Simone Sauvelle como una bendición del cielo. Bahía Azul era un escenario paradisiaco para empesar una nueva vida con sus hijos. El empleo era más que deseable, y Lazarus ofrecía todos los visos de ser un patrón magnánimo y bondadoso. Tarde o temprano, la suerte tenía que sonreírles. El destino había querido que fuese en ese lugar alejado, y por primera vez en mucho tiempo, Simone estaba dispuesta a aceptar sus designios con agrado. Es más, si su instinto no la engañaba, y no solía hacerlo, adivinaba una sincera corriente de simpatía hacia ella y su familia. No le costaba esfuerzo suponer que su compañía y su presencia en Cravenmoore podían constituir un bálsamo para paliar la inmensa soledad que parecía rodear a su propietario.

La cena finalizó con una taza de café y la promesa de Lazarus de que, algún día, iniciaría al absolutamente cautivado Dorian en los misterios de la construcción de autómatas. Los ojos del muchacho se encendieron de ilusión ante la oferta y, por un breve instante, las miradas de Lazarus y Simone se encontraron de manera fugaz al trasluz de las velas. Simone reconoció en ellos el rastro de años de soledad, una sombra que conocía bien. Buques a la deriva que se cruzan en la noche. El fabricante de juguetes entornó los ojos y se alzó en silencio, señalando el fin de la velada.

Luego los guió hasta la puerta principal, dete-

niéndose brevemente para explicar alguno de los prodigios que poblaban el camino. Dorian e Irene asistían boquiabiertos a cuantos detalles les revelaba. Cravenmoore albergaba suficientes maravillas para iluminar cien años de asombro. Poco antes de enfilar el vestíbulo que conducía a la puerta, Lazarus se detuvo ante lo que aparentaba ser un complejo mecanismo de espejos y lentes, y dirigió una mirada enigmática a Dorian. Sin mediar palabra, introdujo el brazo entre un pasillo de espejos. Lentamente, el reflejo de su mano se desvaneció hasta hacerse invisible. Lazarus sonrió.

—No debes creer todo aquello que ves. La imagen de la realidad que nos brindan nuestros ojos es sólo una ilusión, un efecto óptico —dijo—. La luz es una gran mentirosa. Dame tu mano.

Dorian siguió las instrucciones del fabricante de juguetes y dejó que éste la guiase por el pasillo de espejos. La imagen de su mano se desintegró ante sus propios ojos. Dorian, con un interrogante mudo en la mirada, se volvió hacia Lazarus.

—¿Conoces las leyes de la óptica y de la luz? —preguntó el hombre.

Dorian negó con la cabeza. En ese momento no sabía ni dónde tenía su mano derecha.

—La magia es tan sólo una extensión de la física. ¿Qué tal se te dan las matemáticas?

—Excepto la trigonometría, así, así...

Lazarus sonrió.

—Por ahí empezaremos. La fantasía son números, Dorian. Ése es el truco.

El muchacho asintió, sin saber muy bien de qué estaba hablando Lazarus. Finalmente, éste señaló la puerta y los acompañó hasta el umbral. Fue entonces cuando, casi por casualidad, Dorian creyó ver lo imposible. Al pasar frente a uno de los faroles parpadeantes, las siluetas que proyectaban sus cuerpos se dibujaron sobre los muros. Todas menos una: la de Lazarus, cuyo rastro en la pared era invisible, como si su presencia no fuese más que un espejismo.

Cuando se volvió, Lazarus lo observaba detenidamente. El chico tragó saliva. El fabricante de juguetes le pellizcó cariñosamente la mejilla, burlón.

—No creas todo lo que vean tus ojos...

Y Dorian siguió a su madre y a su hermana al exterior.

—Gracias por todo y buenas noches —concluyó Simone.

—Ha sido un placer. Y no es un cumplido —dijo Lazarus cordialmente; les sonrió amablemente y alzó la mano en señal de despedida.

Los Sauvelle se adentraron en el bosque poco antes de la medianoche, de vuelta a la Casa del Cabo. Dorian, silencioso, permanecía todavía bajo los

efectos de la prodigiosa residencia de Lazarus Jann. Irene andaba perdida en sus propios pensamientos, lejos del mundo. Y Simone, por su parte, respiró tranquila y dio gracias a Dios por la suerte que les había enviado.

Justo antes de que la silueta de Cravenmoore se perdiese a sus espaldas, Simone se volvió a contemplarla una última vez. Una sola ventana permanecía iluminada en el segundo piso del ala oeste. Una figura se erguía inmóvil tras los cortinajes. En ese preciso momento, la luz se extinguió y el amplio ventanal se sumergió en las sombras.

De vuelta a su habitación, Irene se quitó el vestido que su madre le había prestado y lo plegó cuidadosamente sobre la silla. Las voces de Simone y Dorian se oían en la cámara contigua. La joven apagó la luz y se tendió sobre el lecho. Sombras azules danzaban sobre el cielo raso como una cabalgata de espectros saltarines en la aurora boreal. El susurro de las olas rompiendo en los acantilados acariciaba el silencio. Irene cerró los ojos y trató de conciliar el sueño en vano.

Era difícil aceptar que desde aquella noche no volvería a ver su viejo piso de París, ni habría de regresar al salón de baile para ganarse las pocas monedas que aquellos soldados llevaban consigo. Sabía

que las sombras de la gran ciudad no podían alcanzarla allí, pero la huella del recuerdo no conocía fronteras. Se incorporó de nuevo y se acercó hasta la ventana.

La torre del faro se alzaba en las tinieblas. Concentró la vista en el islote entre las brumas incandescentes. Un reflejo fugaz pareció brillar, como el guiño de un espejo en la distancia. Segundos después, el destello brilló de nuevo para desvanecerse definitivamente. Irene frunció el ceño y advirtió la presencia de su madre abajo, en el porche. Simone, envuelta en un grueso jersey, contemplaba el mar en silencio. Sin necesidad de ver su rostro en la oscuridad, Irene supo que estaba llorando y que ambas tardarían en conciliar el sueño. En aquella primera noche en la Casa del Cabo, tras aquel primer paso hacia lo que parecía un horizonte de felicidad, la ausencia de Armand Sauvelle se hacía más dolorosa que nunca.

• 42 •

3. BAHÍA AZUL



De todos los amaneceres de su vida, ninguno habría de parecerle más luminoso a Irene que aquel del 22 de junio de 1937. El mar resplandecía como un manto de diamantes bajo un cielo cuya transparencia jamás hubiese creído posible durante los años que había vivido en la ciudad. Desde su ventana, el islote del faro podía contemplarse ahora con toda claridad, al igual que las pequeñas rocas que emergían en el centro de la bahía como la cresta de un dragón submarino. La ordenada hilera de casas en el paseo del pueblo, más allá de la Playa del Inglés, dibujaba una acuarela dante entre la calima que ascendía del muelle de pescadores. Si entornaba los ojos, podía ver el paraíso según Claude Monet, el pintor predilecto de su padre.

Irene abrió la ventana de par en par y dejó que

• 43 •

la brisa del mar, impregnada del aroma del salitre, inundase la habitación. La bandada de gaviotas que anidaba en los acantilados se volvió a observarla con cierta curiosidad. Nuevos vecinos. No muy lejos de ellas, Irene advirtió que Dorian ya estaba instalado en su refugio favorito entre las rocas, catalogando espejismos, musarañas..., o enfrascado en lo que fuera que hacía en sus solitarias excursiones.

Andaba Irene ya concentrada en decidir qué ropa ponerse para salir a disfrutar de aquel día robado de algún sueño, cuando una voz desconocida, acelerada y zumbona llegó a sus oídos desde el piso inferior. Dos segundos de atenta escucha revelaron el timbre calmado y templado de su madre conversando o, mejor dicho, intentando colocar monosílabos entre los escasos resquicios que su interlocutora dejaba escapar.

Mientras se vestía, Irene trató de dilucidar el aspecto de aquella persona a través de su voz. Desde pequeña, éste había sido uno de sus pasatiempos predilectos. Escuchar una voz con los ojos cerrados y tratar de imaginar a quién pertenecía: determinar su estatura, su peso, su rostro, su carácter...

Esta vez su instinto dibujaba una mujer joven, de poca estatura, nerviosa y saltarina, morena y probablemente de ojos oscuros. Con tal retrato en mente, decidió bajar al piso inferior con dos objetivos: saciar su apetito matutino con un buen desayuno

no y, lo más importante, saciar su curiosidad respecto a la dueña de aquella voz.

Tan pronto puso los pies en la sala de la planta baja, comprobó que sólo había cometido un error: los cabellos de la muchacha eran pajizos. El resto, clavado en la diana. Así fue como Irene conoció a la pintoresca y dicharachera Hannah; por puro oído.

Simone Sauvelle hizo lo posible por corresponder con un delicioso desayuno a la cena que la noche anterior Hannah les había dejado preparada para su encuentro con Lazarus Jann. La joven devoraba la comida a una velocidad todavía mayor de la que empleaba al hablar. El torrente de anécdotas, chismes e historias de todo tipo acerca del pueblo y sus habitantes, que desgranaba con celeridad, hizo que a los pocos minutos de disfrutar de su compañía Simone e Irene tuviesen la sensación de conocerla de toda la vida.

Entre tostada y tostada, Hannah les resumió su biografía en fascículos acelerados. Cumpliría los dieciséis en noviembre; sus padres tenían una casa en el pueblo: él, pescador, y ella, panadera; con ellos vivía también su primo Ismael, que había perdido a sus padres años atrás y que ayudada a su tío, o sea, a su padre, en el barco. Ya no iba a la escuela porque la arpa de Jeanne Brau, rectora del colegio

público, la tenía catalogada como lerda y de pocas luces. Con todo, Ismael le estaba enseñando a leer, y su conocimiento de las tablas de multiplicar mejoraba por semanas. Adoraba el color amarillo y coleccionaba conchas que recogía en la Playa del Inglés. Su pasatiempo predilecto era escuchar seriales radiofónicos y asistir a los bailes de verano en la plaza mayor, cuando bandas itinerantes acudían al pueblo. No usaba perfume, pero le gustaban las barras de labios...

Escuchar a Hannah era una experiencia a medio camino entre la diversión y el agotamiento. Tras pulverizar su desayuno y todo lo que Irene no pudo acabar del suyo, Hannah detuvo su discurso por unos segundos. El silencio que se formó en la casa pareció sobrenatural. Pero duró poco, por supuesto.

—¿Qué tal si damos un paseo las dos y te enseño el pueblo? —preguntó Hannah, súbitamente entusiasmada ante la perspectiva de hacer de guía de Bahía Azul.

Irene y su madre intercambiaron una mirada.

—Me encantaría —respondió finalmente la joven.

Una sonrisa de oreja a oreja cruzó el rostro de Hannah.

—No se preocupe, madame Sauvelle. Se la devolviré sana y salva.

De este modo, Irene y su nueva amiga salieron

disparadas por la puerta rumbo a la Playa del Inglés, mientras la calma regresaba lentamente a la Casa del Cabo. Simone tomó su taza de café y salió al porche a saborear la tranquilidad de aquella mañana. Dorian la saludó desde los acantilados.

Simone le devolvió el saludo. Curioso mucho. Siempre solo. No parecía interesado en hacer amigos o no sabía cómo hacerlos. Perdido en su mundo y sus cuadernos, sólo el cielo sabía qué pensamientos ocupaban su mente. Apurando su café, Simone echó un último vistazo a Hannah y a su hija camino del pueblo. Hannah seguía parlotando incansablemente. Unos tanto y otros tan poco.

La educación de la familia Sauvelle en los misterios y las sutilezas de la vida en un pequeño pueblo costero ocupó la mayor parte de aquel primer mes de julio en Bahía Azul. La primera fase, de choque cultural y desconcierto, duró una semana larga. Durante esos días, la familia descubrió que, a excepción del sistema métrico decimal, los usos, normas y peculiaridades de Bahía Azul no tenían nada que ver con los de París. En primer lugar estaba el tema del horario. En París no sería aventurado afirmar que por cada mil habitantes podían encontrarse otros tantos miles de relojes, tiranos que organizaban la vida con capricho militar. En Bahía Azul, sin

embargo, no había más hora que la del sol. Ni más coches que el del doctor Giraud, el de la gendarmería y el de Lazarus. Ni más... La sucesión de contrastes era infinita. Y en el fondo, las diferencias no radicaban en los números, sino en los hábitos.

París era una ciudad de desconocidos, un lugar donde era posible vivir durante años sin conocer el nombre de la persona que vivía al otro lado del rellano. En Bahía Azul, en cambio, era imposible es-tornudar o rascarse la punta de la nariz sin que el acontecimiento tuviese amplia cobertura y repercusión en toda la comunidad. Ése era un pueblo donde los resfriados eran noticia y donde las noticias eran más contagiosas que los resfriados. No había diario local, ni falta que hacía.

Fue misión de Hannah la de instruirlos en la vida, historia y milagros de la comunidad. La velocidad vertiginosa con que la muchacha ametrallaba las palabras consiguió comprimir en unas cuantas sesiones repartidas suficiente información y chismes como para volver a escribir la enciclopedia de corrido y del derecho. Supieron así que Laurent Savant, el párroco local, organizaba campeonatos de inmersión y carreras de maratón, y que además de tartamudear en sus sermones sobre la holgazanería y la falta de ejercicio, había recorrido más millas en su bicicleta que Marco Polo. Supieron también que el concejo local se reunía los martes y los jueves a la

una del mediodía para discutir los asuntos municipales, durante los que Ernest Dijon, alcalde virtualmente vitalicio cuya edad desafiaba a la de Matusalén, se entretenía en pellizcar con picardía los cojines de su butaca bajo la mesa, con el convencimiento de que exploraba el fornido muslo de Antoinette Fabré, tesorera del ayuntamiento y soltera feroz como pocas.

Hannah los acribillaba con una media de doce historias de este calibre por minuto. Esto no era ajeno al hecho de que su madre, Elisabet, trabajara en la panadería local, que hacía las veces de agencia de información, servicio de espionaje y gabinete de consultas sentimentales de Bahía Azul.

Los Sauvelle no tardaron en comprender que la economía del pueblo se decantaba hacia una versión peculiar del capitalismo parisino. El horno vendía barras de pan, aparentemente, pero la era de la información ya había empezado en la trastienda. Monsieur Safont, el zapatero, arreglaba correas, cremalleras y suelas, pero su fuerte y el gancho para sus clientes era su doble vida como astrólogo y sus cartas astrales...

El esquema se repetía una y otra vez. La vida parecía tranquila y sencilla, pero al mismo tiempo tenía más dobleces que un visillo bizantino. La clave estaba en abandonarse al ritmo peculiar del pueblo, escuchar a sus gentes y dejar que ellas los guiasen a

través de los ceremoniales que todo recién llegado debía completar, antes de poder afirmar que residía en Bahía Azul.

Por ello, cada vez que Simone acudía al pueblo a recoger el correo y los envíos de Lazarus, se dejaba caer por la panadería y tomaba conocimiento del pasado, el presente y el futuro. Las damas de Bahía Azul la acogieron de buen grado, y no tardaron en bombardearla con preguntas acerca de su misterioso patrón. Lazarus llevaba una vida retirada y raramente se dejaba ver por Bahía Azul. Esto, junto con el torrente de libros que recibía todas las semanas, lo convertía en un foco de misterios sin fin.

—Imagínese usted, amiga Simone —le confió en una ocasión Pascale Lelouch, la esposa del boticario—, un hombre solo, bueno, prácticamente solo..., en esa casa, con todos esos libros...

Simone acostumbraba a asentir sonriendo ante semejantes despliegues de sagacidad, sin soltar prenda. Como su difunto marido había dicho en una ocasión, no valía la pena perder el tiempo en intentar cambiar el mundo; bastaba con evitar que el mundo lo cambiase a uno.

Estaba también aprendiendo a respetar las extravagantes demandas de Lazarus respecto a su correspondencia. El correo personal debía ser abierto al día siguiente de su recepción y contestado con prontitud. El correo comercial u oficial debía ser

abierto en el mismo día en que era recibido, pero nunca debía dársele respuesta antes de una semana. Y, por encima de todo, cualquier envío procedente de Berlín bajo el nombre de un tal Daniel Hoffmann debía serle entregado en persona y jamás, bajo ningún concepto, abierto por ella. El porqué de todos estos detalles no era de su incumbencia, concluyó Simone. Había descubierto que le gustaba vivir en aquel lugar y que le parecía un ambiente razonablemente saludable para que sus hijos creciesen lejos de París. Qué día se abriesen las cartas le resultaba absoluta y gloriosamente indiferente.

Por su parte, Dorian averiguó que incluso su dedicación semiprofesional a la cartografía le dejaba tiempo para hacer algunos amigos entre los muchos del pueblo. A nadie parecía importarle si su familia era nueva o no; o si era un buen nadador o no (no lo era, inicialmente; pero sus nuevos colegas se encargaron de enseñarle a mantenerse a flote). Aprendió que la petanca era una ocupación para ciudadanos rumbo a la jubilación y que el perseguir a las chicas era tarea de quinceañeros petulantes y devorados por fiebres hormonales que atacaban el cutis y el sentido común. A su edad, aparentemente, lo que uno hacía era corretear en bicicleta, fantasear y observar el mundo, a la espera de que el mundo empezase a obervarlo a uno. Y los domingos por la tarde, cine. Fue así como Dorian descubrió un nuevo amor inconfen-

sable a cuyo lado la cartografía palidecía como una ciencia de pergaminos apolillados: Greta Garbo. Una criatura divina, cuya mención en la mesa a la hora de comer bastaba para quitarle el apetito, pese a que en el fondo era una anciana de... treinta años.

Mientras Dorian se debatía en la duda de si su fascinación por una mujer al borde de la vejez podía presentar visos de perversidad, Irene era quien, más que ninguno de ellos, recibía el impacto frontal de Hannah en toda su envergadura. La lista de jóvenes sin compromiso y de compañía deseable estaba en el orden del día. La idea de Hannah era que, si pasados quince días en el pueblo Irene no empezaba a coquetear con alguno de ellos lánguidamente, los muchachos comenzarían a tomarla por un bicho raro. La propia Hannah era la primera en admitir que, aunque en el capítulo de bíceps el cartel de figuras cumplía un aprobado digno, en lo referente al cerebro el reparto divino había sido escaso y estrictamente funcional. Pretendientes y moscones, en cualquier caso, no le faltaban, lo cual provocaba la sana envidia de su amiga.

—Hija mía, si yo tuviera el mismo éxito que tú, a estas alturas ya sería Mata-Hari —solía decir Hannah. Irene, dirigiendo una mirada a la jauría de contradizos, sonreía tímidamente.

—No estoy segura de que me apetezca... Parecen un poco tontos...

—¿Tontos? —estallaba Hannah ante aquel derroche de oportunidades—. ¡Si quieres oír algo interesante, vete al cine o coge un libro!

—Lo pensaré —reía Irene.

Hannah sacudía la cabeza.

—Acabarás como mi primo Ismael —sentenciaba entonces.

Ismael era su primo, tenía dieciséis años y, tal como había contado Hannah, se había criado con su familia a la muerte de sus padres. Trabajaba como marinero en el barco de su tío, pero sus verdaderas pasiones parecían ser la soledad y su velero, un esquife que había construido con sus propias manos y al que había bautizado con un nombre que Hannah jamás conseguía recordar.

—Algo griego, creo. ¡Ufff!

—¿Y dónde está ahora? —preguntó Irene.

—En el mar. Los meses de verano son buenos para los pescadores que se enrolan en expediciones en alta mar. Papá y él están en el *Estelle*. No vuelven hasta agosto —explicó Hannah.

—Debe de ser triste. Tener que pasar tanto tiempo en el mar, separados...

Hannah se encogió de hombros.

—Hay que ganarse la vida...

—No te gusta mucho trabajar en Cravenmoore, ¿verdad? —insinuó Irene. Su amiga la observó con cierta sorpresa.

—No es asunto mío..., claro —rectificó Irene.
—No me molesta la pregunta —dijo Hannah sonriendo—. La verdad es que no me gusta demasiado, no.

—¿Por Lazarus?

—No. Lazarus es amable y ha sido muy bueno con nosotros. Cuando papá tuvo el accidente de las hélices, hace años, fue él quien pagó toda la operación. Si no fuese por Lazarus...

—¿Entonces?...

—No sé. Es ese lugar. Las máquinas... Está lleno de máquinas que te miran en todo momento.

—Son sólo juguetes.

—Prueba a dormir una noche allí. A la que cierras los ojos, tic-tac, tic-tac...
Ambas se miraron.

—¿Tic-tac, tic-tac...? —repitió Irene.

Hannah le dedicó una sonrisa sarcástica.

—Yo seré una cobardica, pero tú vas camino de ser una solterona.

—Me encantan las solteronas —replicó Irene.

De este modo, casi sin advertirlo, un día tras otro desfiló por el calendario y, antes de que pudiesen darse cuenta, agosto entró por la puerta. Con él, llegaron también las primeras lluvias del verano, tormentas pasajeras que apenas duraban un par de

horas. Simone, ocupada en sus nuevos quehaceres. Irene, acostumbrándose a la vida con Hannah. Y Dorian, para qué hablar, aprendiendo a bucear mientras trazaba mapas imaginarios de la geografía secreta de Greta Garbo.

Un día cualquiera, uno de esos días de agosto en que la lluvia de la noche anterior había esculpido en las nubes castillos de algodón sobre una lámina de azul resplandeciente, Hannah e Irene decidieron ir a dar un paseo por la Playa del Inglés. Se cumplía un mes y medio de la llegada de los Sauvelle a Bahía Azul. Y cuando parecía que ya no había lugar para las sorpresas, éstas estaban todavía por empezar.

La luz del mediodía desvelaba un rastro de pisadas a lo largo de la línea de la marea, muescas en una lámina blanca; sobre el mar, los mástiles lejanos del puerto parpadeaban como espejismos.

En medio de una blanca inmensidad de arena fina como el polvo, Irene y Hannah descansaban sobre los restos de un antiguo bote varado en la orilla, rodeadas por una bandada de pequeños pájaros azules que parecían anidar entre las dunas nórdicas de la playa.

—¿Por qué la llaman la Playa del Inglés? —preguntó Irene, contemplando la extensión desolada que mediaba entre el pueblo y el cabo.

—Aquí vivió, durante años, un viejo pintor in-

glés, en una cabaña. El pobre tenía más deudas que pinceles. Regalaba cuadros a la gente del pueblo a cambio de comida y ropa. Murió hace tres años. Lo enterraron aquí, en la playa donde había pasado toda su vida —explicó Hannah.

—Si a mí me dejasen elegir, también me gustaría que me enterrasen en un lugar como éste.

—Alegres pensamientos —bromeó Hannah, no sin cierto reproche.

—Pero no tengo prisa —puntualizó Irene, al tiempo que su mirada reparaba en la presencia de un pequeño velero que surcaba la bahía a un centenar de metros de la costa.

—Ufff... —murmuró su amiga—. Ahí está: el marinero solitario. No ha sido capaz ni de esperar un día a coger su velero.

—¿Quién?

—Mi padre y mi primo llegaron ayer del barco —explicó Hannah—. Mi padre todavía está durmiendo, pero ése... No tiene cura.

Irene oteó el mar y observó el velero surcando la bahía.

—Es mi primo Ismael. Se pasa media vida en ese velero, al menos cuando no trabaja con mi padre en el muelle. Pero es un buen chico. ¿Ves esta medalla?

Hannah le mostró una preciosa medalla que pendía de su cuello en una cadena de oro: un sol surmergiéndose en el mar.

—Es un regalo de Ismael...

—Es preciosa —dijo Irene, observando detalladamente la pieza.

Hannah se incorporó y profirió un alarido que hizo que la bandada de pájaros azules se catapultara al otro extremo de la playa. Al poco, la tenue figura al timón del velero saludó, y la embarcación puso proa hacia la playa.

—Sobre todo, no le preguntes por el velero —advirtió Hannah—. Y si es él quien introduce el tema, no le preguntes cómo lo hizo. Puede estarse horas hablando de ello sin parar.

—Es cosa de familia...

Hannah le dedicó una mirada furibunda.

—Creo que te abandonaré aquí en la playa, a merced de los cangrejos.

—Lo siento.

—Se acepta. Pero si yo te parezco parlanchina, espera a conocer a mi madrina. El resto de la familia parecemos mudos a su lado.

—Seguro que me encantará conocerla.

—Ja —replicó Hannah, incapaz de reprimir su sonrisa socarrona.

El velero de Ismael cortó limpiamente la línea del rompiente y la quilla del bote se insertó en la arena como una cuchilla. El joven se apresuró a

aflojar el aparejo y arrió la vela hasta la base del mástil en apenas unos segundos. Práctica, evidentemente, no le faltaba. Tan pronto saltó a tierra firme, Ismael dedicó a Irene una involuntaria mirada de pies a cabeza cuya elocuencia no desmerecía de sus artes navegatorias. Hannah, ojos en blanco y media lengua fuera con gesto burlón, se apresuró a hacer las presentaciones; a su modo, naturalmente.

—Ismael, ésta es mi amiga Irene —anunció amablemente—, pero no hace falta que te la comas.

El chico propinó un codazo a su prima y tendió su mano a Irene:

—Hola...

Su escueto saludo iba unido a una sonrisa tímida y sincera. Irene estrechó su mano.

—Tranquila, no es tonto; es su manera de decir que está encantado y todo eso —matizó Hannah.

—Mi prima habla tanto que a veces creo que va a gastar el diccionario —bromeó Ismael—. Supongo que ya te ha comentado que no debes preguntarme por el velero...

—Lo cierto es que no —contestó cautamente Irene.

—Ya. Hannah piensa que ése es el único tema del que sé hablar.

—Las redes y los aparejos tampoco se te dan mal, pero donde esté el velero, primo, agua fresca. Irene asistió divertida al duelo de puyas con que

ambos se complacían en batallar. No parecía haber malicia en ello o, al menos, ni más ni menos que la necesaria para añadir una pizca de pimienta a la rutina.

—Tengo entendido que os habéis instalado en la Casa del Cabo —dijo Ismael.

Irene se concentró en el muchacho y realizó su propio retrato. Unos dieciséis años, efectivamente; su piel y sus cabellos acusaban el tiempo que había pasado en el mar. Su constitución revelaba el duro trabajo en los muelles, y sus brazos y sus manos estaban estampados con pequeñas cicatrices, poco habituales en los muchachos parisinos. Una cicatriz, más larga y pronunciada, se extendía a lo largo de su pierna derecha, desde poco más arriba de la rodilla hasta el tobillo. Irene se preguntó dónde habría conseguido semejante trofeo. Por último, reparó en sus ojos, el único rasgo de su apariencia que se le antojaba fuera de lo común. Grandes y claros, los ojos de Ismael parecían dibujados para esconder secretos tras una mirada intensa y vagamente triste. Irene recordaba miradas como aquélla en los soldados sin nombre con los que había compartido tres escasos minutos al compás de una banda de cuarta categoría, miradas que ocultaban miedo, tristeza o amargura.

—Querida, ¿estás en trance? —la interrumpió Hannah.

—Estaba pensando que se me hace tarde. Mi madre estará preocupada.

—Tu madre estará encantada de que la dejes unas horas en paz, pero allá tú —dijo Hannah.

—Puedo acercarte con el velero si quieres —ofreció Ismael—. La Casa del Cabo tiene un pequeño embarcadero entre las rocas.

Irene intercambió una mirada inquisitiva con Hannah.

—Si dices que no, le rompes el corazón. Mi primo no no invitaría a su velero ni a Greta Garbo.

—¿Tú no vienes? —preguntó Irene, algo azorada.

—No subiría a ese cascarón ni aunque me pagasen. Además, es mi día libre y esta noche hay baile en la plaza. Yo que tú lo pensarías. Los buenos partidos están en tierra firme. Te lo dice la hija de un pescador. Pero no sé qué digo. Anda, ve. Y tú, mari-nero, más te vale que mi amiga llegue entera a puerto. ¿Me has oído?

El velero, que al parecer se llamaba *Kyaneos*, según rezaba la leyenda sobre el casco, se hizo a la mar mientras sus velas blancas se expandían al viento y la proa cortaba el agua rumbo al cabo.

Ismael le dirigía tímidas sonrisas a la chica entre maniobra y maniobra, y sólo tomó asiento junto al timón una vez que el bote hubo adquirido un rum-

bo estable sobre la corriente. Irene, aferrada a la banqueta, dejó que su piel se impregnase con las gotas de agua que la brisa lanzaba sobre ellos. Para entonces, el viento los empujaba con fuerza, y Hannah se había transformado en una diminuta figura que saludaba desde la orilla. El vigor con que el velero surcaba la bahía y el sonido del mar contra el casco inspiraron en Irene ansias de reír sin motivo aparente.

—¿Primera vez? —preguntó Ismael—. En un velero, quiero decir.

Irene asintió.

—Es diferente, ¿verdad?

Ella asintió de nuevo, sonriendo, sin poder despegar los ojos de la gran cicatriz que marcaba la pierna de Ismael.

—Un congrio —explicó el muchacho—. Es una historia un poco larga.

Irene alzó la mirada y contempló la silueta de Cravenmoore emergiendo entre las cimas del bosque.

—¿Qué significa el nombre de tu velero?

—Es griego. *Kyaneos*: cian —respondió Ismael enigmáticamente.

Y como Irene fruncía el ceño, sin comprender, continuó:

—Los griegos usaban esta palabra para describir el color azul oscuro, el color del mar. Cuando

Homero habla del mar, compara su color con el de un vino oscuro. Ésa era su palabra: *kyaneos*.

—Veo que sabes hablar de algo más, aparte de tu bote y las redes.

—Lo intento.

—¿Quién te lo enseñó?

—¿A navegar? Aprendí solo.

—No; sobre los griegos...

—Mi padre era aficionado a la Historia. Aún conservo algunos de sus libros...

Irene guardó silencio.

—Hannah debe de haberte contado que mis padres murieron.

Ella se limitó a asentir. El islote del faro se alzaba a un par de centenares de metros. Irene lo contempló, fascinada.

—El faro está cerrado desde hace muchos años. Ahora se emplea el del puerto de Bahía Azul —le explicó.

—¿Nadie viene a la isla ya? —preguntó Irene.

Ismael negó con la cabeza.

—¿Y eso?

—¿Te gustan las historias de fantasmas? —le ofreció como respuesta.

—Depende...

—La gente del pueblo cree que el islote del faro está embrujado o algo así. Se dice que una mujer se ahogó allí hace mucho tiempo. Hay quien ve luces.

En fin, cada pueblo tiene sus habladerías, y éste no iba a ser menos.

—¿Luces?

—Las luces de septiembre —dijo Ismael mientras rebasaban el islote a estribor—. La leyenda, si la quieres llamar así, dice que una noche, a finales de verano, durante el baile de máscaras del pueblo, las gentes vieron cómo una mujer enmascarada tomaba un velero en el puerto y se hacía a la mar. Unos opinan que acudía a una cita secreta con su amante en el islote del faro; otros, que huía de un crimen infame... Ya ves, todas las explicaciones son válidas porque, de hecho, nadie supo realmente quién era. Su rostro estaba cubierto por una máscara. Sin embargo, mientras cruzaba la bahía, una terrible tormenta que se desató de improviso arrastró su bote contra las rocas y lo destrozó. La mujer misteriosa y sin rostro se ahogó, o al menos nunca se encontró su cuerpo. Días más tarde, la marea devolvió su máscara, destrozada por las rocas. Desde entonces, la gente dice que, durante los últimos días del verano, al anochecer, pueden verse luces en la isla...

—El espíritu de aquella mujer...

—Ajá..., tratando de completar su viaje inacabado a la isla... Eso se dice.

—¿Y es cierto?

—Es una historia de fantasmas. O la crees o no.

—¿Tú la crees? —inquirió Irene.

—Yo creo sólo en lo que veo.

—Un marino escéptico.

—Algo así.

Irene dedicó una nueva mirada al islote. Las olas rompían con fuerza en las rocas. Los cristales agrietados en la torre del faro refractaban la luz, descomponiéndola en un arco iris fantasmal que se desvanecía entre la cortina de agua que salpicaba en el rompiente.

—¿Has estado allí alguna vez? —preguntó.

—¿En el islote?

Ismael tensó la jarcia y, con un golpe de timón, el velero escoró a babor, poniendo proa hacia el cabo y cortando la corriente que venía del canal.

—A lo mejor te gustaría ir a visitarlo —propuso—, el islote.

—¿Se puede?

—Todo se puede hacer. Es cuestión de atreverse a ello o no —repuso Ismael con una sonrisa desafiante.

Irene sostuvo su mirada.

—¿Cuándo?

—El próximo sábado. En mi velero.

—¿Solos?

—Solos. Aunque si te da miedo...

—No me da miedo —atajó Irene.

—Entonces, el sábado. Te recogeré en el embarcadero a media mañana.

Irene desvió la mirada hacia la costa. La Casa del Cabo se alzaba en los acantilados. Dorian, desde el porche, los observaba con curiosidad poco disimulada.

—Mi hermano Dorian. A lo mejor te apetece subir a conocer a mi madre...

—No soy bueno con las presentaciones familiares.

—Otro día, entonces.

El velero penetró en la pequeña cala natural que abrigan los acantilados al pie de la Casa del Cabo. Con destreza largamente ensayada, abatió la vela y permitió que la propia inercia de la corriente arrastrase el casco hasta el embarcadero. Ismael cogió un cabo y saltó a tierra para sujetar el bote. Una vez que el velero estuvo asegurado, Ismael tendió su mano a Irene.

—Por cierto, Homero era ciego. ¿Cómo podía saber él de qué color era el mar? —preguntó la muchacha.

Ismael tomó su mano y, de un fuerte impulso, la izó hasta el embarcadero.

—Una razón más para creer sólo en lo que ves —respondió el chico, sosteniendo todavía su mano.

Las palabras de Lazarus durante la primera noche en Cravenmoore acudieron a la mente de Irene.

—A veces los ojos engañan —apuntó.

—No a mí.

—Gracias por la travesía.

Ismael asintió, dejando escapar su mano lentamente.

—Hasta el sábado.

—Hasta el sábado.

Ismael saltó de nuevo al velero, aflojó el cabo y permitió que la corriente lo alejase del embarcadero mientras izaba de nuevo la vela. El viento lo llevó hasta la bocana de la cala y, en apenas unos segundos, el *Kyaneos* se adentró en la bahía cabalgando sobre las olas.

Irene permaneció en el embarcadero, observando cómo la vela blanca se empuqueñecía en la inmensidad de la bahía. En algún momento advirtió que todavía llevaba la sonrisa pegada al rostro y que un hormigueo sospechoso le recorría las manos. Supo entonces que aquélla iba a ser una semana muy, muy larga.

4. SECRETOS Y SOMBRAS



En Bahía Azul, el calendario sólo distinguía dos épocas: verano y el resto del año. En verano las gentes del pueblo triplicaban sus horas de trabajo, abasteciendo a las poblaciones costeras de los alrededores que albergaban balnearios, turistas y gentes venidas de la ciudad en busca de playas, sol y aburrimiento de pago. Panaderos, artesanos, sastres, carpinteros, albañiles y toda suerte de oficios dependían de los tres meses largos en que el sol sonreía en la costa de Normandía. Durante esas trece o catorce semanas, los habitantes de Bahía Azul se transformaban en laboriosas hormigas, para poder languidecer tranquilamente el resto del año como modestas cigarras. Y si algunos días eran especialmente intensos, éstos eran los primeros de agosto, cuando la demanda de producto local subía del cero al infinito.

Una de las pocas excepciones a esa regla era Christian Hupert. Él, como los demás patrones de pesqueros del pueblo, sufría el destino de la hormiga doce meses al año. Tales pensamientos cruzaban la mente del experimentado pescador todos los veranos por las mismas fechas, mientras veía cómo el pueblo desplegaba velas a su alrededor. Era entonces cuando pensaba que había equivocado la carrera y que más sabio hubiera sido romper la tradición de siete generaciones y establecerse como hostelero, comerciante o lo que fuera. Tal vez así, su hija Hannah no tendría que pasar la semana sirviendo en Cravenmoore y tal vez así el pescador conseguiría ver el rostro de su esposa más de treinta minutos diarios, quince al amanecer, quince al anochecer.

Ismael contempló a su tío mientras ambos trabajaban en la reparación de la bomba de achique del barco. El rostro meditabundo del pescador lo delataba.

—Podrías abrir un taller de náutica —apuntó Ismael.

Su tío contestó con un graznido o algo similar.

—O vender el barco e invertir en la tienda de monsieur Didier. Hace seis años que no para de insistir —continuó el chico.

Su tío interrumpió la tarea y observó a su sobrino. Trece años ejerciendo como padre no habían

conseguido borrar lo que más temía y adoraba a la vez en el muchacho: su obstinada y rematada semejanza con su difunto padre, incluida la afición a opinar cuando nadie le había pedido consejo.

—Tal vez deberías ser tú quien hiciese eso —replicó Christian—. Yo ya voy para los cincuenta. Uno no cambia de oficio a mi edad.

—Entonces, ¿por qué te lamentas?

—¿Y quién no se lamenta?

Ismael se encogió de hombros. Ambos se concentraron de nuevo en la bomba de achique.

—Está bien. No diré ni una palabra más —murmuró Ismael.

—No tendremos esa suerte. Refuerza ese tensor.

—Ese tensor no tiene remedio. Deberíamos cambiar la bomba. Un día vamos a tener un susto.

Hupert ofreció su sonrisa predilecta, reservada a los tasadores de la lonja, las autoridades del puerto y los pardillos de diverso pelaje.

—Esta bomba perteneció a mi padre. Antes, a mi abuelo. Y antes de él...

—A eso me refiero —atajó Ismael—. Probablemente haría más servicio en un museo que aquí.

—Amén.

—Tengo razón. Y tú lo sabes.

Hacer rabiar a su tío era, con la posible excepción de navegar en su velero, una de sus ocupaciones predilectas.

—No pienso seguir discutiendo sobre el tema. Punto. Fin. Se acabó.

Por si quedaba poco claro, Hupert remató su sentencia con una vuelta de llave enérgica y decidida.

Súbitamente se oyó un sospechoso crujido en el interior de la bomba de achique. Hupert sonrió al muchacho. Dos segundos más tarde, el tope del tensor que acababa de asegurar salió catapultado en trayectoria parabólica sobre las cabezas de ambos, seguido de lo que parecía un émbolo, un juego completo de tuercas y quincallería sin identificar. Tío y sobrino siguieron la evolución de la chatarra hasta que aterrizó, con poca discreción, sobre la cubierta del buque contiguo, el barco de Gerard Picaud. Picaud, un antiguo boxeador con la constitución de un toro y el cerebro de un percebe, examinó las piezas y, acto seguido, oteó el cielo. Hupert e Ismael intercambiaron una mirada.

—No creo que vayamos a notar la diferencia —sugirió Ismael.

—Cuando quiera tu opinión...

—La pedirás. De acuerdo. A propósito, me preguntaba si te importaría que me tomase el próximo sábado libre. Quisiera hacer algunas reparaciones en el velero...

—¿Esas reparaciones son, por casualidad, rubias, de metro setenta y ojos verdes? —dejó caer Hupert.

El pescador sonrió ladinamente a su sobrino.

—Las noticias corren rápidamente —dijo Ismael.

—Si de tu prima dependen, vuelan, querido sobrino. ¿Cuál es el nombre de la dama?

—Irene.

—Ya veo.

—No hay nada que ver.

—Tiempo al tiempo.

—Es agradable, eso es todo.

—«Es agradable, eso es todo» —repitió Hupert, imitando la voz de fría indiferencia de su sobrino.

—Mejor olvídalo. No es una buena idea. Trabajaré el sábado —cortó Ismael.

—Pues hay que limpiar la sentina. Hay pescado podrido desde hace semanas y huele a demonios.

—Perfecto.

Hupert soltó una carcajada.

—Eres tan tozudo como tu padre: ¿Te gusta la chica o no?

—Pse.

—Connmigo no uses monosílabos, Romeo. Te triplico la edad: ¿Te gusta o no?

El chico se encogió de hombros. Sus mejillas ardían como melocotones maduros. Por fin dejó escapar un murmullo ininteligible.

—Traduce —insistió su tío.

—He dicho que sí. Creo que sí. Casi ni la conozco.

—Bien. Eso es más de lo que pude yo decir de tu tía la primera vez que la vi. Y al cielo pongo por testigo de que es una santa.

—¿Cómo era de joven?

—No empecemos o te pasas el sábado en la sentina —amenazó Hupert.

Ismael asintió y procedió a recoger las herramientas de trabajo. Su tío se limpió la grasa de las manos mientras lo observaba de refilón. La última chica por la que había mostrado interés había sido una tal Laura, la hija de un viajante de Burdeos, y de eso hacía casi dos años. El único amor de su sobrino, al margen de su intimidad impenetrable, parecía ser el mar, y la soledad. La chica debía de tener algo especial.

—Tendré la sentina limpia antes del viernes —anunció Ismael.

—Es toda tuya.

Cuando tío y sobrino saltaron al muelle, de vuelta a casa al anochecer, su vecino Picaud seguía examinando las misteriosas piezas, tratando de determinar si ese verano lloverían tornillos o si el cielo trataba de enviarle alguna señal.

Llegado agosto, los Sauvelle ya tenían la sensación de llevar viviendo en Bahía Azul por lo menos un año. Quienes no los conocían ya estaban infor-

mados de sus andanzas gracias a las artes parlantes de Hannah y de su madre, Elisabet Hupert. Por un extraño fenómeno, a medio camino entre la chafardería y la magia, las noticias llegaban a la panadería donde ésta trabajaba antes de que se produjesen. Ni la radio ni la prensa podían competir con el establecimiento de Elisabet Hupert. Cruasanes y noticias frescas, del amanecer al crepúsculo. De tal modo, para el viernes, los únicos habitantes de Bahía Azul que no estaban al corriente del supuesto flechazo entre Ismael Hupert y la recién llegada, Irene Sauvelle, eran los peces y los propios interesados. Poco importaba si algo había pasado o si llegaría a pasar. La breve travesía desde la Playa del Inglés a la Casa del Cabo en el velero ya había pasado a formar parte de los anales de aquel verano de 1937.

Realmente, las primeras semanas de agosto en Bahía Azul transcurrieron a toda velocidad. Simone había conseguido establecer finalmente un mapa mental de Cravenmoore. La lista de todas las tareas urgentes en el mantenimiento de la casa era infinita. Tan sólo emprender el contacto con los proveedores del pueblo, aclarar las cuentas y la contabilidad y atender la correspondencia de Lazarus bastaban para ocupar todo su tiempo, descontando los minutos que empleaba en respirar y dormir. Dorian, armado de una bicicleta que Lazarus tuvo a bien regalarle como obsequio de bienvenida, se convirtió

en su paloma mensajera y, en cuestión de días, el muchacho se conocía el camino de la Playa del Ingles piedra a piedra, bache a bache.

De este modo, todas las mañanas Simone iniciaba su jornada despachando la correspondencia que había de salir y repartiendo meticolosamente la recibida, tal y como Lazarus le había explicado. Una pequeña nota, apenas una hoja de papel doblada, le permitía tener a mano un rápido recordatorio de todas las rarezas que Lazarus entrañaba. Todavía recordaba su tercer día, cuando estuvo a punto de abrir accidentalmente una de las cartas enviadas desde Berlín por el tal Daniel Hoffmann. La memoria la rescató en el último segundo.

Los envíos de Hoffmann solían llegar cada nueve días, casi con precisión matemática. Los sobres de pergamino aparecían siempre lacrados, con un escudo en forma de «D». Pronto, Simone se acostumbó a separarlos del resto e ignoró la particularidad del tema. Durante la primera semana de agosto, sin embargo, sucedió algo que despertó de nuevo su curiosidad por la intrigante correspondencia del señor Hoffmann.

Simone había acudido de buena mañana al estudio de Lazarus para dejar sobre su escritorio una serie de facturas y pagos que habían llegado. Prefería hacerlo en las primeras horas del día, antes de que el fabricante de juguetes acudiese a su estudio,

para evitar interrumpirlo e importarlo más tarde. El difunto Armand tenía el hábito de empezar su jornada revisando pagos y facturas. Mientras pudo.

El caso es que, aquella mañana, Simone entró como era habitual en el estudio y advirtió el olor de tabaco en el aire, lo que hacía suponer que Lazarus se había quedado hasta tarde la noche anterior. Estaba depositando los documentos en el escritorio cuando observó que había algo en el hogar, humeando entre las brasas de la madrugada. Intrigada, se acercó hasta allí y trató de dilucidar con el atizador de qué se trataba. A primera vista, el objeto parecía un fajo de papeles atados que el fuego no había conseguido devorar por completo. Estaba a punto de abandonar la sala cuando, entre las brasas, distinguió claramente el escudo lacrado sobre el fajo de papel. Cartas. Lazarus había echado al fuego las cartas de Daniel Hoffmann para destruirlas. Fuera cual fuese el motivo, se dijo Simone, no era asunto suyo. Dejó el atizador y salió del estudio decidida a no volver a curiosear nunca más en los asuntos personales de su patrón.

El repiqueteo de la lluvia arañando en los cristales despertó a Hannah. Era medianoche. La habitación estaba sumida en una tiniebla azul y la luz de la

tormenta lejana sobre el mar dibujaba espejismos de sombras a su alrededor. El tintineo de uno de los relojes parlantes de Lazarus sonaba mecánicamente desde la pared, los ojos sobre el rostro sonriente mirando a un lado y a otro sin cesar. Hannah suspiró. Detestaba pasar la noche en Cravenmoore.

A la luz del día, la casa de Lazarus Jann se le antojaba como un interminable museo de prodigios y maravillas. Caída la noche, sin embargo, los cientos de criaturas mecánicas, los rostros de las máscaras y los autómatas se transformaban en una fauna espectral que jamás dormía, siempre atenta y vigilante en las tinieblas de la casa, sin dejar de sonreír, sin dejar de mirar a ninguna parte.

Lazarus dormía en una de las habitaciones del ala oeste, contigua a la de su esposa. Al margen de ellos dos y de la propia Hannah, la casa estaba únicamente poblada por las decenas de creaciones del fabricante de juguetes, en cada pasillo, en cada habitación. En el silencio de la madrugada, Hannah podía oír el eco de las entrañas mecánicas de todos ellos. A veces, cuando el sueño la rehuía, permanecía durante horas imaginándose los inmóviles, con los ojos de cristal brillando en la oscuridad.

Apenas había cerrado los párpados de nuevo cuando oyó por primera vez aquel sonido, un impacto regular amortiguado por la lluvia. Hannah se incorporó y cruzó la habitación hasta el umbral de

claridad de la ventana. La jungla de torres, arcos y techumbres anguladas de Cravenmoore yacía bajo el manto de la tormenta. Los hocicos lobunos de las gárgolas escupían ríos de agua negra al vacío. Cómo aborrecía ese lugar...

El sonido llegó de nuevo a sus oídos y la mirada de Hannah se posó sobre la hilera de ventanales del ala oeste. El viento parecía haber abierto una de las ventanas del segundo piso. Los cortinajes ondeaban en la lluvia y los postigos golpeaban una y otra vez. La muchacha maldijo su suerte. La sola idea de salir al pasillo y cruzar la casa hasta el ala oeste le helaba la sangre.

Antes de que el miedo la disuadiera de su deber, se enfundó una bata y unas zapatillas. No había luz, así que tomó uno de los candelabros y prendió la llama de las velas. Su parpadeo cobrizo trazó un halo fantasmal a su alrededor. Hannah colocó su mano sobre el frío pomo de la puerta de la habitación y tragó saliva. Lejos, los postigos de aquella habitación oscura seguían golpeando una y otra vez. Esperándola.

Cerró la puerta de su habitación a su espalda y se enfrentó a la fuga infinita del pasillo que se adentraba en las sombras. Alzó el candelabro y penetró en el corredor, flanqueado por las siluetas suspendidas en el vacío de los juguetes aletargados de Lazarus. Hannah concentró la mirada al frente y apresu-

ró el paso. El segundo piso albergaba muchos de los viejos autómatas de Lazarus, criaturas que se movían torpemente, cuyas facciones a menudo resultaban grotescas y, en ocasiones, amenazadoras. Casi todos estaban enclaustrados en vitrinas de cristal, tras las cuales cobraban vida repentinamente, sin aviso, a las órdenes de algún mecanismo interno que los despertaba de su sueño mecánico al azar.

Hannah cruzó frente a *Madame Sarou*, la adivina que barajaba entre sus manos apergaminadas los naipes del tarot, escogía uno y lo mostraba al espectador. Pese a todos sus esfuerzos, la doncella no pudo evitar mirar la efigie espectral de aquella gitana de madera tallada. Los ojos de la gitana se abrieron y sus manos extendieron un naipe hacia ella. Hannah tragó saliva. El naipe mostraba la figura de un diablo rojo envuelto en llamas.

Unos metros más allá, el torso del hombre de las máscaras oscilaba de un lado a otro. El autómata deshojaba su rostro invisible una y otra vez, descubriendo diferentes máscaras. Hannah desvió la mirada y se apresuró. Había cruzado ese pasillo centenares de veces a la luz del día. Eran tan sólo máquinas sin vida y no merecían su atención; mucho menos, su temor.

Con este pensamiento tranquilizador en mente, dobló el extremo del corredor que conducía al ala oeste. La pequeña orquesta en miniatura del *Maes-*

tro Firetti reposaba a un lado del pasillo. Por una moneda, las figuras de la banda interpretaban una peculiar versión de la *Marcha turca* de Mozart.

Hannah se detuvo frente a la última puerta del corredor, una inmensa lámina de madera de roble labrada. Cada una de las puertas de Cravenmoore poseía un relieve distinto, tallado en la madera, que escenificaba cuentos célebres: los hermanos Grimm inmortalizados en jeroglíficos de ebanistería palaciega. A ojos de la chica, sin embargo, los grabados eran sencillamente siniestros. Jamás había entrado en aquella estancia; una más entre las numerosas habitaciones de la casa en las que ella no había puesto los pies. Y no lo haría a menos que fuese necesario.

La ventana golpeaba al otro lado de la puerta. El aliento helado de la noche se filtraba entre las juntas de ésta, acariciando su piel. Hannah dirigió una última mirada al largo corredor a sus espaldas. Los rostros de la orquesta oteaban las sombras. Se oía claramente el sonido del agua y la lluvia, como miles de pequeñas arañas correteando sobre el tejado de Cravenmoore. La muchacha inspiró profundamente y, posando la mano sobre el pomo de la puerta, penetró en la habitación.

Una bocanada de aire gélido la envolvió, selló la puerta a sus espaldas con violencia y extinguió las llamas de las velas. Las cortinas de gasa ondeaban

impregnadas de lluvia como mortajas al viento. Hannah se adentró unos pasos en la habitación y se apresuró a cerrar la ventana, asegurando el cierre que el viento había aflojado. La muchacha palpó el bolsillo de su batín con dedos temblorosos y extrajo la cajetilla de fósforos para prender de nuevo las llamas de las velas. Las tinieblas cobraron vida a su alrededor, ante la lumbre danzante del candelabro. Tras ellas, la claridad desvelaba lo que a sus ojos le pareció la habitación de un niño. Un pequeño lecho junto a un escritorio. Libros y ropas infantiles tendidas sobre una silla. Un par de zapatos pulcramente alineados bajo la cama. Un diminuto crucifijo pendiente de uno de los mástiles del lecho.

Hannah avanzó unos pasos. Había algo extraño, algo desconcertante que no acertaba a descubrir acerca de aquellos objetos y muebles. Sus ojos sondearon de nuevo la habitación infantil. No había niños en Cravenmoore. Nunca los había habido. ¿Qué sentido tenía aquella cámara?

Repentinamente, la idea vino a su mente. Ahora comprendía lo que la había desconcertado en un principio. No era el orden. Ni la pulcritud. Era algo tan sencillo, tan simple, que resultaba difícil incluso detenerse a pensar en ello. Aquella era la habitación de un niño. Pero faltaba algo... Juguetes. No había ni un solo juguete en toda la estancia.

Hannah alzó el candelabro y descubrió algo

más sobre los muros. Papeles. Recortes. La muchacha posó el candelabro sobre la mesa del escritorio infantil y se aproximó a ellos. Un mosaico de viejos recortes y fotografías cubría la pared. El rostro blancoquecino de una mujer dominaba un retrato; sus facciones eran duras, cortadas, y sus ojos negros irradiaban una aura amenazadora. El mismo rostro aparecía en otras imágenes. Hannah concentró sus ojos sobre un retrato de la misteriosa dama con un niño en los brazos.

Su mirada recorrió el muro y reparó en los pedazos de viejos periódicos, cuyos titulares no parecían tener ninguna relación. Noticias acerca de un terrible incendio en una factoría de París y sobre la desaparición de un personaje llamado Hoffmann durante la tragedia. El rastro obsesivo de aquella presencia parecía impregnar toda la colección de recortes, alineados como lápidas en los muros de un cementerio de memorias y recuerdos. Y en el centro, rodeado por decenas de otros pedazos ilegibles, la primera página de un periódico fechado en 1890. Sobre ella, el rostro de un niño. Sus ojos estaban llenos de terror, los ojos de un animal apaleado.

La fuerza de aquella imagen la golpeó con violencia. La mirada de aquel muchacho de apenas seis o siete años parecía haber sido testigo de un horror que apenas podía comprender. Hannah sintió frío, un frío intenso que irradiaba de su propio interior.

Sus ojos trataron de descifrar el texto borroso que rodeaba la imagen. «Un niño de ocho años es hallado tras haber pasado siete días encerrado en un sótano, abandonado, en la oscuridad», se leía en el pie de foto. Hannah observó de nuevo el rostro del pequeño. Había algo vagamente familiar en sus facciones, tal vez en sus ojos...

En ese preciso instante, Hannah creyó oír el eco de una voz, una voz que susurraba a su espalda. Se volvió, pero no había nadie allí. La joven dejó escapar un suspiro. Los haces vaporosos que emanaban de las velas atrapaban en el aire miles de motas de polvo y sembraban una niebla púrpura a su alrededor. Se aproximó hasta el umbral de uno de los ventanales y abrió con los dedos una franja entre la cortina de vaho que velaba el cristal. El bosque estaba sumido en la bruma. Las luces del estudio de Lazarus, en el extremo del ala oeste, estaban encendidas, y su silueta se podía distinguir recortada entre el cálido halo dorado que parpadeaba tras los cortinajes. Una aguja de luz penetró a través del claro entre el vaho y tendió un cable de claridad a lo largo de la habitación.

Esta vez, la voz sonó de nuevo, más clara y cercana. Susurraba su nombre. Hannah se enfrentó a la habitación en penumbra y por primera vez advirtió el brillo que despedía un pequeño frasco de cristal. El frasco, negro como obsidiana, estaba resguardado

en una diminuta hornacina en la pared, envuelto en un espectro de reflejos.

La chica se acercó lentamente hasta aquel lugar y examinó el frasco. A primera vista, semejaba una botella de perfume, pero jamás había visto un ejemplar tan bello como aquél, ni una talla en cristal tan elaborada como la que exhibía el frasco. Un tapón en forma de prisma desprendía un arco iris a su alrededor. Hannah sintió un deseo irrefrenable de tomar aquel objeto en sus manos y acariciar con sus dedos las líneas perfectas del cristal.

Con cuidado extremo, rodeó el frasco con las manos. Pesaba más de lo que esperaba, y el cristal ofrecía un tacto helado, casi doloroso al contacto con la piel. Lo alzó a la altura de los ojos y trató de entrever en su interior. Cuanto sus ojos pudieron advertir era una negrura impenetrable. Sin embargo, al trasluz, Hannah experimentó la ilusión de que algo se movía en el interior. Un espeso líquido negro, tal vez un perfume...

Sus dedos temblorosos asieron el tapón de cristal tallado. Algo se agitó en el interior del frasco. Hannah dudó un instante. Pero la perfección de aquel objeto parecía prometer la fragancia más embriagadora que pudiera imaginar. Hizo girar el tapón lentamente. La negrura en el interior del frasco se agitó de nuevo, pero ella ya no le prestaba atención. Finalmente, el tapón cedió.

Un sonido indescriptible, el aullido del gas escapando a presión, inundó la estancia. En apenas un segundo, una masa de negrura se expandió en el aire desde la boca del frasco, como una mancha de tinta en un estanque. Hannah sintió que le temblaban las manos y que aquella voz susurrante la envolvía. Cuando volvió a mirar el frasco, comprobó que el cristal era transparente y que lo que fuera que había ocupado su interior se había liberado gracias a ella. La muchacha dejó el frasco de nuevo en su lugar. Sintió una fría corriente de aire recorriendo la habitación, extinguiendo las llamas de las velas una a una. A medida que la oscuridad se extendía por la estancia, una nueva presencia se hizo visible entre la negrura. Una silueta impenetrable se esparcía sobre los muros pintándolos de tinieblas.

Una sombra.

Hannah retrocedió, despacio, hacia la puerta. Sus manos temblorosas se posaron sobre el frío pomo a su espalda. Abrió lentamente la puerta sin apartar los ojos de la oscuridad y se dispuso a salir de la habitación a toda prisa. Algo avanzaba hacia ella, podía sentirlo.

La muchacha tiró del pomo para sellar la habitación y uno de los relieves de la puerta se enganchó en la cadena que rodeaba su cuello. Simultáneamente, un sonido grave y escalofriante resonó a sus espaldas, el siseo de una gran serpiente. Hannah

sintió lágrimas de terror deslizándose por sus mejillas. La cadena se rompió y la muchacha pudo oír cómo la medalla caía en la oscuridad. Libre de la presa, Hannah se enfrentó al túnel de sombras que se abría ante ella. En uno de los extremos, la puerta que conducía a la escalinata del ala posterior estaba abierta. El silbido fantasmal se escuchó de nuevo. Más cerca. Hannah corrió hacia el umbral de la escalinata. Segundos más tarde identificó el sonido de la manija que empezaba a girar en la penumbra. Esta vez, el pánico arrancó un alarido de su garganta y la muchacha se lanzó escaleras abajo.

El camino de descenso hasta la planta baja se hizo infinito. Hannah saltaba los escalones de tres en tres, jadeando y tratando de no perder el equilibrio. Cuando llegó a la puerta que conducía a la parte trasera del jardín de Cravenmoore, sus tobillos y rodillas estaban repletos de golpes, pero apenas percibía el dolor. La adrenalina encendía un fuego de pólvora a través de sus venas y la empujaba a seguir corriendo. La puerta, que nunca se utilizaba, estaba cerrada. Hannah golpeó el cristal con el codo y la forzó desde el exterior. No sintió el corte en el antebrazo hasta que llegó a las sombras del jardín.

Corrió hacia el umbral del bosque mientras el aire fresco de la noche acariciaba sus ropas empapadas en sudor frío y las adhería a su cuerpo. Antes de

internarse en la senda que cruzaba el bosque de Cravenmoore, Hannah se volvió hacia la casa esperando ver a su perseguidor cruzando las sombras del jardín. No había rastro de la aparición. Respiró profundamente. El aire frío le quemaba la garganta y clavaba en sus pulmones un punzón candente. Estaba dispuesta a correr de nuevo cuando avistó aquella silueta adherida a la fachada de Cravenmoore. Un rostro corpóreo emergió de la lámina de negrura, y la sombra descendió reptando entre las gárgolas como una gigantesca araña.

Hannah se lanzó a través del laberinto de oscuridad que cruzaba el bosque. La luna sonreía ahora entre los claros y teñía la neblina de azul. El viento encendía las voces siseantes de miles de hojas a su alrededor. Los árboles aguardaban a su paso como espectros petrificados, sus brazos le tendían un manto de amenazadoras garras. Y corrió desesperadamente hacia la luz que la guiaba al final de aquel túnel fantasmagórico, una puerta a la claridad que parecía alejarse de ella cuanto mayor era su esfuerzo por alcanzarla.

Un estruendo entre la maleza inundó el bosque. La sombra estaba atravesando la espesura, destrozando cuanto se oponía a su paso, un taladro mortífero esculpiendo una senda hacia ella. Un grito se ahogó en la garganta de la muchacha. Las ramas y la maleza habían abierto decenas de cortes en sus ma-

nos, sus brazos y su rostro. La fatiga le golpeaba el alma como un mazo que nublaba sus sentidos, y le susurraba interiormente que se rindiese al cansancio, que se tendiese a esperar... Pero tenía que seguir. Tenía que escapar de aquel lugar. Unos metros más y alcanzaría la carretera que conducía al pueblo. Allí encontraría algún coche, alguien que la recogería y la ayudaría. Su salvación estaba a tan sólo unos segundos, más allá del límite del bosque.

Las luces lejanas de un coche bordeando la Playa del Inglés barrieron las tinieblas de la espesura. Hannah se incorporó y lanzó un grito de socorro. A su espalda, un torbellino pareció atravesar la maleza y ascender entre las ramas de los árboles. Hannah alzó la mirada hacia la cúpula de ramas que velaban el rostro de la luna. Lentamente, la sombra se desplegó. Ella sólo dejó escapar un último gemido. Filtrándose como lluvia de alquitrán, la sombra se abatía sobre Hannah desde las alturas. La muchacha cerró los ojos y conjuró el rostro de su madre, sonriente y parlanchina.

Poco después, sintió el frío aliento de la sombra sobre su rostro.

5. UN CASTILLO ENTRE LAS BRUMAS



El velero de Ismael afloró puntualmente entre el velo de calima que acariciaba la superficie de la bahía. Irene y su madre, tranquilamente sentadas en el porche, degustando una taza de café con leche, intercambiaron una mirada.

—No hace falta que te diga... —empezó Simone.

—No hace falta que lo digas —respondió Irene.

—¿Cuándo fue la última vez que tú y yo hablamos de los hombres? —preguntó su madre.

—Cuando cumplí los siete años y nuestro vecino Claude me convenció para que le diese mi falda a cambio de sus pantalones.

—Menuda pieza.

—Tenía sólo cinco años, mamá.

—Si son así a los cinco, imagínate a los quince.

—Dieciséis.

Simone suspiró. Dieciséis años, Dios mío. Su hija planeaba fugarse con un viejo lobo de mar.

—Entonces estamos hablando de un adulto.

—Sólo es un año y pico mayor que yo. ¿Dónde me deja eso a mí?

—Tú eres una cría.

Irene sonrió pacientemente a su madre. Simone Sauvelle no tenía futuro como sargento.

—Tranquila, mamá. Sé lo que hago.

—Eso es lo que me da miedo.

El velero cruzó la pequeña bocana de la cala. Ismael lanzó un saludo desde el bote. Simone observaba al muchacho con una ceja alzada en señal de alerta.

—¿Por qué no sube y me lo presentas?

—Mamá...

Simone asintió. De todos modos, no albergaba esperanzas de que semejante ardor diese fruto.

—¿Hay algo que tenga que decirte? —ofreció Simone, en franca retirada.

Irene le propinó un beso en la mejilla.

—Deséame un buen día.

Sin esperar respuesta, Irene corrió hasta el embarcadero. Simone contempló cómo su hija tomaba la mano de aquel extraño (que, para sus suspicaces ojos, de muchacho tenía poco) y saltaba a bordo de su velero. Cuando Irene se volvió a saludarla, su madre forzó una sonrisa y devolvió el saludo. Los

vio partir rumbo a la bahía bajo un sol resplandeciente y tranquilizador. Sobre la baranda del porche, una gaviota, tal vez otra madre en crisis, la observaba con resignación.

—No es justo —le dijo a la gaviota—. Cuando nacen, nadie te explica que acabarán haciendo lo mismo que tú a su edad.

El ave, ajena a tales consideraciones, siguió el ejemplo de Irene y echó a volar. Simone sonrió ante su propia ingenuidad y se dispuso a volver a Cravenmoore. El trabajo todo lo cura, se dijo.

En algún momento de la travesía, la orilla lejana se transformó en apenas una línea blanca tendida entre la tierra y el cielo. El viento del este impulsaba las velas del *Kyaneos* y la proa del velero se abría camino sobre un manto cristalino de reflejos esmeraldas a través del cual podía entreverse el fondo. Irene, cuya única experiencia previa a bordo de un barco había sido la breve travesía de días atrás, contemplaba boquiabierta la hipnótica belleza de la bahía desde aquella nueva perspectiva. La Casa del Cabo se había reducido a una muesca blanca entre las rocas, y las fachadas de colores vivos del pueblo parpadeaban entre los reflejos que ascendían del mar. A lo lejos, la cola de una tormenta cabalgaba hacia el horizonte. Irene cerró los ojos y escuchó el

sonido del mar a su alrededor. Cuando los abrió de nuevo, todo seguía allí. Era real.

Una vez encauzado el rumbo, poco más le quedaba a Ismael que contemplar a Irene, que parecía estar bajo los efectos de un encantamiento marino. Con metodología científica, inició su observación por sus pálidos tobillos, ascendiendo lenta y concienzudamente hasta detenerse en el punto en que la falda velaba con inusitada impertinencia la mitad superior de los muslos de la muchacha. Procedió entonces a evaluar la afortunada distribución de su esbelto torso. Este proceso se prolongó por un espacio indefinido de tiempo hasta que, inesperadamente, sus ojos se posaron sobre los de Irene e Ismael advirtió que su inspección no había pasado desapercibida.

—¿En qué estás pensando? —preguntó ella.

—En el viento —mintió impecablemente Ismael—. Está cambiando y se desplaza hacia el sur. Suele ocurrir cuando hay tormenta. He pensado que te gustaría rodear el cabo primero. La vista es espectacular.

—¿Qué vista? —preguntó inocentemente Irene.

Esta vez no había duda, pensó Ismael; la muchacha le estaba tomando el pelo. Haciendo caso omiso de las ironías de su pasajera, Ismael llevó el velero hasta el vértice de la corriente que bordeaba el arrecife a una milla del cabo. Tan pronto rebasaron la frontera, sus ojos pudieron contemplar la inmensi-

dad de la gran playa desierta y salvaje que se extendía hasta las neblinas que envolvían el monte Saint Michel, un castillo que se alzaba entre la bruma.

—Ésa es la Bahía Negra —explicó Ismael—. La llaman así porque sus aguas son mucho más profundas que en Bahía Azul, que es básicamente un banco de arena de apenas siete u ocho metros de profundidad. Un varadero.

A Irene toda aquella terminología marina le sonaba a mandarín, pero la rara belleza que desprendía aquel paraje le erizaba el vello de la nuca. Su mirada reparó en lo que parecía una oquedad en la roca, unas fauces abiertas al mar.

—Ésa es la laguna —dijo Ismael—. Es como un óvalo cerrado a la corriente y conectado al mar por una estrecha abertura. Al otro lado está la Cueva de los Murciélagos. Es ese túnel que se adentra en la roca, ¿ves? Al parecer, en 1746 una tormenta empujó un galeón pirata hacia ella. Los restos del barco, y de los piratas, siguen allí.

Irene le dedicó una mirada escéptica. Ismael podía ser un buen capitán, pero en lo relativo a mentir era un simple grumete.

—Es la verdad —matizó Ismael—. Yo voy a bucear a veces. La cueva se adentra en la roca y no tiene fin.

—¿Me llevarás allí? —preguntó Irene, fingiendo creer la absurda historia del corsario fantasma.

Ismael se sonrojó levemente. Aquello sonaba a continuidad. A compromiso. En una palabra, a peligro.

—Hay murciélagos. De ahí el nombre... —advirtió el chico, incapaz de encontrar un argumento más disuasorio.

—Me encantan los murciélagos. Ratitas voladoras —señaló ella, empeñada en seguir tomándole el pelo.

—Cuando quieras —dijo Ismael, bajando las defensas.

Irene le sonrió cálidamente. Aquella sonrisa desconcertaba totalmente a Ismael. Por unos segundos no recordaba si el viento soplaba del norte o si la quilla era una especialidad de repostería. Y lo peor era que la muchacha parecía advertirlo. Tiempo para un cambio de rumbo. En un golpe de timón, Ismael viró prácticamente en redondo al tiempo que volteaba la vela mayor, escorando el velero hasta que Irene sintió la superficie del mar acariciando su piel. Una lengua de frío. La muchacha gritó entre risas. Ismael le sonrió. Todavía no sabía muy bien qué era lo que había visto en ella, pero estaba seguro de una cosa: no podía quitarle los ojos de encima.

—Rumbo al faro —anunció.

Segundos más tarde, cabalgando sobre la corriente y con la mano invisible del viento a sus es-

paldas, el *Kyaneos* se deslizó como una flecha sobre la cresta del arrecife. Ismael sintió cómo Irene afeurraba su mano. El velero atronaba como si apenas tocase el agua. Una estela de espuma blanca dibujaba guirnaldas a su paso. Irene miró a Ismael y advirtió que él la contemplaba a su vez. Por un instante, sus ojos se perdieron en los de ella e Irene sintió que el muchacho le apretaba suavemente la mano. El mundo nunca había estado tan lejos.

A media mañana de aquel día, Simone Sauvelle cruzó las puertas de la biblioteca personal de Lazarus Jann, que ocupaba una inmensa sala ovalada en el corazón de Cravenmoore. Un universo infinito de libros ascendía en una espiral babilónica hacia una claraboya de cristal tintado. Miles de mundos desconocidos y misteriosos convergían en aquella infinita catedral de libros. Por unos segundos, Simone contempló boquiabierto la visión, su mirada atrapada en la neblina evanescente que danzaba en ascenso hacia la bóveda. Tardó casi dos minutos en advertir que no estaba sola allí.

Una figura pulcramente trajeada ocupaba un escritorio bajo un rayo de luz que caía en vertical desde la claraboya. Al oír sus pasos, Lazarus se volvió y, cerrando el libro que estaba consultando, un viejo tomo de aspecto centenario encuadrado en

piel negra, le sonrió amablemente. Una sonrisa cálida y contagiosa.

—Ah, madame Sauvelle. Bienvenida a mi pequeño refugio —dijo, incorporándose.

—No deseaba interrumpirlo...

—Al contrario, me alegro de que lo haya hecho —dijo Lazarus—. Quería hablar con usted acerca de un pedido de libros que deseo hacer a la firma de Arthur Francher...

—¿Arthur Francher, en Londres?

El rostro de Lazarus se iluminó.

—¿La conoce?

—Mi esposo solía comprar libros allí en sus viajes. Burlington Arcade.

—Sabía que no podía haber escogido persona más idónea para este puesto —dijo Lazarus, sonriendo a Simone.

»¿Qué tal si discutimos esto en torno a una taza de café? —invitó.

Simone asintió tímidamente. Lazarus sonrió de nuevo y devolvió el grueso tomo que sostenía en las manos a su lugar, entre cientos de otros volúmenes semejantes. Simone lo observó mientras lo hacía y sus ojos no pudieron dejar de advertir el título que podía leerse labrado a mano sobre el lomo. Una sola palabra, desconocida e inidentificable:

Poco antes del mediodía, Irene vislumbró el islote del faro a proa. Ismael decidió rodearlo para acometer la maniobra de aproximación y atracar en una pequeña ensenada que albergaba el islote, rocoso y arisco. Para entonces, Irene, gracias a las explicaciones de Ismael, ya estaba más versada en las artes navegatorias y en la física elemental del viento. De este modo, siguiendo sus instrucciones, ambos lograron capear el empuje de la corriente y deslizarse entre el pasillo de acantilados que conducía al viejo embarcadero del faro.

El islote era apenas un pedazo de roca desolada que emergía en la bahía. Una considerable colonia de gaviotas anidaba allí. Algunas de ellas observaban a los intrusos con cierta curiosidad. El resto emprendió el vuelo. A su paso, Irene pudo ver antiguas casetas de madera carcomidas por décadas de temporales y abandono.

El faro en sí era una esbelta torre, coronada por una linterna de prismas, que se erguía sobre una pequeña casa de apenas una planta, la vieja vivienda del farero.

—Aparte de mí, las gaviotas y algún que otro cangrejo, nadie ha venido aquí en años —dijo Ismael.

—Sin contar al fantasma del buque pirata —bromeó Irene.

El muchacho condujo el velero hasta el embarcadero y saltó a tierra para asegurar el cabo de proa. Irene siguió su ejemplo. Tan pronto el *Kyaneos* estuvo convenientemente amarrado, Ismael tomó un cesto con provisiones que su tía le había dejado preparado, bajo la convicción de que no había modo de abordar a una señorita con el estómago vacío y que había que atender a los instintos por orden de prioridad.

—Ven. Si te gustan las historias de fantasmas, esto te va a interesar...

Ismael abrió la puerta de la casa del faro e indicó a Irene que lo precediese. La muchacha se adentró en la vieja vivienda y sintió como si acabase de dar un paso de dos décadas hacia el pasado. Todo seguía intacto, bajo una capa de niebla formada por la humedad de años y años. Decenas de libros, objetos y muebles permanecían intactos, como si un fantasma se hubiese llevado al farero de madrugada. Irene miró a Ismael, fascinada.

—Espera a ver el faro —dijo él.

El muchacho la tomó de la mano y la condujo hacia la escalera que ascendía en espiral hasta la torre del faro. Irene se sentía como una intrusa al invadir aquel lugar suspendido en el tiempo y, a la vez, como una aventurera a punto de desvelar un extraño misterio.

—¿Qué pasó con el farero?

Ismael se tomó su tiempo para responder.

—Una noche cogió su bote y dejó el islote. No se molestó ni en recoger sus cosas.

—¿Por qué haría una cosa así?

—Nunca lo dijo —contestó Ismael.

—¿Por qué crees tú que lo hizo?

—Por miedo.

Irene tragó saliva y miró por encima de su hombro, esperando de un momento a otro encontrarse con el espectro de aquella mujer ahogada ascendiendo como un demonio de luz por la escalera de caracol, con las garras extendidas hacia ella, el rostro blanco como porcelana y dos círculos negros en torno a sus ojos encendidos.

—No hay nadie aquí, Irene. Sólo tú y yo —dijo Ismael.

La muchacha asintió sin mucho convencimiento.

—Sólo gaviotas y cangrejos, ¿eh?

—Exacto.

La escalera desembocaba en la plataforma del faro, una atalaya sobre el islote desde la que podía contemplarse toda Bahía Azul. Ambos salieron al exterior. La brisa fresca y la luz resplandeciente desaparecían cuantos ecos fantasmales evocaba el interior del faro. Irene respiró profundamente y se dejó embriujar por la visión que sólo podía contemplarse desde aquel lugar.

—Gracias por traerme aquí —murmuró.

Ismael asintió, desviando nerviosamente la mirada.

—¿Te apetece comer algo? Me muero de hambre —anunció.

De esta guisa, ambos se sentaron al extremo de la plataforma del faro y, con las piernas colgando en el vacío, procedieron a dar buena cuenta de los manjares que ocultaba la cesta. Ninguno de ellos tenía realmente mucho apetito, pero comer mantenía las manos y la mente ocupadas.

A lo lejos, Bahía Azul dormía bajo el sol de la tarde, ajena a cuanto sucedía en aquel islote apartado del mundo.

Tres tazas de café y una eternidad más tarde, Simone se encontraba todavía en compañía de Lazarus, ignorando el paso del tiempo. Lo que había empezado como una simple charla amistosa se había transformado en una larga y profunda conversación acerca de libros, viajes y antiguos recuerdos. Tras apenas unas horas, tenía la sensación de conocer a Lazarus de toda la vida. Por primera vez en meses se descubrió a sí misma desenterrando dolorosos recuerdos de los últimos días de la vida de Armand y experimentando una grata sensación de alivio al haberlo. Lazarus escuchaba con atención y respetuoso

silencio. Sabía cuándo desviar la conversación o cuándo dejar fluir los recuerdos libremente.

Le costaba pensar en Lazarus como en su patrón. A sus ojos, el fabricante de juguetes se parecía más a un amigo, un buen amigo. A medida que avanzaba la tarde, Simone comprendió, entre el remordimiento y una vergüenza casi infantil, que en otras circunstancias, en otra vida, aquella rara comunión entre ambos tal vez podría haber sido la semilla de algo más. La sombra de su viudedad y el recuerdo flotaban en su interior como el rastro de un temporal; del mismo modo en que la presencia invisible de la esposa enferma de Lazarus mojaba la atmósfera de Cravenmoore. Testigos invisibles en la oscuridad.

Le bastaron unas horas de simple conversación para leer en la mirada del fabricante de juguetes que idénticos pensamientos cruzaban su mente. Pero también leyó en ellos que el compromiso con su esposa sería eterno y que el futuro apenas deparaba para ambos más que la perspectiva de una simple amistad. Una profunda amistad. Un puente invisible se alzó entre dos mundos que se sabían separados por océanos de recuerdos.

Una luz áurea que anunciaba el crepúsculo inundó el estudio de Lazarus y tendió una red de reflejos dorados entre ellos. Lazarus y Simone se observaron en silencio.

—¿Puedo hacerle una pregunta personal, Lazarus?

—Por supuesto.

—¿Por qué razón se convirtió en un fabricante de juguetes? Mi difunto esposo era ingeniero, y de cierto talento. Pero su trabajo evidenció un talento revolucionario. Y no exagero; usted lo sabe mejor que yo. ¿Por qué juguetes?

Lazarus sonrió en silencio.

—No tiene por qué contestarme —añadió Simone.

Él se incorporó y caminó lentamente hasta el umbral de la ventana. La luz de oro tiñó su silueta.

—Es una larga historia —empezó—. Cuando apenas era un niño, mi familia vivía en el antiguo distrito de Les Gobelins, en París. Probablemente usted conoce el área, un barrio pobre y plagado de viejos edificios oscuros e insalubres. Una ciudadela fantasmal y gris, de calles angostas y miserables. En aquellos días, si cabe, la situación estaba incluso mucho más deteriorada de lo que usted pueda recordar. Nosotros ocupábamos un diminuto piso en un viejo inmueble de la rue des Gobelins. Parte de la fachada estaba apuntalada ante la amenaza de desprendimientos, pero ninguna de las familias que lo ocupaban estaba en condiciones de mudarse a otra zona más descabale del barrio. Cómo conseguíamos meternos allí mis otros tres hermanos y

yo, mis padres y el tío Luc aún me parece un misterio. Pero me estoy desviando del tema...

—Yo era un muchacho solitario. Siempre lo fui. La mayoría de los chicos de la calle parecían interesados en cosas que a mí me aburrían y, en cambio, las cosas que a mí me interesaban no despertaban el interés de nadie a quien conociese. Yo había aprendido a leer: un milagro; y la mayoría de mis amigos eran libros. Esto hubiese constituido motivo de preocupación para mi madre de no ser por que había otros problemas más acuciantes en casa. Mi madre siempre creyó que la idea de una infancia saludable era la de corretear por las calles aprendiendo a imitar los usos y juicios de cuantos nos rodeaban.

—Mi padre se limitaba a esperar que mis hermanos y yo cumpliésemos la edad suficiente para que pudiésemos aportar un sueldo a la familia.

—Otros no eran tan afortunados. En nuestra calera vivía un muchacho de mi edad llamado Jean Neville. Jean y su madre, viuda, estaban reclusos en un mínimo apartamento en la planta baja, junto al vestíbulo. El padre del muchacho había muerto años atrás a consecuencia de una enfermedad química contraída en la fábrica de azulejos donde había trabajado toda la vida. Algo común, al parecer. Supe todo esto porque, con el tiempo, yo fui el único amigo que el pequeño Jean tuvo en el barrio. Su

madre, Anne, no lo dejaba salir del edificio o del patio interior. Su casa era su cárcel.

»Ocho años atrás, Anne Neville había dado a luz dos niños mellizos en el viejo hospital de Saint Christian, en Montparnasse. Jean y Joseph. Joseph nació muerto. Durante los restantes ocho años de su vida, Jean aprendió a crecer en la oscuridad de la culpa por haber matado a su hermano al nacer. O eso creía. Anne se encargó de recordarle cada uno de los días de su existencia que su hermano había nacido sin vida por su culpa; que, si no fuese por él, un muchacho maravilloso ocuparía ahora su lugar. Nada de cuanto hacía o decía conseguía ganar el afecto de su madre.

»Anne Neville, por supuesto, dispensaba a su hijo las muestras de cariño habituales en público. Pero en la soledad de aquel apartamento, la realidad era otra. Anne se lo recordaba día a día: Jean era un vago. Un holgazán. Sus resultados en la escuela eran lamentables. Sus cualidades, más que dudosas. Sus movimientos, torpes. Su existencia, en resumen, una maldición. Joseph, por su parte, hubiese sido un muchacho adorable, estudioso, cariñoso..., todo aquello que él nunca podría ser.

»El pequeño Jean no tardó en comprender que era él quien debería haber muerto en aquella tenebrosa habitación de hospital ocho años atrás. Estaba ocupando el lugar de otro... Todos los juguetes

que Anne había estado guardando durante años para su futuro hijo fueron a parar al fuego de las calderas a la semana siguiente de volver del hospital. Jean jamás tuvo un juguete. Estaban prohibidos para él. No los merecía.

»Una noche en que el muchacho se despertó gritando en sueños, su madre acudió a su lecho y le preguntó qué le sucedía. Jean, aterrorizado, confesó que había soñado que una sombra, un espíritu maligno lo perseguía a lo largo de un túnel interminable. La respuesta de Anne fue clara. Aquel signo era una señal. La sombra con la que había estado soñando era el reflejo de su hermano muerto, que clamaba venganza. Debía hacer un nuevo esfuerzo por ser un mejor hijo, por obedecer en todo a su madre, por no cuestionar ni una sola de sus palabras o acciones. De lo contrario, la sombra cobraría vida y acudiría para llevarlo a los infiernos. Con estas palabras, Anne cogió a su hijo y lo llevó al sótano de la casa, donde lo dejó a solas en la oscuridad durante doce horas para que meditase sobre lo que le había contado. Ese fue el primero de sus encierros.

»Un año después, cuando una tarde el pequeño Jean me contó todo esto, una sensación de horror me invadió. Deseaba ayudar al muchacho, recomfortarlo y compensar en algo la miseria en la que vivía. El único modo en que se me ocurrió hacerlo fue reunir las monedas que había guardado durante

meses en mi hucha y acudir a la tienda de juguetes de monsieur Giradot. Mi presupuesto no daba para mucho, y sólo conseguí un viejo títere, un ángel de cartón que podía ser manipulado con unos hilos. Lo envolví en papel brillante y, al día siguiente, esperé a que Anne Neville hubiese salido a hacer sus compras. Llamé a la puerta de la casa y dije que era yo, Lazarus. Jean abrió y le entregué el paquete. Era un obsequio, dije, y me marché.

»No volví a verlo en tres semanas. Supuse que Jean estaba disfrutando de mi regalo, ya que yo no podría disfrutar de mis ahorros en mucho tiempo. Supe más adelante que aquel ángel de trapo y cartón apenas sobrevivió un día. Anne lo encontró y lo quemó. Cuando le preguntó de dónde lo había sacado, Jean, que no quería implicarme, dijo que lo había hecho con sus propias manos.

»Y cierto día, el castigo fue mucho más terrible. Anne, fuera de sí, llevó a su hijo al sótano y lo encerró allí, amenazándolo con que esta vez la sombra iría a por él en la oscuridad y se lo llevaría para siempre.

»Jean Neville pasó allí una semana entera. Su madre se había complicado en un altercado en el mercado de Les Halles y la policía la encerró, junto con otros tantos, en una celda comunal. Cuando la soltaron, estuvo vagando por las calles durante días.

»A su regreso, encontró la casa vacía y la puerta del sótano atrancada. Unos vecinos la ayudaron a

derribarla. El sótano estaba desierto. No había señal de Jean por ninguna parte...

Lazarus hizo una pausa. Simone guardó silencio, esperando a que el fabricante de juguetes finalizase su relato.

—Nadie volvió a ver a Jean Neville en el barrio. La mayoría de quienes tuvieron conocimiento de la historia supusieron que el muchacho había huido por alguna trampa del sótano y había puesto tanta distancia entre él y su madre como había podido. Supongo que eso es lo que sucedió, aunque si le hubiese preguntado usted a su madre, que pasó semanas, meses, llorando desconsoladamente la pérdida del muchacho, estoy seguro de que le hubiese dicho que la sombra se lo había llevado... Le he dicho antes que yo fui probablemente el único amigo de Jean Neville. Sería más justo decir que fue al revés. Él fue mi único amigo. Años más tarde, me prometí que, si estaba en mi mano, nunca jamás ningún niño quedaría privado de un juguete. Ningún niño volvería a vivir la pesadilla que atormentó la infancia de mi amigo Jean. Todavía hoy me pregunto dónde estará, si vive todavía. Supongo que le parecerá una explicación un tanto extraña...

—En absoluto!—respondió ella, su rostro caído en las sombras.

Simone salió a la luz y esbozó una amplia sonrisa para recibir a Lazarus.

—Se hace tarde—dijo suavemente el fabricante de juguetes—. Debo ir a ver a mi esposa.

Simone asintió.

—Gracias por su compañía, madame Sauvelle—dijo Lazarus, retirándose de la habitación en silencio.

Ella lo observó partir y respiró profundamente. La soledad trazaba extraños laberintos.

El sol empezaba a declinar sobre la bahía y las lentes del faro destilaban destellos de ámbar y escarlata sobre el mar. La brisa era ahora más fresca y el cielo se teñía de un azul claro, surcado por algunas nubes que viajaban perdidas como zepelines de algodón blanco. Irene yacía ligeramente apoyada contra el hombro de Ismael, en silencio.

El muchacho dejó que uno de sus brazos la rodease lentamente. Ella alzó los ojos. Sus labios estaban entreabiertos y temblaban imperceptiblemente. Ismael sintió un cosquilleo en el estómago y oyó un extraño repiqueteo en sus oídos. Era su propio corazón, martilleando a toda velocidad. Paulatinamente, los labios de ambos se aproximaron con timidez. Irene cerró los ojos. Ahora o nunca, parecía susurrar una voz dentro de Ismael. El muchacho optó por la opción ahora y dejó que su boca acariciase la de Irene. Los siguientes diez segundos duraron diez años.

Más tarde, cuando ambos sintieron que ya no existía una frontera entre ellos, que cada mirada y cada gesto era una palabra de un lenguaje que sólo ellos podían comprender, Irene e Ismael permanecieron abrazados en silencio en lo alto del faro. Si hubiese dependido de ellos, habrían seguido allí hasta el día del Juicio.

—¿Dónde te gustaría estar dentro de diez años?—preguntó Irene de improviso.

Ismael se paró a meditar la respuesta. No era fácil.

—Menuda pregunta. No lo sé.

—¿Qué es lo que te gustaría hacer? ¿Seguir los pasos de tu tío en el barco?

—No creo que fuese una buena idea.

—¿Qué, entonces?—insistió ella.

—No sé, supongo que es una tontería...

—¿Qué es una tontería?

Ismael se sumió en un largo silencio. Irene esperó pacientemente.

—Seriales para la radio. Me gustaría escribir seriales para la radio—afirmó Ismael finalmente.

Ya lo había soltado.

Irene le sonrió. Otra vez aquella sonrisa indefinible y misteriosa.

—¿Qué clase de seriales?

Ismael la observó cuidadosamente. No había hablado de ese tema con nadie y no se sentía en terreno seguro al hacerlo. Tal vez lo mejor era plegar velas y volver a puerto.

—De misterio —contestó finalmente, dudando. —Pensaba que no creías en los misterios.

—No hace falta creérselos para escribir sobre ellos —replicó Ismael—. Hace tiempo que colecciono recortes sobre un individuo que hace seriales de radio. Se llama Orson Welles. Tal vez podría intentar trabajar con él...

—¿Orson Welles? No he oído hablar de él, pero supongo que no será una persona accesible. ¿Tienes alguna idea ya?

Ismael asintió vagamente.

—Tienes que prometerme que no se lo contarás a nadie.

La muchacha alzó la mano solemnemente. La actitud de Ismael le parecía infantil, pero el asunto la intrigaba.

—Sígueme.

Ismael la condujo de vuelta a la vivienda del farero. Una vez allí, el chico se acercó a un cofre que reposaba en uno de los rincones y lo abrió. Sus ojos brillaban de excitación.

—La primera vez que vine aquí estuve buceando y descubrí los restos del bote en que se supone que se ahogó aquella mujer hace veinte años —dijo

en tono enigmático—. ¿Te acuerdas de la historia que te conté?

—Las luces de septiembre. La dama misteriosa desaparecida en la tormenta... —recitó Irene.

—Exacto. ¿Adivinas qué encontré entre los restos del bote?

—¿Qué?

Ismael introdujo las manos en el cofre y extrajo un pequeño libro encuadernado en piel, cobijado por una especie de caja metálica, apenas del tamaño de una pitillera.

—El agua ha borrado alguna de las páginas, pero todavía hay fragmentos que pueden leerse.

—¿Un libro? —preguntó Irene, intrigada.

—No es un libro cualquiera —aclaró él—. Es un diario. Su diario.

El *Kyaneos* zarpó de vuelta a la Casa del Cabo poco antes del crepúsculo. Un campo de estrellas se extendía sobre el manto azul que cubría la bahía y la esfera sangrante del sol se sumergía lentamente en el horizonte, como un disco de hierro candente. Irene observaba en silencio a Ismael mientras pilotaba el velero. El muchacho le sonrió y siguió con la mirada en las velas, atento a la dirección del viento que se despertaba a poniente.

Antes que a él, Irene había besado a dos chicos.

El primero, el hermano de una de sus amigas en el colegio, fue más un experimento que otra cosa. Quería saber qué se sentía al hacer aquello. No le había parecido gran cosa. El segundo, Gerard, estaba más asustado que ella, y la experiencia no había disipado sus sospechas acerca del tema. Besar a Ismael había sido diferente. Había sentido una especie de corriente eléctrica recorriendo su cuerpo al rozar sus labios. Su tacto era diferente. Su olor era diferente. Todo en él era diferente.

—¿En qué estás pensando? —le preguntó esta vez a ella Ismael, intrigado ante su semblante meditabundo.

Irene compuso un gesto enigmático, alzando una ceja.

Él se encogió de hombros y siguió pilotando el velero rumbo al cabo. Una bandada de aves los escoltó hasta el embarcadero entre los acantilados. Las luces de la casa dibujaban estelas danzantes sobre la pequeña cala. A lo lejos, los reflejos del pueblo trazaban una senda de estrellas sobre el mar.

—Ya es de noche —observó Irene con cierta preocupación—. No te pasará nada, ¿verdad?

Ismael sonrió.

—El *Kyaneos* se sabe el camino de memoria. No me pasará nada.

El velero se posó suavemente contra el embarcadero. Los graznidos de las aves en los acantilados

formaban un eco lejano. Una franja de azul oscuro coronaba ahora la línea incandescente del crepúsculo sobre el horizonte, y la luna sonreía entre las nubes.

—Bueno..., se hace tarde —empezó Irene.

—Sí...

La chica saltó a tierra.

—Me llevo el diario. Prometo cuidarlo.

Ismael asintió a su vez. Irene dejó escapar una pequeña risa nerviosa.

—Buenas noches.

Ambos se miraron en la penumbra.

—Buenas noches, Irene.

Ismael soltó las amarras.

—Había pensado ir a la laguna mañana. Tal vez te gustaría venir...

Ella asintió. La corriente se llevaba el velero.

—Te recogeré aquí...

La silueta del *Kyaneos* se desvaneció en la oscuridad. Irene permaneció allí, viéndolo partir, hasta que la negrura de la noche lo hubo engullido completamente. Luego, dos palmos por encima del suelo, se apresuró hacia la Casa del Cabo. Su madre esperaba en el porche, sentada en la oscuridad. No hacía falta un diploma en ingeniería óptica para adivinar que Simone había visto, y oído, el episodio completo en el embarcadero.

—¿Qué tal tu día? —preguntó.

Irene tragó saliva. Su madre sonrió pícaramente.
—Puedes contármelo.

Irene se sentó junto a su madre, dejándose abrazar por ella.

—¿Y el tuyo? —preguntó la muchacha—. ¿Qué tal te ha ido a ti?

Simone dejó escapar un suspiro, recordando la tarde en compañía de Lazarus.

Abrazó en silencio a su hija y sonrió para sí.

—Un día extraño, Irene. Supongo que me hago mayor.

—Qué tontería.

La joven miró en los ojos de su madre.

—¿Algo va mal, mamá?

Simone sonrió débilmente y negó en silencio.

—Echo de menos a tu padre —respondió finalmente, mientras una lágrima se deslizaba sobre su mejilla hasta sus labios.

—Papá se fue —dijo Irene—. Tienes que dejarlo ir.

—No sé si quiero dejarlo ir.

Irene la estrechó en sus brazos y oyó cómo Simone derramaba sus lágrimas en la oscuridad.

6. EL DIARIO DE ALMA MALTISSE



El día siguiente amaneció envuelto en un manto de bruma. Las primeras luces del alba sorprendieron a Irene todavía enfrascada en la lectura del diario que Ismael le había confiado. Lo que había empezado como simple curiosidad horas atrás había ido creciendo a lo largo de la noche, hasta transformarse en una obsesión. Desde la primera línea empañada por el tiempo, la caligrafía de aquella misteriosa dama desaparecida en las aguas de la bahía se había revelado como un jeroglífico hipnótico, un enigma sin resolución que había alejado de la muchacha cualquier atisbo de sueño.

... Hoy he visto por vez primera el rostro de la sombra. Me observaba en silencio desde la oscuridad, acechante e inmóvil. Sé perfectamente lo que había en aquellos ojos, aquella fuerza que la mante-

nía viva: odio. He podido sentir su presencia y he sabido que, tarde o temprano, nuestros días en este lugar se convertirán en una pesadilla. Es ahora cuando me doy cuenta de toda la ayuda que él necesita y de que, pase lo que pase, no puedo dejarlo solo...

Página tras página, la voz secreta de aquella mujer parecía hablarle en susurros, entregándole las confidencias y los secretos que habían permanecido sumergidos y olvidados durante años. Seis horas después de haber iniciado la lectura del diario, la dama desconocida se había convertido en una especie de amiga invisible, de voz varada en la niebla que, a falta de otro consuelo, la había escogido a ella para depositar sus secretos, sus memorias, y el enigma de aquella noche que habría de llevarla a la muerte en las frías aguas del islote del faro, aquella noche de septiembre.

... Ha sucedido de nuevo. Esta vez han sido mis ropas. Esta mañana, al acudir a mi vestidor, he encontrado la puerta de mi armario abierta y todos mis vestidos, los vestidos que él me ha regalado durante años, hechos jirones, destrozados como si el filo de cien cuchillos los hubiese cercenado. Hace siete días fue mi anillo de compromiso. Lo encontré deformado y destrozado en el suelo. Otras joyas han de-

saparecido. Los espejos de mi habitación están rajados. Cada día su presencia es más fuerte y su rabia más palpable. Es sólo cuestión de tiempo que sus ataques dejen de concentrarse en mis pertenencias y lo hagan en mí. Es a mí a quien odia. Es a mí a quien quiere ver muerta. No hay sitio para ambas en este lugar...

El amanecer había tendido un tapiz de cobre sobre el mar cuando Irene desgranó la última página del diario. Por un instante pensó que jamás había sabido tantas cosas acerca de nadie. Nunca persona alguna, ni su propia madre, había revelado todos los secretos de su espíritu ante ella con la sinceridad con que aquel diario desnudaba los pensamientos de aquella mujer que, irónicamente, le era desconocida. Una mujer que había muerto años antes de que ella viese la luz.

... No tengo a nadie con quien hablar, nadie a quien confesar el horror que me invade el alma día tras día. A veces desearía volver atrás, rehacer mis pasos en el tiempo. Es entonces cuando más comprendo que mi miedo y mi tristeza no pueden compararse con los suyos, que él me necesita y que, sin mí, su luz se apagaría para siempre. Sólo pido a Dios que nos dé fuerzas para sobrevivir, para huir del alcance de la sombra que se cierne sobre nosotros.

Cada línea que escribo en este diario me parece la última.

Por algún motivo Irene descubrió que sentía ganas de llorar. En silencio, derramó sus lágrimas en recuerdo de aquella dama invisible cuyo diario había encendido una luz en su propio interior. Acerca de la identidad de su autora, cuanto el diario aclaraba era un par de palabras en el vértice de la primera hoja.

Alma Maltisse

Poco después, Irene contempló la vela del *Kyaneos* desgarrar la neblina rumbo a la Casa del Cabo. Cogió el diario y, casi de puntillas, se encaminó hacia su nueva cita con Ismael.

En tan sólo unos minutos, el barco se abrió camino entre la corriente que batía en el extremo del cabo y se adentró en la Bahía Negra. La luz de la mañana esculpía siluetas en las paredes de los acantilados que formaban buena parte de la costa de Normandía, muros de roca que se enfrentaban al océano. Los reflejos del sol sobre el agua dibujaban destellos cegadores de espuma y plata encendida. El viento del norte impulsaba el velero con fuerza, la

quilla segando la superficie como una daga. Para Ismael, aquello era simple rutina; para Irene, las mil y una noches.

A los ojos de una marinera novata como ella, aquel desbordante espectáculo de luz y agua parecía llevar la promesa invisible de mil aventuras y otros tantos misterios que esperaban ser descubiertos bajo el manto del océano. Al timón, Ismael se movía inusualmente sonriente y examinaba el velero rumbo a la laguna. Irene, víctima agradecida del embrujo del mar, siguió con su relato de cuanto había averiguado en su primera lectura del diario de Alma Maltisse.

—Evidentemente, lo escribía para sí misma —explicó la joven—. Es curioso que nunca mencione a nadie por su nombre. Es como un relato de gente invisible.

—Es impenetrable —apuntó Ismael, quien había dejado por imposible la lectura del diario tiempo atrás.

—En absoluto —objetó Irene—. Lo que ocurre es que para entenderlo hay que ser una mujer.

Los labios de Ismael parecieron a punto de desaparecer una réplica ante la aseveración de su copiloto, pero por algún motivo, sus pensamientos se batieron en retirada.

Al poco, el viento de popa los condujo hasta la boca de la laguna. Un estrecho paso entre las rocas

esbozaba una bocana en un puerto natural. Las aguas de la laguna, de apenas tres o cuatro metros de profundidad, eran un jardín de esmeraldas transparentes, y el fondo arenoso parpadeaba como un velo de gasas blancas a sus pies. Irene contempló boquiabierta la magia que el arco de la laguna confinaba en su interior. Una bandada de peces danzaba bajo el casco del *Kyaneos*, igual que dardos de plata brillando intermitentemente.

—Es increíble —balbuceó Irene.

—Es la laguna —aclaró Ismael, más prosaico.

Después, mientras ella seguía bajo los efectos de una primera visita a aquel paraje, el chico aprovechó para arriar las velas y anclar el velero. El *Kyaneos* se mecía lentamente, una hoja en la calma de un estanque.

—Bien. ¿Quieres ver esa cueva o no?

Por toda respuesta, Irene le ofreció una sonrisa desafiante y, sin apartar los ojos de los suyos, se despojó de su vestido lentamente. Las pupilas de Ismael se expandieron como platos. Su imaginación no había anticipado semejante espectáculo. Irene, pertrechada con un sucinto bañador, cuya brevedad habría hecho que su madre jamás lo hubiera considerado merecedor de dicho nombre, sonrió ante el semblante de Ismael. Tras aturdirlo un par de segundos con la visión, justo lo necesario para no dejarlo acostumbrarse a ella, saltó al agua y

se sumergió bajo la lámina de reflejos ondulantes. Ismael tragó saliva. O él era muy lento o aquella muchacha era demasiado rápida para él. Sin pensarlo dos veces, saltó al agua tras ella. Necesitaba un baño.

Ismael e Irene nadaron hacia la boca de la Cueva de los Murciélagos. El túnel se adentraba en la tierra, como una catedral labrada en la roca. Una tenue corriente emanaba del interior y acariciaba la piel bajo el agua. El interior de la caverna marina se alzaba en forma de bóveda, coronada por cientos de largas astillas de roca que pendían en el vacío como lágrimas de hielo petrificado. Los reflejos del agua descubrían mil y un recovecos entre las rocas, y el fondo arenoso adquiría una fosforescencia fantasmal que tendía una alfombra de luz hacia el interior.

Irene se sumergió y abrió los ojos bajo el agua. Un mundo de reflejos evanescentes danzaba lentamente frente a ella, poblado por criaturas extrañas y fascinantes. Pequeños peces cuyas escamas cambiaban de color según la dirección en que reflejaban la luz. Plantas irisadas sobre la roca. Diminutos canchales correteando sobre las arenas submarinas. La muchacha permaneció contemplando la fauna que poblaba la caverna hasta que le faltó el aire.

—Si sigues haciendo eso, te saldrá cola de pez, como a las sirenas —dijo Ismael.

Ella le guiñó un ojo y lo besó bajo la tenue claridad de la caverna.

—Ya soy una sirena —murmuró, adentrándose en la Cueva de los Murciélagos.

Ismael intercambió una mirada con un estoico cangrejo que lo escrutaba acomodado sobre la pared de roca y que parecía tener una curiosidad antropológica por la escena. La mirada sabia del crustáceo no dejaba duda alguna. Le estaban tomando el pelo de nuevo.

Un día completo de ausencia, pensó Simone. Hannah llevaba horas sin aparecer y sin dar noticias. Simone se preguntó si se enfrentaba a un problema puramente disciplinario. Ojalá fuese así. Había dejado pasar la jornada dominical a la espera de tener noticias de la chica, pensando que habría tenido que ir a su casa. Una pequeña indisposición. Un compromiso imprevisto. Cualquier explicación le hubiese bastado. Tras horas de espera, decidió enfrentarse al dilema. Se disponía a tomar el teléfono para llamar a casa de la muchacha cuando una llamada entrante se le adelantó. La voz que sonó le resultaba desconocida y el modo en que su dueño se identificó hizo poco por tranquilizarla.

—Buenos días, madame Sauvelle. Mi nombre es Henri Faure. Soy el comisario jefe de la gendarmerie.

• 122 •

ría de Bahía Azul —anunció, cada palabra más pesada que la anterior.

Un tenso silencio se apoderó de la línea.

—¿Madame? —inquirió el policía.

—Lo escucho.

—No me resulta fácil decirle esto...

Dorian había dado por concluida su jornada de mensajero por aquel día. Los encargos que Simone le había confiado ya estaban más que resueltos, y la perspectiva de una tarde libre se presentaba prometedora y refrescante. Cuando llegó a la Casa del Cabo, Simone todavía no había vuelto de Cravenmoore, y su hermana Irene debía de estar por allí, con aquella especie de novio que se había granjeado. Tras apurar un par de vasos de leche fresca uno tras otro, la extraña sensación de la casa vacía de mujeres se le antojó un tanto desconcertante. Uno llegaba a acostumbrarse tanto a ellas que, en su ausencia, el silencio se hacía vagamente inquietante.

Aprovechando que todavía quedaban unas horas de luz por delante, Dorian optó por explorar el bosque de Cravenmoore. En pleno día, tal y como había predicho Simone, las siluetas siniestras no eran más que árboles, arbustos y maleza. Con esto en su mente, el muchacho se encaminó hacia el co-

• 123 •

razón de aquel bosque denso y laberíntico que se extendía entre la Casa del Cabo y la mansión de Lazarus Jann.

Llevaba unos diez minutos sin rumbo concreto cuando advirtió por primera vez el rastro de unas huellas que se adentraban en la espesura desde los acantilados y que, inexplicablemente, desaparecían a la entrada de un claro. El muchacho se arrodilló y palpó las huellas, más propiamente marcas confusas, que horadaban el suelo del bosque. Quien fuera o lo que fuera que había dejado aquellas marcas tenía un peso considerable. Dorian estudió de nuevo el último tramo de huellas hasta el punto en que desaparecían. Si tenía que dar crédito a los indicios, quien fuera que las hubiera hecho había dejado de caminar en aquel punto y se había evaporado.

Alzó la mirada y observó la red de claros y sombras que se tejía en las copas de los árboles de Cravenmoore. Uno de los pájaros de Lazarus cruzó entre las ramas. El muchacho no pudo evitar sentir un escalofrío. ¿No había un solo animal vivo en aquel bosque? La única presencia tangible era la de aquellos seres mecánicos que aparecían y desaparecían en las sombras, sin que uno pudiese imaginar jamás de dónde venían o adónde se dirigían. Sus ojos siguieron examinando el entramado del bosque y advirtieron entonces una profunda muesca en un árbol cercano. Dorian se acercó hasta el tronco y

examinó la marca. Algo había abierto una profunda herida sobre la madera. Laceraciones semejantes jalonaban el tronco hacia su cima. El chico tragó saliva y decidió salir de allí a escape.

Ismael guió a Irene hasta una pequeña roca plana que sobresalía un par de palmos en el centro de la cueva y ambos se tendieron encima a tomar un respiro. La luz que penetraba por la boca de la cueva reverberaba en el interior trazando una curiosa danza de sombras sobre la bóveda y las paredes de la gruta. El agua allí parecía más cálida que en mar abierto y emanaba una cierta cortina vaporosa.

—¿Hay más entradas a la cueva? —preguntó Irene.

—Una más, pero es peligrosa. El único modo seguro de entrar y salir es por mar, desde la laguna.

La muchacha contempló el espectáculo de luz evanescente que descubría las entrañas de la cueva. Aquel lugar destilaba una atmósfera envolvente e hipnótica. Por unos segundos, Irene creyó estar en el interior de una gran sala de un palacio tallado en el interior de la roca, un lugar legendario que sólo podía existir en sueños.

—Es... mágico —dijo.

Ismael asintió.

—A veces vengo aquí y me paso horas sentado en una de las rocas, viendo cómo la luz cambia de color bajo el agua. Es mi santuario particular...

—Lejos del mundo, ¿verdad?

—Tan lejos como puedas imaginar.

—No te gusta mucho la gente, ¿no?

—Depende de qué gente —respondió él con una sonrisa en los labios.

—¿Es eso un cumplido?

—A lo mejor.

El muchacho desvió la mirada e inspeccionó la boca de la cueva.

—Es mejor que nos vayamos ahora. La marea no tardará en subir.

—¿Y eso?

—Cuando sube la marea, las corrientes empujan hacia el interior de la cueva y la caverna se llena de agua hasta la cima. Es una trampa mortal. Puedes quedarte atrapado y morir ahogado como una rata.

De repente, la magia del lugar se tornó amenazadora. Irene imaginó la cueva llenándose de agua helada sin posibilidad de escapatoria.

—No hay prisa... —puntualizó Ismael.

Irene, sin pensarlo dos veces, nadó hacia la salida y no se detuvo hasta que el sol le sonrió de nuevo. Él la observó nadar a toda prisa y sonrió para sí. La chica tenía agallas.

La travesía de vuelta transcurrió en silencio. Las páginas del diario resonaban en la mente de Irene como un eco que se resistía a desaparecer. Un espeso banco de nubes había cubierto el cielo y el sol se había ocultado, confiando al mar un tono plomizo y metálico. El viento era más frío e Irene se enfundó de nuevo su vestido. Esta vez Ismael apenas la observó mientras se vestía, señal de que el muchacho andaba perdido en sus propios pensamientos, fueran cuales fuesen.

El *Kyaneos* dobló el cabo a media tarde y puso proa hacia la casa de los Sauvelle, mientras el islate del faro se sumergía en la neblina. Ismael guió el velero hasta el embarcadero y efectuó la maniobra de amarre con su habitual pericia, aunque se diría que su mente estaba a muchas millas de aquel lugar.

Cuando hubo llegado el momento de despedirse, Irene tomó la mano del muchacho.

—Gracias por llevarme a la cueva —dijo, saliendo a tierra.

—Siempre me das las gracias y no sé por qué... Gracias a ti, por venir.

Irene ardía en deseos de preguntarle cuándo volverían a verse, pero una vez más su instinto le aconsejó guardar silencio. Ismael liberó el cabo de proa y el *Kyaneos* se alejó en la corriente.

Mientras contemplaba el velero marcharse, Ire-

ne se detuvo en la escalinata de piedra del acantilado. Una bandada de gaviotas lo escoltaba en su rumbo hacia las luces del muelle. Más allá, entre las nubes, la luna tendía un puente de plata sobre el mar, guiando el velero de vuelta al pueblo.

Irene recorrió el camino a través de la escalera de piedra luciendo una sonrisa en los labios que nadie podía ver. Demonios, cómo le gustaba aquel chico...

Nada más entrar en casa, Irene notó que algo andaba mal. Todo estaba demasiado ordenado, demasiado tranquilo, demasiado silencioso. Las luces del salón de la planta baja bañaban la penumbra azulada de aquella tarde de nubes. Dorian, sentado en una de las butacas, contemplaba las llamas del hogar en silencio. Simone, de espaldas a la puerta, observaba el mar desde el ventanal de la cocina, con una taza de café frío en la mano. El único sonido era el murmullo del viento acariciando las veletas del techo.

Dorian y su hermana intercambiaron una mirada. Irene se acercó hasta su madre y posó una mano sobre su hombro. Simone Sauvelle se volvió. Había lágrimas en sus ojos.

—¿Qué ha pasado, mamá?

Su madre la abrazó. Irene apretó las manos de su madre entre las suyas. Estaban frías. Temblaban.

—Es Hannah —murmuró Simone.
Un largo silencio. El viento arañó los postigos de la Casa del Cabo.

—Ha muerto —añadió.
Lentamente, como un castillo de naipes, el mundo se derrumbó alrededor de Irene.



La carretera que corría junto a la Playa del Inglés reflejaba la tez del crepúsculo y tendía una serpentina escarlata hasta el pueblo. Irene, pedaleando en la bicicleta de su hermano, volvió la vista hacia la Casa del Cabo. Las palabras de Simone y el horror en sus ojos al ver a su hija abandonar la casa precipitadamente al crepúsculo todavía pesaban en ella, pero la imagen de Ismael navegando rumbo a la noticia de la muerte de Hannah ejercía más fuerza que cualquier remordimiento.

Simone le había explicado que, unas horas antes, dos excursionistas habían encontrado el cuerpo de Hannah cerca del bosque. Desde aquel momento, la noticia había despertado la desolación, la murmuración y el dolor entre quienes habían tenido la fortuna de tratar a la dicharachera muchacha.

Se sabía que su madre, Elisabet, había sufrido una crisis nerviosa al conocer los hechos y que permanecía bajo los efectos de sedantes administrados por el doctor Giraud. Pero poco más.

Los rumores acerca de una antigua cadena de crímenes que habían turbado la vida local años atrás habían vuelto a la superficie. Había quienes querían ver en la desgracia una nueva entrega en la macabra saga de asesinatos sin resolver que habían tenido lugar en el bosque de Cravenmoore durante la década de los años veinte.

Otros preferían esperar a conocer más detalles acerca de las circunstancias que habían rodeado la tragedia. El vendaval de murmuraciones, sin embargo, no arrojaba luz alguna respecto a la posible causa del fallecimiento. Los dos excursionistas que habían tropezado con el cuerpo llevaban horas prestando declaración en las dependencias de la gendarmería, y dos expertos forenses de La Rochelle —se decía— estaban en camino. A partir de ahí, la muerte de Hannah era un misterio.

Apresurándose tanto como pudo, Irene llegó al pueblo cuando el disco del sol ya se había sumergido totalmente en el horizonte. Las calles estaban desiertas y las pocas siluetas que las recorrían lo hacían en silencio, como sombras sin dueño. La muchacha dejó la bicicleta junto a un viejo farol que alumbraba el pie del callejón, donde se ubicaba el

hogar de los tíos de Ismael. La casa era una construcción sencilla y sin pretensiones, un hogar de pescadores junto a la bahía. La última mano de pintura acusaba décadas, y la cálida luz de dos faroles de aceite desentrañaba los rasgos de una fachada labrada por el viento del mar y el salitre.

Irene, con el estómago encogido, se acercó al umbral de la casa, temerosa de llamar a la puerta. ¿Con qué derecho osaba turbar el dolor de la familia en un momento así? ¿En qué estaba pensando?

De pronto detuvo sus pasos, incapaz de avanzar ni de retroceder, varada entre la duda y la necesidad de ver a Ismael, de estar a su lado en un momento como aquél. En ese instante, la puerta de la casa se abrió, y la silueta oronda y severa del doctor Giraud, el galeno local, descendió calle abajo. Los ojos brillantes y escudados en lentes del médico advirtieron la presencia de Irene en la penumbra.

—Tú eres la hija de madame Sauvelle, ¿verdad? Ella asintió.

—Si has venido a ver a Ismael, no está en la casa —explicó Giraud—. Cuando ha sabido lo de su prima, ha tomado su velero y ha partido.

El médico detectó que el rostro de la muchacha se tornaba blanco.

—Es un buen marinero. Volverá.

Irene caminó hasta la punta del muelle. La silueta solitaria del *Kyaneos* se recortaba sobre las brumas, iluminado por la luna. La muchacha se sentó sobre la cornisa del dique y contempló cómo el velero de Ismael ponía rumbo hacia el islote del faro. Nada ni nadie podían rescatarlo ahora de la soledad que había escogido. Irene sintió deseos de coger un bote y perseguir al chico hasta los confines de su mundo secreto, pero sabía que cualquier esfuerzo era inútil ya.

Sintiendo cómo el verdadero impacto de la noticia empezaba a abrirse camino en su propia mente, Irene advirtió que sus ojos se llenaban de lágrimas. Cuando el *Kyaneos* se hubo desvanecido en la oscuridad, tomó de nuevo la bicicleta y emprendió el camino de vuelta a casa.

Mientras recorría la carretera de la playa, podía imaginar a Ismael sentado en silencio en la torre del faro, a solas consigo mismo. Recordó las incontables ocasiones en que ella misma había hecho ese viaje hacia su propio interior, y se prometió que, pasara lo que pasase, no dejaría que el muchacho se extraviase en aquel camino de sombras.

Aquella noche la cena fue breve. Un ritual de silencios y miradas extraviadas hizo las veces de anfitrión, mientras Simone y sus dos hijos fingían tomar un bocado antes de retirarse a sus respectivas habitaciones. Al filo de las once, ni una alma recorrería ya los pasillos, y tan sólo una lámpara permanecía encendida en toda la casa: la lamparilla de noche de Dorian.

Una brisa fría penetraba por la ventana abierta de su habitación. Dorian, tendido en su lecho, escuchaba las voces fantasmales del bosque con la mirada perdida en las tinieblas. Poco antes de la medianoche, el muchacho apagó la luz y se acercó hasta la ventana. Un mar oscuro de hojas se agitaba al viento en la espesura. Dorian clavó sus ojos en el remolino de sombras que danzaba en la espesura. Podía sentir aquella presencia merodeando en la oscuridad.

Más allá del bosque se distinguía la silueta sinuosa de Cravenmoore y un rectángulo dorado en la última ventana del ala norte. Súbitamente, de la floresta brotó un halo parpadeante y áureo. Luces en el bosque. Las luces de un farol o una linterna en la maleza. El muchacho tragó saliva. El rastro de pequeños destellos aparecía y desaparecía trazando círculos en el interior del bosque.

Un minuto más tarde, enfundado en un grueso jersey y con sus botas de piel, Dorian se deslizó escaleras abajo, de puntillas, y con infinita delicadeza, abrió la puerta del porche. La noche era fría y el mar rugía en la oscuridad, al pie de los acantilados. Sus ojos siguieron el rastro que dibujaba la luna, una cinta plateada serpenteando hacia el interior del bosque. Un cosquilleo en el estómago lo hizo recordar la cálida seguridad de su habitación. Dorian suspiró.

Las luces horadaban las brumas, como alfileres blancos, entre el umbral del bosque. El muchacho puso un pie frente al otro y así sucesivamente. Antes de darse cuenta, las sombras del bosque lo rodearon y la Casa del Cabo, a sus espaldas, le pareció lejana, infinitamente lejana.

Ni toda la oscuridad ni todo el silencio del mundo podían hacer conciliar el sueño a Irene aquella noche. Finalmente, al filo de las doce, renunció al descanso y encendió la pequeña luz de su mesita de noche. El diario de Alma Maltisse reposaba junto al diminuto medallón que su padre le había regalado años atrás, una efigie de un ángel labrada en plata. Irene cogió el diario entre las manos y lo abrió de nuevo por la primera página.

La caligrafía afilada y ondulante le dio la bien-

venida. La hoja, impregnada de un tono ocre y mortecino, parecía un campo de centeno agitándose al viento. Lentamente, mientras sus ojos acariciaban línea a línea, Irene comprendió de nuevo su viaje a la memoria secreta de Alma Maltisse.

Tan pronto volvió la primera página, el embrollo de las palabras la llevó lejos de allí. No podía oír el batir de las olas, ni el viento en el bosque. Su mente estaba en otro mundo...

...Anoche los oí pelear en la biblioteca. Él le gritaba y le suplicaba que lo dejase en paz, que abandonase la casa para siempre. Le dijo que no tenía ningún derecho a hacer lo que estaba haciendo con nuestras vidas. Nunca olvidaré el sonido de aquella risa, un aullido animal de rabia y odio que estalló tras los muros. El estruendo de miles de libros volando desde los estantes se oyó en toda la casa. Su ira es cada día mayor. Desde el momento en que liberé a esa bestia de su confinamiento, ha ido ganando fuerza sin cesar.

Él hace guardia al pie de mi lecho todas las noches. Sé que teme que, si me deja sola un instante, la sombra vendrá a por mí. Hace días que no me dice qué pensamientos ocupan su mente, pero no me hace falta. No ha dormido en semanas. Cada noche es una espera terrible e interminable. Coloca cientos de velas en toda la casa, tratando de sembrar de luz cada rincón, para evitar que la oscuridad sirva de amparo a la

sombra. Su rostro ha envejecido diez años en apenas un mes.

A veces creo que es todo culpa mía, que si yo desapareciese, su maldición se esfumaría conmigo. Tal vez es eso lo que debo hacer, alejarme de él y acudir a mi cita inevitable con la sombra. Sólo eso nos dará la paz. Lo único que me impide dar ese paso es que no soporto la idea de dejarlo. Sin él, nada tiene sentido. Ni la vida, ni la muerte...

Irene levantó la vista del diario. El laberinto de dudas de Alma Maltise se le antojaba desconcertante y, al tiempo, inquietantemente cercano. La línea entre la culpa y el deseo de vivir parecía afilada, como una cuchilla envenenada. Irene apagó la luz. La imagen no se desvanecía de su mente. Una cuchilla envenenada.

Dorian se adentró en el bosque siguiendo el rastro de las luces que veía brillar entre la maleza, reflejos que podían venir de cualquier lugar de la espesura. Las hojas humedecidas por la neblina se transformaban en un abanico de espejismos indescifrable. El sonido de sus propias pisadas se había convertido ahora en un angustioso reclamo hacia sí mismo. Por fin, inspiró profundamente y se recordó su propósito: no iba a salir de allí hasta saber qué

era lo que se ocultaba en el bosque. Eso era todo y no había más.

El muchacho se detuvo a la entrada del claro donde había encontrado las pisadas el día anterior. El rastro ahora era borroso y apenas reconocible. Se acercó hasta el tronco lacerado y palpó las muescas. La idea de una criatura trepando a toda velocidad entre los árboles, como un felino salido del infierno, se filtró en su imaginación. Dos segundos más tarde, el primer crujido a sus espaldas le advirtió de la proximidad de alguien. O algo.

Dorian se ocultó entre la maleza. Las puntas afiladas de los arbustos lo arañaban como alfileres. Contuvo la respiración y rezó para que quien fuera que se estaba acercando no oyese el martilleo de su propio corazón como él lo oía en aquel momento. Al poco, las luces parpadeantes que había avistado a lo lejos se abrieron camino entre los resquicios de la maleza, transformando la neblina flotante en un aliento rojizo.

Se oyeron pasos al otro lado de los arbustos. El muchacho cerró los ojos, inmóvil como una estatua. Las pisadas se detuvieron. Dorian sintió la falta de oxígeno, pero, por lo que a él respectaba, podía pasarse los próximos diez años sin respirar. Finalmente, cuando creía que sus pulmones iban a estallar, dos manos apartaron las ramas de los arbustos que lo ocultaban. Sus rodillas se transformaron en

gelatina. La luz de un farol cegó sus pupilas. Tras un intervalo que al chico se le hizo infinito, el extraño posó el farol sobre el suelo y se arrodilló frente a él. Un rostro vagamente familiar brillaba a su lado, pero el pánico le impedía reconocerlo. El extraño sonrió.

—Vamos a ver. ¿Se puede saber qué es lo que estás haciendo tú aquí? —dijo la voz, serena y amable.

En algún momento Dorian comprendió que quien estaba frente a él era simplemente Lazarus. Sólo entonces respiró.

Hubo de pasar un buen cuarto de hora antes de que el tembleque desapareciese de las manos de Dorian. Fue entonces cuando Lazarus puso en ellas un tazón de chocolate caliente y se sentó frente a él. Lazarus lo había acompañado hasta el cobertizo contiguo a la fábrica de juguetes. Una vez allí, había preparado sendos tazones de chocolate sin prisa.

Mientras ambos sorbían ruidosamente y se observaban por encima de la taza, Lazarus se echó a reír.

—Me has dado un susto de muerte, hijo —aseguró.

—Si le sirve de consuelo, no ha sido nada comparado con el que usted me ha dado a mí —añadió Dorian, sintiendo cómo el chocolate caliente irradiaba en su estómago una cálida sensación de calma.

—De eso no me cabe duda —rió Lazarus—. Ahora, dime qué hacías ahí fuera.

—Vi luces.

—Viste mi farol. ¿Y por eso saliste? ¿A medianoche? ¿Acaso has olvidado lo que le sucedió a Hannah?

Dorian tragó saliva, aunque a él le pareció una canica de plomo, de alto calibre.

—No, señor.

—Bien. Pues no lo olvides. Es peligroso andar por ahí en la oscuridad. Hace días que tengo la impresión de que alguien merodea por el bosque.

—¿Usted también ha visto las marcas?

—¿Qué marcas?

Dorian le relató sus temores e inquietudes respecto a aquella extraña presencia que intuía en el bosque. Al principio creía que no sería capaz, pero Lazarus inspiraba la tranquilidad y la confianza necesarias para que su lengua se soltase. Mientras el muchacho desgranaba su relato, Lazarus lo escuchaba con atención, pero sin ocultar cierta extrañeza e incluso alguna sonrisa ante los detalles más fantásticos del recuento.

—¿Una sombra? —preguntó de pronto Lazarus sobriamente.

—No cree usted ni una palabra de lo que le he dicho —apuntó Dorian.

—No, no. Te creo. O intento creerte. Compren-

de que lo que me dices es un tanto... peculiar —dijo Lazarus.

—Pero usted también ha visto algo. Por eso estaba en el bosque. ¿No es cierto?

Lazarus sonrió.

—Sí. También me ha parecido ver algo, pero no puedo dar tantos detalles como tú.

Dorian apuró su chocolate.

—¿Más? —ofreció Lazarus.

El chico asintió. La compañía del fabricante de juguetes le resultaba agradable. La idea de compartir una taza de chocolate con él, de madrugada, se le antojaba una experiencia excitante y educativa.

Echando un vistazo al taller en el que se encontraban, Dorian advirtió, en una de las mesas de trabajo, una silueta poderosa y de gran envergadura tendida bajo un manto que la cubría.

—¿Está trabajando en algo nuevo?

Lazarus asintió.

—¿Quieres que te lo muestre?

Los ojos de Dorian se abrieron como platos. No era necesaria respuesta.

—Bueno, debes tener en cuenta que es una pieza inacabada... —dijo el hombre, aproximándose al manto y acercando un farol.

—¿Es un autómata? —inquirió el chico.

—A su modo, sí. En realidad, es una pieza un tanto extravagante, supongo. La idea me ha ronda-

do por la cabeza durante años. De hecho, fue un muchacho más o menos de tu edad quien me la sugirió hace mucho.

—¿Un amigo suyo?

Lazarus sonrió, nostálgico.

—¿Listo? —preguntó.

Dorian asintió con la cabeza enérgicamente. Lazarus retiró el velo que cubría la pieza..., y el chico, sobrecogido, dio un paso atrás.

—Es sólo una máquina, Dorian. No debe asustarte...

Dorian contempló aquella poderosa silueta. Lazarus había forjado un ángel de metal, un coloso de casi dos metros de altura dotado de dos grandes alas. El rostro de acero brillaba cincelado bajo una capucha. Sus manos eran inmensas, capaces de rodear su cabeza con el puño.

Lazarus tocó algún resorte en la base de la nuca del ángel y la criatura mecánica abrió los ojos, dos rubíes encendidos como carbones ardientes. Estaban mirándolo. A él.

Dorian sintió que las entrañas se le retorcían.

—Por favor, párelo.. —suplicó.

Lazarus advirtió la mirada aterrizada del muchacho y se apresuró a cubrir de nuevo al autómata.

Dorian suspiró de alivio al perder de vista aquel ángel demoníaco.

—Lo siento —dijo Lazarus—. No debería ha-

bértelo mostrado. Es tan sólo una máquina, Dorian. Metal. No dejes que su apariencia te asuste. Es sólo un juguete.

El chico asintió sin convicción alguna.

Lazarus se apresuró a servirle una nueva taza repleta de chocolate humeante. Dorian sorbió ruidosamente el líquido espeso y reconfortante bajo la atenta mirada del fabricante de juguetes. Al apurar media taza, observó a Lazarus y ambos intercambiaron una sonrisa.

—Menudo susto, ¿eh? —preguntó el hombre.

El chiquillo rió nerviosamente.

—Debe de pensar que soy un gallina.

—Al contrario. Muy pocos se atreverían a salir a investigar por el bosque después de lo que ha pasado con Hannah.

—¿Qué cree usted que pasó?

Lazarus se encogió de hombros.

—Es difícil de decir. Supongo que tendremos que esperar a que la policía acabe su investigación.

—Sí, pero...

—¿Pero...?

—¿Y si realmente hay algo en el bosque? —insistió Dorian.

—¿La sombra?

Dorian asintió gravemente.

—¿Has oído hablar alguna vez del *Doppelgänger*? —preguntó Lazarus.

El muchacho negó. Lazarus lo observó de reojo. —Es un término alemán —explicó—. Se usa para describir a la sombra de una persona que, por algún motivo, se ha desprendido de su dueño. ¿Quieres oír una curiosa historia al respecto?

—Por favor...

Lazarus se acomodó en una silla frente al muchacho y extrajo un largo cigarro. Dorian había aprendido en el cine que aquella especie de torpedó atendía al nombre de *habano* y que, amén de costar una fortuna, desprendía un olor acre y penetrante al quemar. De hecho, tras Greta Garbo, Groucho Marx era su héroe de los matinales dominicales. El pueblo llano se limitaba a olfatear el humo de segunda mano. Lazarus estudió el cigarro y volvió a guardarlo, intacto, listo para emprender su relato.

—Bien. La historia en sí me la contó un colega hace ya tiempo. El año es 1915. El lugar, la ciudad de Berlín...

—»De todos los relojeros de la ciudad de Berlín, ninguno era tan celoso de su labor y tan perfeccionista en sus métodos como Hermann Blöcklin. De hecho, su obsesión por llegar a crear los mecanismos más precisos lo había llevado a desarrollar una teoría respecto a la relación entre el tiempo y la velocidad a la que la luz se desplazaba por el universo. Blöcklin vivía rodeado de relojes en una pequeña vivienda que ocupaba la trastienda de su estableci-

miento, en la Henrichstrasse. Era un hombre solitario. No tenía familia. No tenía amigos. Su único compañero era un viejo gato, *Salman*, que pasaba las horas en silencio a su lado, mientras Blöcklin dedicaba horas y días enteros a su ciencia, en su taller. A lo largo de los años, su interés llegó a convertirse en obsesión. No era raro que cerrase su tienda al público durante días completos. Días de veinticuatro horas sin descanso, que dedicaba a trabajar en su proyecto soñado: el reloj perfecto, la máquina universal de medición del tiempo.

»Uno de esos días, cuando hacía dos semanas que una tormenta de frío y nieve azotaba Berlín, el relojero recibió la visita de un extraño cliente, un distinguido caballero llamado Andreas Corelli. Corelli vestía un lujoso traje de un blanco reluciente y sus cabellos, largos y satinados, eran plateados. Sus ojos se ocultaban tras dos lentes negras. Blöcklin le anunció que la tienda estaba cerrada al público, pero Corelli insistió, alegando que había viajado desde muy lejos sólo para visitarlo. Le explicó que estaba al corriente de sus logros técnicos e incluso se los describió con detalle, lo cual intrigó sobremanera al relojero, convencido de que sus hallazgos, hasta la fecha, eran un misterio para el mundo.

»La petición de Corelli no fue menos extraña. Blöcklin debía construir un reloj para él, pero un reloj especial. Sus agujas debían girar en sentido in-

verso. La razón de este encargo era que Corelli padecía una enfermedad mortal que habría de extinguir su vida en cuestión de meses. Por ese motivo, deseaba tener un reloj que contase las horas, los minutos y los segundos que le restaban de vida.

»Tan extravagante petición venía acompañada por una más que generosa oferta económica. Es más, Corelli le garantizó la concesión de fondos económicos para financiar toda su investigación de por vida. A cambio, tan sólo debía dedicar unas semanas a crear aquel ingenio.

»Ni que decir tiene que Blöcklin aceptó el trato. Pasaron dos semanas de intenso trabajo en su taller. Blöcklin estaba sumergido en su tarea cuando, días más tarde, Andreas Corelli volvió a llamar a su puerta. El reloj estaba ya terminado. Corelli, sonriente, lo examinó y, tras alabar la labor realizada por el relojero, le dijo que su recompensa resultaba más que merecida. Blöcklin, exhausto, le confesó que había puesto toda su alma en aquel encargo. Corelli asintió. Después dio cuerda al reloj y dejó que empuzase a girar su mecanismo. Entregó un saco de monedas de oro a Blöcklin y se despidió de él.

»El relojero estaba fuera de sí de gozo y codicia, contando sus monedas de oro, cuando advirtió su imagen en el espejo. Se vio más viejo, demacrado. Había estado trabajando demasiado. Resuelto a tomarse unos días libres, se retiró a descansar.

»Al día siguiente, un sol deslumbrante penetró por su ventana. Blöcklin, todavía cansado, se acercó a lavarse la cara y observó de nuevo su reflejo. Pero esta vez, un estremecimiento le recorrió el cuerpo. La noche anterior, cuando se había acostado, su rostro era el de un hombre de cuarenta y un años, cansado y agotado, pero todavía joven. Hoy tenía frente a sí la imagen de un hombre rumbo a su sesenta cumpleaños. Aterrado, salió al parque a tomar el aire. Al volver a la tienda, examinó de nuevo su imagen. Un anciano lo observaba desde el espejo. Presa del pánico, salió a la calle y se tropezó con un vecino, que le preguntó si había visto al relojero Blöcklin. Hermann, histérico, echó a correr.

»Pasó aquella noche en un rincón de una taberna pestilente en compañía de criminales e individuos de dudosa reputación. Cualquiera cosa antes que estar solo. Sentía su piel encogerse minuto a minuto. Sus huesos se le antojaban quebradizos. Su respiración, dificultosa.

»Despuntaba la medianoche cuando un extraño le preguntó si podía tomar asiento junto a él. Blöcklin lo miró. Era un hombre joven y bien parecido, de apenas unos veinte años. Su rostro le resultaba desconocido, a excepción de las lentes negras que cubrían sus ojos. Blöcklin sintió que el corazón le daba un vuelco. Corelli...

»Andreas Corelli se sentó frente a él y extrajo el

reloj que Blöcklin había forjado días atrás. El relojero, desesperado, le preguntó qué extraño fenómeno era el que le estaba afectando. ¿Por qué envejecía segundo a segundo? Corelli le mostró el reloj. Las agujas giraban lentamente en sentido inverso. Corelli le recordó sus palabras, eso de que había puesto su alma en aquel reloj. Por ese motivo, a cada minuto que pasaba, su cuerpo y su alma envejecían progresivamente.

»Blöcklin, ciego de terror, le suplicó ayuda. Le dijo que estaba dispuesto a hacer cualquier cosa, a renunciar a lo que fuese, con tal de recobrar su juventud y su alma. Corelli le sonrió y le preguntó si estaba seguro de eso. El relojero se reafirmó: cualquier cosa.

»Corelli dijo entonces que estaba dispuesto a devolverle el reloj y con él su alma, a cambio de algo que, de hecho, no le era de utilidad alguna a Blöcklin: su sombra. El relojero, desconcertado, le preguntó si ése era todo el precio que tenía que pagar, una sombra. Corelli asintió y Blöcklin aceptó el trato.

»El extraño cliente extrajo un frasco de vidrio, quitó el tapón y lo colocó sobre la mesa. En un segundo, Blöcklin contempló cómo su sombra se introducía en el interior del frasco, igual que un torbellino de gas. Corelli cerró el frasco y, despidiéndose de Blöcklin, partió en la noche. Tan pron-

to hubo desaparecido por la puerta de la taberna, el reloj que sostenía en las manos invirtió el sentido en que giraban las agujas.

»Cuando Blöcklin llegó a su casa, al alba, su rostro era el de un hombre joven de nuevo. El relojero suspiró con alivio. Pero otra sorpresa lo esperaba aún. *Salman*, su gato, no aparecía por ninguna parte. Lo buscó por toda la casa y, cuando finalmente dio con él, una sensación de horror lo invadió. El animal pendía por el cuello de un cable, unido a una lámpara de su taller. Su mesa de trabajo estaba derribada y sus herramientas esparcidas por la sala. Se diría que un tornado había pasado por aquel lugar. Todo estaba destrozado. Pero había más: marcas en las paredes. Alguien había escrito torpemente sobre los muros una palabra incomprensible:

Nilkcolb

»El relojero estudió aquel trazo obscuro y tardó más de un minuto en comprender su significado. Era su propio nombre, invertido. Nilkcolb. Blöcklin. Una voz susurró a su espalda y, cuando Blöcklin se volvió, se vio enfrentado a un oscuro reflejo de sí mismo, un espejismo diabólico de su propio rostro.

»Entonces, el relojero comprendió. Era su sombra quien lo observaba. Su propia sombra, desafiante. Trató de atraparla, pero la sombra se rió

• 150 •

como una hiena y se esparció por los muros. Blöcklin, estremecido, vio cómo su sombra asía entonces un largo cuchillo y huía por la puerta, perdiéndose en la penumbra.

»El primer crimen de la Henrichstrasse tuvo lugar aquella misma noche. Varios testigos declararon haber visto al relojero Blöcklin acuchillar a sangre fría a aquel soldado que paseaba de madrugada por el callejón. La policía lo aprehendió y lo sometió a un largo interrogatorio. A la noche siguiente, mientras Blöcklin permanecía bajo custodia en su celda, dos nuevas muertes tuvieron lugar. Las gentes empezaron a hablar de un misterioso asesino que se movía en las sombras de la noche de Berlín. Blöcklin trató de explicar a las autoridades lo que estaba sucediendo, pero nadie quiso escucharlo. Los periódicos especulaban con la misteriosa posibilidad de un asesino que conseguía, noche tras noche, escapar de su celda de máxima seguridad, para perpetrar los más espantosos crímenes que recordaba la ciudad de Berlín.

»El terror de la sombra de Berlín duró veinticinco días exactamente. El final de aquel extraño caso llegó tan inesperada e inexplicablemente como su inicio. En la madrugada de aquel 12 de enero de 1916, la sombra de Hermann Blöcklin se introdujo en la tétrica prisión de la policía secreta. Un centinela que montaba guardia junto a la celda juró que

• 151 •

había visto a Blöcklin forcejear con una sombra y que, en un momento de la refriega, el relojero había apuñalado a la sombra. Al amanecer, el cambio de guardia encontró a Blöcklin muerto en su celda con una herida en el corazón.

»Días más tarde, un desconocido llamado Andreas Corelli se ofreció a pagar los gastos del entierro en la fosa común del cementerio de Berlín para Blöcklin. Nadie, a excepción del enterrador y un extraño individuo que portaba lentes negras, asistió a la ceremonia.

»El caso de los crímenes de la Henrichstrasse sigue abierto y sin resolver en los archivos de la policía de Berlín...

—Guau... —susurró Dorian al finalizar el relato de Lazarus—. ¿Y eso sucedió realmente?

El fabricante de juguetes sonrió.

—No. Pero sabía que te encantaría la historia.

Dorian hundió los ojos en su taza. Comprendió que Lazarus había urdido aquel relato simplemente para borrarle el susto del ángel mecánico. Un buen truco, pero un truco al fin y al cabo. Lazarus le palmeó el hombro deportivamente.

—Me parece que se hace un poco tarde para jugar a detectives —observó—. Vamos, te acompañaré a casa.

—¿Me promete que no le dirá nada a mi madre? —suplicó Dorian.

—Sólo si tú me prometes que no volverás a pasear por el bosque solo y de noche; no mientras no se aclare lo que ha sucedido con Hannah...

Ambos sostuvieron la mirada.

—Trato hecho —convino el chico.

Lazarus estrechó su mano como un buen hombre de negocios. Luego, ofreciendo una sonrisa misteriosa, el fabricante de juguetes se acercó a un armario y extrajo una caja de madera. Le ofreció la caja a Dorian.

—¿Qué es? —preguntó el muchacho, intrigado.

—Misterio. Ábrela.

Dorian procedió a abrir la caja. La luz de los faroles reveló una figura de plata del tamaño de su mano. Dorian miró a Lazarus, boquiabierto. El fabricante de juguetes sonrió.

—Deja que te muestre cómo funciona.

Lazarus tomó la figura y la colocó sobre la mesa. A una simple presión de sus dedos, la figura se desplegó y reveló su naturaleza. Un ángel. Idéntico al que había visto, a escala.

—A ese tamaño, no puede asustarte, ¿eh?

Dorian asintió, entusiasta.

—Entonces, éste será tu ángel de la guardia. Para protegerte de las sombras...

Lazarus escoltó a Dorian a través del bosque hasta la Casa del Cabo, mientras le explicaba misterios y técnicas de la fabricación de autómatas y de

mecanismos cuya complejidad e ingenio le parecían primos hermanos de la magia. Lazarus parecía saberlo todo y tenía respuesta para las cuestiones más rebuscadas y tramposas. No había modo de pillarlo. Al llegar al extremo del bosque, Dorian estaba fascinado y orgulloso con su nuevo amigo.

—Recuerda nuestro pacto, ¿eh? —susurró Lazarus—. No más excursiones nocturnas.

Dorian negó con la cabeza y salió rumbo a la casa. El fabricante de juguetes esperó fuera y no se retiró hasta que el chico hubo llegado a su habitación y lo saludó desde la ventana. Lazarus le devolvió el saludo y se internó de nuevo en las sombras del bosque.

Tendido en la cama, Dorian llevaba todavía la sonrisa pegada al rostro. Todas sus preocupaciones y angustias parecían haberse evaporado. Relajado, el muchacho abrió la caja y extrajo el ángel mecánico que le había regalado Lazarus. Era una pieza perfecta, de una belleza sobrenatural. La complejidad del mecanismo traía ecos de una ciencia misteriosa y cautivadora. Dorian dejó la figura en el suelo, al pie de su lecho, y apagó la luz. Lazarus era un genio. Esa era la palabra. Dorian la había oído cientos de veces y siempre le sorprendía que se emplease tanto cuando en realidad no se ajustaba a los aludidos de ninguna de las maneras. Finalmente, él había conocido a un verdadero genio. Y, además, era su amigo.

El entusiasmo dio paso a un sueño irresistible. Dorian se rindió a la fatiga y dejó que su mente lo llevase a una aventura donde él, heredero de la ciencia de Lazarus, inventaba una máquina que atrapaba sombras y liberaba al mundo de una siniestra organización maléfica.

Dorian dormía ya cuando, sin previo aviso, la figura empezó a desplegar sus alas lentamente. El ángel metálicoladeó la cabeza y alzó un brazo. Sus ojos negros, dos lágrimas de obsidiana, brillaban en la penumbra.

8. INCÓGNITO



Tres días pasaron sin que Irene recibiese noticia alguna de Ismael. No había rastro del muchacho en el pueblo, y su velero no se veía en los muelles. Un frente tormentoso barría la costa de Normandía y tendía un manto de ceniza sobre la bahía que habría de prolongarse por espacio de casi una semana.

Las calles del pueblo permanecían aletargadas bajo la tenue llovizna la mañana en que Hannah hizo su último viaje hasta el pequeño cementerio, en lo alto de la colina que se alzaba al noreste de Bahía Azul. La procesión llegó hasta las puertas del recinto y, por expreso deseo de la familia, la ceremonia final se celebró en la más estricta intimidad, mientras las gentes del pueblo volvían a sus casas bajo la lluvia, en silencio, a la sombra del recuerdo de la muchacha.

Lazarus se ofreció a acompañar a Simone y a sus hijos de vuelta a la Casa del Cabo mientras la congregación se dispersaba como un banco de niebla al amanecer. Fue entonces cuando Irene avistó la silueta solitaria de Ismael, en lo alto del risco que coronaba los acantilados que bordeaban el cementerio, contemplando el mar de plomo. Bastó una mirada entre ella y su madre para que Simone asintiera y la dejase marchar. Al poco, el coche de Lazarus se alejaba por la carretera de la ermita de Saint Roland e Irene ascendía la senda que conducía hasta los acantilados.

En el horizonte se distinguía el fragor de una tormenta eléctrica sobre el mar, encendiendo mantos de luz tras las nubes, que semejaban tanques de metal candente. La muchacha encontró a Ismael sentado sobre una roca, la mirada perdida en el océano. A lo lejos, el islote del faro y el cabo se perdían en la neblina.

De vuelta al pueblo y sin previo aviso, Ismael desveló a Irene su paradero durante los últimos tres días. El muchacho inició su relato desde el momento en que tuvo conocimiento de la noticia.

Había partido en el *Kyaneos* rumbo al islote del faro, tratando de escapar de un sentimiento del que no había escapatoria posible. Las horas que siguie-

ron hasta el alba le permitieron aclarar su mente y concentrar su atención en una nueva luz al final del túnel: desenmascarar al responsable de aquella desgracia y hacerlo pagar por ello. El anhelo de la venganza parecía el único antídoto capaz de mitigar el dolor.

Las explicaciones de la gendarmería no le satisfacían en absoluto. El secretismo con que las autoridades locales habían llevado el caso le resultaba, cuando menos, sospechoso. En algún momento previo al amanecer del siguiente día, Ismael ya había decidido iniciar sus propias pesquisas. A cualquier precio. A partir de ahí, no había reglas. Aquella misma noche Ismael se coló en el improvisado laboratorio forense del doctor Giraud. Con la ayuda de su audacia y un par de tenazas segó eslabones de cadenas y todo lo que se le interponía.

Irene escuchó, a medio camino entre el asombro y la incredulidad, cómo Ismael se había introducido en las fúnebres dependencias, esperando a que Giraud se retirase, y entonces, entre la neblina de formol y una penumbra espectral, había buscado cuidadosamente en los archivos del doctor la carpeta referente a Hannah.

De dónde había sacado la sangre fría necesaria para semejante pirueta estaba por ver, pero evidentemente no se la había proporcionado el dúo de cadáveres que se encontró, cubiertos por velos. Perte-

necían a un par de buzos que habían tenido la mala fortuna de sumergirse en una corriente submarina en el estrecho de La Rochelle la noche anterior, mientras trataban de recuperar la carga de un velero encallado en el arrecife.

Irene, pálida como una muñeca de porcelana, escuchó el macabro relato de cabo a rabo, incluyendo el tropezón de Ismael con una de las mesas de operaciones. Una vez que la narración del muchacho regresó al aire libre, la joven suspiró. Ismael se había llevado la carpeta a su velero y había pasado dos horas tratando de desbrozar la selva de palabrería y jerga médica del doctor Giraud.

Irene tragó saliva.

—¿Cómo murió, entonces? —murmuró.

Ismael la miró directamente a los ojos. Un extraño brillo relucía en los suyos.

—No saben cómo. Pero sí saben por qué. Según el informe, el dictamen oficial es paro cardíaco —explicó—. Pero, en su análisis final, Giraud anotó que, en su opinión personal, Hannah vio algo en el bosque que le provocó un ataque de pánico.

Pánico. La palabra se perdió en el eco de su mente. Su amiga Hannah había muerto de miedo, y lo que fuera que había causado aquel terror seguía en el bosque.

—Fue el domingo, ¿no? —dijo Irene—. Algo tuvo que suceder durante ese día...

Ismael asintió lentamente. Era obvio que el muchacho había pensado lo mismo mucho antes que ella.

—O la noche anterior —sugirió Ismael.

Irene le dirigió una mirada de extrañeza.

—Hannah pasó esa noche en Cravenmoore. Al día siguiente, no había ya rastro de ella. No hasta que la encontraron muerta, en el bosque —dijo el chico.

—¿Qué quieres decir?

—Estuve en el bosque. Hay marcas. Ramas rotas. Hubo una lucha. Alguien persiguió a Hannah desde la casa.

—¿Desde Cravenmoore?

Ismael asintió de nuevo.

—Necesitamos saber qué es lo que sucedió el día anterior a su desaparición. Tal vez eso explique quién o qué la persiguió en el bosque.

—¿Y cómo podemos hacer eso? Quiero decir que la policía... —apuntó Irene.

—Sólo se me ocurre un modo.

—Cravenmoore —murmuró ella.

—Exactamente. Esta noche...

El crepúsculo abría resquicios de cobre entre el manto de nubes tormentosas en tránsito desde el horizonte. A medida que las sombras se extendían

sobre la bahía, la noche dejaba ver un claro en la bóveda del cielo, a través del cual podía apreciarse el círculo de luz casi perfecto que perfilaba la luna creciente. Su lumbre de plata dibujaba un tapiz de reflejos en la habitación de Irene. La muchacha alzó por un momento la vista del diario de Alma Maltisse y contempló aquella esfera que le sonreía desde el firmamento. Veinticuatro horas más y su circunferencia sería completa. La tercera luna llena del estío. La noche de las máscaras en Bahía Azul.

En este momento, sin embargo, la silueta de la luna adquirió otro significado para ella. Al cabo de pocos minutos acudiría a su cita secreta con Ismael en el umbral del bosque. La idea de atravesar la negrura e introducirse en las profundidades insondables de Cravenmoore le parecía ahora una imprudencia. O mejor, un disparate. Por otro lado, se sentía tan incapaz de fallarle a Ismael en esos momentos como se había sentido aquella misma tarde, cuando el muchacho había anunciado su intención de acudir a la mansión de Lazarus Jann en busca de respuestas acerca de la muerte de Hannah. Como no podía aclarar sus pensamientos, la muchacha re- tomó el diario de Alma Maltisse y se refugió en sus páginas.

...Hace tres días que no sé nada de él. Partió de improviso a medianoche, convencido de que, si se ale-

jaba de mí, la sombra lo seguiría a él. No quiso decirme adónde se dirigía, pero sospecho que buscó refugio en el islote del faro. Siempre acudió a ese lugar solitario en busca de paz, y tengo la impresión de que esta vez ha regresado allí, como un niño aterrorizado, a enfrentarse a su pesadilla. Su ausencia, sin embargo, me ha hecho dudar de cuanto había creído hasta ahora. La sombra no ha vuelto en estos tres días. He permanecido encerrada en mi habitación, rodeada de luces, velas y faroles de aceite. Ni un solo rincón de la estancia permanecía en la oscuridad. Apenas he podido conciliar el sueño.

Mientras escribo estas líneas, en plena noche, puedo ver desde mi ventana el islote del faro entre la niebla. Una luz brilla entre las rocas. Sé que es él, solo, confinado en la prisión a la que se ha condenado. No puedo permanecer ni una hora más aquí. Si debemos enfrentarnos a esta pesadilla, deseo que lo hagamos juntos. Y si debemos perecer en el intento, que igualmente lo hagamos unidos.

Ya no me importa vivir un día más o menos de esta locura. Estoy segura de que la sombra no nos dará tregua. No puedo soportar otra semana más como ésta. Tengo la conciencia limpia y mi alma está en paz consigo misma. El miedo de los primeros días es ahora ya sólo cansancio y desesperanza.

Mañana, mientras las gentes del pueblo celebren el baile de máscaras en la plaza principal, tomaré un

bote en el puerto y partiré en su busca. No me importan las consecuencias. Estoy preparada para aceptarlas. Me basta con estar a su lado y serle de ayuda hasta el último momento.

Algo dentro de mí me dice que tal vez quede todavía una posibilidad para nosotros de volver a vivir una vida normal, feliz, en paz. No aspiro a nada más...

El impacto de una minúscula piedra sobre su ventana la arrancó de la lectura. Irene cerró el libro y echó un vistazo al exterior. Ismael esperaba en el umbral del bosque. Lentamente, mientras se ponía una gruesa chaqueta de punto, la luna se ocultó tras las nubes.

Irene observó cuidadosamente a su madre desde lo alto de la escalera. Una vez más, Simone se había rendido al sueño en su butaca favorita, frente al ventanal que contemplaba la bahía. Un libro yacía sobre su regazo y sus lentes de lectura permanecían caídos sobre su nariz como un trineo en un tramo polín. En un rincón, una radio de madera labrada con caprichosos motivos de *art nouveau* susurraba los acordes tremendistas de un serial detectivesco. Aprovechando semejante camuflaje, Irene pasó de puntillas frente a Simone y se coló en la cocina, que

daba al patio trasero de la Casa del Cabo. Toda la operación apenas le llevó quince segundos.

Ismael la esperaba fuera provisto de una escueta chaqueta de piel, pantalones de trabajo y un par de botas que parecían haber hecho el camino de ida y vuelta a Constantinopla media docena de veces. La brisa nocturna arrastraba una fría neblina desde la bahía, tendiendo una guirnalda de tinieblas dantescas sobre el bosque.

Irene se abotonó hasta arriba su chaqueta y asintió en silencio a la mirada atenta del muchacho. Sin mediar palabra, ambos se internaron en el sendero que atravesaba la espesura. Una galería de sonidos invisibles poblaba las sombras del bosque. El roce de las hojas agitándose al viento enmascaraba el rumor del mar rompiendo en los acantilados. Irene siguió los pasos de Ismael entre la maleza. El rostro de la luna se dejaba adivinar fugazmente entre la trama de nubes que cabalgaban sobre la bahía, sumergiendo el bosque en un fantasmal estado de penumbra parpadeante. A medio trayecto, Irene asió la mano de Ismael y no la soltó hasta que la silueta de Cravenmoore se alzó frente a ellos.

A una señal del chico, se detuvieron tras el tronco de un árbol herido de muerte por un rayo. Por espacio de unos segundos, la luna rasgó el cortinaje aterciopelado de las nubes y un halo de claridad ba-

rió la fachada de Cravenmoore, dibujando cada uno de sus relieves y contornos y trazando el hipnótico retrato de una extraña catedral perdida en las profundidades de un bosque maldito. La fugaz visión se escindió en un estanque de oscuridad y un rectángulo de luz dorada se dibujó al pie de la mansión. La silueta de Lazarus Jann pudo apreciarse en el umbral de la puerta principal. El fabricante de juguetes cerró la puerta a sus espaldas y lentamente descendió los peldaños rumbo a la senda que bordeaba la arboleda.

—Es Lazarus. Todas las noches da un paseo por el bosque —murmuró Irene.

Ismael asintió en silencio y retuvo a la chica, sus ojos clavados en la figura del fabricante de juguetes que se encaminaba hacia el umbral del bosque, en su dirección. Irene dirigió una mirada inquisitiva a Ismael. El muchacho dejó escapar un suspiro y exclamó nerviosamente los alrededores. Los pasos de Lazarus se hicieron audibles. Ismael cogió a Irene del brazo y la empujó hacia el interior del tronco muerto del árbol.

—Por aquí. ¡Rápido! —susurró.

El interior del tronco estaba impregnado de un profundo hedor a humedad y a podredumbre. La claridad exterior se filtraba a través de pequeños orificios practicados a lo largo de la madera muerta y dibujaba una improbable escalera de peldaños de

luz que ascendían por el interior del tronco cavernoso. Irene sintió un hormigueo en el estómago. A dos metros por encima de ellos advirtió una fila de diminutos puntos luminosos. Ojos. Un grito pugnó por escapar de su garganta. La mano de Ismael se le adelantó. Su alarido se ahogó en su interior mientras el chico la mantenía sujeta.

—¡Son sólo murciélagos, por el amor de Dios! ¡Estáte quieta! —le susurró mientras los pasos de Lazarus rodeaban el tronco, rumbo al bosque.

Sabiamente, Ismael mantuvo la mordaza sobre la boca de Irene hasta que las pisadas del propietario de Cravenmoore se perdieron bosque adentro. Las alas invisibles de los murciélagos se agitaron en la oscuridad. Irene sintió el aire sobre su rostro y el hedor ácido de los animales.

—Creí que no te asustaban los murciélagos... —dijo Ismael—. Andando.

Irene lo siguió a través del jardín de Cravenmoore en dirección a la parte trasera de la mansión. A cada paso que daba, la chica se repetía que no había nadie en la casa y que la sensación de ser observada era una simple ilusión de su mente.

Alcanzaron el ala que conectaba con la antigua fábrica de juguetes de Lazarus y se detuvieron frente a la puerta de lo que parecía un taller o una sala de ensamblaje. Ismael extrajo una navaja y desplegó la hoja. El reflejo del filo brilló en la oscuridad. El

muchacho introdujo la punta del cuchillo en la cerradura de la puerta y palpó cuidadosamente el mecanismo interno del cierre.

—Hazte a un lado. Necesito más luz.

Irene se retiró unos pasos y escrutó la penumbra que reinaba en el interior de la fábrica de juguetes. Los cristales estaban como nublados por años de abandono y resultaba prácticamente imposible dilucidar las formas que había al otro lado.

—Vamos, vamos... —murmuró Ismael para sí, mientras seguía trabajando en el cierre.

Irene lo observó y acalló la voz interior que empezaba a sugerir que irrumpir ilegalmente en propiedad ajena no era una buena idea. Finalmente, el mecanismo de la cerradura cedió con un chasquido casi inaudible. Una sonrisa iluminó el rostro de Ismael. La puerta se separó un par de centímetros.

—Pan comido —dijo, abriéndola lentamente.

—Démonos prisa —apuntó Irene—. Lazarus no estará fuera mucho tiempo.

Ismael penetró en el interior. Irene inspiró profundamente y lo siguió. El interior estaba bañado por una densa neblina de polvo atrapado en una claridad mortecina que flotaba como una nube de vapor. El olor a diferentes productos químicos calaba el ambiente. Ismael cerró la puerta a sus espaldas y ambos se enfrentaron a un mundo de sombras indescifrables. Los restos de la fábrica de juguetes de

Lazarus Jann yacían en la oscuridad, sumidos en un sueño perpetuo.

—No se ve nada —murmuró Irene, reprimiendo sus ansias por salir de aquel lugar cuanto antes.

—Tenemos que esperar a que nuestros ojos se acostumbren a la penumbra. Es cuestión de segundos —sugirió Ismael sin demasiada convicción.

Los segundos pasaron en vano. El manto de negrura que velaba la sala de la factoría de Lazarus no se desvaneció. Irene trataba de adivinar un camino por el que adentrarse cuando sus ojos repararon en una figura erguida e inmóvil que se alzaba unos metros más allá.

Un espasmo de terror le martilleó el estómago.

—Ismael, hay alguien más aquí... —dijo la muchacha, aferrándose al brazo del chico con fuerza.

Ismael escrutó la penumbra y tragó saliva. Una figura con los brazos extendidos flotaba, suspendida. La silueta oscilaba lentamente, como un péndulo, y una larga cabellera caía sobre sus hombros. Con manos temblorosas, el muchacho palpó el bolsillo de su chaqueta y extrajo una caja de fósforos. La figura permanecía inmóvil, como una estatua viva dispuesta a saltar sobre ellos tan pronto prendiese la lumbre.

Ismael encendió la cerilla y el destello de la llama los cegó momentáneamente. Irene se agarró a él con fuerza.

Segundos más tarde, la visión que se desplegó ante sus ojos le arrebató la fuerza de los músculos. Una intensa oleada de frío le recorrió el cuerpo. Ante ella, balanceándose a la luz parpadeante de la llama, se encontraba el cuerpo de su madre, Simone, suspendido del techo con los brazos extendidos.

—Dios mío...

La figura giró lentamente sobre sí misma y reveló el otro costado de sus facciones. Cables y engranajes brillaron en la tenue claridad. El rostro estaba dividido en dos mitades y solamente una de ellas estaba finalizada.

—Es una máquina, simplemente una máquina —dijo Ismael, tratando de tranquilizarla.

Irene contempló la macabra imitación de Simone. Sus facciones. El color de sus ojos, de su cabello. Cada marca sobre la piel, cada línea de su rostro estaban reproducidas en una máscara inexpressiva y escalofriante.

—¿Qué está sucediendo aquí? —inquirió.

Ismael señaló lo que parecía una puerta de entrada a la casa en el otro extremo del taller.

—Por aquí —señaló, alejando a Irene de aquel lugar y de la siniestra figura suspendida en el aire.

La muchacha, todavía bajo el efecto de aquella aparición, lo siguió, aturdida y aterrorizada.

Un instante después, la llama del fósforo que Is-

mael sostenía se extinguió y la oscuridad se hizo en torno a ellos de nuevo.

Tan pronto alcanzaron la puerta que conducía hacia el interior de Cravenmoore, el manto de sombras que se había extendido a sus pies se desplegó a sus espaldas como una flor negra, adquiriendo volumen y deslizándose sobre los muros. La sombra se dirigió hacia las mesas de trabajo del taller y su rostro tenebroso recorrió el manto blanco que cubría la figura de aquel ángel mecánico que Lazarus había mostrado a Dorian la noche anterior. Lentamente, la sombra se filtró bajo las comisuras de la sábana y su masa vaporosa penetró a través de las juntas de la estructura metálica.

La silueta de la sombra desapareció completamente en el interior de aquel cuerpo de metal. Un vaho de escarcha se extendió sobre la criatura mecánica formando una telaraña helada. Luego, los ojos del ángel se abrieron lentamente en la oscuridad, dos rubíes encendidos bajo el manto.

La titánica figura se incorporó lentamente y desplegó sus alas. Pausadamente, posó ambos pies sobre el suelo. Las garras arañaron la superficie de la madera, dejando muescas a su paso. El manto de luz azulada que flotaba en el aire atrapó la espiral de humo que ascendía del fósforo apagado que Ismael había soltado. El ángel la atravesó y se perdió en la tiniebla, siguiendo los pasos de Ismael e Irene.

9. LA NOCHE TRANSFIGURADA



El eco lejano de un repiqueteo insistente arrancó a Simone de un mundo de acuarelas danzantes y lunas que se fundían en monedas de plata candente. El sonido llegó de nuevo a sus oídos, pero esta vez Simone despertó completamente y comprendió que de nuevo el sueño había podido con ella y con su intento de avanzar algún capítulo antes de la medianoche. Mientras recogía sus lentes de lectura, oyó de nuevo aquel sonido y por primera vez lo identificó. Alguien estaba golpeando suavemente con los nudillos en la ventana que daba al porche. Simone se incorporó y reconoció el rostro sonriente de Lazarus al otro lado del cristal. Al instante sintió que sus mejillas se ruborizaban. Mientras abría la puerta observó su imagen en el espejo del recibidor. Un desastre.

—Buenas noches, madame Sauvelle. Tal vez no sea éste un buen momento...—dijo Lazarus.

—En absoluto. Me... Lo cierto es que estaba leyendo y me he quedado completamente dormida.
—Eso significa que debe usted cambiar de libro —apuntó Lazarus.

—Supongo que sí. Pero pase, por favor.

—No quisiera importunarla.

—No diga tonterías. Adelante, por favor.

Lazarus asintió amablemente y entró en la casa. Sus ojos trazaron un rápido reconocimiento del lugar.

—La Casa del Cabo nunca ha estado mejor —comentó—. La felicitó.

—Todo el mérito es de Irene. Ella es la decoradora de la familia. ¿Una taza de té? ¿Café...

—Un té sería perfecto, pero...

—Ni una palabra más. También a mí me vendrá bien.

Sus miradas se cruzaron por un instante. Lazarus sonrió cálidamente. Simone, súbitamente azorada, bajó la mirada y se concentró en preparar el té para ambos.

—Se preguntará el porqué de mi visita —empezó el fabricante de juguetes.

Efectivamente, pensó Simone en silencio.

—Lo cierto es que todas las noches doy un pequeño paseo por el bosque hasta los acantilados. Me ayuda a relajarme —llegó la voz de Lazarus.

Una pausa apenas marcada por el sonido del agua en la tetera medió entre ambos.

—¿Ha oído hablar del baile anual de máscaras en Bahía Azul, madame Sauvelle?

—La última luna llena de agosto... —recordó Simone.

—Así es. Me preguntaba... Bien, quiero que entienda que no hay compromiso alguno en mi proposición, de lo contrario no me atrevería a formularla, es decir, no sé si me explico...

Lazarus parecía debatirse como un colegial nervioso. Ella le sonrió serenamente.

—Me preguntaba si le apetecería ser mi acompañante este año —concluyó finalmente el hombre.

Simone tragó saliva. La sonrisa de Lazarus se desmoronó lentamente.

—Lo siento. No debería habérselo pedido. Acepte mis disculpas...

—¿Con o sin azúcar? —cortó amablemente Simone.

—¿Perdón?

—El té. ¿Con o sin azúcar?

—Dos cucharadas.

Simone asintió y diluyó las dos cucharadas de azúcar lentamente. Una vez lista, tendió la taza a Lazarus y le sonrió.

—Tal vez la he ofendido...

—No lo ha hecho. Es que no estoy acostumbrada a que me inviten a salir de casa. Pero me encan-

taría acudir a ese baile con usted —respondió la mujer, sorprendida de su propia decisión.

El rostro de Lazarus se iluminó con una amplia sonrisa. Por un instante, Simone se sintió treinta años más joven. Era una sensación ambigua y a medio camino entre lo sublime y lo ridículo. Una sensación peligrosamente embriagadora. Una sensación más poderosa que el pudor, que el reparo o el remordimiento. Había olvidado lo reconfortante que era sentir que alguien se interesase por ella.

Diez minutos más tarde, la conversación continuaba en el porche de la Casa del Cabo. La brisa del mar balanceaba los faroles de aceite suspendidos en la pared. Lazarus, sentado sobre la baranda de madera, contemplaba las copas de los árboles agitándose en el bosque, un mar negro y susurrante.

Simone observó el rostro del fabricante de juguetes.

—Me alegra saber que se encuentran a gusto en la casa —comentó Lazarus—. ¿Qué tal se adaptan sus hijos a la vida en Bahía Azul?

—No tengo queja. Al contrario. De hecho, Irene parece que ya está tonteando con un chico del pueblo. Un tal Ismael. ¿Lo conoce?

—Ismael..., sí, por supuesto. Un buen muchacho, tengo entendido —dijo Lazarus, distante.

—Eso espero. Lo cierto es que aún estoy esperando que me lo presente.

—Los chicos son así. Hay que ponerse en su lugar... —sugirió Lazarus.

—Supongo que hago como todas las madres: el ridículo, sobreprotegiendo a mi hija de casi quince años.

—Es lo más natural.

—No sé si ella opina lo mismo.

Lazarus sonrió, pero no dijo nada.

—¿Qué sabe usted de él? —preguntó Simone.

—¿De Ismael?... Bien..., poca cosa... —empezó él—. Me consta que es un buen marinero. Se lo tiene por un joven introvertido y poco dado a hacer amigos. Lo cierto es que yo tampoco estoy muy versado en los asuntos de la vida local... Pero no creo que tenga que preocuparse.

El sonido de las voces trepaba hasta su ventana como la pira de humo de un cigarrillo mal apagado, caprichosa y sinuosamente; ignorarlo era imposible. El murmullo del mar apenas enmascaraba las palabras de Lazarus y su madre, abajo, en el porche, aunque, por un instante, Dorian habría deseado que lo hiciera y que aquella conversación jamás hubiese llegado a sus oídos. Había algo que lo inquietaba en cada inflexión, en cada frase. Algo indefinible, una presencia invisible que parecía impregnar cada giro de la conversación.

Tal vez fuese la idea de escuchar a su madre charlar plácidamente con un hombre que no era su padre, aunque ese hombre fuese Lazarus, a quien Dorian tenía por amigo. Quizá fuese el color de intimidad que parecía teñir las palabras entre ambos. Quizá, se dijo por fin Dorian, eran tan sólo celos y una estúpida obstinación por pretender que su madre no podía volver a disfrutar de una conversación de tú a tú con otro hombre adulto. Y eso era egoísta. Egoísta e injusto. Al fin y al cabo, Simone, además de su madre, era una mujer de carne y hueso, necesitada de amistad y de la compañía de alguien más que de sus hijos. Cualquier libro que se preciase lo dejaba bien claro. Dorian repasó el aspecto teórico de ese razonamiento. A ese nivel, todo le parecía perfecto. La práctica, sin embargo, era otra cuestión.

Tímidamente, sin encender la luz de su habitación, Dorian se aproximó a la ventana y echó un vistazo furtivo hacia el porche. «Egoísta y, encima, espía», pareció susurrar una voz en su interior. Después de el cómodo anonimato de las sombras, Dorian observó la sombra de su madre proyectada sobre el suelo del porche. Lazarus, de pie, miraba el mar, negro e impenetrable. Dorian tragó saliva. La brisa agitó las cortinas que lo ocultaban y el chico dio un paso atrás instintivamente. La voz de su madre pronunció algunas palabras ininteligibles. No era asun-

to suyo, concluyó, avergonzado de haber estado espiando en secreto.

El muchacho estaba a punto de alejarse suavemente de su ventana cuando advirtió un movimiento en la penumbra por el rabillo del ojo. Dorian se volvió en seco, sintiendo cómo todos los cabellos de la nuca se le erizaban. La habitación estaba sumida en la oscuridad, apenas rasgada por retales de claridad azul que se filtraban entre las cortinas ondulantes. Lentamente, su mano palpó la mesilla de noche en busca del interruptor de la lámpara. La madera estaba fría. Sus dedos tardaron un par de segundos en dar con el botón. Dorian presionó el interruptor. La espiral metálica del interior de la bombilla prendió en una llama fugaz y se extinguió con un suspiro. El destello vaporoso lo cegó por un instante. Luego, la oscuridad se hizo más densa, como un profundo pozo de agua negra.

«La bombilla se ha fundido —se dijo—. Algo común. El metal con el que se forja la espiral de la resistencia, wolframio, tiene una vida limitada.» En la escuela le habían explicado eso.

Todos estos pensamientos tranquilizadores se desvanecieron cuando Dorian advirtió de nuevo aquel movimiento entre las sombras. Más concretamente, de las sombras.

Sintió una oleada de frío al comprobar que una forma parecía moverse en la oscuridad, frente a él.

La silueta, negra y opaca, se detuvo en el centro de la estancia. «Me está observando», murmuró la voz interna en su mente. La sombra pareció avanzar entre la oscuridad y Dorian comprobó que no era el suelo lo que se movía, sino sus rodillas, que temblaban de puro terror ante aquella forma espectral de negrura que se acercaba paso a paso.

Dorian retrocedió unos pasos hasta que la escasa claridad que penetraba por la ventana lo envolvió en un halo de luz. La sombra se detuvo en el umbral de la tiniebla. El chico sintió que sus dientes pugnaban por rechinar, pero presionó la mandíbula con fuerza y reprimió sus deseos de cerrar los ojos. De pronto, alguien pareció pronunciar unas palabras. Tardó unos segundos en comprobar que era él mismo quien estaba hablando. Con tono firme y sin rastro de temor.

—Fuera de aquí —murmuró Dorian en dirección a las sombras—. He dicho fuera.

Un sonido escalofriante llegó hasta sus oídos, un sonido que parecía el eco de una risa lejana, cruel y maléfica. En aquel instante, las facciones de aquella sombra asomaron entre la penumbra como un espejismo de aguas de obsidiana. Negras. Demóníacas.

—Fuera de aquí —se oyó decir a sí mismo. La forma de vapor negro se desvaneció ante sus ojos y la sombra cruzó la habitación a toda veloci-

dad, como una nube de gas candente, hasta la puerta. Una vez allí, la silueta formó una espiral fantasmagórica que se filtró a través del orificio de la cerradura, un tornado de tinieblas succionado por una fuerza invisible.

Sólo entonces la resistencia de la bombilla prendió de nuevo y, esta vez, la cálida luz bañó la habitación. El impacto súbito de la luz eléctrica le arrancó un alarido de pánico que se ahogó en su garganta. Sus ojos recorrieron cada rincón de la estancia, pero no quedaba rastro de la aparición que había creído ver segundos antes.

Dorian respiró profundamente y se dirigió hacia la puerta. Posó la mano sobre el pomo. El metal estaba frío como el hielo. Armándose de determinación, la abrió y estudió las sombras del pasillo. Nada.

Suavemente, cerró de nuevo la puerta de su habitación y volvió hasta la ventana. Abajo, en el porche, Lazarus se despedía de su madre. Justo antes de partir, el fabricante de juguetes se inclinó y la besó en la mejilla. Un beso breve, casi un roce. Dorian sintió que el estómago se le encogía hasta el tamaño de un guisante. Un instante después, desde las sombras, el hombre alzó la mirada y le sonrió. La sangre se le heló en las venas.

El fabricante de juguetes se alejó lentamente rumbo al bosque, bajo la luz de la luna y, por más

que Dorian lo intentó, fue incapaz de ver dónde se reflejaba la sombra de Lazarus. Poco después, la oscuridad lo engulló.

Tras atravesar un largo corredor que comunicaba la fábrica de juguetes con la mansión, Ismael e Irene se adentraron en las entrañas de Cravenmoore. Bajo el manto de la noche, la morada de Lazarus parecía un palacio de tinieblas, cuyas galerías, pobladas por decenas de criaturas mecánicas, se extendían hacia la oscuridad en todas las direcciones. La luz central que coronaba la escalinata en espiral en el centro de la mansión esparcía una lluvia de reflejos púrpuras, dorados y azules que reverberaban hacia el interior de Cravenmoore, como burbujas escapadas de un caleidoscopio.

A los ojos de Irene, las siluetas aletargadas de los autómatas y los rostros inanimados sobre los muros sugerían un extraño encantamiento que hubiese apresado las almas de decenas de antiguos habitantes de la mansión. Ismael, más prosaico, no veía en ellas más que el reflejo de la mente laberíntica e insondable que los había creado. Y ello no lo tranquilizaba en absoluto; al contrario, a medida que se aventuraban en los dominios privados de Lazarus Jann, la presencia invisible del fabricante de juguetes parecía más intensa que nunca. Su personalidad

estaba en cada recóndito detalle de aquella barroca construcción: desde el techo, tramado en una bóveda de frescos que mostraban escenas de cuentos célebres, hasta el suelo que pisaban, un interminable tablero de ajedrez que formaba una red hipnótica y engañaba a la vista con un extravagante efecto óptico de profundidad infinita. Caminar por Cravenmoore era como adentrarse en un sueño embriagador y a la vez aterrador.

Ismael se detuvo al pie de una de la escalera e inspeccionó cuidadosamente el recorrido en espiral que se perdía en las alturas. Mientras lo hacía, Irene advirtió que el rostro de uno de los relojes mecánicos de Lazarus en forma de sol abría los ojos y les sonreía. Al tiempo que la manecilla de las horas alcanzaba la vertical de la medianoche, la esfera giró sobre sí misma y el sol dio paso a una luna que irradiaba una luz espectral. Los ojos oscuros y brillantes de la luna giraban de un lado a otro lentamente.

—Vayamos arriba —murmuró Ismael—. La habitación de Hannah estaba en el segundo piso.

—Aquí hay decenas de habitaciones, Ismael. ¿Cómo sabremos cuál era la suya?

—Hannah me contó que su habitación estaba en el extremo de un corredor, de cara a la bahía.

Irene asintió, pese a que aquella le parecía poca aclaración. El muchacho parecía tan abrumado por la atmósfera del lugar como ella, pero no lo admiti-

ría ni en cien años. Ambos echaron un último vistazo al reloj.

—Ya es medianoche. Lazarus volverá pronto —dijo Irene.

—Andando.

La escalera ascendía en una espiral bizantina que parecía desafiar la ley de la gravedad, arqueándose progresivamente como los conductos de acceso a la cúpula de una gran catedral. Tras un vertiginoso ascenso, rebasaron la entrada al primer piso. Ismael aferró la mano de Irene y siguió subiendo. La curvatura de los muros se hacía más pronunciada ahora, y el trayecto se transformaba paulatinamente en un esófago claustrofóbico horadado en la piedra.

—Sólo un poco más —dijo el chico, leyendo el angustioso silencio de Irene.

Una eternidad más tarde —en realidad, unos treinta segundos—, ambos pudieron escapar de aquel asfixiante conducto y alcanzar la puerta de acceso a la segunda planta de Cravenmoore. Frente a ellos se extendía el corredor principal del ala este. Una jauría de figuras petrificadas acechaba en las sombras.

—Sería conveniente que nos separásemos —apuntó Ismael.

—Sabía que dirías eso.

—A cambio, escoge tú qué extremo quieres explorar —ofreció Ismael, tratando de bromear.

Irene dirigió una mirada en ambas direcciones. Hacia el este se distinguían los cuerpos de tres figuras encapuchadas en torno a una enorme marmita: brujas. La muchacha señaló en la dirección opuesta.

—Hacia allí.

—Son sólo máquinas, Irene —dijo Ismael—. No tienen vida. Simples juguetes.

—Dímelo por la mañana.

—Está bien, yo exploraré esta parte. Nos encontraremos aquí dentro de quince minutos. Si no hemos encontrado nada, mala suerte. Nos largamos —concedió—. Lo prometo.

Ella asintió. Ismael le tendió su caja de fósforos.

—Por si acaso.

Irene la guardó en el bolsillo de su chaqueta y dirigió una última mirada a Ismael. El muchacho se inclinó y la besó ligeramente en los labios.

—Buena suerte —murmuró.

Antes de que pudiera responderle, él se alejó hacia el extremo del corredor enterrado en la negrura.

«Buena suerte», pensó Irene.

El eco de los pasos del chico se perdió a su espalda. La muchacha respiró profundamente y se encaminó rumbo al otro extremo de la galería que atravesaba el eje central de la mansión. El corredor se bifurcaba al llegar a la escalinata central. Irene se asomó levemente al abismo que descendía hasta la planta baja. Un haz de luz descompuesta caía en

vertical desde una especie de linterna ubicada en la cúspide trazando un arco iris que arañaba las tinieblas.

Desde aquel punto, la galería se adentraba en dos direcciones: hacia el sur y hacia el oeste. El ala oeste era la única que tenía vistas a la bahía. Sin dudarlo un instante, Irene se internó en el largo pasillo, dejando tras de sí la reconfortante claridad que emanaba de la linterna. Súbitamente, la muchacha advirtió que un velo semitransparente cruzaba el pasillo, apenas una cortinilla de gasa más allá de la cual el corredor adquiriría una fisonomía ostensiblemente diferente de la del resto de la galería. No se veía la silueta de ninguna figura más acompanyando en la sombra. Una letra aparecía bordada sobre la corona que sostenía la cortina divisoria. Una inicial:

A

Irene separó con los dedos el velo de la cortina y cruzó aquella extraña frontera que parecía dividir en dos el ala oeste. Un frío aliento invisible le acarició el rostro y por primera vez la muchacha vislumbró que los muros estaban recubiertos por una compleja maraña de relieves labrados sobre la madera. Sólo tres puertas podían verse desde allí. Dos a ambos lados del corredor y una tercera, la mayor de las tres, situada en el extremo y marcada

con la inicial que había visto sobre la cortina a sus espaldas.

Irene se encaminó lentamente hacia aquella puerta. Los relieves a su alrededor mostraban escenas incomprensibles que personificaban extrañas criaturas. Cada una de ellas, a su vez, se yuxtaponía con otras, creando un océano de jeroglíficos cuyo significado se le escapaba completamente. Para cuando Irene llegó a la puerta del extremo, la noche de que era improbable que Hannah hubiese ocupado una estancia en aquel lugar ya había tomado forma en su mente. El embrujo de aquel espacio, sin embargo, podía más que la siniestra atmósfera de santuario prohibido que allí se respiraba. Una intensa presencia parecía flotar en el aire. Una presencia casi palpable.

Irene sintió que el pulso se le aceleraba y posó su mano temblorosa sobre el pomo de la puerta. Algo la detuvo. Un presentimiento. Aún estaba a tiempo de volver atrás, de reunirse de nuevo con Ismael y escapar de aquella casa antes de que Lazarus advirtiese su incursión. El pomo giró suavemente bajo sus dedos, resbalando sobre la piel. Irene cerró los ojos. No tenía por qué entrar allí. Le bastaba con rehacer sus pasos. No tenía por qué ceder a aquella atmósfera irreal, de ensueño, que le susurraba que abriese la puerta y cruzase el umbral sin retorno. La muchacha abrió los ojos.

El corredor ofrecía el camino de regreso entre las tinieblas. Irene suspiró y, por un instante, sus ojos se perdieron en los reflejos que teñían la cortina de gasa. Fue entonces cuando aquella silueta oscura se recortó tras la cortina y se detuvo al otro lado.

—¿Ismael? —murmuró Irene.

La silueta permaneció allí por espacio de unos instantes y, después, sin producir sonido alguno, se retiró de nuevo a las sombras.

—Ismael, ¿eres tú? —preguntó de nuevo.

El lento veneno del pánico había empezado a insuflarse en sus venas. Sin apartar la mirada de aquel punto, abrió la puerta de la habitación y penetró en el interior, cerrando a su espalda. Por un segundo, la luz de zafiro que se filtraba desde los grandes ventanales, altos y estrechos, la cegó. Luego, mientras sus pupilas se aclimataban a la luminosidad evanescente de la cámara, Irene atinó a encender, con manos temblorosas, uno de los fósforos que Ismael le había proporcionado. La lumbre cobrizo de la llama la ayudó a desvelar una suntuosa sala palaciega, cuyo lujo y esplendor parecían escapados de las páginas de una fábula.

El techo, coronado por un artesonado laberíntico, dibujaba un remolino barroco en torno al centro de la estancia. En un extremo, un suntuoso palanquín del que pendían largos velos dorados al-

bergaba un lecho. En el centro de la habitación una mesa de mármol sostenía un gran tablero de ajedrez, cuyas piezas estaban labradas en cristal. En el otro extremo, Irene descubrió otra fuente de luz que contribuía a configurar esa atmósfera irisada: las fauces cavernosas de un hogar donde ardían gruesos troncos en brasa pura. Encima, se alzaba un gran retrato. Un rostro blanco y dotado de las facciones más delicadas que puedan imaginarse en un ser humano rodeaba los ojos profundos y tristes de una mujer de conmovedora belleza. La dama del retrato aparecía enfundada en un largo atuendo blanco y tras ella podía distinguirse el islote del faro en la bahía.

Irene se acercó lentamente hasta el pie del retrato, sosteniendo en alto el fósforo encendido hasta que la llama le quemó los dedos. Lamiéndose la quemadura, la joven distinguió un portavelas sobre un escritorio. No lo necesitaba estrictamente, pero encendió la vela con otro fósforo. La llama irradió de nuevo un vaho de claridad en torno a ella. Sobre el escritorio, un libro de piel aparecía abierto por la mitad.

Los ojos de Irene reconocieron la caligrafía que le era tan familiar sobre el papel apergaminado y cubierto por una capa de polvo que apenas permitía leer las palabras escritas en la página. La muchacha sopló levemente y una nube de miles de parti-

culas brillantes se esparció sobre la mesa. Cogió el libro en sus manos y pasó las páginas hasta llegar a la primera. Acercó el tomo a la luz y dejó que sus ojos leyesen las palabras impresas en letras plateadas. Lentamente, a medida que su mente comprendía lo que todo aquello significaba, un intenso escalofrío se le clavó como una aguja helada en la base de la nuca.

Alexandra Alma Maltisse

Lazarus Joseph Jann

1915

Una brizna de madera encendida chasqueó entre el fuego, escupiendo pequeñas chispas que se desvanecieron al contacto con el suelo. Irene cerró el libro y lo depositó sobre el escritorio. Fue entonces cuando advirtió que, en el otro extremo de la estancia, tras el velo que ondeaba en el palanquín que rodeaba el lecho, alguien la observaba. Una silueta esbelta yacía tendida sobre la cama. Una mujer. Irene avanzó unos pasos hacia ella. La mujer alzó una mano.

—¿Alma? —susurró Irene, aterrada por el sonido de su propia voz.

La muchacha recorrió los metros que la separaban del lecho y se detuvo al otro lado. El corazón le batía con fuerza y respiraba entrecortadamente.

• 190 •

Despacio, empezó a separar los cortinajes. En aquel instante, una fría ráfaga de aire cruzó la estancia y agitó los velos suspendidos. Irene se volvió a mirar a la puerta. Una sombra se extendía sobre el suelo, como un gran charco de tinta esparciéndose bajo la puerta. Un sonido fantasmal, una voz lejana y llena de odio, pareció susurrar algo desde la oscuridad.

Un instante después, la puerta se abrió con una fuerza incontenible y golpeó contra el interior de la habitación, prácticamente arrancando los goznes que la sujetaban. Cuando la garra de uñas afiladas como largas cuchillas de acero emergió de las sombras, Irene gritó hasta donde le llegó la voz.

Ismael empezaba a pensar que había cometido algún error al tratar de ubicar mentalmente la habitación de Hannah. Cuando ella le había descrito la casa, el muchacho había trazado su propio plano de Cravenmoore. Una vez en el interior, sin embargo, la estructura laberíntica de la mansión se le antojaba indescifrable. Todas las habitaciones del ala que había decidido explorar estaban cerradas a cal y canto. Ni una sola de las cerraduras había cedido a sus artes, y el reloj no parecía mostrar compasión alguna para con su completo fracaso.

Los quince minutos acordados se habían evapo-

• 191 •

rado en vano, y la idea de abandonar la búsqueda por aquella noche empezaba a resultarle tentadora. Un simple vistazo al lúgubre decorado de aquel lugar le sugería mil y una excusas con tal de escapar de él. Ya había tomado la decisión de abandonar la mansión cuando oyó el grito de Irene, apenas un hilo de voz atravesando las tinieblas de Cravenmoore desde algún lugar recóndito. El eco se esparció en varias direcciones. Ismael sintió la punzada de adrenalina quemándole las venas y se lanzó tan deprisa como sus piernas se lo permitieron hacia el otro extremo de aquella monumental galería.

Sus ojos apenas se detuvieron en el siniestro túnel de formas tenebrosas que se deslizaba a su alrededor. Cruzó bajo el halo espectral de la linterna en la cúspide y rebasó la encrucijada de galerías en torno a la escalinata central. El entramado de baldosas del suelo parecía extenderse bajo sus pies, y la vertiginosa fuga del pasillo se alargaba frente a sus ojos como un corredor que cabalgase hacia el infinito.

Los gritos de Irene llegaron de nuevo a sus oídos, esta vez más cercanos. Ismael atravesó el umbral de cortinajes transparentes y por fin detectó la entrada a la cámara del extremo del ala oeste. Sin pensarlo un segundo, el muchacho se lanzó al interior, desconocedor de lo que lo esperaba allí dentro.

La fisonomía velada de una monumental habi-

tación se desplegó ante sus ojos a la luz de las brasas que chispeaban en el fuego. La silueta de Irene, recortada contra un amplio ventanal bañado en luz azul, lo reconfortó por un instante, pero pronto pudo leer el terror ciego en los ojos de la muchacha. Ismael se volvió instintivamente y la visión que descubrió frente a sí le nubló la mente, paralizándolo como hubiese hecho la danza hipnótica de una serpiente.

Alzándose de entre las sombras, una titánica silueta desplegó dos grandes alas negras, las alas de un murciélago. O de un demonio.

El ángel extendió dos largos brazos, coronados por dos garras, a su vez formadas por dedos largos y oscuros, y el filo acerado de sus uñas brilló frente a su rostro, velado por una capucha.

Ismael retrocedió un paso en dirección al fuego y el ángel alzó el rostro, desvelando sus facciones a la claridad de las llamas. Había algo más en aquella siniestra figura que una simple máquina. Algo se había refugiado en su interior, convirtiéndola en un tútere infernal, una presencia palpable y maléfica. El muchacho luchó por no cerrar los ojos y agarró el extremo intacto de un tronco medio reducido a brasas. Blandiendo el tronco encendido frente al ángel, señaló la puerta de la habitación.

—Ve hacia la puerta lentamente —le murmuró a Irene.

La muchacha, paralizada por el pánico, ignoró sus palabras.

—Haz lo que te he dicho —ordenó Ismael enérgicamente.

El tono de su voz despertó a Irene. Asintió temblando e inició su camino en dirección a la puerta. Apenas había recorrido un par de metros cuando el rostro del ángel se volvió hacia ella como un deprecador atento y paciente. Irene sintió sus pies fundirse con el suelo.

—No lo mires y sigue andando —indicó Ismael, sin cesar de blandir el tronco frente al ángel.

Irene dio un paso más. La criatura ladeó la cabeza hacia ella y la joven dejó escapar un gemido.

Ismael, aprovechando la distracción, golpeó con el tronco al ángel en un lado de la cabeza. El impacto levantó una lluvia de briznas encendidas. Antes de que pudiese retirar el tronco, una de las garras aferró el madero y unas uñas de cinco centímetros, poderosas como cuchillos de caza, lo hicieron añicos ante sus ojos. El ángel dio un paso hacia Ismael. El muchacho pudo sentir la vibración sobre el piso bajo el peso de su oponente.

—Eres sólo una maldita máquina. Un maldito montón de hojalata... —murmuró, tratando de borrar de su mente el efecto aterrador de aquellos dos ojos escarlatas que asomaban bajo la capucha del ángel.

Las pupilas demoníacas de la criatura se redujeron lentamente hasta formar un filamento sangrante sobre córneas de obsidiana, emulando los ojos de un gran felino. El ángel dio otro paso hacia él. Ismael echó un rápido vistazo en dirección a la puerta. Mediaban más de ocho metros hasta ella. No tenía escapatoria posible, pero Irene sí.

—Cuando te lo diga, echa a correr hacia la puerta y no pares hasta que estés fuera de la casa.

—¿Qué estás diciendo?

—No discutas ahora —protestó Ismael, sin apartar los ojos de la criatura—. ¡Corre!

El muchacho estaba calculando mentalmente el tiempo que podía tardar en correr hasta la ventana y tratar de escapar por los riscos de la fachada cuando sucedió lo inesperado. Irene, en vez de dirigirse hacia la puerta y huir, asió un madero encendido del fuego y se encaró con el ángel.

—Mírame, mal nacido —gritó, prendiendo la capa que cubría al ángel con las llamas del tronco y arrancando un alarido de rabia a la sombra que se ocultaba en su interior.

Ismael, atónito, se lanzó hacia Irene y llegó justo a tiempo de derribarla sobre el suelo, antes de que las cinco cuchillas de la garra la rebanasen en el aire. La capa del ángel se transformó en un manto de llamas y la colosal silueta de la criatura se tornó en una espiral de fuego. Ismael agarró a Irene del

brazo y la incorporó. Juntos trataron de correr hacia la salida, pero el ángel se interpuso en su camino tras arrancarse la capa de fuego que lo enmascaraba. Una estructura de acero ennegrecido afloró bajo las llamas.

Ismael, sin soltar a la chica ni un segundo (en previsión de nuevas intenciones de heroísmo), la arrastró hasta la ventana y lanzó una de las sillas contra el cristal. Una lluvia de cristales estalló sobre ellos y el frío viento de la noche impulsó los cortinajes hasta el techo. Sentían los pasos del ángel avanzando hacia ellos a su espalda.

—¡Rápido! ¡Salta a la cornisa! —gritó el muchacho.

—¿Qué? —gimió una incrédula Irene. Sin entretenerse en razonar, él la empujó hasta el exterior. La muchacha cruzó las fauces abiertas en el cristal y se encontró con una caída en vertical de casi cuarenta metros. El corazón le dio un vuelco, convencida de que en décimas de segundo su cuerpo se precipitaría al vacío. Ismael, sin embargo, no aflojó su presa ni un ápice y de un tirón la aupó de nuevo sobre la estrecha cornisa que bordeaba la fachada, como un pasillo entre las nubes. Él saltó tras ella y la empujó hacia adelante. El viento le heló el sudor que le caía por el rostro.

—¡No mires abajo! —gritó.

Habían avanzado apenas un metro justo cuan-

do la garra del ángel asomó por la ventana a su espalda; sus uñas arrancaron una lluvia de chispas sobre la roca, horadando cuatro cicatrices en la piedra. Irene gritó al sentir que sus pies temblaban sobre la cornisa y su cuerpo parecía balancearse peligrosamente hacia el vacío.

—No puedo seguir, Ismael —anunció—. Si doy un paso más, me caeré.

—Puedes. Y lo harás. Andando —la urgió él, aferrándola de la mano con fuerza—. Si te caes, nos caemos los dos.

La muchacha trató de sonreírle. De pronto, un par de metros más adelante, una de las ventanas explotó violentamente y proyectó mil pedazos de vidrio hacia el exterior. Las garras del ángel asomaron por ella y, un instante después, todo el cuerpo de la criatura se adhirió a la fachada como una araña.

—Dios mío... —gimió Irene.

Ismael intentó retroceder, tirando de ella. El ángel reptó sobre la piedra; su silueta se confundía casi con los rostros diabólicos de las gárgolas que apuntaban el friso superior de la fachada de Cravenmoore.

La mente del chico examinó el campo visual que se abría ante ellos a toda velocidad. La criatura avanzaba palmo a palmo en su dirección.

—Ismael...

—¡Ya lo sé, ya lo sé!

El muchacho calculó las posibilidades que tenían de sobrevivir a un salto desde aquella altura. Cero, siendo generoso. La alternativa de volver a entrar en la habitación requería demasiado tiempo. En el intervalo que tardasen en rehacer sus pasos sobre la cornisa, el ángel estaría sobre ellos. Sabía que le quedaban apenas unos segundos para tomar la decisión, fuera cual fuese. La mano de Irene se aferró con fuerza a la suya; estaba temblando. El chico dirigió una última mirada al ángel, que reptaba hacia ellos lenta pero inexorablemente. Tragó saliva y miró en dirección contraria. El sistema de canalización del desagüe descendía junto a la fachada a sus pies. La mitad de su cerebro se estaba preguntando si aquella estructura podría soportar el peso de dos personas, mientras la otra mitad estaba tramando el modo de asirse a aquella gruesa cañería, su última oportunidad.

—Agárrate fuerte a mí —murmuró por fin.

Irene lo miró; luego miró hacia el suelo, un abismo, y leyó su pensamiento.

—¡Ay, Dios mío!

Ismael le guiñó un ojo.

—Buena suerte —susurró.

La garra del ángel se clavó a cuatro centímetros de su rostro. Irene gritó y se aferró a Ismael, cerrando los ojos. Estaban cayendo en un descenso verti-

ginoso. Cuando la muchacha volvió a abrirlos, ambos estaban suspendidos en el vacío. Ismael descendía por el canal de desagüe prácticamente sin poder frenar su trayectoria. El estómago se le subió a la garganta. Sobre ellos, el ángel golpeó la cañería, aplastándola contra la fachada. Ismael notó que el roce le arrancaba la piel de las manos y los antebrazos sin piedad, produciendo una quemazón que, al cabo de pocos segundos, habría de convertirse en un dolor agudo. El ángel reptó hacia ellos y trató de agarrar el canalón... Su propio peso lo arrancó de la pared.

Y la masa metálica de la criatura se precipitó al vacío, arrastrando tras de sí toda la cañería. Ésta, con Ismael e Irene, trazó un arco en el aire hacia el suelo. El muchacho luchó por no perder el control, pero el dolor y la velocidad a la que caían pudieron más que sus esfuerzos.

La cañería resbaló entre sus brazos y ambos se vieron cayendo sobre el gran estanque que bordeaba el ala oeste de Cravenmoore. El impacto sobre la lámina helada de agua negra los golpeó con rabia. La inercia de la caída los propulsó hasta el fondo resbaladizo de la laguna. Irene sintió que el agua helada le penetraba por las fosas nasales y le quemaba la garganta. Una oleada de pánico la asaltó. Abrió los ojos bajo el agua y sólo vio un pozo de negrura entre el escozor. Una silueta apareció a su

lado: Ismael. El muchacho la agarró y la llevó a la superficie. Ambos emergieron al aire libre con una exhalación.

—De prisa —urgió Ismael.

Irene advirtió marcas y heridas en sus manos y sus brazos.

—No es nada —mintió el muchacho, saltando fuera del estanque.

Ella lo siguió. Sus ropas estaban empapadas y el frío de la noche las adhería a su cuerpo simulando un doloroso manto de escarcha sobre la piel. Ismael escrutó las sombras a su alrededor.

—¿Dónde está? —preguntó Irene.

—Tal vez el impacto de la caída lo ha...

Algo se movió entre los arbustos. En seguida reconocieron los dos ojos escarlatas. El ángel seguía allí y, fuera lo que fuese lo que guiaba sus movimientos, no estaba dispuesto a dejarlos escapar con vida.

—¡Corre!

Ambos se precipitaron a toda velocidad hacia el umbral del bosque. Sus ropas empapadas dificultaban la marcha, y el frío empezaba a calar sus huesos. El sonido del ángel entre la maleza llegó hasta ellos. Ismael tiró con fuerza de la chica, dirigiéndose hacia la zona más profunda del bosque, donde la niebla se espesaba.

—¿Adónde vamos? —gimió Irene, consciente

de que estaban internándose en una parte del bosque que le era desconocida.

Ismael no se molestó en contestar y se limitó a tirar de ella desesperadamente. Irene sintió la maleza desgarrándole la piel de los tobillos y el peso de la fatiga consumiéndole los músculos. No podía mantener aquel ritmo mucho más. En cuestión de segundos, la criatura los alcanzaría en las entrañas del bosque y los despedazaría con sus garras.

—No puedo seguir...

—¡Sí puedes!

El muchacho la estaba arrastrando. La cabeza le daba vueltas y podía oír las ramas rotas crujiendo a sus espaldas, a escasos metros de ellos. Por un instante pensó que iba a desvanecerse, pero una puntada de dolor en la pierna la devolvió a una dolorosa conciencia. Una de las garras del ángel había emergido de entre los arbustos y le había abierto un corte en el muslo. La chica gritó. El rostro de la criatura surgió tras ellos. Irene intentó cerrar los ojos, pero no pudo apartar la mirada de aquel infernal depredador.

En aquel momento, la entrada de una gruta disimulada en la maleza apareció frente a ellos. Ismael se lanzó hacia el interior, arrastrándola consigo. Luego éste era el lugar hacia el que la estaba llevando. Una cueva. ¿Acaso Ismael creía que el ángel no dudaría en darles caza allí? Por toda respues-

ta, Irene oyó el sonido de las garras arañando las paredes de roca de la gruta. Ismael la arrastró a través del angosto túnel hasta detenerse junto a un orificio en el suelo, un agujero en el vacío. Un frío viento impregnado de salitre emanaba del interior. Un rumor intenso rugía más allá, en la oscuridad. Agua. El mar.

—¡Salta! —le ordenó el chico.

Irene observó el orificio negro. A sus ojos, una entrada directa al infierno resultaba más apetecible.

—¿Qué hay ahí abajo?

Ismael suspiró, agotado. Los pasos del ángel sonaban próximos. Muy próximos.

—Es una entrada a la Cueva de los Murciélagos.

—¿Esta es la segunda entrada? ¡Dijiste que era peligrosa!

—No tenemos elección...

Las miradas de ambos se encontraron en la penumbra. Dos metros más allá, el ángel negro hizo crujir sus garras. Ismael asintió. La chica tomó su mano y, cerrando los ojos, saltó al vacío. El ángel se lanzó tras ellos y atravesó la entrada a la gruta, cayendo hacia el interior de la caverna.

El descenso a través de la oscuridad se hizo infinito. Cuando finalmente sus cuerpos se sumergieron en el mar, una punzada de frío se filtró por cada poro de su piel, mordiente. Al emerger a la superficie, apenas un hilo de claridad se filtraba des-

de el agujero en la cúspide de la gruta. El vaivén de la marea los impulsaba contra unos muros de roca afilada.

—¿Dónde está? —preguntó Irene, luchando por contener el temblor que le provocaba la gélida temperatura del agua.

Durante unos segundos, ambos se abrazaron en silencio, esperando que en cualquier momento aquella invención infernal emergiese de las aguas y pusiera fin a sus vidas en la oscuridad de aquella caverna. Pero ese momento nunca llegó. Ismael fue el primero en advertirlo.

Los ojos escarlatas del ángel brillaban con intensidad en el fondo de la gruta. El enorme peso de la criatura le impedía emerger a flote. Un rugido de ira llegó hasta ellos a través de las aguas. Aquella presencia que manipulaba el ángel se retorció de rabia al comprobar que su títere asesino había caído en una trampa que lo hacía inservible. Aquella masa de metal jamás conseguiría llegar a la superficie. Estaba condenado a permanecer en el fondo de la cueva hasta que el mar lo transformase en un montón de chatarra oxidada.

Los muchachos se quedaron allí, observando cómo el brillo de aquellos dos ojos palidecía y se desvanecía bajo las aguas para siempre. Ismael dejó escapar un suspiro de alivio. Irene lloró en silencio.

—Se acabó —murmuraba temblando la muchacha—. Se acabó.

—No —dijo Ismael—. Eso no era más que una máquina, sin vida ni voluntad. Algo la movía desde el interior. Lo que ha intentado matarnos sigue ahí...

—Pero ¿qué es?

—No lo sé...

En aquel momento, una explosión se produjo en el fondo de la caverna. Una nube de burbujas negras emergió a la superficie, fundiéndose en un espectro negro que reptó sobre las paredes de roca hacia la entrada en la cúspide de la gruta. La sombra se detuvo y los observó desde allí.

—¿Se marcha? —preguntó Irene, aterrada.

Una risa cruel y envenenada inundó la gruta. Ismael negó lentamente con la cabeza.

—Nos deja aquí... —dijo el muchacho—, para que la marea haga el resto...

La sombra escapó a través de la entrada a la cueva.

Ismael suspiró y condujo a Irene hasta una pequeña roca que emergía a la superficie y ofrecía el espacio justo para ambos. La aupó hasta la roca y la rodeó con los brazos. Temblaban de frío y estaban heridos, pero por unos minutos se limitaron a tenderse sobre la roca y respirar profundamente, en silencio. En algún momento, Ismael advirtió que el

agua parecía rozarle los pies de nuevo, y comprendió que la marea estaba subiendo. No era aquel ser que los perseguía quien había caído en la trampa, sino ellos mismos...

La sombra los había abandonado a merced de una muerte lenta y terrible.